UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ANA LUÍZA MELLO SANTIAGO DE ANDRADE

**Rubricas do cotidiano: transformações urbanas e sociabilidades burguesas nas crônicas
do *O Estado de S. Paulo* (década de 1920)**

SÃO PAULO

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Rubricas do cotidiano: transformações urbanas e sociabilidades burguesas nas crônicas
do *O Estado de S. Paulo* (década de 1920)**

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História Social.

Orientadora: Prof. Dra. Heloísa Liberalli Bellotto

SÃO PAULO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A553r Andrade, Ana Luíza Mello Santiago de
 Rubricas do cotidiano: transformações urbanas e
 sociabilidades burguesas nas crônicas do O Estado de
 S. Paulo (década de 1920) / Ana Luíza Mello Santiago
 de Andrade ; orientadora Heloísa Liberalli
 Bellotto. - São Paulo, 2017.
 238 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. São Paulo. 2. Crônicas. 3. Plínio Barreto. 4. O
 Estado de S. Paulo. 5. Sociabilidades. I. Bellotto,
 Heloísa Liberalli , orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Ana Luiza Mello Santiago de Andrade

Data da defesa: 09 / 05 / 18

Nome do Prof. (a) orientador (a): Helena Liberali Bellotto

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23 / 09 / 2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

oNome: ANDRADE, Ana Lúiza Mello Santiago de.

Título: Rubricas do cotidiano: transformações urbanas e sociabilidades burguesas nas crônicas do *O Estado de S. Paulo* (década de 1920)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Ao Pedro, com quem compartilhar é sempre alegria e leveza;

Aos meus pais e minha irmã, Silvana, Nivaldo e Ana Beatriz que sempre povoaram a minha vida com boa conversa e bons livros;

À professora Maria Teresa Santos Cunha, pelo conhecimento compartilhado e pelos incentivos que me trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final de uma tese não é somente o término de um curso. É o fim de uma trajetória que se inicia na graduação e que por aqui se encerra, abrindo-se para novas oportunidades e experiências. Esta conclusão não seria possível sem o apoio, amizade e aprendizado que me foram proporcionados durante todo este tempo

Primeiramente agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida nos anos finais deste trabalho. É um privilégio contar com financiamento para o desenvolvimento de pesquisa em Ciências Humanas, especialmente no cenário de crise e desvalorização (da ciência, da pesquisa e da profissão docente) que nosso país enfrenta.

Agradeço também à Universidade de São Paulo que me acolheu durante estes quatro anos e que proporcionou toda estrutura necessária para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e ao Programa de Pós-Graduação em História Social que tornaram esta tese possível.

Ao longo de minha trajetória acadêmica tive a sorte de contar com orientadoras extremamente profissionais, gentis e atenciosas. Ter tido a professora Heloísa Liberalli Bellotto como orientadora desta tese foi um verdadeiro privilégio. À professora agradeço, primeiramente, por ter me aceito como sua orientanda. Devo lembrar que as leituras sempre atentas me proporcionaram uma excelente experiência nestes anos, minimizando todo e qualquer estresse que uma tese pode provocar. Muito obrigada pela gentileza, pela atenção e pela preocupação com este trabalho.

Não posso deixar aqui de mencionar também a professora Maria Teresa Santos Cunha. Minha orientadora durante a graduação e o mestrado, com ela aprendi a lidar com a vida acadêmica de forma comprometida, profissional, mas também leve. Muito obrigada por ter investido na minha formação com aquela bolsa de Iniciação Científica (lá em 2008) que determinou meu futuro profissional. Acredito que tive duas grandes mestras que me conduziram neste caminho até aqui. E a elas só tenho a agradecer.

Devo também agradecer à Elisabete Martins Ribas, responsável pelo arquivo do IEB-USP, e Cristal da Rocha, do Acervo do jornal O Estado de S. Paulo, que muito auxiliaram a busca pela documentação.

Não posso finalizar esta tese sem agradecer ao Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) onde nestes quatro anos atuei como professora substituta. O desafio diário de aprender a ser professora onde fui por muito tempo

aluna foi importante processo também nesta tese. Foi lá que me descobri docente. Por isso, agradeço a oportunidade de trabalhar num ambiente respeitoso e com as disciplinas que lecionei e que tanto me ensinaram. Agradeço à Claudia, minha grande parceira da UDESC e também a todos que nesses quatro anos foram meus alunos: a sala de aula é sempre uma troca e com eles tudo ficava mais leve. Menciono aqui alguns que marcaram a minha trajetória: Manu, Alicy e Kelly: vocês são especiais. Agradeço em particular à toda turma de 2017.1 que acompanhou semanalmente a finalização desta tese, compreensivos sempre, e me esperando com um sorriso no rosto toda segunda-feira. E também aos formandos de 2017.2, que eu pude acompanhar desde o início da graduação. Agradeço também às minhas queridas monitoras e parceiras durante este tempo: Cris, Alicy e Manu. Vocês são maravilhosas! Muito obrigada!

Escrever uma tese é, muitas vezes, abrir mão de fins de semana, socializações em família, e todo tipo de atividade que nos tire da frente da tela. Agradeço imensamente a compreensão da minha família por entenderem este momento, e também por todos os incentivos – desde a infância até hoje – para a minha formação intelectual. Sem vocês nada seria possível. Mãe, Pai, Bea: obrigada pelo carinho, atenção e compreensão sempre!

Agradeço em especial ao meu companheiro de vida, com quem compartilhar é sempre amor e alegria. Obrigada pelo apoio, pela compreensão, pela parceria (das atividades domésticas à escrita), pelas conversas sobre a tese, sobre a vida, sobre tudo. Viver contigo é viver em paz.

Aos meus familiares, agradeço pela compreensão e carinho sempre: D. Vina, Cris, Suzana, Rogério, Gui, Artur e Ademir muito obrigada! À Isabela, minha linda e querida afilhada, agradeço simplesmente por existir e tornar a vida um pouco mais leve e engraçada.

Tive a sorte de encontrar grandes amigas nesta trajetória. A elas agradeço pela vida partilhada, a constante preocupação e a parceria que desde a graduação em História formamos: Luisa, Tâmy e Lari, vocês são especiais! Às minhas amigas de escola agradeço por todo esse tempo de amizade: Jú Ghisi, Jú Rabelo, Cacá, Rê, Rafa Neves, Rafa Carvalho e Bruna. Agradeço também aqueles que sempre me acolheram em São Paulo e que encontram um tempo para me ver toda a vez que venho à cidade: Nina, Cauê e Kika.

Agradeço enfim a São Paulo por ter me acolhido nestes últimos anos e para onde voltar é sempre bom.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

*Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas,
consideradas sem ênfase.*

Vomitam esse tédio sobre a cidade.

*Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem*

(ANDRADE, Carlos Drummond, 2000, p.15-17)

RESUMO

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Rubricas do cotidiano: transformações urbanas e sociabilidades burguesas nas crônicas do *O Estado de S. Paulo* (década de 1920)**. 2017. 238 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Esta tese tem como objetivo investigar a modificação dos códigos de civilidade, das formas de agir e consumir em uma cidade em transformação. Entendendo a cidade de São Paulo durante a década de 1920 como um espaço privilegiado para observação da modernidade como experiência física e mental (BERMAN, 2007), utilizou-se da mídia impressa, em especial das crônicas intituladas *Coisas da Cidade*, publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, como documentos importantes para perceber a promoção de novos hábitos burgueses e padrões higiênicos para os locais de sociabilidades no espaço urbano, notadamente os destinados ao comer e ao beber, transformados em lugares de lazer e entretenimento. Para pinçar tais práticas intenta-se caminhar pela História do Cotidiano (CERTEAU, 2008). A descoberta da autoria das crônicas, assinadas por P., foi efetivada através de um trabalho de investigação aos moldes do que propõe Carlo Guinzburg com os paradigmas indiciários (1989). Plínio Barreto - o autor - caminhava, observava e atuava sobre a cidade, e pode ser entendido como um *flâneur* (BENJAMIN, 1994) e como um *intelectual-mediador* (GOMES; HANSEN, 2016). Assim, mediou a relação do público leitor, promovendo debates com os poderes públicos, prestadores de serviços e cidadãos, fazendo do seu espaço no jornal um meio de promoção e divulgação das formas de se portar na cidade que se anunciava como metrópole.

Palavras-chave: São Paulo. Crônicas. Plínio Barreto. Sociabilidades. *O Estado de S. Paulo*.

ABSTRACT

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Daily Rubrics: urban transformations and bourgeois sociability in the chronicles of *O Estado de S. Paulo* (1920s)**. 2017. 238 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This thesis is focused on investigating the modifications in civility codes, way of behaviour and consumption, in a city in transformation. Understanding the city of São Paulo during the 1920s as a privileged space to follow modernity as a physical and mental experience (BERMAN, 2007), printed media, in special the chronicles named *Coisas da Cidade*, published in the Newspaper *O Estado de S. Paulo*, were used as important documents to conceive the promotion of new bourgeois habits and hygiene patterns for social urban venues, the ones noticeably used for eating and drinking, transformed into places for entertainment and leisure. In order to pinpoint the practices, the intention lies in walking through everyday history (CERTEAU, 2008). The discovery of the chronicles's author, signed as P., was done through investigating models that indicate Carlo Guinzburg with indicial paradigms (1989). Plínio Barreto – the author – walked, observed and acted about the city, and may be understood as a *flâneur* (BENJAMIN, 1994) and as an intellectual-mediator (GOMES; HANSEN). Thus mediated the relationship between the reader audience, promoting debates with political powers, service providers and citizens, making his space in the newspaper a way to promote ways of behaviour in the city that called itself a metropolis.

Key-Words: São Paulo. Chronicles. Plínio Barreto. Sociabilities. *O Estado de S. Paulo*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Anúncio do livro "Questões Crimiais" publicado por Plínio Barreto e vendidos pelo O Estado de S. Paulo. Fonte: O Estado de S. Paulo 20 mai.1922 p.10.....	32
Figura 2 Anúncio do Jardim América. OESP, 8 out. 1922, p.12	41
Figura 3 Anúncio do Jardim América. OESP, 04 ago 1929, p. 5.....	42
Figura 4 Projeto do Edifício Martinelli em 1923. Disponível em: http://www.prediomartinelli.com.br/fotos/20/b.gif >. Acesso 13 nov. 2017.	49
Figura 5 Anúncio da Manteiga Aviação no Edifício Martinelli, em 1929. Disponível em: < http://www.prediomartinelli.com.br/fotos/20/q.gif >. Acesso 13 nov. 2017.	50
Figura 6 Sede do Jornal O Estado de S.Paulo na Praça Antonio Prado	53
Figura 7 Praça Antonio Prado, 1916	53
Figura 8 Anúncio Mappin Stores. Fonte: OESP, 24 out. 1919 p.6	55
Figura 9 Anúncio Mappin Stores. OESP, 04 nov.. 1919 p.7.....	55
Figura 10 Viaduto do Chá entre fins do século XIX e início do século XX. Fonte: Disponível em: https://theurbanearth.wordpress.com/2013/08/26/o-viaduto-do-cha-de-jules-martin/ Acesso em: 10 dez. 2017.	58
Figura 11 Anúncio do Restaurante Harrison&Morris. OESP, 12 jan. 1920 p.1	63
Figura 12 Anúncio da Confeitaria Suissa. OESP, 25 fev. 1922 p.2	63
Figura 13 Anúncio do Restaurante Anglo-Americano. OESP, 16 abr. 1926, p.7	63
Figura 14 Anúncio Central Hotel. OESP, 18 mar. 1926, p.12.	64
Figura 15 Anúncio Mappin Stores. OESP, 08 dez. 1925, p. 11).....	82
Figura 16 - Reportagem comemorativa do centenário de Plínio Barreto. OESP, 05 dez. 1982, p.160100	
Figura 17 Anúncio da Casa Allemã. OESP, 15 mai. 1926, p. 7.....	120
Figura 18 Anúncio Mappin Stores.	120
Figura 19 Anúncio do Anglo Americano Restaurante. OESP, 06 mar. 1920, p.1.	120
Figura 20 Anúncio Mappin Stores. OESP, 22 dez. 1924, p.3.	120
Figura 21 Anúncio Casa Romano. OESP, 05 fev. 1925, p.2.....	120
Figura 22 Anúncio Confeitaria Selecta. OESP, 28 dez. 1924, p.9	120
Figura 23 Planta da cidade de São Paulo em 1916.....	131
Figura 24 Anúncio Mappin Stores. OESP 06 mar. 1924, p.7.	163
Figura 25 Anúncio da Brasserie Paulista. OESP, 16 out. 1926, p.5.....	164
Figura 26 Anúncio do Restaurante Central. OESP, 27 dez. 1923, p.8.....	165
Figura 27 Anúncio Rotisserie Sportsma. OESP, 10 ago. 1919, p.8	166
Figura 28 Anúncio do Hotel Victoria. OESP, 02 set. 1924, p.6.....	170
Figura 29 Anúncio da Casa Spainer. OESP, 01 jan. 1922, p.11.	170
Figura 30 Anúncio do Imperial Hotel em 07 de outubro de 1922. OESP, 07 out. 1922, p. 1.....	170
Figura 31 Anúncio do Mappin Stores, publicado em 10 de setembro de 1925.....	170
Figura 32 Anúncio do Mappin Stores, publicado em 29 de setembro de 1925.....	170
Figura 33 – Crônica Cafés sem Hygiene. OESP, 15 jun. 1922, p.6.	178
Figura 34 Marco da modernização, a Avenida Paulista foi inaugurada em finais do século XIX e figurou como área de moradia da elite cafeeira que construiu seus casarões na região. Foto de Guilherme Gaensly, 1902. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?p=7260 Acesso em: 10 dez. 2017.	195
Figura 35 Anúncio do Guaraná Espumante, publicada em 10 de dezembro de 1922.....	197
Figura 36 Vendedor de Vassouras em famosa fotografia de Vincenzo Pastore, no centro da cidade em 1910 (Acervo do Instituto Moreira Sales). Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/2101 Acesso em: 10 dez. 2017.....	200
Figura 37 Anúncio Mappin Stores. OESP, 20 fev. 1926, p. 11.	210

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. IMPRENSA, CIDADE E ALIMENTAÇÃO	37
2.1 SÃO PAULO, SÉCULO XX.....	37
2.2 TRANSFORMAÇÕES URBANAS	57
2.3 JORNAIS E CIDADE	65
2.4 COTIDIANO POR ESCRITO	70
3. JORNAIS: ESCRITAS DO COTIDIANO.....	75
3.1 O ESTADO DE S. PAULO	75
3.2 DOCUMENTOS ABERTOS PARA O COTIDIANO	83
3.3 COISAS DA CIDADE.....	88
3.4 PLÍNIO BARRETO	97
3.5 A CIDADE COM VIDA.....	107
4. TRAJETOS URBANOS DO PALADAR.....	115
4.1 COMER NA CIDADE	115
4.2 ACELERAÇÃO DO TEMPO: MODERNIZAÇÃO EM VOGA	125
4.3 ESCRITAS PARA EXPERIMENTAR A CIDADE.....	135
4.4 MODERNIDADE E EXCLUSÃO	149
5. HIGIENE E ALIMENTAÇÃO.....	169
5.1 CONTRASTES	169
5.2 EMERGÊNCIAS	177
5.3 MEDICINA	186
5.4 SER MODERNO	193
5.5 A CRÔNICA-DENÚNCIA	201
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIAS	213
ANEXOS	228

1. INTRODUÇÃO

Quem tivesse conhecido S. Paulo ha uns vinte annos, e só voltasse a ve-lo agora, com as suas ruas movimentadas e rumorosas cheias de bondes e automóveis barulhentos – decerto, passado o espanto, haveria de sentir saudades daquelles bons tempos tranquillos, sem atropelamentos sem desastres, sem tumulto, sem a multidão nas ruas do Trinagulo – e sem “camelots”! (O Estado de S. Paulo, 13 jun. 1921, p.5)¹.

Barulho, trânsito, movimento: tudo isso parece se confundir com a identidade de São Paulo. Ela é a cidade dos excessos: muitas pessoas, muito trânsito, muitos prédios. O trânsito, de pessoas e de carros, num espaço em constante modificação desperta a curiosidade. Como São Paulo se tornou a metrópole que a tantos atrai e repele ao mesmo tempo? Uma resposta está em voltar à década de 1920 para compreender o início de sua formação como cidade cosmopolita e centro irradiador de novidades. Pela crônica acima citada perceber-se que a cidade dos anos 1920 já se mostrava bastante diferente do que era apenas 20 anos antes. Passou, portanto, por um processo sistemático de transformações que mudaram a fisionomia e a forma de viver na cidade. Para Nicolau Sevcenko (1992, p.37)

É em torno de 1919-20 que [...] a imprensa suscita e repercute, ao mesmo tempo, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura. O Rio de Janeiro e Buenos Aires podiam ser provisoriamente maiores, mas o compasso do crescimento e a magnitude dos recursos da capital paulista eram tais, que seu triunfo sobre as duas rivais mais próximas era inapelável e apontava para destinos ainda mais altos.

Foi a curiosidade de compreender uma vontade de ser metrópole que motivou este trabalho. Investigar tais práticas urbanas, em um tempo passado, mas de ritmo ainda tão presente motivaram a pesquisa que aqui se apresenta. Assim, o que se propõe é tentar responder por quais caminhos é possível perceber como homens e mulheres viviam durante a década de 1920 em um ambiente de novidades e em constante modificação? Quais hábitos, formas de viver, ser e estar no mundo, alteram-se neste período? Será que a *vida elegante* tão presente na publicidade de espaços de sociabilidade – como restaurantes, cafés e confeitarias - apresentava-se assim no dia-a-dia das pessoas que por seus salões transitavam? E se assim eram, quais as formas de divulgação de um novo *habitus*² (ELIAS,1993), de uma nova forma de se comportar

¹ A partir deste momento usarei a sigla OESP como referência ao jornal *O Estado de S. Paulo* para citação das crônicas e matérias pesquisadas.

² O conceito de *habitus* é desenvolvido por Norbert Elias em *O processo civilizador*. Para o autor *habitus* diz respeito às formas de ser, atuar e pensar que se fazem presentes na sociedade, e que são partilhadas socialmente. Cf: ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1993.

se mostravam na imprensa periódica? Em suma, esta é uma tentativa de pinçar traços da vida moderna, entendendo que esta “tende a se bifurcar em dois níveis, o material e o espiritual” (BERMAN, 2007, p.158). Ou seja, mostra-se tanto no sentimento do ser moderno e entender-se como tal, como por exemplo nas expressões artísticas ou nos sentimentos dos homens e das mulheres comuns, como também nas suas expressões materiais, como nos meios de transporte, nas casas comerciais, na vestimenta ou na alimentação. Para Maria Izilda Santos de Matos (2002, p.35)

Sob a cidade fisicamente tangível, descortinam-se cidades análogas invisíveis, tecidos de memórias do passado, de impressões recolhidas ao longo as experiências urbanas, passando a História da cidade a ser vista também como a História da espacialização do tempo e das escolhas coletivas feitas ao longo de seu transcurso.

É sobre esta cidade que se está falando aqui: uma experiência urbana que está para além de sua estrutura física, seus prédios, suas avenidas: está nas práticas comuns, nos afazeres cotidianos. Este foi um tempo que se percebeu acelerado e o ritmo rápido está presente nas crônicas, nos anúncios, nas experiências urbanas aqui estudadas por meio do Jornal *O Estado de S. Paulo*.

É possível compreender que algumas atividades jornalísticas foram responsáveis por, de maneira pedagógica³, incluir normas e valores na sociedade paulistana, buscando ensinar aos leitores como vivenciar a modernidade. Para Nicolau Sevcenko (2003, p.53) “A identificação com o novo modo de vida é tal que os seus beneficiários, encabeçados pelos jornalistas, procuram organizar-se para garantir a sua manutenção, exigir a sua extensão a todos os pontos mais distantes e mais recônditos da cidade e impedir retrocessos”. Chamando para si a responsabilidade de conduzir este novo modo de vida, intelectuais que atuavam na mídia impressa buscaram conduzir transformações de hábitos, garantindo a experiência moderna, encorajando-a e apresentando aos leitores as novidades que não paravam de chegar.

Assim, intenta-se aqui discutir como determinados locais de sociabilidade, especialmente os dedicados ao comer e ao beber, apresentam alterações significativas na vida urbana e são divulgados nos jornais. Assim, comer e beber não são só hábitos do mundo natural, mas mostram formas de perceber o mundo social, como bem aponta Paolo Rossi (2014, p. 29), “Comer não envolve apenas a natureza e a cultura. Situa-se entre a natureza e a cultura”.

³ Entende-se que parte das atividades jornalísticas, especialmente as crônicas de *Coisas da Cidade*, para além do relato dos fatos, tinha como objetivo ensinar e internalizar normas e valores e, portanto, tais conteúdos demonstram uma intencionalidade pedagógica, no sentido de ensinar condutas e formas de agir no espaço urbano em transformação. Em certa medida, atuavam como manuais de civilidade.

Entende-se que a formação do gosto não se dá por uma operação da natureza. Ele é construído socialmente:

A comida não é ‘boa’ ou ‘ruim’ por si só: alguém nos ensinou a reconhecê-la como tal. O órgão do gosto não é a língua, mas o cérebro, um órgão culturalmente (e, por isso, historicamente) determinado, por meio do qual se aprendem e transmitem critérios de valoração (MONTANARI, 2008, p.95).

O que esta pesquisa busca, portanto, é compreender as formas de sociabilidades modernas, em que o comer fora de casa, mais que atitude natural que visa a alimentação para suprir necessidades, esteve carregada de valores simbólicos e distinção social, demonstrando sua face cultural. Para Massimo Montanari (2008, p.96) “as elites buscaram novos motivos de distinção – na manteiga, na confeitaria ou até mesmo nas verduras frescas da horta”. Isto se expressa nos jornais consultados para esta pesquisa: os locais de sociabilidades que se destinavam ao comer e ao beber foram também locais para serem vistos, para distinguir-se do ordinário. É neste período também que “comer deixa de ter apenas a sua função biológica óbvia, de nutrição para sobreviver, e entra para a categoria de lazer e entretenimento, assim como também passa a ser indicador de *status* e classe social, classificando e distinguindo gostos culinários” (HECK, 2004, p.137).

Arelado à formação do gosto e à distinção social, verifica-se que os padrões higiênicos e o discurso médico estiveram presentes em diversas esferas da sociedade: nos lares, nas obras estruturais, nos cuidados com o corpo e a saúde, mas também nos estabelecimentos comerciais. É disto que trata esta tese. Assim, não se tem por intenção aqui mapear *quais* alimentos eram consumidos, mas sim *como* e *onde* comer e beber em São Paulo durante a década de 1920. Tais aspectos apontam para a alimentação como prática de lazer e convívio social, que agitaram a vida urbana da metrópole em construção. O que se vê é uma adequação de São Paulo ao chamado *mundo civilizado*, ao modelo europeu e, em especial, parisiense. Esta busca em alcançar o progresso esteve marcada em diversos processos do período: na alimentação⁴, nas políticas públicas⁵, nas reformas urbanas⁶. Em todas as esferas havia uma intenção de se chegar o mais próximo possível dos padrões ocidentais europeus. Para Norbert Elias (1993, p.213) “os

⁴ Na alimentação isto se expressa nos estrangeirismos e importação de costumes, como nos serviços à francesa, nos chás das cinco, nos sanduíches ou mesmo na organização dos restaurantes, cafés e salões de chá. Cf: TOSCANO, Frederico de Oliveira. **À Francesa: a Belle Époque do comer e do beber no Recife**: Cepe, 2014.

⁵ Diversas foram as políticas públicas que objetivaram alcançar o chamado *progresso* no período. Assim, políticas de vacinação, por exemplo, foram levadas à cabo gerando descontentamento da população. Cf: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁶ Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo – entre tantas outras – passaram por significativos processos de reformulação do espaço urbano e transformaram-se em praças de obra. Alargamento de ruas, construção de grandes avenidas, parques e praças deram o tom do que se desejava para as cidades à época.

povos do Ocidente, sob pressão de suas próprias lutas competitivas, provocaram em vastas partes do mundo uma mudança nos relacionamentos e funções humanas, aproximando-os de seus próprios padrões”

Não se tem por intenção reconstruir toda a História de São Paulo nem de sua experiência urbana. Assim como Michel de Certeau (2008, p.87) compreende-se que “O historiador não é mais o homem capaz de construir um império. Não visa mais o paraíso de uma História global. Circula em torno das racionalidades adquiridas. Trabalha nas margens”. O recorte de tempo, espaço, seleção de fontes e de temática estudadas foi de fundamental importância, tendo em vista que uma História total não é viável. Assim, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. (GUINZBURG, 1989, p.177). Entende-se que as crônicas são estes indícios que irão permitir decifrar um pouco do cotidiano de São Paulo nos anos 1920.

A escolha de São Paulo para esta investigação foi deliberada. A cidade foi um importante centro irradiador de novas experiências, e impusera ao país padrões de consumo, formas de vida e ritmo acelerado raro de se encontrar à época. Ainda que a capital federal estivesse localizada no Rio de Janeiro, São Paulo, neste período, não se transformou apenas em cidade cosmopolita⁷, mas começa a se desenhar como metrópole⁸.

Outro fator importante é o fato da conexão da cidade, e sua expansão, com a economia cafeeira. A experiência com a exportação do café foi bastante significativa na remodelação urbana de São Paulo. Ainda que não possamos traçar uma via única de conexão entre industrialização, urbanização e modernização, entende-se que tais fatores se interdependiam. O café foi produto nacional de extrema importância desde meados do século XIX, e já figurava no Brasão do Império, tamanho era seu destaque na produção nacional. Porém, é com a expansão do produto em sua saída do Vale do Paraíba e chegada ao Oeste Paulista que São Paulo protagonizou este processo, desenvolvendo-se. Para Lilia Schwarcz (2012, p.46) o desenvolvimento da cidade esteve relacionado a três fatores em destaque

⁷ Para Gilberto Velho o cosmopolitismo de expressa de maneiras plurais. Em sua forma mais básica pode ser entendido como o contrário do provincianismo e da localidade. Mas o conceito está para além disso. Para o autor o ser cosmopolita está relacionado também à mediação entre diferentes grupos, e ao decodificar signos ‘universais’, desenvolvendo “capacidade e/ou empatia de perceber e decifrar pontos de vista e perspectivas de categorias sociais, correntes culturais e de indivíduos específicos.” Cf: VELHO, Gilberto. *Metrópole, cosmopolitismo e mediação*. In: **Horizontes antropológicos**. V.16, n.33: Porto Alegre, UFRGS, junho de 2010.

⁸ Entende-se por metrópole a constituição de uma cidade irradiadora de modelos culturais, sociais, políticos e econômicos e que apresenta um número representativo de habitantes, serviços e comércio diversificados, estrutura urbana desenvolvida (construção de grandes prédios e avenidas, por exemplo). Entende-se, portanto, São Paulo como uma metrópole cosmopolita que começa a se desenvolver especialmente a partir da década de 1920, quando a cidade passa a inchar por atrair pessoas não só do exterior, como o caso dos imigrantes europeus, como também de dentro do país, notadamente do interior, para tentar a vida na metrópole atrativa.

Em primeiro lugar, à expansão cafeeira, que em sua marcha saía do vale do Paraíba e chegava ao Oeste Paulista, em finais dos anos 1850. Em segundo à entrada da estrada de ferro que viabilizaria o transporte interno, então feito em lombo de burros, até o porto de Santos. Por fim, não há como deixar de mencionar o papel da imigração, que mudaria, como veremos, as feições, os dialetos, a culinária e os serviços públicos paulistanos.

Os fatores acima apontados são fundamentais para notarmos que cidade é essa da qual estamos falando. Protagonista econômica, São Paulo ganhou destaque no cenário nacional não só em riquezas, mas em poder político. O Estado teve papel significativo no início da República no Brasil, que teve como primeiros presidentes civis três paulistas⁹. Além disso, a cidade atraía um número considerável de imigrantes de diversas partes do mundo, que alteraram significativamente as experiências urbanas que ali se concentravam. Para Maria Izilda Santos de Matos (2002, p.43) boa parte da vida da cidade esteve relacionada ao café:

A expansão urbana de São Paulo esteve vinculada diretamente aos sucessos e/ou às dificuldades da economia cafeeira. [...] o comércio era movido pelo café e sofria as consequências de suas cotações; a cidade, as pessoas, sua sobrevivência e até o seu temperamento e conduta dependiam drasticamente da sorte de um único produto – o ‘ouro verde’.

Se o café – o ouro verde brasileiro – fez fortunas e promoveu transformações em todas as esferas, ele também provocava alterações nas pessoas: um energético natural, incorporado ao cotidiano e que fazia com que homens e mulheres pudessem suportar um tempo tão acelerado. Os estimulantes eram sucesso à época e o café, tão comum nas casas desde o século XIX, ganha um lugar próprio para sua apreciação: os cafés. Eles foram o espaço privilegiado para experimentar a modernidade e sobre eles muito se falará aqui.

Desde o final do século XIX a cidade de São Paulo passava por significativas alterações em sua estrutura. Tais reformas foram levadas a cabo a partir do ideal higienista em voga à época. Projetos de arborização, construção de parques e praças, alargamento de ruas colocaram o protagonismo não só sobre os engenheiros e os arquitetos¹⁰, mas também sobre os médicos

⁹ Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves foram os três primeiros presidentes civis da República brasileira. A economia do café foi um dos fatores decisivos para a presença de São Paulo tanto nos quadros do Partido Republicano Paulista como do Partido Republicano Federal. Cf: LESSA, Renato. **A Invenção Republicana**. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira. Rio Janeiro: Topbooks, 1999.

¹⁰ Dentre os engenheiros e arquitetos ativos no período na cidade de São Paulo destaca-se Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851 – 1928). Formado em Engenharia e Arquitetura na Bélgica, Ramos de Azevedo foi um profissional importante no processo de transformação da cidade. Esteve envolvido na fundação da Escola Politécnica (1893), e seu *Escritório Técnico Ramos de Azevedo* assinou diversos projetos significativos do período: o Palácio dos Correios (na década de 1920), o Teatro Municipal (1911), a atual Pinacoteca do Estado, à época Liceu de Artes (1900), o Mercado Municipal (1928). Cf: CARVALHO, Maria Cristina Wolf de. Bem-morar em São Paulo, 1880 – 1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.4, 1996.

que buscavam conduzir o país ao ideal civilizado. Certamente estes padrões de higiene e saúde se fizeram ver na estrutura urbana, mas também no comércio, na educação e em diversas outras esferas da sociedade. Para Follis (2004, p.31)

Desde o início da década de 1870, a dinâmica São Paulo – cidade que, a partir do último quartel do século XIX, foi transformada no principal centro articulador técnico, financeiro e mercantil do café – já vinha sofrendo intervenções urbanas que, justificadas espacialmente pela necessidade de higienizar o espaço citadino, objetivavam também efetuar seu embelezamento e sua racionalização.

A escolha de São Paulo como objeto desta pesquisa deu-se, portanto, pelo entendimento de que a experiência cafeeira criou um ambiente propício à transformação de São Paulo em grande metrópole, já divulgada como tal desde a década de 1920. A cidade em si nos provoca questionamentos, afinal

São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados (SEVCENKO, 1992, p.31).

São Paulo não tinha, portanto, uma definição identitária única. Ela se apresentava como palco de encontros dos mais diversos possíveis, um *cruzamento de móveis* (CERTEAU, 2008). O lugar que a todos atraía em busca de oportunidades e empregos num pós-abolição conturbado é o que vai formar a metrópole que aqui se pretende mapear.

Ainda que o início da República em 1889, protagonizada por representantes paulistas, tenha sido já um tempo de mudanças significativas é na década de 1920 que São Paulo vai experimentar suas mais contundentes alterações em estrutura e em hábitos sociais. É neste recorte que “o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que foi experimentado no passado” (KOSELLECK, 2006; p. 311), ou seja, as novidades que chegavam a todo tempo criavam expectativas de progresso não antes vividas no passado. Com o novo abria-se um mundo de possibilidades até então não imaginadas. Os homens e as mulheres que neste período viveram possivelmente entendiam-se dentro de um processo único. Para Marshall Berman (2007, p.24) “As pessoas que se encontram em meio a esse turbilhão estão aptas a sentir-se como as primeiras, e talvez as últimas, a passar por isso”. Assim, a

narrativa histórica não tem por intenção mapear apenas experiências, mas também a construção de expectativas, pois como afirma Reinhart Koselleck (2006, p.312) “Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição”. É esse tempo que ultrapassa aquilo que já foi experimentado e apresenta esperanças e desejos ainda não concretizados que se busca perscrutar nesta tese.

A fim de perceber esse tempo eufórico com a abertura de novas expectativas é que se delimitou este trabalho. Se a década de 1910 foi marcada por diversas crises, sendo os surtos de Gripe Espanhola e a I Guerra Mundial as mais evidentes, a virada para a década de 1920 abre-se para um futuro que se imaginava repleto de realizações. É também neste período que as comemorações do centenário da independência do Brasil¹¹ acontecem promovendo um sem fim de obras públicas, fazendo parecer que se estava enfim chegando à tão sonhada civilização. Assim, intensificam-se as transformações urbanas e, portanto, modificam-se também as sensibilidades urbanas, as formas de conviver no novo ambiente marcado pela modernidade.

Todas essas atitudes e projeções estiveram presentes na imprensa periódica. Neste sentido buscou-se construir o cotidiano do período a partir de suas publicações. O jornal *O Estado de S. Paulo* foi, no período, um importante veículo de comunicação que sobrevive até hoje. Sendo os jornais escritos que abrem diversas possibilidades de investigação, porque trazem em seu conteúdo variadas formas de expressão (fotografias, reportagens, telegramas, crônicas, publicidade), entende-se que seria um meio importante para se chegar a aspectos deste cotidiano.

No início desta pesquisa uma coluna intitulada *Coisas da Cidade* chamou a atenção. Nela, pequenas notas sobre tudo que envolvia a cidade: dos problemas com a *São Paulo Tramway, Light and Power Company*¹² às discussões na Câmara de Vereadores, da formulação de leis municipais às livrarias, dos espetáculos do Theatro Municipal ao trânsito nas ruas, tudo parecia ser observado pelo seu autor, e relatado no jornal. Assim, optou-se por destacar esta

¹¹ As comemorações do centenário da Independência do Brasil em 1922 fomentaram obras públicas, requeridas pela mídia impressa. Entendeu-se que o país deveria se reorganizar para comemoração do evento pátrio, e assim, a opinião pública passou a cobrar dos poderes medidas para que a comemoração se traduzisse em obras entendidas como necessárias à época. A capital do país viveu momentos de remodelamento urbano, com o desmonte do Morro do Castelo, por exemplo. Em São Paulo um número significativo de obras tomou as ruas com a justificativa da celebração do centenário da Independência. Cf: Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia> Acesso em: 4 dez. 2017.

¹² A Light foi a companhia responsável pela geração de energia para indústria e iluminação pública (e posteriormente para as casas residenciais) de São Paulo, a partir dos primeiros anos do século XX. Passou também a operar os bondes elétricos, que modificaram o transporte coletivo na cidade. A companhia foi agente importante no processo de modernização e transformação da capital paulista em metrópole cosmopolita.

coluna a fim de perceber de que forma tais escritas davam a ler uma experiência urbana, que estava colocada ali nas páginas do *O Estado de S. Paulo*.

Coisas da Cidade esteve presente no *O Estado de S. Paulo* entre o final da década de 1910 e o da década de 1930. Entretanto é justamente durante a década de 1920 que há uma incidência maior de colunas, que nos mostram a presença constante do cronista tanto na cidade como na redação do jornal. Assim, optou-se pelo recorte de 1920 não só pelo contexto da cidade à época como também pelos indícios que a própria fonte apresenta.

Neste período é possível perceber como o desejo pela civilização aparece de forma latente nas páginas do jornal e como o cronista tem por intenção trilhar este caminho. A Primeira República no Brasil (1889 – 1930) trouxe consigo todo tipo de expectativas e tentou de forma sistemática apagar o passado escravista e considerado atrasado, voltando os olhos para o futuro:

O cenário que então se abriu era propício a todo tipo de utopia e projeção. A República surgiu alardeando promessas de igualdade e de cidadania – uma modernidade que se impunha menos como opção e mais como etapa obrigatória e incontornável. O grande modelo civilizatório seria a França, com seus circuitos literários, cafés, teatros e uma sociabilidade urbana almejada em outras sociedades (SCHWARCZ, 2012, p.19).

O futuro, certamente, estava no Velho Continente. O modelo parisiense estava nos planos de todos aqueles que imaginaram a República. Entretanto, se a nova forma de governo chegou com promessas de liberdade e igualdade, na prática o despertar do sonho (CHEREM, 2001) parece ter sido dolorido para uma parcela significativa da população. Se o ser livre ou ser escravo marcou os períodos colonial e imperial brasileiros, na República as diferenças se davam de formas mais sutis, embora bastante significativas. Uma questão que se mostra bastante presente é justamente a da distinção social. Se num passado não tão distante a diferenciação entre classes sociais se dava por sua condição – escravo, homem livre, proprietário de terras -, nos novos tempos foi preciso criar estratégias para promover a distinção social. A formação do gosto é uma dessas formas, assim como as invisíveis barreiras dos diferentes espaços urbanos. Jeffrey Needell (1993, p.186) ao estudar a sociedade carioca – capital da República que se tornara cosmopolita antes mesmo de São Paulo – aponta para a importância das novas definições de status social. Para o autor “agora, só era possível sugerir o status social de alguém através do gosto. O indivíduo se designa no anônimo cenário urbano através da escolha ‘correta’, associado a um determinado modo de vida sutilmente diferente do outro meramente rico”. A construção do gosto é, portanto, elemento fundamental para compreender este cenário.

Uma das preocupações iniciais desta pesquisa era descobrir por que meios notar essa formação do gosto, e especialmente das sociabilidades em torno da alimentação em São Paulo

no início do século XX. Os jornais são fontes bastante ricas para se ter acesso ao cotidiano de uma cidade. Neles são publicadas notas, colunas e publicidade que muito falam sobre determinado contexto. Assim, foi percorrendo as páginas do *Estado de S. Paulo* que se encontrou a coluna de crônicas intitulada *Coisas da Cidade*. Com um autor anônimo intitulado P., boa parte do que acontecia na cidade, especialmente no Triângulo Central¹³, foi ali publicado, seja por textos autorais, seja por cartas de leitores, que sempre levantam suspeitas ao historiador. Essa coluna dedicou-se durante mais de uma década a apontar, criticar, comentar e observar as mudanças na cidade, seus problemas e soluções, bem como as pessoas que nela viviam.

Situada no final do jornal, ficando antes apenas da chamada *Parte Comercial*, a crônica compunha uma publicação que organizava suas páginas em 9 colunas. A posição da crônica nem sempre era a mesma, a depender dos demais conteúdos presentes no jornal. Ainda assim, a fonte de suas letras era um pouco diferente bem como espaçamento entre as linhas, um pouco maior dos demais textos publicados na mesma página, tendo seu título em bastante evidência. Isso nos dá indícios de que a coluna mereceu certo destaque na publicação. Seu tempo de vida (de 1918 a 1938) também é um elemento que aponta para aceitação da coluna entre o público leitor. As crônicas aqui pesquisadas dão a ler as impressões de um homem que caminhava diariamente por essa cidade, observava seus problemas e exaltava suas belezas, especialmente aquelas que davam ares modernizantes à sua paisagem.

P. – forma como o cronista se apresentava a seu público-, foi um homem afinado com as circunstâncias de seu tempo. Ansiava pela chegada dos tempos modernos, mas, controversamente assustava-se também com os rumos que a cidade estava tomando. Não foram poucas as vezes que chamou a atenção do poder público para os *chauffeurs* de automóveis que andavam em alta velocidade pelas ruas, constringendo e causando ameaças, demonstrando o incômodo do autor com certas novidades que invadiam o dia-a-dia e aceleravam a vida cotidiana.

Encontrar o nome por trás da sigla não foi tarefa fácil. Somente lendo todas as crônicas publicadas¹⁴ que foi possível descobrir sua autoria. Tratava-se de Plínio Barreto, nome importante não só no *O Estado de S. Paulo*, mas também na vida política e cultural paulistana

¹³ Se observarmos a Planta da cidade de São Paulo de 1916 no anexo F, pode-se notar que o perímetro urbano de São Paulo formava visualmente um Triângulo, tracejado em vermelho. Entretanto, dentro deste perímetro central urbano encontra-se um outro Triângulo, formado pelas ruas Quinze de novembro, Direita e São Bento. Neste espaço encontravam-se as principais casas comerciais, restaurantes, cafés e espaços de sociabilidades e era o local mais movimentado da cidade.

¹⁴ Sobre isso voltar-se-á a tratar no segundo capítulo desta tese, onde o caminho para comprovação de autoria será descrito.

à época. Nasceu em Campinas em 20 de julho de 1882 e já por volta de 1896 estava trabalhando como revisor no *O Estado*, tendo passado antes pela tradicional Faculdade de Direito de São Paulo¹⁵, formando-se em 1902. Ficou no cargo de revisor por pouco tempo pois em 1898 vira redator e passa a colaborar com a construção diária do jornal.

Amparado por Júlio de Mesquita, de quem era bastante próximo, Barreto galgou vários passos na carreira. Entre 1916 e 1918 esteve à frente da *Revista do Brasil*¹⁶ como editor chefe. Essa publicação mostrava seu círculo intelectual e também sua entrada nas elites intelectuais paulistanas. A proximidade com o dono do jornal fez com que, após sua morte em 1927, Plínio Barreto assumisse seu lugar e comandasse o jornal como redator-chefe, aqui já de grande tiragem¹⁷ e circulação. Isso também se fez notar na busca pelas fontes, e é justamente neste período – pós 1927 -, que sua presença nas crônicas fica mais rarefeita.

É na figura de Plínio Barreto e em suas publicações que esta tese se centrou. Entendendo-o como um importante mediador entre poder público, privado e população em geral, percebe-se que Barreto foi uma figura importante, especialmente do *Estado de S. Paulo*, na promoção dos hábitos burgueses com vistas ao modelo europeu.

Além de estar anonimamente à frente de *Coisas da Cidade*, o cronista escreveu também as *Crônicas Forenses*, estas sim assinadas, já que dizem respeito ao fazer para o qual foi formado: tratava nestes escritos sobre o mundo do direito. A partir delas publicou um livro que levou o mesmo título e que rotineiramente aparecia anunciado no jornal, por vezes até na mesma página em que eram publicadas suas escritas corriqueiras sobre a cidade de São Paulo.

Embora sua principal atividade tenha se voltado para o Direito e para o mundo do jornalismo, ele pode ser entendido como um homem intelectual, no tom de sua época, que parecia atuar em várias frentes. Por conta disso era também crítico literário e entusiasta das óperas, recitais e espetáculos – especialmente os de artistas estrangeiros -, que pelos teatros da capital paulista se apresentassem.

¹⁵ A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, foi um importante centro formador de bacharéis e intelectuais que estiveram presentes nos poderes públicos e na imprensa periódica.

¹⁶ A Revista do Brasil foi uma importante publicação, lançada em 1916. Estiveram à frente do periódico à época Júlio de Mesquita, Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior. A Revista era uma publicação sobre *cultura*, envolvendo textos de variedades e literários, e foi, notadamente, iniciativa de um grupo de pessoas relacionados ao *O Estado de S. Paulo*. Cf: LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

¹⁷ Na década anterior *O Estado de S. Paulo* já atingira uma tiragem de 35.000 exemplares: Disponível em: http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtm Acesso em 04 de dezembro de 2017. No final da década de 1920 o jornal já se intitulava como “o jornal de maior circulação no Brasil”. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19270314-17545-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

Sobre sua personalidade é preciso destacar que embora tenha sido contemporâneo dos *modernistas*¹⁸, não esteve envolvido na *Semana de Arte de 1922*¹⁹. Embora o evento tenha relevância na História das expressões artísticas e dos intelectuais no Brasil, a Semana foi ressignificada em outros presentes, que construíram seu destaque e importância. Plínio Barreto não se mostrou partícipe do movimento, tampouco fez questão de explorá-lo em suas crônicas, por onde o evento passou despercebido. Esta ausência ajuda-nos a pinçar aspectos das características pessoais e intelectuais do cronista.

Por meio de *Coisas da Cidade* é possível traçar um pouco de seu perfil. Quase que diariamente Barreto discutia com o poder público em suas crônicas (pois é assim que ele as intitula). Negocia e faz propostas à Câmara de Vereadores e apresenta-se como uma voz autorizada a estar no debate público. Sugerir medidas, controlar as ações dos vereadores e dos próprios prefeitos da cidade foi tarefa cotidiana para ele. Mostrava ainda domínio das questões jurídicas, apontando as falhas e as potencialidades sobre determinado assunto, além de uma notável sensibilidade para as artes e para a literatura. Essas são as primeiras impressões de quem tem contato com o autor a partir de suas crônicas do jornal.

A escolha pelas *Coisas da Cidade* de Plínio Barreto foi feita para tentar apresentar e questionar aspectos do cotidiano de uma cidade em constante modificação. Mesmo não sendo possível estabelecer sua periodicidade²⁰, entende-se que são escritas do cotidiano, tanto por seu formato, em crônicas, como pelos assuntos que nela trata.

Busca-se aqui fazer uma espécie de História-narrativa, aquela que nas palavras de François Hartog (2011, p.175) “reserva o primeiro plano aos indivíduos e aos acontecimentos”. Ou seja, privilegia-se as ações dos indivíduos – nesse caso a escrita de Plínio Barreto – e os acontecimentos, ainda que os mais comuns e ordinários, que se dão a ler em seus escritos. Para Reinhart Koselleck (KOSELLECK, 2013, p.207) “o conceito de História teve de servir para cobrir todas as extensões temporais – desde a expectativa de futuro, sem base na experiência, até a pesquisa sobre o passado, destituída de qualquer expectativa”. Não se trata, portanto, de destacar apenas aquilo que efetivamente aconteceu, mas também dar lugar aos sentimentos e às

¹⁸ O grupo dos modernistas era formado por artistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti.

¹⁹ Sobre o assunto conferir: LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 1920: moderno, modernista e modernização. In: COSTA, Wilma Peres; DE LORENZO, Helena Carvalho (Org.). **A década de 1920 e os origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

²⁰ Pelas edições pesquisadas não é possível perceber uma periodicidade exata. Há meses em que mais de 20 crônicas são publicadas, enquanto em outros apenas três ou mesmo nenhuma. Portanto não se percebem dias da semana exatos, ou menos regularidade nas publicações. O que é possível perceber é que há uma presença constante do autor na redação do jornal, que só demonstra ter se afastado entre o final de 1928 e o início de 1929 por conta de uma viagem ao exterior, ficando 7 meses ausente das atividades jornalísticas.

projeções dadas a ler nos documentos consultados. É perceber o que François Dosse (2003, p.355) chama de *rastros do sentido*, pois para o autor a orientação atual em História “privilegia a leitura dessas fontes no plano de sua significância”. É no rastro do sentido que o fato é interrogado. Interrogar os fatos, os projetos e as intenções, os caminhos que se estavam seguindo é o que nos interessa, seguindo as pistas das produções de sentido de um dado tempo, num determinado espaço.

Para Paul Ricoeur (2010, p.292) “um sonho secreto de cartógrafo ou de diamantista move a empreitada histórica”. Construindo mapas e caminhos de análise, dilapidando as fontes e suas vozes dissonantes é que o historiador monta a sua narrativa. Perceber os contrastes, as incongruências e as incertezas que marcam a experiência humana é tarefa difícil, mas fundamental para o historiador. Olhar para o passado com os olhos do presente, colocando às fontes questões que são produzidas em nosso tempo traz à tona o desafio e compreender um outro, situado em um tempo e um espaço diferentes dos nossos e é aí que mora a riqueza da *operação historiográfica*. Para Michel de Certeau (2008, p.93)

Assim, a operação histórica tem um efeito duplo. Por um lado, historiciza o atual. Falando mais propriamente, ela presentifica uma situação vivida. Obriga a explicitar a relação da razão reinante com um lugar próprio que, por oposição a um passado se torna o presente. Uma relação de reciprocidade entre a lei e seu limite engendra, simultaneamente, a diferenciação de um presente e de um passado.

Trabalhar com os documentos do passado, dar sentido a eles numa narrativa histórica produzida no presente é ressignificar as experiências humanas. É no jogo da diferença entre presente e passado que está situada a ação do historiador. Para isso é preciso fazer um caminho inverso e dominar a linguagem e as formas de expressão do passado, tornando-as inteligíveis no presente. Assim, é pela via da forma de escrita do texto historiográfico, que se utiliza de um sistema de referências, que o historiador vai estabelecer a relação com o outro, localizado no passado (CERTEAU, 2008).

Por um bom tempo as produções historiográficas procuraram nos documentos respostas prontas e estabeleceram uma coerência para suas respostas. “Partia-se de vestígios (manuscritos, peças raras, etc.) em número limitado e tratava-se de apagar toda a sua diversidade, de unificá-la em uma compreensão coerente” (CERTEAU, 2008, p.86). o que se busca aqui é justamente partir dos documentos e levantar as questões pelo que suscitam. Não há, portanto, respostas prontas. Também não se busca uma coerência ou unidade. A vida

humana é marcada por descontinuidades, por questionamentos e incoerência. E é sobre elas que esta tese pretende versar.

Buscando perceber os desvios nas formas de observar a cidade promovidas por Plínio Barreto em suas crônicas foi necessário além de localizá-las no acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*²¹, fazer o *download* e salvar cada uma das páginas das crônicas e organizar uma espécie de “acervo” das crônicas publicadas. Esta busca inicialmente foi feita por palavras-chave, mas depois observou-se a necessidade voltar ao jornal, dia por dia. Poucas foram as edições perdidas na busca por palavras-chave, mas ainda assim um bom material foi encontrado voltando à pesquisa. Após a reunião das mais de mil edições do jornal, foi feita a leitura de todas as crônicas e a organização de tabelas²² que continham as seguintes informações: Título, data e página, palavras-chaves que resumissem cada uma das crônicas, se seria ou não utilizada no corpo da tese e qual temática elas apresentavam. Plínio Barreto versava sobre tudo: sobre a velocidade dos automóveis, sobre o transporte urbano, sobre a poeira nas ruas, sobre construções novas, sobre as leis, alimentação e tudo mais que envolvesse a cidade. Dentre os assuntos mais comentados estavam o trânsito – de pedestres, de automóveis ou de bondes, a alimentação (especialmente a sociabilidade em torno dela), as reformas urbanas e os serviços e comércio. Estes foram os principais temas debatidos pelo autor em suas crônicas e muito nos dizem sobre os percursos que ele fazia pelas ruas da cidade.

Somente com esta organização foi possível perceber não só os principais temas mas escolher em qual deles esta tese poderia se centrar. Escolheu-se os hábitos alimentares fora de casa, especialmente em espaços burgueses, por entender que estes foram bastante representativos da vida moderna. No imaginário comum ao se falar da década de 1920 possivelmente as pessoas pensarão nos cafés ambientados à moda da época, retratados nas mídias como telenovelas, minisséries e filmes, que formulam certo imaginário sobre o período. O que Barreto traz são justamente descontinuidades nesse caminho progressista e questionamentos sobre a organização destes espaços na cidade. Será que São Paulo era mesmo a metrópole exaustivamente narrada nos jornais? O que era preciso fazer – e mudar – para que a cidade alcançasse o progresso e a civilização? O cronista oferece respostas diariamente a essa pergunta através dos textos que escreve questionando as normas, os valores e a experiência da

²¹ O acervo do jornal *O Estado de S. Paulo* está todo digitalizado. Disponível em: <m.acervo.estadao.com.br> acessado em 01 nov. 2017. Para fazer download, impressões e dar zoom – necessário para conseguir ler as matérias – é preciso ser assinante do jornal. Todas as edições estão disponíveis e, no geral, as digitalizações são bem-feitas, apresentando poucas dificuldades de leitura.

²² A tabulação dos dados foi feita a partir da leitura e fichamento das crônicas e a sua organização em categorias, definidas pelos assuntos versados pelo autor. Algumas das tabelas estão disponíveis nos anexos A e B.

modernidade em São Paulo, mesmo sendo um dos divulgadores da ideia de que já em 1920 a cidade se configurava como metrópole ao lado de grandes capitais mundiais. Assim, concordo com Nicolau Sevcenko (2003, p.29) quando afirma que “enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser”. Ainda que Plínio Barreto faça uma literatura por vezes considerada *menor*²³, as crônicas, demonstra uma expectativa daquilo que se imaginava para São Paulo.

A escrita da História veio se transformando com o passar do tempo, mas é a partir de segunda metade do século XX que ocorre uma redefinição emblemática no campo e a incorporação de *novas abordagens, novos problemas e novos objetos*²⁴ que trazem à tona Histórias do comum. Esta ampliação das possibilidades de investigação do fazer historiográfico, que envolve uma abertura do leque de fontes e consequentemente novas metodologias, possibilitaram, por exemplo, os estudos sobre o cotidiano. Isso não significa que em outros momentos tal preocupação não existisse. Mesmo Gilberto Freyre em publicações como *Açúcar*²⁵ ou mesmo em *Casa Grande e Senzala* (FREYRE, 2006) já dá indícios de uma pesquisa fincada na vida comum e nos hábitos alimentares do brasileiro. Mas é somente nas últimas décadas do século XX que tais estudos ganham projeção e novos contornos, que se dedicam a questionar “as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos e gestos cotidianos” (MATOS, 2002, p.22).

Para Michel de Certeau (2008) o cotidiano se *inventa de mil maneiras*. O autor tratou de refletir sobre as formas como homens e mulheres comuns deixam suas marcas e de que formas elas podem ser observadas na *operação historiográfica*. Ainda que as crônicas de Plínio Barreto falem muito sobre uma determinada classe social – uma burguesia em ascensão – é possível perceber ali traços de uma cidade com vida, em constante transformação e ebulição cultural. Como perceber o cotidiano num tempo e num espaço de mudanças vertiginosas? Essa é uma das questões que norteiam esta tese. Neste sentido entende-se que tais estudos trouxeram à tona a possibilidade de trabalho com uma documentação mais variada. Se inicialmente a produção historiográfica científica voltou-se para os documentos do mundo oficial, o século XX trouxe a explosão de suportes de memória que se apresentam ao historiador. São

²³ Cf: CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

²⁴ Novos problemas, novas abordagens e novos objetos aparecem como proposta na coleção *Faire de l'histoire* organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora na década de 1970.

²⁵ Cf: FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos do Nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

fotografias, processos criminais, narrativas midiáticas, escrita epistolar dentre tantas outras as fontes que compõem o arsenal do pesquisador.

Este *breve século XX*²⁶ nos mostrou a potência e reverberação das mídias, como bem aponta Pierre Nora em *O Retorno do Fato* (1979), e estudá-las é atividade curiosa e instigante. Neste sentido é preciso destacar que, para além das formas de comunicação orais, presentes em toda sociedade, os jornais formalizaram uma relação comunicativa com seu público, e foram responsáveis por mediar o conhecimento com o público leitor: por isso sua escolha como fontes privilegiadas para compreender um pouco do cotidiano da cidade de São Paulo no início do século XX. Ainda que as primeiras transmissões radiofônicas tenham se dado já na década de 1920, é só depois, especialmente entre as décadas de 1930 e 1940 que tal meio se populariza. Em contrapartida os jornais como *O Estado de S. Paulo* já possuíam um público leitor fiel – ainda que restrito por conta dos altos índices de analfabetismo no país²⁷ – e já mediavam a relação entre seu público com o conhecimento (de conteúdo, informações, produtos de consumo).

O que as crônicas de *Coisas da Cidade* aqui estudadas nos dão a ler é o estabelecimento de expectativas em relação ao futuro: o que se esperava atingir com as reformas empreendidas naquele tempo e naquele espaço? Essa construção de expectativas – muitas delas não concretizadas – dizem muito sobre a sociedade. Para Reinhart Koselleck (2006, p.210) ainda que muitas das expectativas sejam desenhadas de forma bastante pessoal, como parece ser o caso do cronista, elas são também fruto do convívio social, do debate de ideias, do *ser social*. O historiador define

Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.

Esta noção de um *futuro presente* se mostra nitidamente nas crônicas estudadas. A construção de imagens – mentais ou não – sobre o progresso e a civilização aparecem como metas a serem alcançadas, ainda que se entendesse já estar vivendo na chamada modernidade. É sob essa

²⁶ Cf: HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁷ De acordo com os dados do IBGE organizados pelo INEP, na década de 1920 a população adulta, acima de 15 anos, era composta de 65% de analfabetos. Cf: disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3> Acesso em: 04 dez. 2017.

confusão de temporalidades – a negação do passado considerado atrasado, a importância do presente e a expectativa sobre o futuro – que Plínio Barreto demonstra estar situado. Assim, ele insinua seus desejos, suas vontades e uma curiosidade sobre o porvir de forma bastante marcante em seus escritos no jornal.

Essa construção de expectativas diz muito sobre a experiência moderna. Entende-se por modernidade aquilo que Marshall Berman (2007, p.24) definiu como um conjunto de experiência “de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”. Ou seja, envolve a consciência de si e de localização no tempo e espaço, bem como da sociedade em geral e suas projeções futuras. Dessa forma entende-se Plínio Barreto como um homem moderno: compreendia estar vivendo num novo tempo, aberto para incertezas, mas com um desejo bastante definido para o futuro. Tinha plena noção do tempo vivido, de suas especificidades e da organização da sociedade. Buscava definir de alguma forma os marcadores de distinção social, tendo em vista a mudança significativa nas relações de trabalho²⁸. Ainda para Berman (2007, p.24) “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. É nesse caminho incerto que o cronista se situa: por mais entusiasmado com as transformações já visíveis na São Paulo do período, o medo do desconhecido ainda pairava sobre seus escritos. Um dos principais exemplos é o automóvel. Mesmo trazendo para o ritmo da cidade a novidade via máquina, o automóvel assustava: há, nos escritos de Barreto, uma construção do medo, da velocidade em especial. É, portanto, o medo do desconhecido, que colocava em xeque o até então já experimentado.

Este exemplo é bastante elucidativo: enquanto o cronista faz projeções para o futuro com vistas ao modelo europeu, em especial o francês, São Paulo viu outras experiências entrarem potencialmente no cotidiano da cidade. Para Barreto, os *Yankees*²⁹ representavam um perigo significativo: eles ameaçavam tudo que ele havia sonhado para o futuro de São Paulo. A década de 1920 viveu numa constante excitação e construção de esperanças. Para Marshall Berman (2007, p.25) “no século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se ‘modernização’”. Entende-se, portanto, que um dos processos sociais que dão vida às expectativas, que as mantêm sempre no

²⁸ Cf CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Campinas: Unicamp, 2001.

²⁹ Termo utilizado para referências aos Estados Unidos da América. O cronista utiliza bastante a palavra de forma pejorativa para caracterizar ações, produtos e hábitos incorporados da cultura norte-americana.

estado de devir, é especialmente aquilo sobre o que narram os jornais aqui estudados. A imprensa atuou como uma força importante neste processo de *modernização*, aliando as questões de formação de um *espírito* moderno, como também promovendo mudanças em sua estrutura, seja em seu próprio maquinário ou no debate sobre tais modificações estruturais em suas páginas.

Irrompe-se aí o desenho de um novo horizonte que “quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado” (KOSSELLECK, 2006; p. 311), assim, formula-se um horizonte para um futuro não muito longínquo, mas que também não era possível ainda tocá-lo. É o romper desse horizonte que “cria, pois, uma experiência nova” (KOSSELLECK, 2006, p. 313).

Entretanto, não é por falar de desejos, sonhos e expectativas que o que aqui vai se discutir esteja deslocado de uma dada realidade, em seu tempo e espaço próprios. Isto porque para Koselleck “o que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas” (KOSSELLECK, 2006, p.312). É neste entretempo que se situa o conteúdo da tese aqui elaborada: entre o real experimentado e a expectativa desenhada sobre dele.

É preciso compreender, portanto, que as expectativas se desenhavam no contexto urbano e possibilitam produzir uma História voltada ao debate sobre a cidade e suas expressões. No início do século XX, muito especialmente na década de 1920, São Paulo passou por constantes intervenções, seja em sua estrutura física, promovida pelos poderes públicos, como também por iniciativas privadas. Ainda que o *Plano de Avenidas*³⁰ tenha se efetivado apenas entre as décadas de 1930 e 1940, suas intenções já se insinuam desde o projeto de Prestes Maia, elaborado entre as décadas de 1920 e 1930. Durante o início da Primeira República as reformas empreendidas na cidade tinham visionado o modelo europeu. De acordo com Follis (2004, p.16)

A modernização urbanística tem como marco inaugural a grande reforma urbana implementada na cidade de Paris pelo barão Georges Eugène Haussmann, entre 1853 e 1869. A partir desse momento, Paris tornou-se um modelo urbano para muitas de várias regiões do mundo.

³⁰ O Plano de Avenidas foi um projeto elaborado durante as décadas de 1920 e 1930 por Prestes Maia, engenheiro civil e político, que chegou a ocupar o cargo de prefeito de São Paulo por dois mandatos: um na década de 1930 e outro na década de 1960. Seu Plano de Avenidas foi uma proposta de construção de um sistema rodoviário para a cidade. Dentre as principais avenidas construídas a partir deste projeto está, por exemplo, a Avenida Vinte e Três de Maio.

Paris foi, efetivamente, o grande modelo de urbanidade e civilização. Em suas crônicas Plínio Barreto alude cotidianamente à Cidade Luz, sua estrutura e às práticas sociais nela ocorridas. É o grande modelo que se apresenta para diversas cidades no Brasil, inclusive para São Paulo.

Entretanto, a partir da década de 1920 o arquétipo norte americano passa a entrar de forma contundente no cotidiano da cidade, seja no protagonismo dos automóveis – não só como meio de transporte, mas também como prática desportiva, na organização das ruas e seu *Plano de Avenidas*, como na construção dos arranha-céus, que tem no *Edifício Martinelli* seu marco inicial. Assim sendo, entende-se que “a cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento” (PESAVENTO, 2002, p.10). No recorte temporal aqui estudado há essa confusão de modelos de cidade e portanto é possível notar diferentes influências – europeias e norte-americanas – em São Paulo no período.

Se durante os primeiros anos republicanos a vida moderna era representada pelo modelo parisiense, o *flâneur*, como figura deste cenário, ganha destaque. Sendo ele um *morador das ruas*, é nelas que se sente em casa. Observa a paisagem e o ritmo da urbe. Toma assento em locais privilegiados para tal observação, e assim, parece uma figura ociosa e desocupada onde todos estão à procura de um caminho por onde seguir. Plínio Barreto é esta figura: parece sempre ter tempo para notar os acontecimentos mais comuns da cidade, observa com atenção seu ritmo, anota as mudanças necessárias e faz-se de vigia-controlador para o processo da modernidade. Essa figura emblemática vai, aos poucos, no decorrer do século XX, perdendo seu espaço na cidade, justamente porque o modelo que ganha corpo nas grandes cidades brasileiras era, efetivamente, o norte-americano. Para Barbara Freitag (2006, p.131)

Na virada do século XX para o XXI, já podemos afirmar que a influência das teorias e práticas urbanas americanas no Brasil é hegemônica. Isso se reflete na introdução dos arranha-céus, ou seja, na verticalização das construções, na introdução de elevados e túneis, que favorecem o transporte urbano voltado para o automóvel, em detrimento de bondes, metrô e trens, típicos da paisagem europeia, especialmente a francesa. Os franceses aperfeiçoaram os transportes públicos recorrendo às vias férreas, ao passo que o Brasil, a partir da segunda metade do século XX, deu preferência ao transporte público rodoviário, multiplicando o uso de carros particulares, que começaram a congestionar centros urbanos e zonas industriais. Isso modificou a fisionomia das grandes cidades e capitais, associando-se aos congestionamentos de trânsito a poluição do ar e a irritabilidade dos motoristas. Praticamente desapareceu o *flâneur*.

Não havia mais tempo nem espaço para a existência do *flâneur*. Se ainda na primeira metade do século XX o modelo francês era o mais difundido nas capitais brasileiras, em São Paulo o

norte-americano começa a se destacar com o início da construção dos arranha-céus, da preocupação com os automóveis ou mesmo com as lojas de departamento como o *Mappin Stores*.³¹ É, portanto, a partir dessas experiências que São Paulo começa a se mostrar e se entender como metrópole.

Constituir-se como metrópole traz à baila um sem fim de questionamentos, confusões e incertezas. Desta forma entende-se que os projetos para a cidade (suas obras, novos hábitos, sociabilidades e conflitos) foram mediados por atores sociais que tiveram destaque grande no período: os jornalistas. Ainda que a formação profissional para área não existisse, o ofício de trabalhar em um jornal era atividade lucrativa e de certo prestígio social. Assim, Plínio Barreto foi um desses homens que passou boa parte da vida na redação e direção do *O Estado de S. Paulo*. Neste sentido podemos entendê-lo como *intelectual mediador*. Para as historiadoras Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016, p. 10) estes

são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social.

Plínio Barreto faz justamente essa mediação em suas crônicas. Por seus escritos é possível perceber a intencionalidade de interferir diretamente na vida política e social da cidade. Faz denúncia, escreve diretamente à câmara de vereadores e à prefeitura, assim como cobra posturas do cidadão comum. Esta postura não é inocente. Ele tenciona modificar *Coisas da Cidade*. Assim, aponta qual rua precisa de novo calçamento, quais medidas a Força Policial precisava tomar para organizar o trânsito³² e o ajuntamento de pessoas nas esquinas, quais medidas higiênicas precisam ser tomadas nos cafés e restaurantes da cidade. O interessante de notar é que ele não só escreve e publica sobre todo tipo de *problemas* enfrentados diariamente pela cidade como também recebe respostas e é alvo de crítica constante na Câmara dos Vereadores. São vários os momentos em que P. conta da insatisfação de um ou outro representante público que levou para as sessões da câmara, em forma de protesto e contestação, as notas publicadas por ele no jornal. Ele parece exercer uma cobrança ao poder público que ficava desconfortável

³¹ Ainda que tais iniciativas – como a construção do Martinelli e a chegada do Mappin Stores – tenham se iniciado por atores europeus, sendo a primeira obra de um italiano e o segundo de dois irmãos ingleses, entende-se que a conjunção de grandes prédios, de lojas de departamentos que precederam os shopping centers, e no investimento de automóveis e rodovias são características exemplares de como funcionam as cidades norte-americanas.

³² Ao se falar em trânsito, fala-se não só do trânsito de automóveis e motocicletas, mas também de pessoas. Se estamos entendendo que neste período há uma tomada das ruas, uma experiência moderna que coloca as pessoas para viverem a cidade, então entende-se que o ajuntamento de pessoas também era uma questão latente.

com tal postura. Isso significa que certa entrada no debate Barreto tinha, e que buscava, por meio de sua influência e prestígio, fazer valer suas vontades e perspectivas. Com sólida formação intelectual e livro publicado, além do cargo de confiança que veio a exercer após a morte de Júlio de Mesquita, Plínio Barreto aparece como um homem de letras, como tantos outros, que “buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (SODRÉ, 1999, p.292). Foi pelo jornal que adquiriu certo prestígio social. Se em *Coisas da Cidade* preferiu o anonimato³³, em *Crônicas Forenses* assinava seu nome, além de publicar propagandas de seu livro como também de seu escritório de advocacia. De toda forma Plínio Barreto aparecia no jornal.

Figura 1 Anúncio do livro "Questões Criminais" publicado por Plínio Barreto e vendidos pelo *O Estado de S. Paulo*. Fonte: *O Estado de S. Paulo* 20 mai.1922 p.10

Como agente de uma modernidade, o cronista publicava suas observações, suas angustias e seus anseios para a cidade de São Paulo. Dentre todas as preocupações apresentadas escolheu-se trabalhar com os espaços de sociabilidades, notadamente os voltados para alimentação. Optou-se por esse recorte por entender que o comer fora de casa ganha novos contornos e novas dimensões numa sociedade onde *o parecer ser* foi se desenhando como prática social e assim sendo, tais locais foram significativos como espaços privilegiados para experimentar a modernidade. O que se pretende aqui não é dar enfoque aos produtos consumidos, mas especialmente aos espaços destinados ao consumo de alimentos na agitação

³³ Esta possivelmente foi uma estratégia encontrada pelo autor – ou mesmo pela equipe do jornal – para deixa-lo mais livre para fazer críticas sem o reconhecimento de sua identidade. Só assim pôde continuar circulando pelos mesmos espaços, coletar informações, e publicá-las nas colunas, sem o reconhecimento indesejado, tendo em vista que já na Câmara de Vereadores suas crônicas não eram muito bem recebidas, como mostram algumas das colunas pesquisadas.

da cidade – notadamente no seu Triângulo Central. Esses locais nos sugerem a formação de novas sensibilidades no convívio social e também a transformação do gosto. Assim, trata-se da relação entre o consumo de alimentos e a construção de uma forma de viver, de um estilo de vida, como bem aponta Massimo Montanari (2008, p.129):

O vínculo entre consumos alimentares e estilos de vida, definidos em relação à hierarquia social, prossegue com modalidades diversas nos séculos mais recentes. O tema da *qualidade* se define, dando-se por certo que a área do privilégio social se exprime no direito/dever de consumos qualitativamente melhores, mas também permanecem as correspondências entre tipologias de alimentos (e bebidas) e tipologias de consumidores.

Esta é uma discussão bastante possível ao analisar as crônicas que tem como cenário os cafés, restaurantes e confeitarias ou deles falam diretamente. Há aqui a construção de um gosto, que é compartilhado por uma parcela bastante delimitada da população. Trata-se do que chamamos de burguesia³⁴, ou daqueles que internalizaram o normativo burguês de convívio social. Para Flandrin (2009, p.263) há uma definição de comer e beber em coletividade como uma prática social marcada por afinidades e gostos que assim são construídos, ou seja, “o prazer de comer e beber juntos parece ter se transformado ao longo dos tempos modernos em função da procura mais insistente de uma afinidade de maneiras e gostos entre os convivas”. Por isso é possível compreender que o gosto – por este ou aquele alimento, esta ou aquela forma de servir, este ou aquele restaurante – é também construído socialmente porque compartilhado.

Seguir normas explícitas ou implícitas de conduta social leva-nos às reflexões propostas por Jacques Revel (2009, p.185). Para o autor não é possível entender que se as condutas são compartilhadas por uma sociedade estas são, portanto, feita de homens e mulheres submissos. Para ele há um *empenho* por parte destes, que os levam a “considerar a norma como uma segunda natureza, ou melhor, como a verdadeira natureza por fim reencontrada”. É aí que o estudo sobre civilidades mora: no entendimento de que há a internalização de regras estabelecidas para organizar o convívio social, são previstos então “comportamentos que satisfaçam as normas de uma sociabilidade cada vez mais imperativa e insinuante” (REVEL, 2009, p.186). Assim sendo

³⁴ Entende-se a burguesia por sua relação direta com a experiência urbana. Para Silva “De fato, a cidade foi o lugar onde se desenvolveu a burguesia, desde o chamado Renascimento Urbano na Baixa Idade Média europeia. Já durante a Idade Moderna, a burguesia começou a se distinguir tanto das classes baixas quanto da aristocracia, aos poucos construindo uma identidade própria por meio do consumo de bens culturais, conciliando as exigências práticas dos negócios com a aquisição de uma cultura que demandava ócio, requintando seus gostos e ampliando seu papel de consumidor de cultura” (SILVA, 2010, p.36).

há “por um lado, pois, o triunfo da aparência. [...] A autoapresentação constitui um modo de governar-se e cria a possibilidade de um intercâmbio social” (REVEL, p.186). É, em certa medida, uma decodificação de como se portar e agir num local que sofre interferências cotidianas e que, como não antes experienciado, possibilitava novos espaços destinados ao convívio social.

Para Norbert Elias (1993, p.196), autor de *O Processo Civilizador*, há uma complexidade no processo de transformar os comportamentos e para entendê-los é preciso compreender que há aí a formação de uma aparelhagem para a promoção do autocontrole, imprescindível elemento do saber portar-se frente à vida moderna. Para ele

A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se ‘corretamente’ dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social.

Assim, percebe-se a complexidade da formação de novas exigências comportamentais que paulatinamente entram na vida comum. Entende-se que o autor das crônicas como um dos agentes que exigiam mudanças. Tais apontamentos auxiliam na compreensão dos espaços de sociabilidades burgueses como locais próprios de definição de como ser e agir num mundo em constante transformação, mediado pela imprensa.

Se, por um lado, há a definição de quais locais são apropriados para as sociabilidades burguesas e de que forma estas se expressam, por outro há a preocupação com os padrões de higiene e a definição de *sujo* e *limpo*, que acabam sendo destaques entre os debates da época. Neste sentido é de fundamental importância estabelecer a conexão entre República e ciência, compreendendo que o desenvolvimento científico esteve presente em muitos dos discursos que transformaram a sociedade à época. Assim como no Rio de Janeiro, outras tantas cidades pelo país foram atingidas pela ação de engenheiros e médicos sanitaristas, que levaram à frente o que Sidney Chalhoub (1996, p.35) intitula de *ideologia do higienismo*. Esta noção de higiene esteve à frente das grandes obras e ações públicas pois entendia-se que elas seriam fundamentais para o avanço progressista do país.

Em primeiro lugar está presente a ideia de que existe um ‘caminho da civilização’, isto é, um modelo de ‘aperfeiçoamento moral e material’ que teria validade para qualquer ‘povo’, sendo dever dos governantes zelar para

que tal caminho fosse mais rapidamente percorrido pela sociedade sob seu domínio. Em segundo lugar, há a afirmação de que um dos requisitos para que uma nação atinja a ‘grandeza’ e a ‘prosperidade’ dos ‘países mais cultos’ seria a solução de problemas de higiene pública.

Entretanto, a higiene pública não passa apenas pelos poderes públicos, pelas ruas, por obras sanitárias e por problemas de saúde. O debate sobre higiene passa também por uma reforma *física e moral*. Se de um lado estavam aqueles que internalizaram as normas de convívio social e adequaram-se ao tom dos novos tempos, por outro houve a condenação constante de práticas consideradas *atrasadas*. Em São Paulo esse período é marcado por alterações significativas na paisagem urbana. Para Lilia Schwarcz (2012, p.47)

a urbanização paulistana implicou ‘embelezamento’ da cidade, mas, de maneira simétrica, empreendeu nova expulsão da pobreza e das atividades ligadas ao mundo do trabalho, consideradas incompatíveis com a modernidade. Essa é a época da aprovação de uma série de regulamentações oficiais (as chamadas ‘posturas’), que previam multas e impostos para atividades que, até então, caracterizavam o dia a dia da cidade: venda de galinhas, vassouras, frutas e legumes, etc. Além disso, a especulação imobiliária e a intervenção urbanística levaram a ganhos e perdas. Por um lado, a estrutura da cidade foi alterada, com a abertura de novos bairros e ruas elegantes, que revolucionaram o até então pacato cotidiano paulistano. Essa é também, época da Avenida Paulista, com seus casarões imponentes e sua população que se portava à francesa.

Estabelecer locais próprios para o consumo de determinados produtos e para determinadas práticas foi uma das formas de conter e desestimular os considerados antigos hábitos. Assim, tanto o Triângulo Central como a Avenida Paulista e os novos bairros (como Higienópolis), passam a figurar como espaços destinados à vida elegante, pautados por regras específicas de convívio social.

Resta-nos, portanto, nesta introdução, apresentar os capítulos que compõem esta tese. Buscando compreender as transformações no gosto e nos hábitos cotidianos, por meio da imprensa, e especialmente das crônicas intituladas *Coisas da Cidade*, espera-se que o conteúdo abra caminhos para pensar as práticas urbanas no início do século XX.

No primeiro capítulo apresenta-se um passeio pela cidade de São Paulo na década de 1920, as principais marcas de transformações urbanas nela presentes e a relação evidente entre imprensa e cidade que ali se estabelecem. Compreender um cotidiano que se mostra por escrito é uma das intenções, destacando como *Coisas da Cidade* lança um olhar sobre a experiência urbana, capturado pelas lentes da História.

Já o segundo capítulo dedica-se a apresentar o jornal *O Estado de S. Paulo* em suas especificidades técnicas e empresariais, apontando também por quais caminhos metodológicos

empreender sua análise. Assim sendo, traz uma apresentação formal das crônicas e em especial de seu autor, Plínio Barreto, demonstrando o caminho detetivesco que foi preciso trilhar para chegar em seu nome.

O terceiro capítulo dedica-se a traçar os trajetos urbanos do paladar, ou seja, busca-se responder como e onde se dava a experiência de comer na cidade, num tempo acelerado e como havia nos jornais escritas desenvolvidas para se experimentar a cidade. Seja pela via das crônicas ou da publicidade foi possível construir um mapa com as casas comerciais voltadas à alimentação e que, por muitas vezes, ambientavam as crônicas de Barreto. Assim, é possível traçar a relação entre comércio, cidade, alimentação e modernização percebendo como a construção de sociabilidades burguesas esteve no centro do que significava *ser moderno*.

Por fim, o quarto capítulo dedica-se a discutir os descompassos entre a publicidade e as crônicas, atentando para os padrões de higiene tão requeridos. Há uma emergência em intervir nos espaços sociais, especialmente nos destinados à alimentação, em diálogo frequente com a medicina e a ciência, protagonistas de uma República *moderna*. Assim, a figuração da crônica como espaço de denúncia muito nos diz sobre o contexto, sobre o problema em questão e sobre seu autor, um homem que se dedicou a mediar a experiência de modernidade em São Paulo.

O que se pretende definir aqui, mais do que tudo, é como a Plínio Barreto, por meio das escritas comuns como as *Coisas da Cidade*, atuou como *intelectual-mediador* (GOMES; HANESSEN, 2016) de um projeto de modernização, levado à frente por diversos outros atores sociais (a medicina, os poderes públicos, os engenheiros), internalizando comportamentos e atitudes, e questionando os padrões de convívio social. Para o cronista seus textos eram uma “rubrica de chronica urbana” (OESP, 31 de dez. 1920, p.6.). Entende-se que na narrativa historiográfica “o historiador se dirige a um leitor desconfiado, que espera dele não só que narre, mas que autentique sua narrativa” (RICOEUR, 2010, p.292). Espera-se aqui afastar as desconfianças e trazer o leitor para uma História dos costumes, contada a partir das *rubricas do cotidiano* de Plínio Barreto.

2. IMPRENSA, CIDADE E ALIMENTAÇÃO

2.1 SÃO PAULO, SÉCULO XX

O virar dos séculos impõe expectativas. O fim do XIX no Brasil é um desses exemplos em que a passagem de tempo abre possibilidades para experiências de homens e mulheres comuns. Sobre o século XX recai a responsabilidade de trazer os novos ares modernizantes, tão sonhados e esperados pelas terras brasileiras. Coube ao estado de São Paulo e sua capital um certo protagonismo neste processo. A abolição da escravatura, em 1888 e o início do sistema republicano em 1889 colocam um novo ritmo às relações sociais, políticas e culturais do país. Sem escravos, mas sem gestão da população, sem rei, mas com governos tiranos, com República, mas sem paz, com movimentos sociais³⁵ pipocando pelo país, o sonho da República não se concretiza como o esperado pela população. As promessas de liberdade, livre comércio e ascensão social demoram a chegar.

Ideias de República se formulam no Brasil com diferentes projetos como bem aponta Maria de Lourdes Monaco Janotti (2001). Os positivistas, os liberais, os militares foram atores políticos que deram a forma do sistema republicano. A tomada do poder pelos republicanos, liderados por Marechal Deodoro da Fonseca, começa a dar o tom - militarista e sem acordos pacíficos³⁶ - que o início da República teria no Brasil. A manutenção da ordem - na repressão aos movimentos sociais³⁷ - e o progresso como meta - nas políticas públicas de saúde, por exemplo - passam a fazer parte do jogo político do contexto.

³⁵ Neste período, diversos foram os movimentos contestatórios no país. Dentre eles cabe destacar a Revolta da Vacina (1904), Revolta da Chibata (1910), Canudos (1896-1897), Contestado (1912 - 1916) e as Greves de 1917.

³⁶ É preciso destacar que a transição do Império para a República foi narrada como pacífica por muito tempo: entendia-se que tal processo tinha sido fruto de um grande acordo, sem maiores contestações. Entretanto, se observarmos a experiência de movimentos como a Revolução Federalista (1893 - 1895), ou mesmo Canudos, percebe-se que a transição não foi em nada pacífica. Além disso, as disputas por projetos de República também se faziam presentes no cenário, mostrando a complexidade do processo. Cf: JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. FREITAS, Marcos Cezar de (org.) *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001.

³⁷ A repressão aos movimentos sociais foi prática bastante comum do Estado brasileiro, especialmente do exército, instituição com significativo poder no novo sistema republicano. Os casos mais emblemáticos da violência do Estado no período são as repressões aos movimentos da Revolução Federalista e de Canudos. Em ambas o Cel. Moreira César esteve à frente das tropas do exército. Cf: HERMANN, Jaqueline. *Religião e política no alvorecer da República*. Os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge. e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.) *O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003. Cf: CHEREM, Rosângela Miranda. *Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina*. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero (Orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

Porém, é com a constituição de 1891 que o pacto republicano³⁸ é formulado e o projeto das elites liberais começa a ser efetivado³⁹. A constituição segue o modelo norte-americano, com a proposta de autonomia para os Estados da União. Esta autonomia possibilitava que os estados contraissem empréstimos, organizassem as forças públicas estaduais (para manutenção da ordem), criassem impostos e justiça próprias. Assim, as elites dos estados, que comandavam os setores econômicos e políticos, tiveram seu projeto como o vencedor na constituição de 1891. Dessa forma, as chamadas oligarquias⁴⁰ passam a dominar a vida pública, e estados como o de São Paulo e a sua economia cafeeira⁴¹ em desenvolvimento ganham destaque neste cenário de transição.

O governo de Floriano Peixoto (1891 – 1894) apontava para uma certa desordem, quando se avolumam os movimentos contestatórios, tendo em Canudos seu maior e mais emblemático exemplo de resistência. Passados os primeiros anos, o futuro da República ainda era incerto. Mesmo a Carta Constitucional de 1891 não pôs fim à insegurança. Somente com as propostas políticas de Campos Sales é que o sistema republicano passa a entrar no processo de rotinização⁴² e, assim, a República foi se estabilizando.

Com o Estado de São Paulo com certo protagonismo neste processo, a cidade de São Paulo não poderia estar alheia ao tom da época. O Rio de Janeiro, como capital da República, vivenciara pouco antes intensos anos de transformações. Mas, assim como a capital, muitas outras cidades tiveram sua estrutura urbana redesenhada, tendo seu perímetro modificado, seus hábitos e cotidiano transformados.

Portanto, entre 1889 e a década de 1920, recorte temporal desta pesquisa, o que se viu foi a transformação das cidades em canteiros de obra. Embora muitas ações tenham se efetivado

³⁸ Cf: LESSA, Renato. **A Invenção Republicana**. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira. Rio Janeiro: Topbooks, 1999.

³⁹ A constituição de 1891 é um importante marco para o início da rotinização da República no Brasil. O estado laico, previsto na carta, dava fim à oficialidade da Igreja Católica no estado brasileiro, abrindo o caminho para os registros civis de nascimento, casamento e morte. Esta foi uma importante medida para dar conta da demanda dos imigrantes – muitas vezes não católicos – que chegavam ao país. Além disso, a ideia de uma República Federativa, que previa certa autonomia dos estados, deixou marcada a influência do modelo de república norte-americano e o papel decisivo dos paulistas, especialmente da elite cafeeira, frente ao projeto de República que se desenhava no momento.

⁴⁰ Cf: CARONE, Edgard. Oligarquias: definição e bibliografia. **Rev. adm. emp.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 81 – 92, mar. 1972.

⁴¹ Sobre o assunto José Miguel Arias Neto desenvolve um importante trabalho de pesquisar a formação desta economia do café e a sua interdependência com a modernização das cidades e com a industrialização. Cf: ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs). **O Brasil Republicano, 1: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁴² Cf: LESSA, Renato. **A Invenção Republicana**. Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira. Rio Janeiro: Topbooks, 1999.

neste período, é em 1920 que São Paulo passa a ser tomada por diversos projetos de obras e reformas a acontecer na cidade, marcados pela comemoração do Centenário da Independência no Brasil e por uma euforia advinda da superação de traumas e da chegada de um novo decênio que prometia um mundo de novidades. Assim, “Os anos iniciais da década de 1920 conhecem uma certa euforia em função do término da guerra. As expectativas em torno do novo, moderno impregna o social como um todo” (MATOS, 2002, p.53).

O ano de 1919 é bastante emblemático para pensar a cidade de São Paulo, pois trouxe euforia e excitação, movimento e novidade para a cidade de São Paulo. Essa excitação se dava muito pelas transformações urbanas, mas também pelas expectativas de um novo tempo, como as viradas de século e décadas prometem. Era a “felicidade especial de um novo ano” (SEVCENKO, 1991, p.24) que anunciava o fim de flagelos como a Gripe Espanhola, que tomaram a cidade em 1918.

E logo, por toda parte, se falava da felicidade especial de um novo ano que anunciava o fim dos três flagelos que atingiram a cidade, submetendo-a a aflições terríveis em 1918, os chamados ‘três gês’: a Gripe (espanhola), a Geada e os Gafanhotos. Outras versões ampliadas denunciavam entre calafrios os ‘cinco gês’, acrescentando àqueles também a Guerra (Primeira Guerra Mundial) e as greves (as grandes greves de 1917 e 1918). (SEVCENKO, 1992, p.24).

São Paulo entrava no novo decênio com esperanças renovadas e com expectativas de que um novo tempo estava por vir, deixando para trás as mazelas e traumas da década anterior.

A cidade em constante transformação – na paisagem urbana e na redefinição dos gostos – causava debates, gerava euforia e desconforto. Os novos barulhos, cheiros, contatos e sensibilidades colocavam as pessoas frente a novas formas de sentir, agir e ser na cidade. Por isso estes tópicos estiveram em debate na imprensa periódica constantemente. A coluna *Coisas da Cidade* dedicou-se a observar e intervir nesse contexto de mudanças, buscando garantir certa segurança para uma cidade que mudava, mas não se sabia para onde. Nas crônicas publicadas nesta coluna é possível perceber a preocupação com as obras públicas, com os serviços informais e mesmo com os barulhos que se percebem em uma cidade que se deseja metrópole. Em texto publicado em 18 de junho de 1921 o autor destaca

Barulho Inutil

Não suponha o leitor, lendo esta epigraphe que é do relógio da Igreja de S. Bento que vou tratar, daquele famoso relógio que a cada quarto de hora faz o seu sino ressoar formidavelmente pelas immmediações, sem dó algum dos tympanos do próximo. Não, não é o relógio nem o sino da Igreja de São Bento que dão motivo a esta nota: para que o leitor não suponha também que não são as motocicletas da Avenida Paulista, ou o buzinar despropositado dos

automóveis, ou os mil e um rumores dispensáveis e inúteis da cidade, apressome em dizer-lhe que a epigraphe restringe-se aos bondes em disparada vertiginosa pelas ruas alta noite, e cujos motoneiros vão sapateando desesperadamente nos trilhos. [...] não ha nada mais exagerado do que isso [...] O motoneiro, com (ilegível) numa corrida demasiada. 40, 60, 80 ou mesmo 100 quilômetros por hora.

Hontem, por exemplo, entre meia noite e uma hora, subia assim um bonde 41, já com a taboleta da estação a que se recolhia. E por tal forma sapateava o motoneiro na pista, que vários passageiros se incommodaram,, comentando, o inconveniente do facto.

– Que barulheira, dizia um. O homem está mesmo querendo pela sua cama. Mas o diabo que por 10 ou 15 minutos de avanço, vão acordando toda a gente que mora ali nessas casas...

Que pensará a respeito o sr. Superintendente da Light? – P. (OESP, 18 jun. 1921, p.4).

Ele inicia a crônica destacando muitos dos barulhos presentes na cidade cotidianamente: o sino da Igreja São Bento, as motocicletas da Avenida Paulista e o buzinar dos carros. Apesar de todas os barulhos novos que agitavam a cidade, o mais incômodo, ao olhar do cronista eram os bondes da Light, que circulavam em alta velocidade até o início da madrugada. Assim, não parece ser apenas o som dos bondes transitando que causa espanto ao escritor. A velocidade é motivo de assombro. Somente com os novos bondes e automóveis fora possível experimentar alta velocidade e facilidade de locomoção, diminuindo as distâncias entre pontos da cidade, e promovendo uma sensação de que o tempo corria de forma acelerada. O cronista não apenas denuncia a pressa do condutor como o barulho que produziu em tempo de descanso, mas cobra das autoridades responsáveis – no caso o *Superintendente da Light* – a resolução do imbróglio. Para Barbara Freitag (2006, p.131),

É bom lembrar que a companhia Light era inglesa e teve, durante décadas, o monopólio do abastecimento de luz no Brasil. Essa hegemonia no campo da iluminação dos centros urbanos brasileiros vinha acompanhada de uma ampla rede de transportes urbanos, baseada nos ‘elétricos’ (bondes) das grandes capitais estaduais na primeira metade do século XX.

A presença dos bondes no traçado urbano permitiu não só a circulação entre os bairros em menor tempo como também demonstra a chegada de um modelo europeu como base para a organização urbana. Se paulatinamente, ao longo do século XX, a cidade de São Paulo foi se adequando a um modelo norte-americano (baseado no sistema de rodovias, carros particulares e transporte individual e utilização de ônibus como transporte coletivo), nas primeiras décadas do século são os bondes que vão dar a ler este estilo europeu presente no que se projetava para a cidade. Para Barbara Freitag (2006, p.131)

A utilização do bonde não somente promoveu e facilitou o transporte público nas cidades, como também serviu para a conquista de novas áreas, como foi o caso dos Jardins, em São Paulo, que seguiu os planos de uma empresa de Patrick Geddes, que atuava no Brasil e procurou implementar entre nós o modelo das cidades-jardins.

A implantação de novos bairros e a expansão do perímetro urbano são marcas deste início de século na cidade de São Paulo. Novos bairros apontavam para um novo estilo de moradia, com estética urbana renovada e promessas de vida moderna. É o caso dos Jardins, que se transformam em bairros-modelo a partir da intervenção da Companhia City⁴³.

Figura 2 Anúncio do Jardim América. OESP, 8 out. 1922, p.12

V *

JARDIM AMERICA.

ADIANTAMENTOS PARA
CONSTRUÇÕES.

A Companhia City tem o prazer de comunicar aos seus distintos compradores de terrenos que se promptifica a auxiliar a construção de residencias no JARDIM AMERICA, adiantando nas melhores condições, o necessario capital, baseado no valor de cada construção, facilitando ainda a compra do respectivo terreno a prestações mensaes, trimestraes ou semestraes.

O JARDIM AMERICA offerece todas as conveniencias com o seu plano modelo de ruas e de divisões de lotes, com os seus jardins e com os seus melhoramentos publicos JA' INSTALADOS e constantes de: bonde (Augusta - 45), rédes de aguas e de esgotos, gaz e illuminação electricas de ruas.

COMPANHIA CITY.

RUA LIBERO BADARO, 71-73

⁴³ A Companhia City foi responsável por processos de loteamento e urbanização em determinados locais da cidade de São Paulo. A partir das obras desta companhia houve o investimento na criação de novos bairros como o Jardim América.

Figura 3 Anúncio do Jardim América. OESP, 04 ago 1929, p. 5.

Vida de campo, tranquilla e sadia, em plena Capital e com todo o conforto das grandes metropoles - só no

JARDIM AMERICA
-o inconfundível *bairro* modelo, verdadeiro *jardim* de residencias.

Uma oportunidade que começa a desaparecer:
De 118 *lotes* de terrenos que formam o *Jardim America*, restam hoje APENAS 70 *lotes* disponíveis.

Construções regulamentadas, tudo é, garantia de boa vizinhança. Praças, avenidas e ruas asfaltadas e iluminadas, providas de instalações publicas de agua, esgotos, gas, telephone, luz electrica e varias linhas de bondes.

Os poucos *lotes* de *Jardim America* possuem uma área de 124.000 m² (mais de 3 alqueires), e proporcionam o maior bem para o investimento sobre do mais gracioso *jardim* — sempre fresco e se para para os ritmos, com ambiente de conforto e elegancia.

PLANEJADO E INFORMACAO:

CIA. CITY

SECAO DE VENDAS:
LIBERTO RABANHO, 50

CASA. 111

TEL. 2.181

Os anúncios acima expostos são importantes meios para se perceber o crescimento da cidade e a forma como os novos bairros eram anunciados nas páginas do jornal. Liderados pela Companhia City, os novos bairros como o Jardim América foram emblemáticos na expansão urbana da capital paulista.

No primeiro anúncio é possível perceber como destacavam possuir todas as conveniências, além dos jardins nos lotes e os melhoramentos como serviço de bondes, redes de água e esgoto e a iluminação elétrica nas ruas. Eram, portanto, bairros planejados e já adequados às novas condições para a vida moderna, como água, luz e esgoto. São marcas de um processo higienista que buscava a promoção da saúde pública e entendia que a arborização, o ar puro e o sistema de saneamento eram fundamentais para uma vida saudável. Benesses que certamente chegavam primeiro às classes mais abastadas da população, construindo um novo padrão de moradia e de vida moderna.

O segundo anúncio chama a atenção primeiro pela ilustração que mostra uma família normativa⁴⁴ vivendo em meio a um bairro planejado repleto de natureza. O anúncio promete o

⁴⁴ O modelo de família nuclear, normativa e burguesa é conhecido pela formação nuclear de casal heteronormativo, usualmente em idades próximas e que gera filhos. Essa foi uma importante transformação nas relações sociais no mundo. Este normativo pode ser percebido por recortes de gênero (os cuidados médicos com o corpo da mulher),

aspecto da vida no campo com os serviços e qualidades da metrópole. Essa junção entre a natureza e o agito da vida urbana parecem ter formulado o que se considerava ideal para viver nas grandes cidades como São Paulo.

Não foram apenas os novos bairros que representavam as transformações pelas quais a cidade passava. Uma onda reformista tomou o espaço urbano e não passou despercebida pelo cronista do *Estado de S. Paulo*. Algumas das crônicas destacam-se aqui pois dão a ler um pouco dessa onda presente no cotidiano daqueles que as sentiam diariamente

Toda a gente applaudiu o arrasamento do lado ímpar da rua Líbero Badaró, e a transformação dessa via publica numa ampla avenida. Os aplausos esmoreceram quando, em vez de se deixar inteiramente livre a rua, permitiu-se a construção de dois grandes edifícios no local dos prédios demolidos!

– Isto é um crime, dizia um. Estragar-se assim uma rampa magnifica, que devia ficar livre do Viaducto à rua S. João, para maior embelezamento da cidade – só S. Paulo se vê disso...

– Outas cidades – commentava outro – fariam sacrifícios incríveis para conservarem bem o centro que nós estragamos...

[...] Em boa hora a rua foi prolongada até a ladeira de S. Francisco passando a trafegar pelo trecho os bondes, que até então faziam, na esquina da rua José Bonifacio, uma curva perigosíssima. (OESP, 25 set. 1920, p.4)

Na crônica acima citada o autor destaca a reforma da Rua Libero Badaró, uma das mais importantes vias comerciais do Triângulo Central, e palco do processo de modernização. A via pública citada transformara-se em larga avenida. Mas, as reações vão da excitação à crítica quando observado que não se deixou espaço para o trânsito de pedestres e se permitiu a construção de dois grandes prédios no local. A preocupação se dava não só com a questão prática – o entrave e a dificuldade em circular pelo local – como também pelo embelezamento da área central da cidade que se desejava metrópole. Para François Hartog (2011, p.257)

É a cidade dos pedestres, de seus passos apressados ou perdidos; a cidade dos passantes e de suas inumeráveis práticas do espaço. Essa cidade transumante – não estática em seu plano que, em casa instante, ela transborda pelo complexo jogo de suas retóricas rudimentares – ocupa um lugar central em suas reflexões sobre o espaço: ela constitui a introdução a uma semiótica do espaço organizada em torno do conceito de enunciação. Ela é esse texto esburacado e incessantemente retomado, inacabado, que o caminhante percorre e constrói, do qual ele é, ao mesmo tempo, o leitor e o escriba.

É sobre essa cidade praticada, imaginada e divulgada pelo cronista que se debruça esta pesquisa, pois entende que foram os seus trajetos percorridos, a sua observação sobre o traçado urbano

pela promoção do amor romântico (perceptível na literatura, por exemplo), e de outras tantas formas. Sobre o assunto conferir: AREND, Silvia Maria Fávero. **Histórias de abandono: infância e justiça no Brasil (década de 1930)**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

que permitem uma visão sobre aquele passado. Em 14 de outubro do mesmo ano a região volta a ser tópico de discussão nas *Coisas da Cidade*:

– Como se poderia modificar a ladeira do S. João, de maneira que pode ella pudessem passar facilmente os transeuntes e até os vehiculos?

O dr. Domicio Pacheco e Silva, engenheiro da Prefeitura, tem para isso um projecto bem aceitável, [...] esse projecto consiste no prolongamento da Praça Antonio Prado até a rua Libero Badaró, construindo-se sobre a ladeira um teraço de cimento armado com 72 metros de comprimento por 30 de largura, que daria à Praça mais de 2000 metros quadrados de superficie. A declividade da ladeira, que é de 13,3 por cento, ficaram assim reduzida, a 6,5 graças a uma passagem de vários metros de largura que se faria por sob o terraço, para a Praça Antonio Prado e pela qual poderiam subir os próprios vehiculos.[...]

A ladeira de S. João é uma das vias publicas mais movimentadas da cidade, e mais movimentada se tronará ainda depois que se inaugurar o edificio dos correios e telégrafos, na Avenida S. João. Se ha possibilidade de a modificarmos, tronando muito mais commodo e fácil o accesso a Praça Antonio Prado, e se, além disso , ainda aumentamos a área da Praça, que é, realmente insufficiente para o transito publico – está visto que as nossas autoridades municipaes devem estudar a questão com muito interesse, e, verificando que o projetcto resolve o caso, tratem de realizar sem demora, tanto mais quanto ao que parece, já se abandonou a idéia de colocar na ladeira uma fonte monumental, segundo projecto do escultor Zani. – P. . (OESP, 14 out.1920, p.4)

Aqui o cronista busca na engenharia a argumentação necessária para a aprovação dos projetos. Com exibição de conhecimentos técnicos e matemáticos se coloca como uma *voz autorizada*, ou seja, intenta que o leitor o compreenda como alguém que tem conhecimento sobre aquilo que está expondo nas crônicas. O papel dos engenheiros foi de grande importância na remodelação urbana e também na condução desta dentro dos padrões higienistas. Esta região (Av. São João, Libero Badaró e Praça Antonio Prado) foi local de grande importância comercial para a cidade de São Paulo no período, e figura até hoje como local de destaque no Triângulo Central. A Praça Antonio Prado, como destaca o autor, poderia ser aumentada dado o fluxo de pessoas que por ela circulavam. Outra preocupação constante nas crônicas de *Coisas da Cidade* eram as construções de prédios, como o dos Correios e Telégrafos, como pode ser percebido na publicação de 1920, que segue abaixo:

Inauguraram-se ha dias – emfim! – os trabalhos de construção do edificio para os Correios e Telegraphos. Há tantos annos se reclamava um edificio para essas duas repartições, que estão pessimamente alojadas, cada qual em pardieiros em hygiene e sem conforto – que já ninguém alimentava mais a esperanza de as ver funcionando decentemente.

Agora, porém a esperanza renasce – provavelmente daqui um ou dois annos, Correios e Telegraphos já não nos envergonhem mais, e estejam realmente à altura do nosso progresso.

Ora, passando a funcionar essas repartições na avenida São João, é natural que para lá se canalise boa parte do movimento do centro, ao mesmo passo que as casas commercaes do centro, que são as mais importantes da cidade, passem a necessitar da ladeira S. João para encaminhar a sua correspondência postal e telegráfica. Assim o que desde já se pode prever, é que crescerá enormemente, só com a transferência dos Correios e Telegraphos, o movimento pela ladeira S. João. Mas uma ladeira é sempre uma via publica de transito penoso mormente quando é tão, íngreme como a S. João. Além disso, não se comprehende que a avenida de mais movimento da cidade, construída especialmente por um plano preestabelecido, o tenha ali, justamente no coração da cidade, a sua circulação difficultada. Ora, há um meio de se resolver esse problema, e nós o exporemos em breve aos leitores. – P. (OESP, 12 out. 1920, p.5)

Esta crônica é emblemática pois demonstra a esperança em se ver a cidade modificada não só em sua estrutura, mas em seus padrões de higiene. Apontando que a antiga sede não atendia de forma satisfatória às normas de higiene e não possibilitava conforto, a reforma da sede dos Correios passa a aparecer como ponto de destaque nessa onda reformista. Não só pelo edifício, mas por modificar todo seu entorno, inclusive ocasionando num grande fluxo de pessoas na Avenida São João, que segundo o autor era a avenida de maior trânsito da cidade. A preocupação com o fluxo nesta via é tão grande que aparece diversas vezes na coluna, como já citado aqui. Assim, a transformação da cidade de São Paulo de provinciana à metrópole cosmopolita coloca seus transeuntes em um misto de sensações. Se por um lado as mudanças eram tidas como necessárias para a chegada do progresso esperado, por outro os problemas advindos dessas transformações geravam insegurança e medo.

O calçamento das vias públicas também foi motivo de debates nas páginas do jornal. Diversas são as crônicas que se dedicaram a contar e questionar este tipo de obra que pipocavam pela cidade:

Uma coisa, porém não padece duvida alguma: é que este problema de calçamento da cidade precisa ser encarado de frente, com energia, e resolvido logo, com a maxima urgencia. A cidade – já o temos dito repetidas vezes – está, no tocante a calçamento, em verdadeira petição da miséria. Se o sr. Prefeito municipal e a Camara demoram muito a tomar uma resolução definitiva, o péssimo, o vergonhoso calçamento de muitas ruas ir-se-a estragando cada vez mais, a ponto de varias dellas se tornarem intransitáveis. Ora, isso, as portas do centenario da Independencia, quando se sabe que a S. Paulo accorrerão, daqui a um anno, milhares de forasteiros – não parece que seja muito louvável... – P. (OESP, 30 jun. 1921, p.4)

Percebe-se que o problema do calçamento parecia urgente e o autor das crônicas tratou de cobrar insistentemente resoluções por parte do poder público municipal. Apontando que a cidade receberia pessoas de fora para as comemorações do centenário da Independência, alertou a necessidade de obras no calçamento, por representarem o atraso nada condizente com o que se

queria construir sobre a cidade de São Paulo. O mau calçamento levantava poeira e fazia parecer que a cidade vivia sob a sujeira intensa. Definindo o estado do calçamento como *vergonho*, pode-se inferir que a preocupação não se dava apenas pelas questões de higiene, mas a forma como a cidade poderia se projetar, por qual imagem de São Paulo se queria construir: uma urbe moderna; metrópole. O debate continua:

O Calçamento do Centro

Afinal, começou a ser reformado o calçamento do centro da cidade: a rua do S. Bento está sendo asphaltada, e tudo faz crêr que em breve tenhamos da mesma forma melhorada a pavimentação das ruas Direita e 15 de Novembro.[...] Em todo caso, nunca é demais salientar que o melhor calçamento a paralelepípedo vale bem o de asfalto, quanto a commodidade que oferece, tendo ainda a vantagem de ser mais durável e de conservação muito menos dispendiosa. De resto, todos conhecem a poeira fina do asfalto, o, peor que a poeira, a lama dos dias de chuvisco – coisas que, em nossa cidade, ainda se vão agravar com as deficiências notórias do serviço de limpeza publica.

Seja como for, porém o serviço está começando, e toda a gente, que há muito se queixava do pessimo estado das ruas centraes e sobretudo do calçamento de madeira – deve estar radiante com a perspectiva de ver bem calçado o triangulo, que é o centro da atividade de grande parte da população.

[...] o trafego dos bondes por estas duas ruas. Se a Prefeitura asphalta-las agora, com os trilhos dos bondes, estes só daqui a dez ou vinte annos deixarão de correr por ali. É tão difficil obter qualquer melhoramento em S. Paulo! [...] Porque não se ha de fazer desde já a mudança do trejecto dos bondes que corream o centro, retriando-os das ruas 15 e Direita, onde eles já estorvam tanto o transito... – P. (OESP, 23 set.1921, p.6)

Um ano após as reclamações publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* as obras de calçamento no centro começaram e foram destaque novamente. Indicando materiais a serem utilizados, e a forma como deveriam ser conduzidas as obras, o autor mostra sua vontade de intervir nas obras públicas, tendo em vista que como cronista do jornal suas ideias circulavam com potência. O cronista destaca ainda para o serviço de limpeza pública, demonstrando que embora as obras de calçamento se efetivassem, tal serviço ainda se apresentava de forma deficiente. Aponta também para o problema do trânsito com os bondes a continuar a circular pelas ruas mais movimentadas do centro, ocasionando um fluxo muito grande para a quantidade de comércio, pessoas e automóveis que também transitavam na região. O antigo calçamento de madeira em processo de substituição é um ponto de destaque: representava o atraso, enquanto os paralelepípedos ou mesmo o asfalto pareciam inovações necessárias na nova lógica metropolitana.

Outro marco do progresso em São Paulo foi a Avenida Paulista. Local de moradia e sociabilidade de uma burguesia em ascensão, sobre ela recaíam todas as preocupações de

adequação aos tempos modernos. Sobre sua estrutura muito se falou e o destaque para o asfalto, com cobranças ao poder público, não passou despercebido pela escrita de P.:

O Asfalto da Avenida

Por acaso já viram os engenheiros da Prefeitura como estão castigando o asfalto da avenida Paulista?

– É boa! Responderão os zelosos funcionários. Se a cidade toda está com o seu calçamento em pessimo estado, nós não podíamos fazer uma excepção para a avenida Paulista...

Provavelmente, é assim que se pensa na Prefeitura, a julgar pelas numerosas depressões que se notam ao longo daquela importante e sumptuosa via publica. Porque, emfim, nunca, depois de asfaltada, a avenida estava assim estragada, proporcionando aos “habituês” do curso os frequentes solavancos dos automóveis.

É bem verdade que a cidade está com todo o seu calçamento em petição de miséria. [...] E uma comemoração extravagante do centenário, não resta duvida, não ha senão aceita-la e passar adiante, já que o Centenario é um acontecimentozinho à toa, que não mereça sequer a reforma do calçamento das nossas ruas.

Mas, quanto ao asfalto da avenida, quer-nos parecer que é uma questão de economia, o concertal-o. (OESP, 22 fev. 1922, p.6)

Marco do processo civilizatório pelo qual a cidade de São Paulo passou no início do século XX, as cobranças de atenção do poder público para avenida símbolo da modernização foram contundentes nas *Coisas da Cidade*. Julgando que a prefeitura tratava com descaso o estado em que se encontrava a Avenida Paulista, o autor trata de cobrá-la para promover a melhoria das condições de trânsito no local. Além disso, destaca com ironia que as reformas da cidade estavam sendo feitas para a comemoração do centenário, que justificou a transformação do espaço urbano em canteiro de obras.

As crônicas publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* ajudam a construir um pouco do contexto de São Paulo na década de 1920. Debatendo constantemente os melhoramentos ocorridos na cidade no período, o autor nos mostra sob seu olhar, o processo de remodelamento urbano em todos os aspectos: físicos, estruturais e sociais. Por isso entende-se que

A modificação do espaço de uma cidade, dando a ela forma e feição, contém em si um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade. É, por um lado, uma tarefa de profissionais especificamente habilitados para tal – urbanistas, arquitetos, engenheiros -, mas também comporta o que se poderia chamar de intervenção do cotidiano. Ou seja, esse espaço sonhado, desejado, batalhado e/ou imposto é, por sua vez, também reformulado, vivido e descaracterizado pelos habitantes da urbe, que, a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos. (PESAVENTO, 2002, p.16)

Este processo envolveu especialistas como engenheiros e médicos sanitaristas, mas também por todo tipo de ação humana de seus habitantes, que viviam a cidade conforme sua interpretação

de mundo. Uma das quais temos acesso são as crônicas publicadas em *Coisas da Cidade*, onde seu cronista publicava sua percepção, dotando aquele universo de sentidos, apontando seus anseios e desejos para a cidade que se tornava metrópole.

Não são apenas as reformas urbanas mais estruturais – como o calçamento, a criação de novos bairros – que merecem destaque aqui. A construção de grandes edifícios, conhecidos como arranha-céus, marcam essa entrada de São Paulo na modernidade.

De acordo com Roberto Pompeu de Toledo (2015, p.197) em *A Capital da Vertigem* a cidade contava, em 1920, com quinhentos e setenta e nove mil e trinta e três habitantes e dessa forma “mantinha a condição de segunda cidade do Brasil, obtida no censo anterior, de 1900, mas ainda parecia distante da primeira, o Rio de Janeiro, que contava com 1 157 873.”. Mesmo com menos habitantes que a capital federal, São Paulo contava com grande número de edificações e casas comerciais, apontando para mudanças na estrutura urbana e na forma de morar e viver neste espaço. No ano de 1920 a cidade contava com “73 696 edificações e 80 169 domicílios. Na média, 7,22 pessoas ocupavam cada domicílio. Havia 407 prédios de três pavimentos, 93 de quatro, trinta de cinco e dez de mais de cinco. Em todo o Brasil havia apenas 34 prédios de mais de cinco andares” (TOLEDO, 2015, p.203-204). O processo de verticalização da cidade pode ser visto no crescente número de edificações que passam a ocupar o perímetro central da capital paulista. O Edifício Martinelli começa a ser projetado em 1922 e a fundação da obra se dá em 1925. Sua inauguração em 1929 coloca o prédio como edificação emblemática deste processo.

Projetado como o primeiro arranha-céus de São Paulo, o Martinelli marca a transição de uma cidade pautada no modelo parisiense de vida urbana para uma outra, que tem como exemplo as grandes metrópoles norte-americanas. Embora projetado por um italiano⁴⁵, era um homem que veio *fazer a américa*⁴⁶, e tem seu modo de ver o mundo transformado em busca de enriquecimento. A década de 1920 é, portanto, um tempo de crise dos modelos urbanos em São Paulo. Se por um lado se pensava em atingir o ideal europeu, por outro iniciativas renovadoras vão aos poucos transformando os planos para a metrópole. A relação com os automóveis e com as lojas de departamento também marcam este processo. Sendo assim, o Edifício Martinelli

⁴⁵ Vindo da Itália em 1889, Giuseppe Martinelli prosperou em terras brasileiras e tinha uma empresa de navegação em Santos. Na década de 1920 construiu o que se tornou o primeiro arranha-céu de São Paulo. Disponível em: <http://www.prediomartinelli.com.br/historia.php> Acesso em: 07 de dezembro de 2017.

⁴⁶ Da mesma forma como no tempo presente diversos brasileiros saem do país e migram em busca de prosperidade e sucesso, e voam rumo aos Estados Unidos da América, entre o final do século XIX e o início do século XX muitos europeus chegavam ao Brasil para *fazer a América*, ou seja, enriquecer e voltar para o seu país de origem. Em uma República que se desejava europeia e branca isso ocasionou em algumas frustrações e atritos, pois muitos dos imigrantes não tinham por intenção se nacionalizarem brasileiros. Cf: SCHWARCZ, Lilia; STERLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

desde o início de sua projeção gera euforia e desconforto: o tamanho do prédio assustava, mas causava curiosidade e colocava São Paulo em outro patamar de desenvolvimento. Se em 1920 somente dez construções tinham mais de cinco andares, um prédio com quase 30 gerava, no mínimo, burburinhos por toda a cidade.

Figura 4 Projeto do Edifício Martinelli em 1923. Disponível em: <http://www.prediomartinelli.com.br/fotos/20/b.gif>. Acesso 13 nov. 2017.

Situado no Triângulo Central da cidade – entre as ruas São Bento, São João e Libero Badaró - o Martinelli foi o primeiro arranha-céu construído na América Latina e até os dias atuais tem destaque na paisagem urbana. Sua construção é importante para compreender a formação de um centro cosmopolita, com ares modernizantes, comércio diversificado e novos hábitos – inclusive os alimentares – que vão se desenhando ao passar da década de 1920. Roberto Pompeu de Toledo (2015, p.215) esboça alguns pontos que fizeram de São Paulo a Capital da Vertigem.

A sensação, e nada como um artista para captá-la no ar e traduzi-la em duas palavras, era de aceleração do tempo. Os paulistanos sentiam-na porventura com mais força do que outros brasileiros, quer pelo processo de industrialização, quer pelo rápido crescimento da população, quer pelo influxo

de camadas sociais que balançavam o barco das antigas incertezas, quer pelo fato de tão velozmente terem saltado da modorrenta cidade dos períodos colonial e imperial para o projeto de metrópole que se esboçava.

A sensação de um tempo acelerado é característica importante para se compreender um processo de modernização. Com tantas novidades se apresentando seguidamente, com a paisagem urbana em constante modernização, tem-se a sensação de estar vivendo num tempo mutável, em que tudo parece se transformar.

Junto com a inauguração do prédio, novas práticas urbanas se estabelecem na cidade. É o caso do primeiro anúncio luminoso em topo de prédio, de um produto alimentício – a manteiga aviação. Tanto o edifício como o anúncio presente em seu topo apontam para uma sociedade em aprofundamento do capitalismo e a necessidade de vender, anunciar e se fazer ver na cidade com cada vez mais opções de lazer e consumo.

Figura 5 Anúncio da Manteiga Aviação no Edifício Martinelli, em 1929. Disponível em: <http://www.prediomartinelli.com.br/fotos/20/q.gif>. Acesso 13 nov. 2017.

Esse perímetro central – o Triângulo que tanto cita o cronista do jornal *O Estado de S.Paulo* – foi palco das mais variadas reformas urbanas. Da construção de praças e edifícios aos estabelecimentos comerciais, parecia que tudo acontecia ali. Em 1926 o cronista se mostra preocupado com o futuro da paisagem urbana de São Paulo:

-Sim, disse elle, dentro de cinco anos o Theatro estará enterrado ou emparedado, o que é peor. S. Paulo gastou uma fortuna para construir o seu melhor e mais grandioso monumento urbano, criando uma perspectiva única no centro da cidade, e vae consentir agora ao aniquilamento dessa perspectiva e no soterramento do Theatro. Essa destruição da admirável perspectiva do Municipal coincide, entretanto, com a demolição de dois andares do Hotel Astoria, nos Campos Elyseos, decretados pelo Conselho de Estado em Pariz, porque essa construção prejudicava a perspectiva do Arco do Triumpho.

- E a praça da Sé?

- Vae se dar alli o mesmo que se ve e prevê no Municipal. S. Paulo gastará vinte ou trinta mil contos na sua Cathedral, e quando ella estiver concluída, os arranha-ceus da praça terão esmagado o seu perfil como as pobres egrejas de Nova York, verdadeiros anões ao lado dos desgraçados tubos de pedra e cimento que enchem a grande cidade americana.

- É então contra os arranha-ceus?

- Não sou inteiramente contra eles, mas seria preciso limitar-lhes o ambiente. Nunca deveriam ultrapassar os limites do triangulo, salvo em algumas ruas baixas do centro, que são como a continuação da City paulista.

O nosso interlocutor tem grande enthusiasmo por um terraço que, contornando os fundos dos prédios da rua da Boa Vista, ligue o Largo de S. Bento ao viaducto da Boa Vista:

- A questão do transito no triangulo, diz elle, só poderá ser resolvida pela construção da rua em forma de terraço sobre a Varzea do Carmo, contornando os fundos das casas da rua da Boa Vista, conforme propus em 1922. Esse terraço será uma das soluções para o actual excesso de trafego da rua Direita. Uma vez construído o terraço, das casas da rua da Boa Vista abrirão suas portas e galerias sobre essa nova via e bem depressa as confeitarias, os cafés, 'brasseries', lojas de modas e de joias, attrahirão a concorrência elegante, descongestionando em parte as ruas Direita e 15 de Novembro. O terraço, como é fácil de ver-se hoje pelo actual Frontão, poderia começar na rua Florencio de Abreu e desembocar no futuro viaducto da Boa Vista, como um complemento deste. Que belas tardes se poderá gosar desse novo logradouro, vendo-se o parque Pedro II em baixo e ao longe o Ipiranga! (OESP, 02 out. 1926, p.4).

Muitas são as construções de São Paulo datadas do final do século XIX ou início do XX. Elas são marcas dessa transição de experiência urbana e o Theatro Municipal é uma delas. Inaugurado em 1911, destacava-se na paisagem urbana por sua arquitetura suntuosa e específica. A previsão da crônica é catastrófica: aos poucos, com a permissão para construção de arranha-céus por todo o Triângulo Central, edificações como estas não teriam mais destaque na paisagem pois seriam solapados pelos altos prédios.

O *Guia do Estado de São Paulo* (FONSECA, Antonio; NOGUEIRA, dr. J.F. Melo, 1920, s/p Apud TOLEDO, 2015, p.204-205), citado por Toledo, aponta para o destaque dado à área central da capital, ao produzir indicações do que ver, visitar e consumir aos turistas que passassem pela cidade.

Entre os passeios a pé, recomendava começar pelo Largo do Palácio (pátio do Colégio) – lugar ‘habitualmente silencioso, só frequentado pelo mundo oficial.’ De lá, o turista, ou melhor, touriste – seguiria pelas ruas do Triângulo, ‘onde estão situados os mais importantes estabelecimentos comerciais, como os grandes bancos nacionais e estrangeiros, casas de câmbio, agências de vapores, casa de moda e joias finas’. Ao passar pela rua Libero Badaró, ‘incontestavelmente a mais bela da cidade, quer pelo seu traçado como pela estética de suas construções’, teria a oportunidade de lançar os olhos à ‘moderna avenida São João, asfaltada e arborizada da praça Antonio Prado até o Largo do Paissandu’”.

Esta narrativa da cidade produzida para turistas demonstra a preocupação em mostrar a cidade moderna, imersa no processo civilizador e higienista, próprios dos novos tempos de República. Eram as ruas do Triângulo os locais certos para se encontrar o melhor do comércio que São Paulo tinha a oferecer, destacando-se não apenas como um local de compras, mas também como espaço de sociabilidades.

Com muita brevidade se instala uma rotina de hábitos elegantes ao longo de toda cidade, que ocupava todos os dias e cada minuto desses personagens, provocando uma frenética agitação de carros, charretes e pedestres, como se todos quisessem estar em todos os lugares e desfrutar de todas as atrações urbanas ao mesmo tempo. Já o dia não bastava para tanta excitação; era necessário invadir a noite, cuja fruição os novos lampiões a gás e as luminárias elétricas do comércio convidavam (SEVCENKO, 2003, p.53).

É, portanto importante destacar que, é nesse mesmo perímetro urbano que tanto o jornal *O Estado de S.Paulo* como os principais restaurantes, confeitarias, cafés e sorveterias estão situados, como é possível verificar nos anúncios e crônicas do jornal. Ainda segundo Toledo e o *Guia do Estado de São Paulo* (FONSECA, Antonio; NOGUEIRA, dr. J.F. Melo, 1920, s/p Apud TOLEDO, 2015, p.204-205) a Praça Antonio Prado configurava-se como destaque na cidade, pois além de ser o centro comercial e bancário “Sediava as redações dos dois principais jornais, *O Estado de S.Paulo* e *Correio Paulistano*, além das mais concorridas confeitarias”. (TOLEDO, 2015, p.205).

Figura 7 Praça Antonio Prado, 1916

Fonte: Disponível em:
<https://i.pinimg.com/originals/b5/6c/82/b56c82a993720a7486fb402455c92eab.jpg> Acesso em: 10 dez. 2017.

Figura 6 Sede do Jornal O Estado de S.Paulo na Praça Antonio Prado

Fonte: Disponível em:
<http://www.saopauloantiga.com.br/po-r-dentro-do-estado/> Acesso em: 10 dez. 2017.

A cidade sem passado era divulgada nos jornais, a partir do anseio pela modernidade e o novo impunha o tom desses novos tempos. A nova cidade, cujo passado foi colocado no esquecimento pelos prédios, arranha-céus, comércios e dinamismo, colocou novas formas de identificação ao paulistano, que aos poucos tentava traduzir os signos desse novo espaço. Os hábitos urbanos foram se construindo pouco a pouco. O tempo da urbe é outro, e tomar as ruas, fazer delas um espaço praticado, era o tom desses novos tempos. E aos poucos “A rua se afirma como espaço do povo – esse novo agente social, que irrompe na agenda dos estadistas republicanos”(SCHWARCZ, 2012, p.28).

A rua não era mais somente o lugar do trabalho, mas apresentava-se como uma opção de lazer e divertimento, tendo em vista todos os espaços de sociabilidades e entretenimento que apresentava.

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. (...) Sob o epíteto genérico de ‘diversões’, toda uma série de novos hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana. esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinema, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões(..) (SEVCENKO, 1992, p. 33).

Tais hábitos, mesmo que já fizessem parte do cotidiano dos paulistanos, ganham um “efeito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural” (SEVCENKO, 1992, p.34). É a formulação de um novo estilo de vida. Isso pode ser verificado nas novas casas comerciais como o *Mappin Stores*. Este tipo de comércio só foi possível a partir de dois fenômenos:

Nas origens, porém, elas obedeceram a dois fenômenos viriam a ter larga repercussão na vida moderna, um relacionado com a atividade comercial em si e outro com a configuração das cidades. [...] um é a perda da rigorosa especialização. [...] simultaneamente ocorria o segundo fenômeno que proporcionaria o nascimento das grandes lojas: o desenvolvimento dos transportes coletivos e a consequente consolidação da tendência para a concentração do comércio no centro das cidades (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.26).

Inaugurada em 1913, na esquina da Rua São Bento e a Rua Direita, centro de São Paulo, a primeira loja de departamentos – *Mappin Stores* - aparece no jornal como um dos principais anunciantes. Além dos produtos à venda, possuía salão de chá, onde era servido o *five o'clock tea* e restaurante que estava aberto todos os dias. Esse tipo de consumo, próprio da experiência metropolitana, fez com que a burguesia paulistana tivesse acesso a esse novo mundo de consumo e distinção social. Se muitas novidades chegavam a São Paulo nesse período, boa parte delas apresentava-se via *Mappin Stores*:

Hoje converteu-se em fato banal as grandes lojas anunciarem na imprensa. No começo do século, porém, nem todas o faziam e, quando isso acontecia, nunca foi de forma tão maciça e sistemática como o Mappin. Foi o Mappin que introduziu, como política, o anúncio nos jornais, e o anúncio diário, fosse inverno ou verão, fizesse sol ou chovesse. Da mesma forma, também pode ser banal hoje, o pedido por correio ou por telefone, e a entrega a domicílio. Também foi o Mappin que introduziu essas novidades como formas sistemáticas e permanentes de vendas (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.68).

Um dos principais – se não o principal – anunciantes do *O Estado de S. Paulo*, a empresa esteve diariamente nos jornais através de seus anúncios.

Figura 8 Anúncio Mappin Stores. Fonte: OESP, 24 out. 1919 p.6

Figura 9 Anúncio Mappin Stores. OESP, 04 nov.. 1919 p.7

**GRANDE EXPOSIÇÃO DE NOVIDADES
PARA O VERÃO**

Nunca conseguimos expôr uma tão linda reunião de Artigos de Moda, importados de Pariz, como fazemos hoje nos nossos bellos salões do primeiro andar.

Convidamos as exmas. senhoras para visitar estas exposições, livremente e sem obrigação de comprar, pois estamos certos que ficarão encantadas com o "ensemble de vrai chic" que apresentam as nossas secções esta semana.

A COLLECÇÃO DE VESTIDOS "LINGERIE", merece especial atenção, pois, além de serem modelos originaes, os preços são extremamente modicos, regulando entre 150\$000 e 300\$000.

VESTIDOS DE PASSEIO, em bellissimas sedas, com toda a "allure" que caracteriza os modelos francezes, em grande variedade, desde 220\$000.

Manteaux - Robes de Bal — Chapéus — etc., etc...

Restaurante e Tea Room
Lembramos ás exmas. senhoras que servimos excellentes e variados "lunchs" no restaurante, das 11 ás 13 horas e tambem que os "thés" de "five o' clock" fornecem um agradável descanso nos intervallos das compras.

Mappin Stores RUA S. BENTO
Esquina
RUA DIREITA

O caso do *Mappin Stores* é importante para que se perceba o processo de aburguesamento e a mudança nos hábitos dessa camada da população. Lojas como ela se caracterizam não só por ser um espaço de comércio como também de sociabilidades. O primeiro anuncio apresenta a loja de departamentos como um lugar para refeições, servindo almoço inglês, das 11 às 13 horas. É uma porta de entrada para, além de almoçar, conhecer a casa e os artigos comercializados lá. O almoço inglês em destaque já aponta para os estrangeirismos bem quistos entre a elite paulistana. Ser moderno é estar no mundo, sem fronteiras nacionais, e no

tom dos hábitos de grandes metrópoles europeias e norte-americanas. Já o segundo anúncio, mais elaborado, apresenta toda sorte de artigos à venda, como vestidos e chapéus, também à moda europeia, como é possível verificar através da escolha de palavras como *Manteaux*, e *esemble de vrai chic* e na atenção aos “artigos de moda, importados de Pariz”, e aos vestidos de passeio em modelos francezes”. Sobre eles cabe destacar que foram impulsionados pela imigração francesa na cidade, que apresentava “uma característica peculiar: entre eles emigravam mais mulheres do que homens. Tratava-se de costureiras ou chapeleiras que, uma vez bem-sucedidas, acabavam por transformar seus pequenos ateliês em lojinhas para a elite” (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.34). O uso da linguagem estrangeira está presente também no destaque aos almoços, ou *lunch*, e aos *five o'clock tea*, servidos no Restaurante e *Tea Room*. O *Mappin Stores* trouxe para São Paulo um mundo de novidades, dentre elas as vitrines:

E ainda havia mais: as vitrines que, dispostas ao longo de todo o andar térreo da loja, constituíam uma absoluta novidade em São Paulo. De fato, até então, o comércio da cidade se limitava a empilhar as mercadorias à porta, como melhor maneira de exibi-las à clientela (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.64).

A exposição de objetos de consumo, o apelo convidativo aos transeuntes modificou o comércio de São Paulo. Se muitas das casas comerciais dispunham suas mercadorias de forma desordenada, a partir do início das vitrines do *Mappin* muitos outros seguirão o exemplo, fazendo da vitrine uma forma de construir demandas de consumo.

O crescimento urbano de São Paulo é emblemático no período, e marcado pelos ideais de progresso e civilização. De acordo com Lilia Schwarcz (2012, p.32), “Não por acaso, a rua se converteu em local privilegiado, recebendo a moda, o footing, a vida social”. O comércio se ajustava às normas burguesas a fim de se enquadrar ao projeto geral de civilidade, desenvolvimento e modernidade.

A cidade de São Paulo estava, portanto, imersa num processo de se tornar metrópole. A onda reformistas tomou as cidades pelo Brasil, especialmente as capitais, que, no início do século XX, pareciam grandes canteiros de obras, em cidades planejadas, remodeladas e urbanizadas. Em São Paulo, por exemplo, cabe destacar os bairros de Campos Elíseos, e Higienópolis, ambos loteados no final do século XIX e que em seus nomes carregam símbolos da modernização. O primeiro numa evidente alusão à Champs Élysées, avenida central parisiense, e o segundo ao Higienismo, política pública levada à cabo desde meados do século XIX.

2.2 TRANSFORMAÇÕES URBANAS

A cidade surgia assim reformada – de forma física e moral – ao mesmo tempo que se tornava mais corriqueiro questionar a existência de uma só via que levaria à civilização. Palco do conflito, a cidade era agora personificada pelas assim chamadas ‘camadas perigosas’, pelo movimento de reação ‘dos de baixo’, ou ainda pelo ‘barulho e mobilização das multidões’ (SCHWARCZ, 2012, p.22).

A cidade foi, portanto, palco do processo de modernização, mas também dos questionamentos sobre esse caminho progressista. Palco da diversificação do comércio e do questionamento do capitalismo⁴⁷ entrando a passos galopantes no país.

O documentário *Entre Rios* explica o processo de urbanização da cidade relacionado ao tratamento dos rios, notadamente o Rio Tamanduateí. Os trilhos dos trens que passam pela cidade e que tem na *Estação da Luz*⁴⁸ um marco modernizador alteraram profundamente a relação da cidade – e sua população – com os rios. Estes rios, portanto, tornaram-se obstáculos ao crescimento das cidades. “A construção do Viaduto do Chá sobre o Vale do Anhangabaú foi o primeiro marco de superação às barreiras que os rios impunham à cidade. ” (ENTRE RIOS, 2011), ligando o centro velho aos novos bairros como Campos Elíseos e Higienópolis.

⁴⁷ O capitalismo pode ser compreendido como um sistema econômico, político, social e cultural complexo, mas que segue como modelo em boa parte do mundo ocidental. Como proposta de organização social e econômica moderna, o capitalismo passou por diversas fases – desde o início do mercantilismo, por exemplo, até os nossos dias. No Brasil neste início de século XX, entende-se que há um aprofundamento do capitalismo, pela forte economia cafeeira de exportação, importação de outros produtos, pela importância dos bancos e do comércio internacional e pela chegada de produtos de consumo, que alteram as formas de viver de homens e mulheres comuns. Cf: SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴⁸ A Estação da Luz foi um importante marco da modernização de São Paulo, pois além do transporte de passageiros servia também para escoamento da produção do Estado. Construída em meados do século XIX, foi no século XX que ganhou os contornos e a estrutura que apresenta até os dias de hoje. Tem forte influência inglesa, tanto na arquitetura como na forma como era chamada no início do século XX: São Paulo Railway Station. Diversas são as críticas feitas pelo autor de *Coisas da Cidade* dirigidas à inglesa, como ele chamava a Companhia.

Figura 10 Viaduto do Chá entre fins do século XIX e início do século XX.
 Fonte: Disponível em: <https://theurbaneearth.wordpress.com/2013/08/26/o-viaduto-do-cha-de-jules-martin/> Acesso em: 10 dez. 2017.

Depois de canalizados e dominados os rios não representavam mais ameaças ao processo de modernização, e assim, parques como o do Anhangabaú foram obras possíveis de se concretizar.

A Primeira República no Brasil ficou conhecida pelo seu tom reformista. O papel dos engenheiros e arquitetos ganham protagonismo nesse contexto, junto aos médicos. Para Schwarcz (2012, p.36) a época

também ficou conhecida pelo nome de regeneração, quando se alterou o perfil das grandes urbes brasileiras, privilegiando uma nova conformação arquitetônica e urbanística à moda francesa do barão de Haussmann, e se tratou de expulsar a pobreza dos centros urbanos.

O modelo de Haussmann⁴⁹ nas reformas de Paris foi tomado como exemplo em terras brasileiras. As reformas do centro do Rio de Janeiro, com o alargamento de ruas, construção da Avenida Central, do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional e da Escola de Artes e Ofícios (Hoje Museu de Belas Artes), marcam na pedra a modernização pretendida. São Paulo passa

⁴⁹ As reformas de Haussmann em Paris em meados do século XIX serviram como modelo de organização urbana para várias outras cidades do mundo. Assim, as reformas urbanas pelas quais importantes capitais brasileiras passaram no início da República estiveram baseadas neste modelo: alargamento de ruas e avenidas, construção de *boulevares*, ajardinamento, afastamento da população pobre dos centros reformados. As intencionalidades eram diversas. Além de uma proposta de embelezamento, a cidade moderna nestes moldes possibilitava um maior controle dos movimentos contestatórios. Cf: BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

por processo semelhante com a construção de Avenidas, praças e parques, seguindo as necessidades higienistas do período. É o caso do Parque do Anhangabaú e da Avenida Paulista. Follis (2004, p.27) destaca que

Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, no entanto, o crescimento da urbanização e a ampliação das funções urbanas e da influência da cultura europeia – especialmente da francesa –, em razão da consolidação da ordem neocolonial, provocariam uma grande transformação em várias cidades brasileiras, sobretudo naquelas de crescimento emergente: a capital federal, as mais importantes capitais estaduais e cidades portuárias, e os centros urbanos do Oeste Paulista que concentraram e orientaram sua economia para a produção de café, principal produto brasileiro de exportação na época.

Mas, ao passo que a modernização parecia ter pressa e o tempo era sentido de forma cada vez mais acelerada, a cidade era um palco de disputa por representações e sobrevivência. Com o fim da escravidão, novas relações de trabalho vão emergindo na cidade em construção e assim

O crescimento acelerado gerava moradias irregulares e figuras populares inusitadas transitavam pela cidade – a preta-mina cozinheira, os engraxates mestiços, os carregadores, as doceiras, os capoeiras, os vendedores de leite em domicílio, o baleiro ou o cura a oferecer proteção. Todos conviviam com uma nova burguesia que aos poucos se separava do campo e tinha agora nas cidades seu quartel-general (SCHWARCZ, 2012, p.36).

Para as classes mais abastadas – notadamente aquelas que passavam pelo processo de aburguesamento por meio da escola, base da República – o tom era bastante otimista em relação às transformações experimentadas no início do século XX.

Mas, se havia muita dúvida no ar, a atmosfera geral era de euforia, assim como pairava a certeza, por parte das novas elites que ascenderam com a República, de que o Brasil ‘andava a braços’ com os novos ditames do capitalismo, do progresso e da civilização. Não por acaso o novo regime inscreveu na bandeira da nação os dísticos ‘ordem e progresso’, refletindo não só sua filiação ao positivismo como a noção de que o progresso era certo, único, derradeiro, evolutivo e ordeiro. grande utopia desse momento, dado a máquinas voadoras e a projetos amplos e abrangentes de higienização. Civilização e controle eram as palavras de ordem do período, que vivenciou a globalização mundial e um dinamismo jamais experimentados (SCHWARCZ, 2012, p.36).

Essa experiência transforma os jornais e seus funcionários em peças importantes do processo civilizatório. As dificuldades de algumas casas comerciais em se adequar aos novos tempos aparecem nas escritas dos periódicos. Notas sobre as escolas, as reformas, os restaurantes e todo tipo de eventos ou novidades ficaram registradas nas páginas dos jornais, pelo cronista de olhar

apurado e crítico ao processo de modernização, como é possível perceber no texto intitulado *Hygiene nos Restaurantes* publicado em primeiro de fevereiro de 1920, em que já na primeira frase destaca e afirma que “Ninguém contesta o adiantamento a que atingiu a hygiene em São Paulo” (OESP, 1 fev. 1920, p.7). O cronista prossegue

Não obstante muitas coisas existem ainda por aqui, nocivas à saúde pública, e para as quaes precisamos, de vez em quando, chamar a atenção de nossas autoridades sanitárias.

Já não são muito bons os nossos principais restaurantes e hotéis, estando, uns e outros, muito longe dos estabelecimentos congêneres de segunda ou de terceira ordem, da Europa ou dos Estados Unidos, ou mesmo de Buenos Aires. Se, ao café (em geral, intragável) já não tiver um bom ‘stock’ de noções acerca da deficiência de hygiene, verá, ao pagar a conta, uma coisa gravíssima, que não sei como se consente e tolera nesta grande cidade. o ‘garçon’ traz o troco, sejam notas ou moedas, num prato comum, que ao mesmo instante, sem se lavar, vão servir para o ‘couvert’ de um novo comensal.

O trecho da crônica acima transcrita aponta para o incômodo daqueles que desejavam ver concluído o processo civilizatório. A substituição das antigas casas comerciais por locais mais adequados à vida moderna se mostrava uma questão urgente a ser resolvida, e essa demanda aprecia nas páginas dos jornais, na escrita daqueles que observavam o cotidiano do prédio do jornal e transformavam-no em palavras nas crônicas da cidade. Mesmo com os notáveis incômodos São Paulo foi palco da construção de mudanças nos hábitos comuns, desde o caminhar pelas ruas, comer fora de casa, até a utilização de automóveis, como bem aponta Lilia Schwarcz. (2012, p.39) “Os novos cenários urbanos com seus senhores e senhoras vestidos à última moda de Paris, automóveis, edifícios, restaurantes, teatros, lojas variadas e todo tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que pareciam ter pressa”.

A experiência da modernidade é abordada por Marshall Berman (2007,p.24) em *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Ao entrar em contato com as escritas de jornais da década de 1920 em São Paulo é perceptível como os indivíduos estavam imersos nessa experiência com grandes expectativas em relação ao futuro.

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiência como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promova aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

O turbilhão da vida moderna, experimentada pela sensação de aceleração do tempo, pela pressa do relógio, pelo transporte e comunicação cada vez mais velozes nos dá indícios de que “No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se ‘modernização’” (BERMAN, 2007, p.25).

Os estudos de Marshall Berman são fundamentais para compreensão da cidade moderna. Ao estudar os escritos de Baudelaire o autor se depara com um indivíduo imerso na modernidade, e afirma que o literato pode ser considerado o primeiro modernista: “Baudelaire nos mostra algo que nenhum escritor pode ver com tanta clareza como a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos” (BERMAN, 2007, P.177). A cidade de Paris narrada por Baudelaire tem traços parecidos com Rio de Janeiro e São Paulo do século XX. A capital francesa e suas reformas urbanas com Haussmann foram exemplares para as reformas ocorridas nas capitais brasileiras. Os bulevares são exemplos disso.

Os bulevares de Napoleão e Haussmann criaram novas bases – econômicas, sociais, estéticas – para reunir um enorme contingente de pessoas. No nível da rua, elas se enfileiravam em frente a pequenos negócios e lojas de todo os tipos e, em cada esquina, restaurantes com terraços e cafés nas calçadas (BERMAN, 2007, p.181).

Mais do que as transformações na pedra – no calçamento de ruas, construção de praças e alargamento de ruas – é possível perceber que os hábitos cotidianos foram se transformando ao passo que as modificações na estrutura urbana foram se solidificando. Os anseios de uma vida nova, com outras sociabilidades, padrões de consumo e progresso foram vislumbrados e trazidos à tona nas páginas dos jornais. Jornalistas têm, portanto, papel fundamental na formulação de um ideal de civilidade propagandeado por escrito nas crônicas e anúncios impressos.

O aprofundamento do capitalismo no Brasil do início do século XX é evidente na diversificação do comércio, na intensificação das atividades industriais entre outros fatores. Para entender tais questões é importante notar o cenário de transformações em meio a República recém estabelecida. Se pensar as modificações urbanas é pensar também as novas demandas nas relações de trabalho, em meio ao fim da escravidão e à mão de obra imigrante europeia, faz-se igualmente necessário refletir sobre a formação de uma burguesia, à época em ascensão. A noção de *burguês* é bastante móvel. Se para as classes trabalhadoras estes seriam seu patrão, ou pessoas com maior poder aquisitivo, para uma aristocracia o burguês era aquele caracterizado como *novo rico*, que tem dinheiro, mas ainda não refinou o gosto. (SILVA, 2010). Assim, não só as classes populares passaram pelo processo civilizatório. Este foi fomentado

também para essa nova burguesia, que tinha acesso às benesses das modernidades, mas ainda apresentava dificuldades em se portar conforme as normas de sofisticação e bom gosto. Expressões como *o dinheiro trocou de mãos* são datadas deste período, quando homens e mulheres com prestígio e poder no império vão perdendo espaço para novas figuras que passam a acumular capital e se destacar na política, no comércio e na sociedade como um todo.

Há, portanto, neste período, a formulação de gostos e sensibilidades próprios da vida moderna e urbana. Eles demonstram não só novos padrões estéticos, como o refinamento do gosto – seja para as artes, para o vestuário ou mesmo para a alimentação – que se apresentam como formas de distinção social, que atua como uma forma de definir o pertencimento a uma classe ou grupo social a partir da partilha de gostos e formas específicas, como onde e como se vestir, comer ou circular pela cidade. Essa forma de definir grupos mostra que “O dissenso estaria presente também nos jornais, na literatura, que apontavam para as novas estratificações urbanas e para a formação de grupos outrora integrados ou não evidentemente isolados” (SCHWARCZ, 2012, p.22).

Neste sentido, a partir dos estudos dos hábitos alimentares do comer na cidade dados a ler nos jornais é possível mapear a construção do ser burguês, ou, a formulação de uma nova burguesia. Este processo é fundamental para o entendimento de uma República moderna e o conceito de modernidade é central, pois, por meio das análises das crônicas e anúncios, é possível perceber uma nova forma de vida nas cidades, como São Paulo, e, desta forma, o entendimento de espaços públicos – e como a ideia de tomar o espaço público muda a relação com a cidade no século XX.

Assim, o entendimento de um *processo civilizador*⁵⁰ no início do século XX é o que se pretende estabelecer nesta tese. A intenção é, portanto, pensar a cidade e seus habitantes em meio a este processo, levando em consideração uma noção de modernidade então em voga ao pensar a República no Brasil. O novo, as transformações e mudanças são elementos fundamentais para se pensar o início de um novo sistema político que se faz sentir também nas formas de vida, nos processos econômicos, culturais e sociais das pessoas comuns. Cabe aqui perceber o autor de *Coisas da Cidade* como um agente deste processo, atuando como mediador na internalização de hábitos e valores próprios da experiência urbana na década de 1920.

O estudo desses mecanismos de integração, porém, também é relevante, de modo mais geral, para a compreensão do processo civilizador. Só se percebermos a força irresistível com a qual uma estrutura social determinada,

⁵⁰ Processo civilizador é uma categoria desenvolvida por Norbert Elias (1993) em obra com mesmo nome. Entende-se que esse processo é complexo e se expressa de diversas maneiras, dentre elas a distinção social e a formação do gosto, conforme será abordado nos capítulos seguintes.

uma forma particular de entrelaçamento social, orienta-se, impelida por suas tensões, para uma mudança específica e, assim, para outras formas de entrelaçamento, é que poderemos compreender como essas mudanças surgem na mentalidade humana, na modelação do maleável aparato psicológico, como se pode observar repetidas vezes na História humana, desde os tempos mais remotos até o presente (ELIAS, 1993, p. 195).

Norbert Elias em sua obra *O Processo Civilizador* mostra de que forma o processo passa do controle social ao autocontrole e como que esses mecanismos interagem a ponto de construir uma noção sobre o que é ser civilizado.

Ser moderno é, portanto, ser civilizado e, no Brasil, esses padrões aparecem relacionados à Europa e aos Estados Unidos. O estrangeirismo presente aqui ainda na década de 1920 fica evidente em alguns anúncios de jornais. A publicidade é fonte fértil para construir a narrativa histórica, remontar espaços hoje inexistentes e experiências de tempos passados. Assim, a cidade e seu comércio estão intimamente relacionados, e os padrões de civilidade europeia aparecem não só nas construções e edificações como também no mais comum e ordinário dos hábitos – comer.

Figura 12 Anúncio da Confeitaria Suissa. OESP, 25 fev. 1922 p.2

Figura 11 Anúncio do Restaurante Harrison&Morris. OESP, 12 jan. 1920 p.1

Figura 13 Anúncio do Restaurante Anglo-Americano. OESP, 16 abr. 1926, p.7

Figura 14 Anúncio Central Hotel. OESP, 18 mar. 1926, p.12.

Os anúncios aqui apresentados têm em comum a necessidade de trazer por escrito seus atrativos como o *english cooking* e sua cozinha internacional, ou o Restaurante de primeira ordem à Europa e à Oriental. A publicidade do restaurante Harrison&Morris é emblemática, pois está apresentada toda em língua inglesa, trazendo o internacional como forma de diferenciação de seu estabelecimento comercial. Da mesma forma a Confeitaria Suíça disponibilizava produtos para entrega em domicílio durante o carnaval, antevendo um sistema de *delivery* tão comum nas metrópoles do mundo hoje. É esse incômodo entre o ser e o querer ser que aparece nos dois tipos de escrita de jornal aqui analisados. Se as crônicas como observatório do cotidiano criticam os espaços destinados ao comer e ao beber, os anúncios apontam que estes estavam preparados e luxuosamente montados para receber os viventes da urbe paulistana. O desconforto do cronista pode ser sentido pelo seu desejo urgente em transformar o comum. Mas, um processo ainda não finalizado aponta que as transformações urbanas de São Paulo expulsaram as classes perigosas⁵¹ do espaço do Triângulo Central para construir a tão sonhada metrópole moderna. Porém, as camadas populares que, com seus ofícios, saberes e práticas, integravam também a cidade, ficavam próximas, não muito longe dali. A cidade não era, portanto, o lugar apenas da nova burguesia e da elite paulistana. A cidade é lugar do povo, como bem aponta Lília Schwarcz. O incômodo e o desconforto se dão, portanto, pelo convívio ambíguo da higiene das praças e ruas arborizadas com toda sorte de indivíduos que fizeram de São Paulo seu lugar no mundo.

De acordo com o *Guia do Estado de São Paulo* estudado por Toledo era recomendado ao visitante da cidade descer à Rua Vinte e Cinco de Março, por exemplo, “para sentir, em contraste com a elegância do Triângulo, a vida das classes populares.” (TOLEDO, p.205).

⁵¹ Entende-se por classes perigosas aquilo que definiu Sidney Chalhoub: aqueles que de alguma forma ameaçavam o progresso imaginado. Cf: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

2.3 JORNAIS E CIDADE

Entendendo os jornais como uma construção de muitos autores – redatores, jornalistas, cronistas, repórteres, fotógrafos, anunciantes e romancistas – vê-se a pluralidade que pode ser encontrada numa mesma edição. Percebendo os pormenores que cada tipo de texto apresenta é possível então produzir uma narrativa que priorize, para além das informações encontradas nestes textos, sua organização, suas condições de produção e os diferentes tipos documentais que se apresentam num mesmo periódico. Estudar o papel da imprensa numa cidade como São Paulo é relacionar as atividades comerciais às atividades intelectuais, como bem apontam Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins (2006, p.39)

Tempo, espaço, velocidade e técnica potencializadas permitiram crescimento no setor, ainda que num país sem tradição editorial, mas cuja capital da República, cosmopolita, esforçava-se por juntar-se à vanguarda do jornalismo. País onde, repentinamente, brotara um empório comercial vigoroso – a cidade de São Paulo e algumas capitais do país – engrenagens que punham em funcionamento os recursos viabilizadores de crescimento, testemunhados por uma imprensa vivaz.

Jornais são escritos para serem lidos ao sabor do dia-a-dia, em meio às atribulações diárias. Desta forma um mesmo documento, o jornal, pode ser analisado a partir das variadas formas de escrevê-lo (crônicas, reportagens, editoriais, publicidades). Ainda que as taxas de analfabetismo fossem muito altas no período, os periódicos apresentam o cotidiano por escrito, pois os periódicos, produtos do correr do dia, trazem em suas linhas eixos de sociabilidade, eixos políticos, gostos incentivados, opiniões culturais e problemas sociais expostos.

A imprensa periódica, especialmente a diária, apresenta características de uma sociedade: são formas de viver, de comer, de fazer política ou música num dado tempo e espaço. Eles nos dão a ler aspectos culturais e sociais e trazem em seus escritos maneiras de perenizar o cotidiano. Arquivar o cotidiano é tarefa das mais difíceis, pois este está situado no campo do efêmero, do passageiro. Antigos periódicos custodiados por arquivos públicos ou bibliotecas são, portanto, janelas abertas para um passado, que nos apresentam o cotidiano a partir de diferentes óticas.

A imprensa mais profissionalizada passou a figurar como segmento econômico polivalente, de influência na melhoria dos demais, visto que informações, propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam outros circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz – veículos de palavra impressa – potencializavam o consumo de toda ordem (MARTINS; DE LUCA, p.38, 2006).

A partir dos jornais é possível mapear um cotidiano que não se faz mais presente. Em meio às escritas mais comuns como as crônicas, pode-se perceber as demandas da cidade em seu dia-a-dia, as reformas que ocorriam na cidade, as novidades que ali chegavam, as novas construções, ou seja, é possível mapear o movimento de uma cidade com vida. Para o historiador é um movimento de “representar o já representado, re-imaginar o já imaginado. Nessa medida, imagens e textos são – para ele – fontes sobre as quais vai colocar suas questões” (PESAVENTO, 2002, p.11). Foi possível pensar nos escritos de alimentação presentes nestes periódicos como temática de análise, tendo em vista que aparece nos periódicos sob diferentes formatos. Com a intenção de pensar o cotidiano, vindos das páginas dos jornais, pensar a alimentação, como prática deste cotidiano prescrito apresenta-se como fértil recorte, pois auxilia a comprovar o trânsito do cronista no debate público e a sua preocupação com um processo civilizador em curso, de aprofundamento das distinções sociais, muito presentes nas crônicas de *Coisas da Cidade*.

Os meios impressos são documentos importantes para se observar inúmeras questões, e dentre elas as construções do gosto, propaganda das novas formas de ser e agir ganham destaque. Jornais como *O Estado de S. Paulo* apresentam visões sobre uma cidade alvo de reformas modernizantes, seja no espaço urbano, ou nos gostos e nas maneiras de viver, e por isto optou-se como recorte espacial a cidade de São Paulo entendendo esta como centro irradiador destas novas formas de vida no país. Mudar era preciso, mas era igualmente necessário apresentar as modificações e o meio escrito diário foi o escolhido para tal atividade. Para Nicolau Sevcenko (2001, p.17), o problema reside no ritmo das mudanças, pois “nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais”. Esta sensação de estar no *loop da montanha russa*, como afirma o autor, e desta forma não ter o tempo para perceber a mudança parece ter acontecido no início da República no Brasil.

Jornais foram, durante todo o século XX, um dos principais meios de comunicação, nos quais é possível encontrar desde reportagens que constroem acontecimentos até elementos que auxiliam na reconstrução, por parte da História, do cotidiano das cidades e do país, pois, de acordo com Pierre Nora (1979, p.182), “os *media* transformam em atos aquilo que não teria sido senão palavra no ar”, e desta forma, os periódicos apresentam-se como documento útil para análises que busquem verificar tais atos do passado. Não fosse o registro por meio da imprensa periódica seria mais dificultoso buscar mapear os hábitos sociais, as formas de diversão e lazer ou mesmo as percepções sobre o processo de modernização vivenciado por São Paulo no período em questão.

No início do século XX, os jornais foram utilizados para divulgar e discutir propostas de governo, propagandar novos produtos e locais de sociabilidade, bem como hábitos a serem adquiridos com as reformas sociais e urbanas ocorridas no Brasil no período. Assim, a proposta aqui presente julga que os jornais desta época, tais como *O Estado de S. Paulo* são documentos que dão a ler elementos que auxiliaram na construção das demandas sobre as sociabilidades burguesas e os diferentes espaços da cidade próprios para o consumo de alimentos.

Anúncios estão bastante presentes nestes jornais. Com eles é possível reconstruir os locais de sociabilidade, bem como mapear algumas reformas urbanas próprias à época, notadamente pensando nos lugares da alimentação nesta nova cidade que se desenha com o século XX. É preciso ainda pensar nas modificações ocorridas nas formas de divulgar produtos e lugares. No início do século XX é possível perceber algumas mudanças neste tipo de comunicação. Neste primeiro momento, ainda na década de 1920, os anúncios encontrados nos jornais são apenas escritos, e poucas foram as vezes em que se recorreu ao uso de imagens, que passam a ser tão comuns nas décadas seguintes. As imagens passam a povoar a publicidade, modificando assim as formas de divulgar e oferecendo à leitura – tanto do texto como das imagens – novos elementos, e assim “sobreviver da pena implicava em transitar pelo mundo da publicidade” (DE LUCA; 2010, p. 124). Ainda é possível compreender as modificações nos formatos dos jornais pelas publicidades, entendendo que “o advento da ilustração foi essencial para o impulso e a diversificação do impresso periódico” (DE LUCA; 2010, p. 134). As ilustrações nos dão a ler, também, o crescimento de um público leitor, como o público feminino, e também da escolarização no país, que gradativamente vai aumentando a procura pelos materiais impressos, e dessa forma, foram necessárias algumas modificações em seu formato, tais como a inclusão de ilustrações nas páginas dos jornais, deixando-os mais sedutores. Os anúncios são também importantes testemunhos do passado. Auxiliam no conhecimento de produtos, serviços, eventos e também dos novos hábitos experimentados na cidade. São restaurantes, cafés, confeitarias, hotéis, que fazem parte de uma cidade em processo de modernização.

Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006, p.4) destacam que há uma grande diferença entre *propaganda* e *publicidade*, sendo que a primeira possui características ideológicas, enquanto a segunda é própria da experiência capitalista. A publicidade passa então a ser crucial para a atividade jornalística no país. A relação cidade, comércio e publicidade fica bem evidente no decorrer desta pesquisa. Com a intensificação das reformas urbanas, a nova promessa de modernidade, o capitalismo crescente e as atividades periódicas intensificadas, a publicidade ganha papel de destaque nas páginas dos jornais. A atividade publicitária foi se

modificando com o passar do tempo e os anúncios foram ganhando textos mais complexos, ganhando formas e imagens. A publicidade

conheceu inicialmente desenvolvimento lento no país de mercado iniciante. Limitada por volta de 1879 apenas ao anúncio classificado, sucinto e discreto, de natureza meramente informativa, beneficiou-se em seguida de recursos visuais que divulgavam produtos e prestavam serviços (MARTINS, DE LUCA, 2006, p.48).

Nos anúncios aqui estudados é possível perceber uma transformação em curso. Se num primeiro momento, ainda no século XIX, os anúncios eram objetivos e sintéticos, trazendo em seu texto apenas a informação necessária tão comum às demandas de serviço (por exemplo: Precisa-se de cozinheira; contrata-se garçom), a partir do início do século XX os textos publicitários passam a ganhar novos contornos e ficar mais complexos pois buscam vender um produto e inculcar valores e normas de conduta social. Ser elegante, vestir as roupas da moda ou frequentar os espaços que representavam a vida elegante necessitavam de anúncios mais complexos. Assim, além das informações mais objetivas, utilizavam da subjetividade para construir seus textos e atrair mais clientes. Maria de Lourdes Eleutério (2013, p.84) destaca a relação entre cidade, publicidade e comércio no excerto abaixo

A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no periodismo o ensaio ideal para novas relações de mercado do setor. Logo, aquela imprensa periódica resultou em segmento polivalente, de influência na otimização dos demais, isto é, da lavoura, comércio, indústria e finanças, posto que as informações, a propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam aqueles circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz – veículos da palavra impressa – aliavam-se às melhorias dos transportes, ampliando os meios de comunicação e potencializando o consumo de toda ordem.

Uma cidade que vivencia a formação de uma nova camada burguesa, tem nos anúncios publicitários papel de destaque na promoção de novas formas de vida, hábitos, diversões e produtos, pois “Os anúncios iriam atender e estimular o consumo da classe média emergente e da elite, dispostas a folhear as páginas dos periódicos, ávidas por novos produtos trazidos pela industrialização e pela urbanização” (ELEUTÉRIO, 2013, p.94).

Para pensar os hábitos alimentares, o cotidiano e a vida comercial de São Paulo na década de 1920, além dos anúncios, as crônicas presentes na seção *Coisas da Cidade* apresentam fácil leitura do transitar no espaço urbano. Eleutério, ao analisar crônicas de Olavo Bilac define bem o papel das mesmas, entendendo que estas “permitem captar a nova inserção do transeunte naquele cenário, cristalizado em imagens nas páginas dos periódicos.”

(ELEUTÉRIO, 2013, p.91), o cronista estava, portanto “reproduzindo o cotidiano em mutação” (ELEUTÉRIO, 2013, p.95). O mesmo movimento acontece com a publicação de *Coisas da Cidade*, pois dá acesso a um passado que já não existe mais, mas está presente ainda nas páginas do jornal, e nos possibilita remontar um pouco do cotidiano da cidade de São Paulo por meio de seus textos. Com linguagem acessível e tom leve, as crônicas faziam parte de uma imprensa com público pouco leitor, que aos poucos, foi aproximando os indivíduos à imprensa periódica

A linguagem coloquial e a temática da crônica vinham ao encontro da agilidade exigida pela imprensa de periodização intensificada – diária, semanal, quinzenal, mensal. Segundo o clássico ensaio de Antonio Candido, aquele texto privilegiava acontecimentos de durabilidade efêmera (ELEUTÉRIO, 2013, p.97).

A História feita por meio dos periódicos só é possível devido ao alargamento das ideias de documento, promovidas pela terceira geração dos *Annales*, nas décadas finais do século XX, que agenciou modificações atentando para novos temas, novos problemas e novos objetos para a historiografia, destacando-se o trabalho emblemático de Jacques Le Goff e Pierre Nora à frente da coleção *Faire de L’histoire* lançada em 1974⁵². O aumento das possibilidades de documento diz respeito também ao dos temas de preocupação dos historiadores, “que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes (...)” (DE LUCA; 2010, p. 113). É aí que se situam tanto a temática pensada para esta análise como os documentos aqui elencados.

Um ponto importante de destaque é pensar o início do século XX e o processo de modernização. Assim, é notável o entendimento de uma experiência de aceleração do tempo: num turbilhão de transformações (urbanas, políticas, sociais e culturais), num processo acelerado de modernizações vivenciado nas cidades, o tempo parece acelerar. Alguns autores se destacam neste debate, em especial Pierre Nora em *Entre memória e História: A problemática dos lugares* (1993) que destaca esta sensação de aceleração do tempo. Em *O Retorno do Fato* (1979) o mesmo autor relaciona este processo com o *boom* midiático experimentado no século XX. As transformações urbanas colocavam os cidadãos comuns em contato diário com a mudança. Eram edifícios subindo vertiginosamente, carros correndo pelas ruas, ruas e calçadas em obras: tudo parecia mudar e mudar rápido. Levando este debate para os jornais, que noticiavam dia a dia essas transformações, a aceleração do tempo se apresenta de forma ainda mais evidente: o que foi notícia em um dia já não é mais novidade no seguinte, fazendo da experiência urbana um sem-fim de novidades.

⁵² Faire de l’histoire se divide em três volumes: novas abordagens, novos objetos e novos problemas.

Assim, a relação entre cotidiano e cidade é, portanto, fundamental para ter acesso, por meio dos jornais, às experiências urbanas de homens e mulheres em meio a um processo de modernização. A imprensa periódica é um dos principais meios para se chegar às experiências cotidianas de homens e mulheres, especialmente a partir das escritas por vezes consideradas menores, como as crônicas e os anúncios.

2.4 COTIDIANO POR ESCRITO

Nas páginas dos jornais expuseram-se dilemas acerca da instalação de uma nova República que mais que um novo sistema político e social, exigiu modificações nos gostos, nos costumes, e nas formas de viver de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Estas novas formas de viver, os ares modernizantes vindos com o recém iniciado sistema social e político se fazem perceber em diversos setores da vida cotidiana. No caso aqui proposto, entende-se que as formas de comer e beber foram tópicos de discussão, especialmente nas crônicas que narravam o dia-a-dia da cidade.

Várias são as narrativas, produzidas no correr do início da República no Brasil que dão a ler alguns aspectos do cotidiano, especialmente no tocante à alimentação, tais como: a literatura, as revistas, os jornais e os acervos pessoais. Pensar os hábitos alimentares nos principais centros urbanos do país à época é, portanto, pensar as formas de vida envoltas em processos políticos, sociais e culturais. Os embates travados num novo sistema de governo, as remodelações do espaço urbano e os espaços de sociabilidade apontam para novos hábitos que podem ser estudados por meio das práticas alimentares de um país em profundas modificações, e assim, pensar os aspectos culturais da alimentação nos proporcionam acessos ao passado, por meio de documentos como os jornais, especialmente a experimentação da rua, e o comer fora de casa em ambientes próprios para este consumo, o que aponta para uma cidade voltada para o lazer e para o convívio social em espaços públicos.

O cotidiano passa a ser debatido na historiografia especialmente na segunda metade do século XX. Uma das principais referências desta discussão é Michel de Certeau, que com o livro *A Invenção do Cotidiano* (2008) traça as relações dos usuários com o consumo. Desta forma, atos de ler, morar e cozinhar fazem parte da escrita da História por meio de documentos produzidos por homens e mulheres comuns. Cadernos de receitas, literatura, escritas de jornal entre tantos outros documentos adentram a operação historiográfica dando acesso às formas de viver de tempos passados.

Na introdução geral do livro *A Invenção do Cotidiano*, composto de dois volumes, o autor busca uma nova ideia para o que ele chama de *operações dos usuários*. Entende-se que o autor das crônicas aqui estudadas inventa o seu cotidiano por meio da escrita, e expõe seus passos, suas sociabilidades e suas visões de mundo (e especialmente sobre a cidade) nos textos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, dando a ler suas operações pelo espaço urbano de São Paulo

Usualmente não são dados lugares para o registro dos produtos feitos pelo consumidor. Assim, as pesquisas dos historiadores centram-se nas representações e nos comportamentos – que são mais facilmente percebidos a partir dos rastros deixados, e assim, os jornais apresentam alguns rastros do que aqui nos interessa: os hábitos alimentares do Brasil no início do século XX, especialmente em centros urbanos como a cidade de São Paulo. Assim, certos comportamentos são anunciados nos jornais, seja em forma de reportagens, crônicas ou anúncios publicitários.

Acontecimentos, comportamentos e atitudes não existem sem registro, ou seja, não tomamos conhecimento no campo da História. Pierre Nora afirma que “para que haja acontecimento é preciso que ele seja conhecido” (NORA, 1979, p.181) e assim, os jornais – *rubricas do cotidiano* – figuram como meio de produção e construção destes acontecimentos, comportamentos e atitudes. Assim

Os jornais, escritos e radio-televisivos, longe de se limitarem a apresentar o que aconteceu, selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, o que elegeram como fato digno de chegar até o público (DELUCA, MARTINS, 2009).

As crônicas de *Coisas da Cidade* são, portanto, meios para se perceber o que o cronista selecionou para contar, para escrever sobre, ou seja, o que julgou importante, naquele tempo e naquele espaço, perenizar por meio da escrita de suas notas sobre a cidade de São Paulo. É sobre essas *rubricas do cotidiano* (NORA, 1979), ou sobre o que o cronista chama de *rubricas da crônica urbana* e as formas de inventar o cotidiano que se está falando aqui.

Neste sentido escolheu-se como recorte temático aquelas que versavam especialmente sobre as sociabilidades urbanas destinadas ao beber e ao comer na cidade. O recorte temporal aqui proposto (1920) é igualmente fértil, pois se trata de um período de modificações de um sistema de governo que transforma, além da esfera política, os âmbitos sociais e culturais, e assim, a vida cotidiana.

A vida cotidiana, a cultura material, as mentalidades, o corpo, a família e a morte são alguns dos temas que emergem à tona das profundezas aparentemente congeladas dos tempos para se revelarem na dialética da sua transformação e da sua permanência como noções plásticas, sujeitas a mudanças, mesmo que elas apareçam como imperceptíveis para os próprios protagonistas (MENESES; CARNEIRO; 1997, p. 28).

Neste sentido é possível concordar com o que aborda João Luiz Maximo da Silva (2008, p.10), quando afirma que “a alimentação é considerada uma faixa de fenômenos mais conservadora, onde as mudanças seriam mais resistentes e lentas”, e que, ao contrário disto, é possível também “verificar como as transformações ocorrem, relacionando alimentação e mudanças urbanas”. O estudo que aqui se segue vai ao encontro do que propõem João Luiz Maximo da Silva, Henrique Carneiro e Ulpiano T. Bezerra de Menezes: perceber os hábitos alimentares a partir de suas rupturas e permanências.

Entender, portanto, a *comida como cultura* como aponta o título do livro do historiador italiano Massimo Montanari (2008, p. 56), é primordial para este trabalho. O autor afirma que “a conquista do fogo representa o momento constitutivo e fundador da civilização humana”. Assim, o ato de cozinhar figura como motor de modificações das sociedades desde o domínio do fogo.

O acesso aos hábitos alimentares do passado, especialmente nos jornais do início do século XX no Brasil nos apresentam, muitas vezes, o cotidiano de populações de classes médias e altas urbanas, tendo em vista que é este, comumente, o público leitor de periódicos como o *Estado de São Paulo*.

O fato é que a cultura aristocrática e burguesa, enquanto constrói barreiras comportamentais intransponíveis – e, em primeiro lugar, alimentares – entre classes dominantes e classes dominadas, não exclui uma convergência cotidiana dos gostos e dos hábitos (MONTANARI, 2008, p. 63).

O que o autor defende em seu livro é que é possível, mesmo que o acesso seja dado por meio de escritas produzidas por e para classes médias e altas (ou aristocráticas e burguesas no contexto europeu) perceber indícios sobre os hábitos alimentares dos homens e mulheres comuns, do cotidiano e vida da sociedade.

Os meios impressos são testemunhos importantes para se observar as construções do gosto e propaganda das novas formas de ser e agir. O ser republicano esteve em permanente construção no Brasil do início do século XX. Quando da proclamação do novo sistema de governo, em 15 de novembro de 1889, houve constante preocupação em construir esta nova pátria, há tão pouco independente, mas que se moderniza na forma do sistema republicano.

Num primeiro momento buscou-se nos padrões europeus as bases para a construção de uma nova pátria, livre agora de um sistema imperial. Estas vontades se fizeram presentes nas considerações sobre o ser moderno na República: lugares a serem frequentados, hábitos a serem adquiridos começam a aparecer nos jornais, e falam destes novos aspectos da vida nas grandes cidades do país. Neste momento a proliferação de cafés, e com eles, de hábitos alimentares pautados nos padrões europeus passam a frequentar cada vez mais as páginas dos jornais.

Se nos primeiros anos republicanos a preocupação foi a de construir uma pátria aos moldes europeus, num segundo momento, notadamente a partir de década de 1930 já é possível perceber uma vontade em construir uma identidade nacional, aquilo que fosse próprio ao Brasil e fizesse desta pátria, inigualável. Assim, buscou-se forjar um modelo unitário em torno de uma identidade nacional, que agregasse valor positivo ao que supostamente seriam *originais* do país. Neste sentido, no lugar dos cafés, dos doces, dos padrões europeus até então propagandeados (e aderidos), os regionalismos, frutas e pratos considerados típicos do país passam a ser divulgados e ganham espaço nas linhas dos jornais e dos romances da época. Mais ainda, ao agregar valor positivo a um alimento por entender este como próprio e único a um país, é possível verificar um investimento na patrimonialização destes hábitos, que agregados a outros tantos aspectos (como a música e a língua, por exemplo), ajudam na formação/construção de uma identidade nacional. Mas nas fontes estudadas o que é possível perceber é justamente o oposto: a internacionalização dos costumes, seja a partir do modelo europeu com os *five o'clock tea*, os *petit-fours* nos cafés e confeitarias ou mesmo os alimentos que se referem à cultura norte-americana com os *sandwiches*. Assim, se o recorte temporal posterior ao desse estudo já apresenta um apelo aos produtos nacionais e sua valorização, a década de 1920 ainda mostra a vontade de estar adequado aos padrões do mundo moderno, com exemplos na Europa e nos Estados Unidos da América⁵³.

Os espaços de sociabilidade são, portanto, locais expressivos de uma cultura burguesa que estava se formulando na cidade no período. Perceber estas relações pode ser um caminho interessante para analisar a cidade, afinal ela “é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.” (PESAVENTO, 2007, 14). Ainda concordando com a autora,

⁵³ As referências norte-americanas de consumo e gosto estão presentes no Brasil em todo o século XX. Durante a década de 1950 isso fica emblemático com a importação de eletrodomésticos e dos carros, que passam a ser também produzidos no Brasil. Além disso, produtos como a Coca-cola, o leite condensado Moça e tantos outros passam a fazer parte dos ingredientes presentes na cozinha brasileira. Cf: OLIVEIRA, Debora Santos de Souza. **A transmissão do conhecimento culinário no Brasil urbano do século XX**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

entende-se que as “cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo” (PESAVENTO, 2007, 14).

Pensar a alimentação como prática cultural é bastante salutar tendo em vista que alimentos são elementos da natureza que se transformam em cultura pela ação dos homens. Assim, o Brasil do início da República aponta para questões como políticas de higiene, civilidade e sociabilidade em torno do ato de comer. Os jornais – seus anúncios, crônicas, reportagens, textos – apontam para a circulação e ressonância do impresso, que por meio de seus escritos dão a ler modos de vida, indicações de formação do gosto e da sociabilidade, dos modos de vida nesta nova grande cidade, em processo de remodelação urbana.

Reflexões sobre os alimentos consumidos, os cardápios oferecidos nestes lugares e as comidas consumidas no espaço urbano são questões que aparecem de forma mais rarefeita nas páginas dos jornais de fins do século XIX. O início do século XX nos jornais apresenta um processo de transformação, especialmente nos anúncios publicitários, devido aos novos produtos, hábitos e comércio na metrópole. Assim, com o avançar dos anos no jornal é possível mapear com mais facilidade estas questões, que aqui ficaram de fora, tendo em vista que a intenção é de pensar, em primeiro momento, os lugares de consumo de alimentos, atrelados à sociabilidade dada a ler nas rubricas do jornal. Vale ressaltar o que Maria Teresa Santos Cunha (2009, p. 251) afirma sobre a escrita e seus usos sociais, entendendo que “Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados”. As *Coisas da Cidade*, portanto, são registros de um cotidiano difícil de apreender e que se mostram hoje como vestígios do passado de uma cidade em constante, turbulenta e impactante transformação.

3. JORNAIS: ESCRITAS DO COTIDIANO

3.1 O ESTADO DE S. PAULO

Em quatro de janeiro de 1875 é lançado na cidade de São Paulo um periódico diário de notícias intitulado *A Província de São Paulo*. De acordo com a *História do Grupo*⁵⁴, o periódico tinha por intenção combater a monarquia e a escravidão, colocando-se como um jornal republicano desde o início de suas atividades.

O jornal foi fundado por Manoel Ferraz de Campos Salles⁵⁵ e Américo Brasiliense. Antes de se tornar *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita começa a trabalhar como redator em 1885. Para o grupo, Mesquita é uma figura fundamental. É com ele que o jornal se moderniza, se sustenta e ganha novos ares, chegando a se tornar o jornal mais vendido no país, alguns anos depois.

Em 1888 o jornal deixa de ser *A Província de São Paulo* para se tornar *O Estado de S. Paulo*. Essa mudança ocorre na transição entre o governo monárquico e a República, e, a partir de então, o periódico com Júlio de Mesquita à frente se torna um dos principais meios de comunicação do país. É na década de 1890 que Júlio de Mesquita assume a direção do diário, dando início a um novo projeto de jornal. É ele que dá o tom do periódico, passando a dirigir uma empresa jornalística:

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alternando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores (SODRÉ, 1999, p.275).

Ainda de acordo com Sodré (1999, p. 268) “em 1896 [...] A tiragem do *Estado de S. Paulo* era, então, de 8000 exemplares”.

⁵⁴ História do Grupo é uma seção do portal do Estadão, que conta por décadas a atuação do grupo no Brasil, destacando as principais reportagens, os aparatos técnicos, entre outros fatores que consideram relevantes para contar a trajetória do jornal. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm>. Acesso em: 11 de dez. 2016.

⁵⁵ Manuel Ferraz de Campos Salles ou Campos Salles foi o quarto presidente republicano. Já na década de 1870 percebe-se sua atuação em prol da república pela criação do diário de notícias *A Província de São Paulo*.

Assim, *O Estado de S. Paulo* entra no século XX já bastante consagrado na imprensa nacional. Entre tantos fatores, séries de notícias como as da Guerra de Canudos⁵⁶, escritas por Euclides da Cunha, deram fôlego e aumentaram a vendagem do jornal. Segundo o próprio grupo “A tiragem do Estadão, que girava em torno de 10 mil exemplares, saltou para mais de 18 mil em março de 1897, com a publicação de notícias da Guerra de Canudos”⁵⁷

A relação entre cidade e jornal é bastante evidente. Seja nas preocupações das colunas, seja no título do jornal é possível compreender a ideia de que, em fins do século XIX e início do século XX, a relação entre leitura, jornal e atividade intelectual se dá, majoritariamente, no espaço urbano.

Apesar do alto índice de analfabetismo, a imprensa conquista leitores novos. A urbanização atrai, para as metrópoles que se formam, contingentes de mão-de-obra; o desenvolvimento econômico e social estende a participação crescente de camadas de trabalhadores e classe média às decisões políticas (BAHIA, 2009, p.138).

Desta forma cabe aqui ressaltar o lugar ocupado pelo grupo no traçado urbano. Em 1906 o jornal passa a compor o cenário do Triângulo Central da cidade, na Praça Antonio Prado.

O Triângulo Central da cidade é o foco do projeto de modernização em voga. É entre a Praça Antônio Prado, a Rua São Bento e o Viaduto do Chá que o comércio, a oferta de serviços e os projetos higienistas e modernizantes aparecem com mais evidência. Até 1929 o jornal funciona neste endereço.

As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste (DE LUCA, 2010, p.141).

Essa rede intelectual está presente em *O Estado de S. Paulo*. É preciso pontuar que um jornal é composto por vários atores. São redatores, diretores, cronistas e colaboradores. Com Júlio de Mesquita à frente do diário até 1927, ano de sua morte, e colaboradores como Olavo Bilac, Monteiro Lobato e Ruy Barbosa, *O Estado* viu o número de tiragens aumentar significativamente.

⁵⁶ Euclides da Cunha foi enviado como correspondente do *O Estado de S. Paulo* para cobrir a Guerra de Canudos. Suas reportagens são importantes registros do evento, e foram transformadas na obra *Sertões*.

⁵⁷ Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm>. Acesso em: 11 dez. 2016.

A colaboração de nomes como estes, por exemplo, é prática recorrente na atividade jornalística do período. Cumpre destacar que, como a atividade literária era pouco remunerada, nomes da literatura em todo o país atuavam também em periódicos, seja em reportagens, crônicas ou mesmo compondo anúncios presentes no jornal. Sobreviver da escrita em uma sociedade que convivia com os altos índices de analfabetismo exigia desses homens de letras atividades na imprensa periódica, com escrita mais dinâmica e própria do mundo moderno que se abria no Brasil, e neste caso em São Paulo, no início do século XX.

O jornal funcionava, portanto, como meio de comunicação, mas também como espaço de sociabilidade, uma sociabilidade intelectual, entre seu corpo editorial, redatores e colaboradores. Em *O Estado de S. Paulo* as sociabilidades burguesas são bem aparentes, seja nas crônicas aqui estudadas, seja nas notas e colunas sociais, gênero jornalístico que passa a fazer parte da publicação já nas primeiras décadas do novo século.

Os homens de letras, à frente de impressos periódicos que passavam a funcionar como empresas, e que passam a ter prestígio e poder social, fazem parte desta camada que se entende como burguesia. Formam uma elite intelectual que aponta para a “percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos” (HEINZ, 2006, p. 7). Estes atores que estiveram à frente deste grande negócio que passaram a ser as empresas jornalísticas.

A modernização do periódico, que emerge num grande processo de modernização da cidade, dos hábitos cotidianos, dos meios de transporte, da saúde pública, entre tantos outros aspectos, só é possível graças às tecnologias disponíveis.

É a partir da aquisição de linotipos⁵⁸ que o jornal pode saltar de aproximadamente 18 mil tiragens para mais de trinta mil, entre as décadas de 1910 e 1920. Os impressos periódicos até então não apresentavam grandes diferenças na aparência estética das edições.

A variedade de tendências políticas, contudo, não se repetia na aparência do material. Ao contrário, até que os avanços técnicos permitissem diferenciações, os impressos eram muito parecidos, sendo o formato mais comum o de quatro folhas e duas colunas. A precariedade da nossa indústria gráfica persistia, obrigando os interessados em edições mais cuidadas a imprimir no estrangeiro, como foi o caso da revista *Kosmos* (1904). Essa condição se modificou no início do século XX, quando a modernização das técnicas de impressão e ilustração e a introdução de cores possibilitaram o aumento do número de páginas, a elaboração de capas mais atrativas e maiores

⁵⁸ Linotipo é uma máquina utilizada para impressão de livros, jornais e revistas. Ela agilizou o processo até então feito pelas prensas de tipos móveis, onde era necessária a organização sequenciada de cada uma das letras – tipos – que compunham os textos de jornais. O linotipo possibilita a escrita a partir de teclado, como a máquina de escrever, agilizando o processo de impressão de um impresso.

tiragens. Multiplicaram-se os títulos impressos expostos em ‘loais de jornais’ – estações ferroviárias, charutarias, quiosques e livrarias; assinaturas eram vendidas por agentes espalhados em todo o país. Os jornais diários alcançaram porte expressivo graças à introdução das rotativas, ao incremento das formas de publicidade e ao aumento da rede de distribuição decorrente do crescimento da malha ferroviária (COHEN; 2013, p.104).

Esse conjunto de modificações foi catalisador para o desenvolvimento do impresso periódico e pensar a escrita de jornais é pensar também nas condições para a sua existência. Juarez Bahia (2009, p.141) aponta que

Em 1916, os mais importantes diários do Rio e de São Paulo possuem parques gráficos considerados os maiores da América do Sul, com 12 linotipos, três monotipos (também conhecidas como tituladoras) e rotativa com capacidade pouco acima de 70 mil exemplares.

Assim sendo, percebe-se que o investimento na imprensa é característica marcante do início do século XX, e o *Estado de S. Paulo* faz parte deste processo. Este período marca o “fim do antigo regime tipográfico” como bem aponta Roger Chartier (2010, p. 16). O regime moderno é marcado pela aceleração do tempo e também pela aceleração da impressão, bem como pela modernização dos equipamentos que permitem, além de um maior número de impressos, outras formas textuais.

Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração (DE LUCA, 2010, p.137).

O jornal *O Estado de S. Paulo* na década de 1920 circulava diariamente na cidade e o número de páginas de cada edição varia de 10 a 16 páginas. Nas segundas-feiras a edição é menor, contendo aproximadamente 6 páginas, provavelmente pela legislação referente ao trabalho aos domingos⁵⁹. Para Nelson Werneck Sodré (1999, p.355), o pós Primeira Guerra Mundial foi um corte bastante importante para a História da Imprensa no país:

Se, com o após-guerra, profundas alterações se denunciam na vida brasileira, tais alterações, para a imprensa, acentuam rapidamente o acabamento da sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas.

⁵⁹ Os jornais deixam de circular às segundas-feiras a partir de julho de 1927, quando uma lei municipal proibiu o trabalho aos domingos.

O material impresso é composto, portanto, por longas páginas, mas, diferente do início das atividades da *Província de São Paulo*, na década de 1920 já é possível mapear algumas colunas fixas e uma divisão bastante evidente aparece quando tomamos contato com as edições dos jornais.

Os especialistas costumam apontar os anos compreendidos entre o último quartel do século XIX e o início do seguinte como um período de inflexão na trajetória da imprensa brasileira. Naquele momento, a produção artesanal dos impressos, graças à incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial, marcados pela especialização e divisão do trabalho no interior da oficina gráfica e a consequente diminuição da dependência de habilidades manuais. Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco, rotativas cada vez mais velozes, enfim, um equipamento que exigia considerável inversão de capital e alterava o processo de compor e reproduzir textos e imagens passou a ser utilizado pelos diários de algumas das principais capitais brasileiras (DE LUCA, 2013, p. 149).

A primeira página já apresenta algumas manchetes em datas e acontecimentos chave, como a morte de Júlio de Mesquita, a comemoração do centenário da Independência do Brasil, entre outros eventos de destaque. Entretanto, nas edições diárias regulares ainda não aparecem as manchetes de destaque como conhecemos hoje. O jornal é composto por colunas fixas, como *Telegramas do Exterior*, *Notícias do Rio* que aparecem logo nas páginas iniciais. Portanto, não é possível ainda falar em *capa* do jornal. Configuram-se como primeira página, com organização de conteúdo muito próximo das demais páginas de cada edição.

Pela pesquisa feita no acervo do jornal foi possível compreender que há uma intenção de setorizar o jornal. Nas primeiras páginas as notícias mundiais, seguidas pelas nacionais⁶⁰. Após as notícias e colunas de destaque aparecem as seções de esporte e notícias da cidade de São Paulo, seguidas pela *Parte Comercial*, que reúne a maioria dos anúncios, embora estes apareçam também nas demais páginas.

É possível perceber que há um esforço em destacar as colunas fixas, seja pelo destaque do título, o tamanho da fonte utilizada ou mesmo a localização na página. O leitor do *O Estado* já esperava, portanto, encontrar estas colunas ao comprar o jornal para ler. Estas são, desta forma, parte importante do jornal, que incentivam as vendas e assinaturas, pois dão o tom do periódico. O jornal até então sisudo e dedicado exclusivamente aos grandes acontecimentos políticos e econômicos abre espaço para escritas mais leves e traz em seu conteúdo elementos

⁶⁰ Cabe aqui destacar que neste período o jornal *O Estado de S. Paulo* tem sucursais em diversos locais do país e do mundo como Santos, Rio de Janeiro e Lisboa.

do lazer e do cotidiano da vida urbana. Essa variedade de escritas faz do *Estado* um jornal polifônico.

A fatura dos matutinos começou a exigir gama variada de competências fruto da divisão do trabalho e da especialização: repórteres, desenhistas, fotógrafos, articulistas, redatores, críticos, revisores, além dos operários encarregados da impressão propriamente dita. Esses artífices da imagem e da palavra encontravam na imprensa atraentes oportunidades de profissionalização (DE LUCA, 2010, p.138).

Esta polifonia é perceptível, por exemplo, ao pensar o público leitor dos jornais. Se até a primeira década do século XX *O Estado de S. Paulo* tinha nos homens brancos, letrados e urbanos sua principal parcela de leitores esse público vai se modificar com as mudanças na estrutura do impresso em meados da década de 1910.

Abrindo espaço para novos formatos de escrita, para anúncios mais chamativos, para divulgação de vagas de trabalho na cidade ou mesmo para as colunas sociais, pode-se inferir que crescem as tiragens porque cresce também o público leitor. Há colunas e anúncios voltados ao público feminino, aos trabalhadores de modo geral, aos pequenos comerciantes. Enfim, o projeto de letramento que ganha força com o governo republicano começa a se fazer presente no cotidiano dos jornais.

No que tange aos leitores em potencial, basta lembrar que, em 1890, estimava-se em apenas 15% o montante da população brasileira alfabetizada, porcentagem que timidamente se elevou para 25% no censo de 1900 e não sofreu alterações significativas em 1920. Nesse ano, o estado de São Paulo, cujas reformas na escola primária chegaram a ser consideradas um modelo para o país, então ostentava o índice de 70% iletrados, valor que declinava na capital para 42% graças à entrada de levas de imigrantes que dominavam a leitura e a escrita (DE LUCA, 2013, p.156).

Os jornais fazem parte deste projeto de modernização em boa parte das cidades brasileiras no início do século XX. O tom progressista das publicações fica evidente, seja nas grandes reportagens, seja nas escritas do comum.

Imprensa e progresso, portanto, caminham juntas na transição do século XIX para o século XX. A imprensa moderna só foi possível graças a descobertas científicas. As grandes novidades possibilitaram a existência de publicações maiores e mais dinâmicas. As novidades eram muitas: luz elétrica, cinema, telefone, automóveis, bondes, máquinas de escrever, arranha-céus. Além disso, a utilização do telégrafo submarino agilizou e trouxe a conexão interacional para a imprensa periódica, que se profissionalizava. A modernização da imprensa se dá também

pela contratação de agências como a *Havas* que trouxe dinâmica e dava agilidade à chegada das notícias do exterior.⁶¹ Isso fez dos diários publicações mais dinâmicas e possibilitavam um maior contato com o mundo. É o tempo da abertura do Brasil para o mundo, como aponta Lilia Schwarcz (2014) em *História do Brasil Nação*.

Um dos sintomas deste dinamismo é que o jornal passa a ser cada vez mais consumido. As vendas aumentam, assim como o número de assinaturas. Locais para comercialização destes impressos passam a fazer cada vez mais parte do cotidiano dos habitantes das cidades. Figuras como o jornaleiro e comércios como as bancas de jornal são presenças comuns na cidade de São Paulo no início do século XX, especialmente no Triângulo.

Além de repórteres, redatores e tipógrafos, a imprensa se caracterizava como um novo campo a ser explorado e gerava empregos. A vida na cidade era sedutora e, por isso, o país vivenciou um processo de *êxodo rural*. Com novos serviços, mais ofertas de emprego e acesso às benesses da modernidade, a cidade atraía trabalhadores de todos os cantos do país. Assim, o acesso aos jornais era cada vez mais facilitado ao consumidor nas primeiras décadas do século XX. A partir da leitura dos impressos é possível delimitar seu público alvo. Em publicidade publicada pelo próprio *O Estado de S. Paulo* em 1926 pode-se mapear alguns aspectos:

O Typo das duas mais perfeitas rotativas em construção nos estabelecimentos Marioni de Pariz para O “Estado de S. Paulo”. Essas machinas são dotadas dos aparelhos de rotogravuro, processo de impressão nítida e de maravilhosos bellezas artística com as duas novas instalações, O “Estado”. Dentro em breve ficará habilitado a imprimir 80.000 exemplares em uma hora deste modo o jornal poderá ser distribuído cedo e com toda a pontualidade de entrega e expedição aos assinantes da capital e do interior (OESP, 30 de jan. 1926, p.4).

Tendo em vista que a *população alfabetizada* já atingia 42% da população na capital, pode-se pensar que *O Estado* não estava restrito apenas ao público masculino e de classes abastadas. Com a vinda de imigrantes europeus alfabetizados ou mesmo com o acesso à educação formal de mulheres das classes médias e altas urbanas é possível inferir que o jornal moderno abarcava outros públicos.

Publicações sobre greves trabalhistas, anúncios de vagas de empregos, propagandas voltadas à saúde da mulher e da família⁶² são indícios coletados no jornal que fazem pensar

⁶¹ Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1890.shtm>. Acesso em: 11 de dez. 2016.

⁶² O país passa pelo momento de transição para a norma familiar burguesa. Neste sentido, cabe à mulher o cuidado com a família – especialmente os cuidados com saúde e educação. A divisão das tarefas familiares a partir de padrões de gênero é abordada por Margareth Rago em “Do cabaré ao Lar” e por Maria Bernardete Ramos Flores em “Tecnologia e Estética do Racismo”.

sobre o seu público leitor. Além disso, os estímulos ao consumo, próprios da entrada cada vez mais vertiginosa do país no modelo capitalista moderno faz do habitante da cidade consumidor. Neste sentido a publicidade vai ser meio eficaz de propagar hábitos cotidianos de consumo, inclusive voltados ao público feminino. A loja *Mappin Stores* é um bom exemplar de anunciante do *Estado*.

Se antes da chamada profissionalização da imprensa os anúncios eram objetivos em seu propósito – anunciando brevemente a necessidade de compra ou venda de algum produto – a publicidade do jornal moderno vai construir a necessidade do consumo, através de publicações chamativas, com longos textos e anúncios subjetivos. O exemplo da *Mappin Stores* é bastante ilustrativo deste processo.

Figura 15 Anúncio Mappin Stores. OESP, 08 dez. 1925, p. 11.

A utilização de imagens com mulheres, o texto que constrói a urgência do consumo e os padrões de moda e vestimenta aparecem como um novo formato de publicidade nas páginas dos jornais. De acordo com Tânia de Luca:

A publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana do início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se na sua principal fonte de recursos. O anúncio trilhou, então, novos caminhos em relação à estrutura e linguagem e, ainda, no que concerne à profissionalização da atividade, com o agenciador individual cedendo lugar, no decorrer da década de 1910, às empresas especializadas. A voracidade dos

cartazes e reclames parecia insaciável, e eles se faziam presentes nos mais diferentes espaços: muros, bondes, casas de espetáculos, restaurantes, almanaques, jornais e revistas (DE LUCA, 2010, p. 123).

A vida moderna exige um leitor dinâmico. Exige a utilização de imagens além de palavras. O público do jornal, portanto, não é meramente informativo e objetivo. Ele constrói necessidades, cria a aura da vida moderna na urbe e a sua polifonia aparece nas crônicas, nos anúncios, nas grandes reportagens e nas mais variadas formas de escrever um jornal.

3.2 DOCUMENTOS ABERTOS PARA O COTIDIANO

A escolha de um impresso periódico para uma pesquisa no campo da História se dá por ser um meio importante em se perceber aspectos do cotidiano marcados na escrita. Chama-se de impresso periódico o material impresso com certa periodicidade. Esta distinção é importante pois diferencia os jornais e revista de livros, por exemplo. Isto impõe, portanto, *práticas de leitura* diferentes da leitura de um livro.

O jornal é leitura diária, faz parte da organização do dia de quem o consome. A cada dia, uma nova publicação, com novos textos, chega ao mundo do leitor. Essas práticas de leitura podem ser observadas ao tomar contato com os acervos de impressos periódicos como do *O Estado de S. Paulo*.

Pelo jornal é possível notar as mudanças urbanas, as reformas, os novos estabelecimentos que são inaugurados, o comércio, os produtos nacionais e importados vendidos na cidade, os espaços de sociabilidade, as tensões e disputas políticas nacionais, bem como os acontecimentos internacionais.

Jornais são uma fértil fonte a ser pesquisada no campo da História. Se por muito tempo historiadores dedicaram-se ao estudo dos editoriais, das grandes reportagens e principais notícias, cabe aqui destacar as escritas consideradas “menores”. Estas escritas com linguagem mais acessível, com textos mais curtos e temas mais cotidianos são fundamentais para se compreender o dinamismo de um mundo urbano em transformação.

A modernidade entra também nos hábitos mais corriqueiros: comer, trabalhar, divertir-se tornam-se atividades alvo das escritas de jornal. Por isso, os impressos periódicos são elementos importantes para se capturar a forma de vida dos homens e mulheres no espaço urbano, neste caso na cidade de São Paulo nos anos 1920. Fazer uma História dos costumes e do cotidiano é atividade desafiadora e por isso tem-se no *Estado de S. Paulo* um bom exemplar para percorrer os caminhos diários dos moradores da cidade-metrópole.

A década de 1920 foi escolhida por tratar-se de um período em que a cidade está em ebulição cultural e comercial. Grandes construções como a do Edifício Martinelli começam a verticalizar a cidade enquanto novos hábitos de vida urbana chegam ao cotidiano dos/as paulistanos/as.

Para apreender o cotidiano nos anos 1920 é possível percorrer as páginas do jornal e ali, nas diferentes formas de escrita, encontrar exemplos do cotidiano por escrito. Na publicidade é possível perceber, por exemplo, os hábitos de higiene e cuidado com a saúde diários – nos anúncios de sabonetes, elixires, cremes e pomadas – que, por conta do projeto higienista de República ficam cada vez mais evidentes no contato com o impresso. Ser moderno é ser saudável. E o cuidado com a saúde envolve uma gama cada vez maiores de produtos médicos e cosméticos comercializados nas páginas do jornal.

Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais. Aos poucos delineava-se a distinção entre matéria de caráter informacional ou propriamente jornalística, supostamente neutra e objetiva, e o texto de opinião, que tomava posição e defendia ideias e valores (DE LUCA, 2013, p.152).

Outra forma de perceber os hábitos cotidianos se dá por meio das colunas esportivas. Na década de 1920 a seção de esportes cresce no jornal e são várias as notas que dão conta das práticas esportivas cotidianas na cidade. O esporte entra no cotidiano a partir da ideia de lazer aos fins de semana, que começa a ser difundida neste período. A divisão do tempo entre *trabalho e lazer* é bastante característico da cidade moderna. O tempo fora do trabalho deve, portanto, ser aproveitado nos espaços oferecidos pela cidade, e não como tempo de descanso. Os esportes, além de proporcionarem o tempo do lazer contribuem também para o cultivo do corpo saudável, pratica estimulada pela medicina higienista em voga.

As crônicas se apresentam também como escritas dessa vida comum. Crônicas são tipos textuais apresentados ao público para serem lidos no dia-a-dia. Com escrita fácil e acessível, o texto das crônicas divulga a vida urbana em constante transformação. A relação com o tempo – *Chronus* – está presente na origem da palavra latina. As crônicas fazem parte da maioria dos impressos periódicos do início do século XX no Brasil, sendo um elemento importante para se compreender as escritas de jornais.

Os diversos círculos intelectuais formavam-se em torno dos homens de letras que, por volta do final do século XIX, combinavam a atividade literária com o emprego em jornais e revistas, apontando para a profissionalização da atividade. Escritores como Coelho Neto, Olavo Bilac, Bastos Tigre assinavam crônicas e colunas diárias nos jornais da capital federal, enquanto em São

Paulo Monteiro Lobato, Amadeu Amaral, Menotti del Picchia, entre outros, frequentavam as colunas do *jornal do Commercio*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. Disputando espaço com o noticiário, as colunas literárias proliferavam, exigindo maior amplitude (COHEN, 2013, p.107).

Estes escritos apresentavam ao público leitor pequenos textos que versavam sobre acontecimentos da vida urbana – um jantar beneficente, o calçamento ou arborização de uma rua, ou mesmo lugares a se frequentar para fazer refeições. Para além do breve relato as crônicas estimulavam modelos de civilidade e ditavam as regras para o convívio social moderno e civilizado.

Encarar as crônicas como exemplares da literatura moderna é um passo importante para a pesquisa histórica. Nicolau Sevcenko (2003, p.28), importante pesquisador das crônicas no início do século XX no Rio de Janeiro e em São Paulo afirma que

Dentre as muitas formas que assume a produção discursiva, a que nos interessa aqui, a que motivou este trabalho, é a literatura, em particular a literatura moderna. Ela constitui possivelmente a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade. É por onde desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para que a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de determinada estrutura social. Tornou-se hoje em dia quase que um truísmo a afirmação da interdependência estreita existente entre os estudos literários e as ciências sociais.

O jornal traz, portanto, diferentes olhares sobre um mesmo espaço, sobre um mesmo processo. Este entendimento – que cada autor traz em seus textos a sua perspectiva – impõe ao historiador uma mudança de epistemologia. Se por muito tempo os historiadores “resgatavam” documentos do passado e apenas reproduziam aquilo que continha na fonte, cabe ao historiador do presente questionar as escritas do passado e a verdade pré-estabelecida pelo material impresso.

A tarefa da História é, portanto, produzir narrativa verossímil sobre determinado passado, questionando as fontes e atentando não apenas para o seu conteúdo escrito como também ao seu suporte e materialidade, ao contexto de produção, às demais escritas da publicação. Enfim, é necessária uma leitura atenta a tudo que envolve a produção de um jornal.

A exigência metodológica que se faz, contudo, para que não se regreda a posições reducionistas anteriores, é de que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção

discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social (SEVCENKO, 2003, p.28-29).

Neste sentido é fundamental destacar que não existe um documento imparcial. A escrita de uma coluna de jornal sempre envolve o ponto de vista do autor, o aval do redator e do editor, além da aceitação do público-alvo, afinal, o jornal é uma empresa e precisa ser comercializado, gerando lucros. Dar conta destes aspectos é questionar as visões ingênuas sobre a imprensa que não questionam a verdade do documento. O historiador, portanto, entende as escritas como olhares, versões possíveis sobre determinado assunto.

Inicialmente fazendo a pesquisa por palavras-chave – *Coisas da Cidade* – foram encontradas aproximadamente mil e duzentas referências entre janeiro de 1920 e dezembro de 1929. A pesquisa por palavras-chave é um bom instrumento de buscas, entretanto, não dá conta de todo o material disponível no acervo.

O catálogo *on-line*, oportunamente interrogado, faz a parte do advogado do diabo. Certamente, a desorientação pode durar uma fração de segundo: em geral, os pressupostos (sobretudo os ideológicos) retomam de imediato o controle da situação. Mas à pergunta imprevista colocada pela documentação casual será preciso continuar a prestar contas. Também na pesquisa, como no xadrez, as aberturas são importantes, às vezes decisivas; em todo caso, influenciam longamente o curso do jogo. A responsabilidade de quem faz pesquisa começa aqui (GUINZBURG, 2005, p. 167).

Apenas por esta pesquisa inicial não foi possível, por exemplo, estabelecer uma periodicidade nem a localização da coluna no corpo do jornal. A busca por termos, portanto, não alcança todas as publicações disponíveis.

A pesquisa que faz usos de recursos on-line apresenta desafios metodológicos. É preciso explicar como se dá o contato com o material e garantir que nada que possa ser visto presencialmente fuja das vistas do historiador imerso nos acervos on-line. Por isso é fundamental não limitar as pesquisas apenas ao que está disponível.

A perambulação do historiador através dos catálogos (eletrônicos ou em papel) não é muito diferente daquela de um fotógrafo que caminha por uma cidade pronto a captar em um instantâneo uma realidade contingente e fugidia. A palavra "click" — o clic da máquina fotográfica — foi usada por Leo Spitzer para definir a intuição do crítico que de um golpe capta o traço revelador de um texto que leu e releu cem vezes. Mas quem já observou os instantâneos de Henri Cartier-Bresson ou de Robert Capa (poderiam ser acrescentados outros nomes) sabe que por trás do disparo do obturador está memória, escolha, em uma palavra: construção. Aquilo que permite reagir fulminantemente ao acaso é o lento acúmulo da experiência. E, em cada caso, ao reconhecimento de um

tema de pesquisa promissor (o instantâneo) deve necessariamente seguir o filme: para além da metáfora, a pesquisa (GUINZBURG, 2005, p.169).

Uma das principais questões impostas ao pesquisador dos acervos on-line é a falta de contato com a materialidade do impresso. A leitura na tela é diferente da leitura no papel e, portanto, se muda o suporte, muda também a leitura que fazemos dele. Por isso é importante o contato com o jornal em papel: perceber os detalhes que fogem ao olhar da tela iluminada, seu tamanho físico. Imaginar os leitores em contato com o papel impresso e pensar as práticas de leitura do *Estado* é atividade importante na pesquisa histórica, afinal de contas é pela materialidade que se pode pensar as técnicas disponíveis no período em questão.

Ao mesmo tempo que os acervos on-line nos impõem uma outra postura metodológica é preciso destacar a facilidade do acesso a eles. Somente pelos acervos on-line é possível disponibilizar este conteúdo aos historiadores do Brasil e do mundo. A prática de disponibilizar os acervos on-line auxilia na divulgação do conhecimento e na garantia do acesso às fontes de pesquisa. Assim sendo, empresas como o grupo *Estadão* possibilitam o acesso por meio da assinatura mensal de seu conteúdo, fazendo do acesso ao passado um negócio também lucrativo.

Desta forma foram reunidas todas as colunas *Coisas da Cidade* em pastas organizadas por ano e mês de publicação⁶³. Primeiramente pesquisadas as crônicas que apareceram pela busca de termos, e depois, as que foram buscadas edição por edição.

Coisas da Cidade é uma coluna de crônicas que aparece timidamente no *Estado de S. Paulo* a partir da década de 1910. Mas é somente no final do ano de 1918 que a coluna passa a ser assinada sob o pseudônimo P.

P. é um atento habitante da cidade. Sua visão das transformações urbanas, dos hábitos cotidianos aparecem por escrito nas crônicas publicadas pelo autor. Estes escritos trazem de forma leve e delicada os aspectos mais comuns da vida na cidade: os bondes, as peças teatrais, os encontros e desencontros da vida citadina, o carnaval e os esportes, além das reformas de ruas e dos novos serviços, que são alvos do olhar atento de um personagem que vê o seu entorno em constante modificação.

Coisas da Cidade, portanto, narra o comum. Com textos pequenos – se comparados às grandes reportagens, notícias de guerra e de economia, geralmente entre as páginas 4 e 6 do jornal, antes das *Partes Comerciais*, a crônica é publicada com periodicidade não mapeada. Em

⁶³ Conferir as tabelas de tabulação do conteúdo das crônicas nos anexos A e B.

alguns meses ela aparece todos os dias, em todas as edições, em outros não é publicada nenhuma vez. É, portanto, uma coluna flutuante em números, mas ainda assim muito frequente no jornal.

Usualmente não saía às segundas-feiras, mas isso não se configura como uma regra. Por isso é possível inferir que seu escritor folgava aos domingos. Além do cronista aqui em questão, pelo número de páginas do jornal, pode-se constatar que domingo era um dia de pouco trabalho na redação, o que pode ser compreendido através da lei que proibia a jornada de trabalho nos jornais aos domingos. As publicações de segunda a domingo têm entre dez e dezesseis páginas, enquanto que as de segunda-feira somam, no máximo, seis páginas. Em todas as edições as últimas páginas são dedicadas aos anúncios – afinal, são eles que possibilitam a existência financeira do jornal.

O *Estado de S. Paulo* traz algumas divisões internas que são perceptíveis na leitura do jornal. As primeiras páginas dedicam-se às notícias internacionais e de outros estados do país, especialmente do Rio de Janeiro com a coluna *Notícias do Rio*. As correspondências por telegramas possibilitam o contato com informações de todo o mundo e assim, o contrato com a empresa *Havas* possibilita a conexão de São Paulo com outras partes do globo.

Após as notícias internacionais e de outros estados vem as notícias do Estado de São Paulo. O mercado do café, pilar de sustentação do projeto burguês republicano, aparece com bastante frequência nas páginas do *Estado*. Por fim, nas últimas páginas que antecedem os anúncios, aparecem as notícias consideradas ordinárias. Aquilo que faz parte do cotidiano do/a paulistano/a. As corridas de automóvel, as notas sociais, os jantares, os esportes, a loteria. Tudo isso está presente nestas últimas páginas e é sobre elas que esta pesquisa se dedica.

O que é possível perceber pelos escritos aqui estudados é a construção de uma nova sensibilidade para a vida urbana. Os gostos, os cheiros, a organização espacial, tudo parece estar em transformação nesta década de 1920. A vida urbana vai ser marcada pelas exigências de um público cada vez mais atento aos protocolos de civilidade, às regras de convívio social e a organização e asseio dos espaços públicos e privados.

3.3 COISAS DA CIDADE

Pesquisar os hábitos cotidianos de uma cidade, num determinado tempo, através das edições de um jornal é uma tarefa que carece de atenção do pesquisador. Possivelmente não serão nas sessões de maior destaque, como as que aparecem na primeira página ou com grandes títulos que se encontrará os traços do comum. Esses aspectos se fazem ver na publicidade, que dão a ler hábitos de consumo, higiene e alimentação, nas colunas sociais ou nas crônicas.

Ao pesquisar o jornal *O Estado de S. Paulo* em busca de características do cotidiano de São Paulo na década de 1920 encontrou-se a coluna intitulada *Coisas da Cidade*, que aparecia com certa frequência na publicação diária. Percebeu-se então que tal coluna dedicava-se a contar, questionar e interferir nas transformações urbanas de todo o tipo que aconteciam na cidade neste período.

Assim deteve-se a atenção sobre elas. Discutindo as mais variadas temáticas possíveis, *Coisas da Cidade* dedicou-se a promover um debate público sobre uma gama variada de assuntos que tocava o dia-a-dia da vida urbana. Os projetos de leis discutidos na câmara, com ácida opinião do autor, os hábitos de higiene, as reformas, as peças de teatros e exposições de arte: tudo parecia ser de interesse do cronista. Ele apresentava-se como um cidadão preocupado com tudo que pudesse interessar à cidade.

A escolha por *Coisas da Cidade* deu-se pois ela apresenta o olhar sobre a cidade de São Paulo e narra, cotidianamente, as transformações estruturais e sensíveis de uma experiência urbana que se colocava rumo à sua transformação em metrópole. Assinada por P., as crônicas urbanas aqui estudadas trazem a visão de um agente ativo da cidade, que se mostra como um intelectual atento a toda onda de novidades que se apresentavam nesse processo de modernização.

P. não era um autor qualquer. Em seus escritos dá a ler o encaminhamento de obras públicas importantes, como a construção da Catedral e da Praça da Sé, por exemplo, refletindo sobre elas e dialogando diretamente com o poder público ao direcionar suas crônicas aos vereadores da capital paulista. Demonstra também ter certo trânsito entre os poderes locais. Não é um mero colaborador do jornal. Pelo que narra parece circular com desenvoltura entre os poderes públicos, recebendo, inclusive, informações privilegiadas sobre projetos a serem desenvolvidos, como é o caso da crônica que trata de relatar como será o *Futuro largo da Sé* (OESP, 04 fev.1922 p.6):

Há dias tivemos a oportunidade de ver os ‘croquis’ e as plantas desse projecto, e foi com a maior satisfação que verificamos quanto a cidade vae ganhar com a transformação do largo da Sé.

Não podemos, por enquanto, publicar detalhados informes acerca do projecto.

O disnticto engenheiro e lente da Escola Polytechnica, soube aproveitar optimamente o local, que será, com certeza, dos mais lindos trechos da cidade. Acresce que no ponto de mais movimento do largo haverá duas installações sanitárias subterrâneas, para cavalheiros e senhoras, uma e outra providas de pequenos negócios, taes como: perfumaria, flores, revistas e jornaes, barbearias, etc. Oportunamente nos referiremos, com mais detalhes, à excellente iniciativa do dr. Firmino Pinto. – P.

O acesso aos croquis e plantas do projeto do largo da Sé é só um dos exemplos do trânsito de P. na cidade e seus representantes públicos. É sobre essa cidade, palco de reformas, projetos de embelezamento e refinamento do gosto que o autor trata em suas crônicas, e é por meio delas que se pretende capturar um pouco do cotidiano de uma cidade em profundo processo de transformação. Além dos projetos mais estruturais, o autor narra também as novas formas de sobrevivência na cidade que atraía pessoas de todos os cantos do país: ambulantes, camelôs, engraxates e garçons são figuras que aparecem constantemente nas linhas que publicou no *Estadão*. Além disso, atua como um agente de um processo civilizador em curso, destacando normas e condutas e serem ou não seguidas nos novos padrões que uma nova cidade impõe.

P. parece transitar entre o velho e o novo, entre o tradicional e o moderno. Ele parece acreditar em um caminho único que conduziria ao que acreditava ser a civilização. Este seu modelo estava, certamente, baseado nos padrões Europeus, notadamente parisiense, pois sobre qualquer coisa que ele fosse opinar, utilizava de exemplos do exterior para balizar seus argumentos. Entretanto, o modelo de cidade europeia, que tanto sucesso fez na onda reformista que tomou o Brasil, e especialmente a capital federal, na virada do século XIX para o século XX, parecia estar perdendo força com a transformação de São Paulo em metrópole. O modelo de uma cidade formada por rodovias, arranha-céus e grandes casas comerciais parecia tomar cada vez mais espaço, parecendo-se mais com as cidades norte-americanas que com as cidades europeias. Essa confusão de expectativas sobre São Paulo está presente nas *Coisas da Cidade*. A crônica intitulada *S. Paulo Antigo* (OESP, 30 de nov.1920, p.6) nos dá a ler esse incômodo da modernidade, presente em seus escritos:

Uma tarde destas, passando pela rua 15 de Novembro, vi muita gente parada a olhar as vitrinas do Garraux. Como peneirava sobre a cidade uma chuvazinha impertinente e arreliante, o facto impressionou-me:

– Como um tempo assim, tanta gente diante de uma vitrina, e logo de livraria!...

[...] Ainda, se fosse em Pariz, nas galerias do “Odeon” ou nos alfarrabistas dos caes, não havia duvida que uma edição preciosa despertasse tal interesse. Mas aqui, um livro nunca interessaria um grupo numeroso, e, de mais a mais, um dia de chuva.

[...]

No mesmo instante, sinto no hombro a mão de um amigo, que me pergunta:

– Já espiou os quadros? Veja como o S. Paulo de hoje está cem annos daquele...

Eram, com effeito, alguns quadros de S. Paulo de outrora, que toda aquella gente estava a olhar: o “Largo da Sé em 1865” e a “Egreja da Sé” na mesma época, dois interessantes aspectos reproduzidos pelo sr. B. Calixto, e pertencentes a Curia Metropolitana. No primeiro, vê-se a cathedral acaçapada,

já com alguns “tilburys” ao lado, a Igreja de S. Pedro, os prédios vizinhos, com os beirais largos, sótãos e rotulas à moda do tempo. No primeiro plano, a entrada da rua lá onde hoje está o Café Girondino, vê-se a taboleta da Casa Garraux, que já tinha cinco annos de vida.

– Veja você, continua o meu amigo, nada disso existe mais hoje. Nada, a não ser a antiga livraria de Anatole Louis Garraux, onde então se vendiam livros e vinhos. A “Casa Garraux”, e, supponho que também a Casa Lebro – a qual deve datar de 1860 ou de pouco antes – são os unicos estabelecimentos dessa época que ainda existem nesta rua 15 de Novembro, monopolizada pelos bancos nacionais e estrangeiros... – P.

A crônica acima citada mostra certo saudosismo e sentimentalismo ao tratar de uma São Paulo do passado que, supostamente, nada lembrava a cidade em que os amigos que se encontraram em frente à Casa Garreaux⁶⁴ viviam. Para os amigos a cidade de 1920 estaria cem anos à frente daquela província de meados do século XIX, tamanhas as obras e as transformações da paisagem urbana, dos hábitos e dos costumes que São Paulo vivia no período. Assim, embora desejando uma modernização, o cronista parecia ter um pé no freio, e buscava garantir a chegada na modernidade com certa segurança. O retorno ao passado pela via da memória parece aprofundar um elo identitário do autor com a cidade. O processo de metropolização parece ocasionar essa perda de identidade: algo que P. demonstrava ter um certo receio.

A partir de algumas crônicas é possível perceber o trânsito de P., e o destaque de sua coluna na vida privada. Em *Resposta a um vereador* (OESP, 18 nov.1920, p.6), o cronista responde a um vereador que tratou de criticar as *Coisas da Cidade* e seu autor na Câmara Municipal:

O vereador que, de vez em quando, me honra com os seus desaforos, desabafou-se mais uma vez contra mim, na sessão passada da Camara Municipal. Quando elle annunciou o seu discurso, choveram apartes interrogativos:

- Refere-se a Light? Perguntou um.

- À Companhia de Gaz? Inquiriu outro.

E ainda um terceiro vereador:

- A famigerada Companhia de Gaz?

Não, o conspícuo edil vinha apenas tratar do modesto P. do ‘Estado’, e do que elle dissera sobre a avenida Wilson. E desandou-me uma reprimenda em regra: que esta secção vive a divertir-se com a Camara, quando há muitos assumptos importantes no Brasil e no estrangeiro – guerra, desastres de estradas de ferro, bolchevismo, o diabo, com que se podia entreter o chronista: que aqui se dissera ser a avenida Wilson um beco sem sahida, etc, etc. Por ahi já o leitor imagina o que foi o discurso do mencionado vereador. Na sua opinião ‘Coisas da Cidade’ é um título tão vasto, que abrange tudo, até as guerras mundiaes e até o bolchevismo. E ainda, na sua abalisada opinião, eu, que nunca me referi

⁶⁴ A Casa Garreaux ficava localizada no Triângulo e era um importante espaço de sociabilidades intelectuais. Além da comercialização de livros, a casa vendia artigos de luxo à moda francesa.

à saída da avenida Wilson, mesmo porque não cheguei a ver essa saída – eu, entretanto, considero a avenida Wilson como um becco sem saída...Seja tudo pelo amor de Deus! Estes senhores não lêem nunca o que eu escrevo, no interesse dos munícipes: – lêem apenas o que nunca me passou pela ideia escrever...-P.

Na citação acima transcrita pode-se perceber que as crônicas do jornal *O Estado de S. Paulo* em certa medida incomodavam o poder público. Cobrando ações, questionando medidas e projetos de lei, o que o cronista fazia era levar ao público leitor dos jornais o que os vereadores discutindo na Câmara, colocando sua opinião em todos os tópicos discutidos. Se parecia incomodar, pela crônica acima exposta, possivelmente seus escritos faziam sucesso e reverberavam pela sociedade. Não sem razão permaneceu por vinte anos no jornal. Com linguagem irônica e provocadora, o autor utiliza do anonimato para continuar a transitar com liberdade pelos diferentes espaços e ambientes, observando sempre o que poderia ser material útil para suas *Coisas da cidade*. Na crônica aqui transcrita fica evidente que se dedica apenas à cidade e àquilo que a ela interessasse, muito embora o vereador insistisse que havia outros conteúdos mais interessantes a se tratar, como as guerras e outras tantas preocupações. Mas o que interessa mesmo ao cronista é a cidade e seus contornos. E isso ele deixa bem marcado em todas as crônicas publicadas em *Coisas da cidade*.

Em outro texto, datado de 1924, o autor precisa novamente responder a um vereador, Luciano Gualberto⁶⁵, incomodado com outra publicação:

[...]peço encarecidamente ao sr. P. que deixe em paz os pobres vereadores e cuide de outras coisas que mais poderão interessar à cidade de S. Paulo”.

O sr. Gualberto não me envia, como se vê, às ortigas. Acha apenas que preciso deixá-lo em paz, a ele e aos colegas de verão, - e “cuidar de outras coisas que mais poderão interessar à cidade de S. Paulo”. Infelizmente, porém, muitas destas “coisas que interessam à cidade de S. Paulo” dependem das elocubrações e deliberações dos srs. Edis – e a gente, que as comenta, não pode deixar de aos edis se referir...

A crítica, faço-a com frequência, mas jamais com descortesia. Os vereadores, porém, é que teimam em se vêem atacados nesta seção e de vez em quando respondem, como o sr. Luciano agora, a hypotheticos ataques das “Coisas da cidade”.

E nisto fiquemos, porque já me estendi demais e em verdade não merecia tanto essa tempestade do sr. Luciano Gualberto, num copo d’água...- P. (OESP, 23 jan.1924, p.5).

⁶⁵ Luciano Gualberto hoje dá nome à uma das principais avenidas da Cidade Universitária (USP). Na década de 1920 ele foi um político bastante ativo, ocupando cargos de vereador e deputado. Foi médico e professor da Universidade de São Paulo.

Aqui mais uma vez defende que seu interesse é pela e sobre a cidade, e, portanto, precisa referir-se diretamente ao que discutem os representantes públicos na Câmara de Vereadores, por mais incômodos que possam causar.

Outra crônica que merece destaque aqui é a que se intitula *Descanso dominical* (OESP, 21 out. 1924, p.5), e que diz respeito a uma proposta de lei, em debate de Câmara, que previa o fechamento dos jornais não só aos domingos como nas segundas-feiras pela manhã:

Não podemos, ao menos por coherencia e desencargo de consciência, deixar que passe sem um comentário nesta secção, a tentativa, que daqui a poucos dias se tornará realidade – para se restabelecer a lei que prohibia a sahida dos jornaes às segundas-feiras de manhan. Nem por sabermos previamente que qualquer protesto nosso é inútil, porque os vereadores não nos darão ouvidos – estamos impedidos de mostrar mais uma vez que a municipalidade andaria mais acertadamente se tivesse acatado a decisão, em boa hora tomada pelo governo, de suspender a execução daquella lei extravagante. Nem vae também, nestas linhas rápidas qualquer descortezia para com os distinctos confrades que tem defendido o ponto de vista de alguns vereadores nesta questão do descanso dominical. O que uns e outros desejam é que a concessão de um dia de repouso por semana, nas empresas jornalísticas, e nada mais justo e louvável do que semelhante pretensão. Somente, não era preciso que esse dia de repouso fosse justamente o domingo, suspendendo-se por completo durante vinte e quatro horas o trabalho nas officinas e e redacções de jornaes. Se os que trabalham nos jornaes tem direito a descansar no domingo, porque não o teriam também tantos outros trabalhadores – os dos theatros, das pharmacias, dos bondes, dos trens, dos telephones?...

Os vereadores bem poderiam consiliar o interesse do publico com os dos jornalistas e operários de jornaes, estabelecendo em vez do descanso dominical, o descanso hebdomadário, e adoptando medidas contra as empresas jornalísticas que o não dessem aos seus redactores e operários. Dessa forma, ficavam estes com o seu repouso garantido, de sete em sete dias, e os jornaes sahindo regularmente às segundas de manhan, como succede nas grandes capitaes, mesmo naquellas como Pariz, onde as reivindicações são muito mais avançadas do que aqui.

O jornal é hoje tão indispensável como qualquer gênero de primeira necessidade, e tanta ancia de noticias tem o publico que já se não contenta com os orgams da manhan, mas exige tambem jornaes à tarde e à noite. Ora, se a Camara dispõe de meios para fiscalisar e multar as empresas que não concedem repouso hebdomadário aos seus auxiliares, nada aconselha que se vá ao extremo de prohibir o trabalho no domingo, e muito menos na segunda-feira até o meio-dia, como agora se pretende.

Reflectam os vereadores nestas coisas, e se querem realmente prestar serviço a uma classe laboriosa, sem prejudicar com isso o publico, deixem de lado o repouso dominical e adoptem o hebdomadário que é na prática a medida mais liberal e vantajosa.

É para se lamentar que, precisamente quando a Camara de Santos adhire à medida do governo, permitindo que os jornaes saiam às segundas de manhan a nossa edilidade procura fazer o contrario, e com mais rigor do que a principio...- P.

A crônica acima é quase uma súplica aos vereadores, uma tentativa de negociação pela abertura dos jornais e funcionamento de suas oficinas nos domingos e segundas-feiras. Com esta lei as empresas jornalísticas estavam mesmo a perder dinheiro, tanto pela venda dos jornais como pelos anúncios que eles sustentavam. Assim entende-se que ao levantar tão ferozmente esta bandeira, o cronista não se enquadrava como um mero funcionário. Era efetivamente alguém ligado aos escalões mais altos do *Estadão*, que brigava por ele e por seu lucro, notando o quão prejudicial a nova lei poderia ser para a empresa e buscando barra-la a todo custo. Tenta construir sólidos argumentos em contrariedade à lei, e destaca que naqueles tempos os jornais eram tão indispensáveis quanto os gêneros de primeira ordem. Esse tom de urgência e necessidade da imprensa periódica faz com que os jornais fossem entendidos como fundamentais para viver uma vida adequada à modernidade. Alimentar-se de notícias, saber sobre o mundo ou sobre a cidade parecia tão importante quanto comer.

O autor apresentava-se como intelectual, amparado pela boa formação e pelo bom gosto, promovia uma distinção social entre ele e seus leitores, notadamente por meio do domínio da palavra escrita. Em *Um commercio a explorar* (OESP, 23 fev. 1927, p.2) ele destaca que

Se o ‘Estado’ não fosse obrigado a obedecer à syntaxe, esta secção podia ser feita exclusivamente com as cartas dos leitores. Sobre os assumptos mais variados, e tambem sobre os mais disparatados, recebemos sempre a opinião ou o pedido de algum leitor. Somente, para uma ou duas cartas relativamente correctas, há cinco ou seis que precisam ser refundidas completamente, tal o desembaraço com que os missivistas distribuem os tempos verbaes e outras categorias grammaticaes).

De forma irônica diferencia-se daqueles que não dominam a escrita formal. As *Coisas da Cidade* eram feitas também por muitas cartas de leitores. Sobre isso é difícil definir: primeiro porque é preciso estranhar as práticas de cartas do público, tendo em vista que por muitas vezes os jornalistas utilizaram deste recurso, inventando correspondências inexistentes, para dar opinião escondendo-se ou mostrando que seu público respondia às suas colocações, tornando-o popular. Em segundo lugar porque se era tão difícil assim escolher cartas que fossem escritas corretamente dentro dos padrões esperados pelo próprio jornal, então não faz sentido que tantas cartas de leitores tenham sido publicadas na coluna aqui em questão. Ainda assim é possível perceber a construção de si por meio do refinamento. Esse aparato intelectual parecia dar-lhe uma voz autorizada para versar sobre as necessidades da cidade.

Para finalizar o traçado da autoria por meio das crônicas cabe aqui a transcrição de uma última, em que usa de recurso de humor e ironia para discutir obra tão importante para São Paulo:

Nós e o Portento

Quem foi que disse que fazíamos oposição à nebulosa Bibliotheca Municipal, que antes de ter um só livro já conta 26 funcionários há 15 dias estipendiados pelo município?...

Como são mal julgados os homens e as acções humanas! Aqui, nesta modestíssima secção, nada mais fizemos do que bater palmas calorosas à conspícua edilidade paulistana, pelo seu acto benemérito de criar, por intermédio do presidente, uma bibliotheca tão original como essa, e de distribuir os magros proventos de duas dezenas e meia de sinecuras. Chamamos a Bibliotheca de monstro – e ela é, de facto, monstro, isto é, como la ensina o Moraes – ‘uma coisa excessiva, em qualquer respeito’. Prodigio, portento, assombro...Tudo isso, mais ou menos, os leitores aqui encontraram, acerca da Bibliotheca. Dizer taes coisas é fazer oposição?...

Mostramos, com a penna a tremer de entusiasmo, por uma obra tão grandiosa e tão inédita, o destaque que São Paulo vae ter no mundo, d’ora avante, com essa Bibliotheca, que antes de contar um só livro, um simples manuscrito, um único impresso, já dispõe de 26 empregados para o difficil labor de bocejar. Os pobres funcionários, que [...] acceitaram o pesado encargo de director, subdirector, chefe de expediente, etc, etc [...] como é penoso vadiar!

Nunca nos ocorreu, portanto, dizer mal da portentosa obra, que vae attrahir à cidade caravanas de turistas, anciosos por verem uma grandiosa Bibliotheca...sem livros! – P. (OESP, 19 set. 1925, p.3).

O tom sarcástico que imprime ao texto sobre a Biblioteca Municipal, que atualmente leva o nome de Mário de Andrade, mas que se inicia apenas com funcionários, mas sem nenhuma publicação sequer, diz muito sobre o cronista: atento para todas as *coisas da cidade* e tudo que nela acontece, usa do seu espaço no jornal para promover um debate público e atuar como mediador entre o que acontece na cidade, seu debate pelos poderes públicos, e a forma como os habitantes que nela vivem interpretam-na.

Entendendo *Coisas da Cidade* como uma via de acesso a um olhar sobre a cidade de São Paulo no passado, entende-se que a coluna apresenta um ponto de vista privilegiado sobre o cotidiano da cidade, imerso em modificação constantes e de todo tipo. Por isso optou-se por centrar esta pesquisa nas colunas aqui citadas, notadamente as publicadas na década de 1920 pois entende-se que foi neste período que São Paulo começou a se querer, a se divulgar e a se apresentar como metrópole, o que envolveu uma modificação na paisagem urbana, mas também na forma de se comportar nela.

As crônicas pesquisadas foram encontradas e reunidas a partir do acervo digital do jornal *O Estado de S. Paulo*. A partir do acesso a elas foi necessário captura-las para leitura e

construção de uma tabela⁶⁶ em que fosse possível perceber as principais temáticas trabalhadas pelo autor. Atribuiu-se a cada uma das crônicas uma temática central e assim foi possível perceber quais os principais debates e sobre o que efetivamente versava a crônica. Foram estabelecidos os seguintes temas, a partir da leitura dos textos: embelezamento/jardins, arte/entretenimento, alimentação, reformas, transporte/trânsito, serviços/comércio, intelectuais/literatura, política, filantropia, higiene/saúde, nacionalismo/História, hábitos e sociabilidades.

Por mais que algumas delas nitidamente se imbriquem e se confundam, como por exemplo as categorias de higiene/saúde com embelezamento/jardins, pois são coisas que fazem parte de um mesmo processo, esta distinção foi necessária para procurar entender por onde caminhava o autor. Nas crônicas sobre embelezamento/jardins o cronista dedica-se a discorrer sobre a necessidade de construção de jardins e parques, a importância da arborização na cidade, ao embelezamento das fachadas de prédios e casas ou mesmo quais espécies de plantas seriam as mais recomendadas para uma cidade como São Paulo. Já nas crônicas sobre arte/entretenimento o autor busca mostrar seu trânsito pelos meios artísticos e intelectuais, especialmente na apreciação de óperas e espetáculos teatrais. Admirador da arte, tais publicações são também uma forma de construção de si, demonstrando sua refinada formação de gosto e tentando incutir tais hábitos e gostos aos leitores de *Coisas da Cidade*. As reformas também merecem destaques. São muitas as crônicas publicadas sobre este tema, tendo em vista que, das mais pequenas obras como o calçamento de uma rua, aos mais grandiosos projetos como a Praça da Sé, tudo merece atenção do cronista. E São Paulo, neste período, era um prato cheio para aqueles que se dedicavam a contar um pouco das transformações pelas quais a cidade passava. Transporte e trânsito, de pessoas ou veículos, foram pontos de mereceram bastante destaque entre as crônicas de P. Com um grande número de pessoas andando diariamente pela cidade, o convívio social gerava estranhamento e debate. Muitas foram as vezes em que o cronista se dedicou a falar sobre a velocidade dos automóveis, os bondes da Light ou mesmo sobre o ajuntamento de pessoas nas esquinas ou vitrines comerciais. A cidade reformada impunha mesmo novas formas de se portar e o autor parecia atuar para controlar as atitudes das pessoas comuns através de sua linguagem afiada. Serviços e comércio também aparecem com certo destaque: dos carteiros aos engraxates o cronista demonstrava preocupação constante com um comércio em ascensão. Talvez por isso tenha se dedicado tanto a falar sobre lugares

⁶⁶ Conferir as tabelas nos anexos A e B.

destinados à alimentação, que mereceu o estabelecimento de uma outra temática na análise das fontes.

Assim, optou-se por trabalhar mais detidamente apenas sobre as crônicas em que dava a ler os hábitos alimentares, especialmente os que envolviam o consumo fora de casa. A cidade moderna é o local do encontro, e boa parte deles se dava nos cafés, restaurantes, confeitarias e sorveterias que seriam não só para suprir as necessidades, mas para lazer e para aparecer. Pensar o cotidiano pelas novas sociabilidades e encontros que se mostram em *Coisas da Cidade* é um dos objetivos desta tese, pois a partir deles, cruzados com as publicidades do período, foi possível colocar algumas casas comerciais no mapa do Triângulo Central⁶⁷, perceber as divergências entre publicidade e crônica e estudar as formas como comer e beber ultrapassavam o campo do natural e atingiam contornos de prática social e cultural.

3.4 PLÍNIO BARRETO

Tentar descobrir a autoria das *Coisas da Cidade* não foi tarefa fácil. Exigiu um trabalho detetivesco, por meio dos indícios e sinais que se mostravam no meio dos textos das crônicas.

Inicialmente, à primeira vista, não há nada que indique que Plínio Barreto era o escritor das rubricas sobre a cidade de São Paulo. Apenas um P. aparecia nas assinaturas finais de cada texto, dificultando o trabalho de descobrir quem estava por trás daquela observação do cotidiano que se colocava por escrito.

Assim, somente com a leitura apurada de cada uma das crônicas, dia a dia, que foi possível ao menos desconfiar de quem estava por trás de tais escritos. O que o autor demonstrava era um certo trânsito no poder público, um domínio da palavra escrita, da linguagem jurídica e uma vontade de ver a cidade progredir. Mas, essas poucas informações não levariam à autoria: muitos eram os homens de letras situados em São Paulo no início do século XX, formados na faculdade de Direito no Largo de São Francisco, ansiosos pela transformação de São Paulo em uma cidade cosmopolita. Mais do que características individuais, eram atributos de uma elite intelectual, que atuava tanto na vida pública, como na imprensa, no comércio e estavam presentes na rua, espaço privilegiado para observação da vida que se modernizava.

Somente pelos aspectos acima citados não era possível, portanto, atribuir a autoria das crônicas. A leitura de todos os textos publicados sob a alcunha de P. possibilitou uma visão

⁶⁷ Conferir planta (anexo C) e tabela (anexo D) com as casas comerciais anunciantes do *O Estado de S. Paulo* em anexo.

mais cuidadosa sobre seus escritos. Muitas foram as crônicas em que se dedicou a falar de atividades intelectuais, distinguir-se socialmente pela construção do gosto refinado, mostrar-se como agente ativo numa cidade em transformações. Entretanto, em meio a tantos textos um chamou especial atenção. Trata-se da crônica intitulada *Um aniversário* (OESP, 23 jan.1920, p.5)

Um aniversário

Aqui está um aniversário que mais do que nenhum outro merece ser assinalado nesta chronica da cidade: a 'Revista do Brasil' aqui fundada em 1915 completa, com o numero deste mez, quatro annos de publicidade. Neste paiz de muitas tentativas e poucas realidades, viver quatro annos uma publicação como a 'Revista do Brasil' não é coisa de somenos e merece que nos detenhamos um pouco num breve registro e commentário.

Digamos desde logo que se isso pode ser uma surpresa para muitos não o será, porém, para os que acompanharam a 'Revista' desde o início ou desde antes de se iniciar, quando apenas se annunciou a constituição da sociedade que a ia lançar. Basta dizer que com a primeira noticia do apparecimento de uma grande publicação nacional a cuja frente estariam, como directores, Luiz Pereira Barreto, Julio Mesquita e Alfredo Pujol e como redactor-chefe Plinio Barreto – só com essa simples noticia começaram a chover assignaturas à administração, a tal ponto que, antes de sahir o seu primeiro número, já a 'Revista do Brasil' tinha nada menos de 450 assignantes...

O facto é, pois, muito lisonjeiro para a nossa cultura, e já revela nos paulistas um esclarecido critério intellectual, mercê do qual a 'Revista do Brasil' poudes tão rapidamente chegar a essa esplendida situação. Mas não foram só os paulistas que receberam com enthusiasmo essa revista: a sua aceitação foi geral em todo paiz tal como a desejavam seus fundadores de sorte que a 'Revista' se pode dizer hoje, com a maior propriedade e justiça verdadeiramente do Brasil e não apenas de S. Paulo. Dahi a bela obra nacionallisa que por meio dela se está lentamente realisando, não só na diffusão da cultura geral como no conhecimento e estima reciproca dos brasileiros.

Iniciada sob a direcção intellectual de Plinio Barreto a 'Revista do Brasil' tem agora à sua frente Monteiro Lobato: dois espíritos originaes e brilhantes, posto bem diversos e graças aos quaes o excellent mensário tem conservado o invejável prestigio intellectual que logo no início grangeou. É de esperar que bafejada como tem sido pela sympathia e apoio popular, a 'Revista do Brasil' seja no paiz a demonstração mais cabal de quem uma publicação séria e honesta que só visa propagar a cultura, pode aqui viver e progredir por muito tempo.

Desejaria poder alludir aos collaboradores que tem tido a 'Revista' entre os quaes se contam Ruy Barbosa, Bilac, Pedro Lessa, Medeiros Alberto de Oliveira, Luiz Barreto, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Adolpho Pinto, Mario de Alencar e tantos outros; e as magníficas obras que tem editado e cujas edições se contam por milhares de volumes. Mas o espaço de que disponho é pequeno e isso me levaria longe. – P.

Inicialmente tinha-se apenas a provável letra inicial de seu nome: P. Foi na leitura desta crônica que o nome Plínio Barreto saltou aos olhos. Certamente foi um golpe de sorte desconfiar logo deste nome, mas por estar à frente de uma publicação como a *Revista do Brasil* e ao lado

de Júlio de Mesquita, dono do jornal *O Estado de S. Paulo*, o nome destacava-se. A busca pela autoria das crônicas apresenta-se como um trabalho de detetive, aos moldes do que destaca Carlo Guinzburg (1989, p.179) em *Mitos, Emblemas e Sinais*. Para ele “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou diagnosticador limitando-se pôr em prática regras preexistentes. Neste tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” Desconfiar do nome de Plínio Barreto foi uma ação baseada numa intuição, entretanto, um faro guiado pelo saber quem eram as demais figuras que apareciam na crônica, que deram indícios para esta descoberta. Numa escrita recheada de autoelogios, o autor usa de seu espaço no jornal para se autopromover. Para Sandra Pesavento (2002, p.20)

Por vezes, a constituição de um paradigma indiciário não se prende às evidências manifestas, mas sim aos pormenores, aos sinais episódicos, aos elementos de menor importância, marginais e residuais, que, contudo, permitirão a decifração do enigma e o desfazer de um enredo.

Foi este o caminho que se tentou trilhar para descobrir o nome por trás das crônicas, buscando ler nas entrelinhas, nos elementos aparentemente de menor importância e residuais.

Somente este indício não nos dá certeza da autoria da crônica. Foi apenas o ponto de partida para uma pesquisa que se desdobrou não só pelo jornal como por outros caminhos. Após a desconfiança gerada, a busca no acervo do jornal foi imprescindível ao menos para conhecer um pouco mais do nosso autor. Foi nesta segunda busca que se encontrou uma reportagem comemorativa de seu centenário, em 1982, destacando sua trajetória pública e seu papel no jornal *O Estado de S. Paulo*.

A reportagem em questão traz depoimentos do filho e de colegas, que mais que as informações objetivas como sua data de nascimento, onde trabalhou, suas posições políticas, número de filhos e identidade da esposa, despretensiosamente apresentam caminhos a trilhar para comprovar sua autoria. Em entrevista, Caio Plínio Barreto explica que “são dessa época as Crônicas da Cidade de São Paulo, que falam do circo, teatro e ópera na época” (OESP, 5 dez.1982, p.160). Este é um testemunho que vem da lembrança, da memória do filho sobre a trajetória do pai. Passível de erros e confusões, este depoimento leva a questionar: seriam as *crônicas da cidade de São Paulo* as mesmas *Coisas da Cidade*? Uma nova busca no acervo do *Estadão* foi necessária. Não se encontrou nenhuma coluna com o nome *Crônicas da Cidade de São Paulo*. Os temas elencados pelo filho também aparecem com frequência em *Coisas da Cidade*⁶⁸: mostrando seu gosto refinado, demonstra conhecer os artistas, ser apreciador de arte

⁶⁸ Cf. as tabelas nos anexos A e B.

assim animada e estuante de vida, e somando isso às circunstancias que fazem deste logar o entreposto de uma zona riquíssima do Brasil, a gente não pode deixar de ter plena confiança no futuro de S. Paulo, esperando com tranquilo e seguro optimismo, que a capital seja, dentro de algumas dezenas de annos, uma das maiores cidades do mundo.

Fora os Estados Unidos não há no mundo cidade cujo desenvolvimento se possa comparar ao de S. Paulo. Na Europa, as velhas cidades já tem physionomia própria, e se progridem não é, porém, com o rythmo que se nota em São Paulo. Pelo menos não é como aqui tão visível o surto de progresso, de sorte que o viajante que vê, pela segunda vez, Hamburgo, Berlim ou Pariz, tem a impressão de que taes cidades já deram o que tinham a dar e não avançam como nós avançamos.

Mas, a primeira impressão do forasteiro logo se dissipa se elle procura conhecer melhor a vida da cidade estrangeira, como são organisados os seus serviços públicos, que novidades existem dignas de ser conhecidas e admiradas. Então é que se vê a distancia enorme que ainda nos separa do Velho Mundo: se aqui o progresso material é mais visível, é porque somos uma cidade em formação, que às pressas e atropeladamente, transforma a cidadezinha brasileira de outr'ora na metrópole cosmopolita que estamos vendo. Esse avanço prodigioso pode nos orgulhar, porque enfim, revela trabalho e riqueza, mas não há dúvida que seria melhor se caminhássemos com menos açodamento e mais prudência. A cidade não espantaria tanto, mas, em compensação o que se fizesse seria bem feito, e nós não seríamos hoje a cidade defeituosíssima que somos, do ponto de vista da beleza e urbanismo.

Mas como não é possível entravar o progresso de uma cidade, entregue como a nossa, a uma população laboriosa, só há a lamentar que os seus governantes não tenham tido o necessário descortino para guiar e orientar esse desenvolvimento, traçando regras e executando-as de forma a sermos não só uma cidade grande, como uma grande e bela cidade...- P. (OESP, 02 mar.1929, p.4).

A partir desta crônica comprova-se que o autor esteve em viagem para o exterior e demonstra sua reação ao se deparar com sua cidade, tão mudada em apenas sete meses de ausência. O retorno da coluna com o relato de suas impressões sobre viagem ao exterior é mais um passo no caminho da comprovação da autoria, se cruzado com a informação de que esteve em viagem para Europa no ano de 1929.

Ainda assim não é possível afirmar categoricamente que se tratava mesmo de Plínio Barreto. Por mais que as informações convirjam para isso, foi preciso ir mais a fundo de sua trajetória para chegar ao resultado esperado.

Procurando por Plínio Barreto descobriu-se que seu acervo pessoal, contendo cartas e fotografias, está todo salvaguardado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB – USP). Em seu site um breve resumo de sua biografia e a informação de que seu acervo pessoal consta de 1.702 peças. No catálogo digital encontra-se um breve resumo de cada uma das cartas, por onde foi possível destacar uma delas, que diz respeito a uma publicação de nota em jornal.

Ao entrar em contato com o IEB a funcionária responsável pelo Arquivo, Elisabete Marin Ribas foi extremamente solícita e viabilizou o acesso à correspondência, enviando-a via e-mail. Segue aqui o conteúdo da carta que auxiliou a finalização desta empreitada pela comprovação da autoria. A correspondência é datada de 11 de março de 1931 e endereçada ao dr. Whitaker. Nela Barreto agradece a carta recebida, e informa ao seu interlocutor que a intenção da publicação não era de uma hostilidade a Whitaker nem à sua administração e conclui que acredita não ter sido injusto com o texto publicado no jornal. Conclui a carta pedindo desculpas pelo desgosto causado pela nota no *Estadão*, conforme o excerto abaixo:

não houve, da parte do ‘Estado’, nem seria possível que houvesse, a mínima intenção de hostilidade ao illustre paulista que tantos e tão inestimáveis serviços está prestando à nossa terra. A ‘nota’ saiu para satisfazer às exigências do público que, realmente, ficou alarmado com o dispositivo sobre o levantamento da prescrição dos impostos. Neste ponto, creio que não fui injusto. [...]

Pedindo-lhe desculpas pelo ligeiro desgosto que lhe causei com a “nota” do “Estado”, continuo, aqui, às suas ordens, com a mesma e profunda admiração de sempre.

Do seu velho amigo (Arquivo IEB - USP, Coleção Plínio Barreto, código de referência: PB-C-CA-70).

A carta acima expõe certo incômodo por parte de José Maria Whitaker⁶⁹ por texto publicado por Plínio Barreto no jornal *O Estado de S. Paulo*. Esta correspondência é uma resposta pessoal do autor pelo desconforto causado por seu texto. O conteúdo acima exposto diz respeito às novas regras para o imposto predial na cidade de São Paulo, em momento de crise e tensão em todo o país, ocasionada pela Revolução de 1930⁷⁰ e o novo governo que se instalava, promovendo profundas mudanças na República brasileira. Mas, o que nos cabe é descobrir se as *notas* citadas na carta foram publicadas na sessão *Coisas da Cidade*. Em caso positivo, esta seria a parte final da pesquisa para comprovação do nome de Plínio Barreto à frente da coluna estudada nesta tese.

Por isso, recorreu-se novamente ao acervo digital do *Estado de S. Paulo*. Buscando as crônicas publicadas em data próxima do envio da carta encontrou-se a que se segue abaixo:

⁶⁹ Nascido em São Paulo em 20 de maio de 1878, viveu até 1970 e durante vida foi banqueiro e político, ocupando o cargo de Ministro da Fazenda por duas vezes: de novembro de 1930 a novembro de 1931, e de 12 de abril a 10 de outubro de 1955.

⁷⁰ A Revolução de 1930 foi um movimento político, caracterizado como golpe de Estado, que não permitiu a posse de Júlio Prestes à presidência da República, tomando lugar provisoriamente Getúlio Vargas, que permaneceu no poder até 1945. Vargas volta depois eleito na década de 1950. Cf. DECCA, Edgar de. **1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

O imposto territorial

Recebemos a seguinte carta: “Sr. redactor. Acerca do decreto n.4.909, de 27 de Fevereiro, que obriga as respectivas declarações ao fisco, os possuidores ou ocupantes de imóveis, na capital e zonas rurais do Estado, ha, entre os interessados, grande confusão, que convinha fosse desfeita pelo governo. Parece que ninguém ainda fez a declaração exigida por esse decreto, pois não se sabe ao certo se este se refere somente aos terrenos, ou inclui também os predios da zona urbana da capital. Essa hesitação dos futuros contribuintes é muito explicaval, sr. redactor, desde que se attente um pouco para as disposições do decreto. Se este é destinado a verificar “as falhas e deficiências do serviço de lançamento do imposto territorial”, como se lê no seu primeiro considerado, affigura-se-nos que só os terrenos, sujeitos até agora a esse imposto, é que deverão ser declarados as repartições fiscais. Essa interpretação é única admissível, desde que tal lançamento se destina ao imposto territorial, e atendendo ainda ao art. 1º que dispõe sobre os imóveis situados nas “zonas rurais do Estado”. Se se excluem os das zonas urbanas do Estado, parece que os da zona urbana da capital também estão excluídos. Mas o decreto não é bem explícito a respeito, de sorte que os interessados, que até 27 de Abril de fazer a sua declaração em regra estão vacilantes. Impõem-se, portanto, as intruções do governo, instruções que poderão esclarecer todos esses pontos e mesmo quanto ao valor venal dos” immoveis e bemfeitorias”. Valor venal neste tempo, de tamanha desvalorização? Não se poderia substitui-lo pelo valor da aquisição, desde que esta seja recente?...

As nossas dúvidas quanto a incidência do imposto sobre os predios situados na zona urbana tem toda procedencia , não só porque, segundo se vê do decreto, parecem excluídos dele os immoveis das zonas urbanas ou municipais do Estado, como porque, sobre os predios da capital já pesa- e bastante – o imposto predial, que se é arrecadado pelo Estado o é por uma excepção bem explicavel.

Emfim, o que nós pedimos são esclarecimentos do governo, o qual sem duvida não tardará em da-los por meio de instruções nos seus exactores, devidamente publicadas para conhecimento dos pobres contribuintez. Pedindo-lhe agasalhoo para esta, sou, att., etc.” – P. (OESP, 7 mar. 1931,p. 4).

Com o cruzamento das informações entre a correspondência e a publicação da crônica, em datas próximas, acredita-se ter chegado uma possível autoria da coluna *Coisas da Cidade*. A crônica foi publicada no jornal em 7 de março de 1931. José Maria Whitaker envia carta, em 9 de março de 1931, sobre esclarecimentos sobre medidas tributárias⁷¹, e recebe a resposta de Plínio Barreto em 11 de março de 1931. Como a *temática* da crônica e a da carta versam sobre o mesmo assunto, medidas tributárias e taxação de impostos, acredita-se que elas convirjam para o estabelecimento da autoria de Plínio Barreto frente às crônicas publicadas em *Coisas da Cidade*⁷².

⁷¹Cf. Disponível em:

<http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumento.asp?Documento_Codigo=78386> . Acesso em: 05 nov. 2017.

⁷² A partir deste momento esta tese passará a tratar Plínio Barreto como o autor das crônicas *Coisas da Cidade*, tendo em vista a pesquisa realizada. Como em toda a pesquisa histórica uma revisão é possível e novas fontes podem apontar para uma outra autoria. No entanto, a partir do acima exposto e do caminho que as fontes consultadas mostram, acredita-se tratar de Plínio Barreto à frente da coluna.

Há alguns trabalhos que citam o autor ou dedicam-se a pesquisar traços de sua vida pública. Há pesquisas sobre sua correspondência, sobre sua atuação frente à Revista do Brasil ou mesmo que apenas tangenciem sua participação no jornalismo brasileiro ou sua atuação no campo do Direito. Mesmo as publicações jornalísticas trazem apenas as informações referentes à chefia da redação do *Estadão* ou às Crônicas Forenses, coluna por ele assinada no início do século XX, que resultou em livro publicado em 1912.

Entretanto, não se encontrou nenhuma publicação que fizesse referência (além do depoimento de seu filho sobre as *crônicas da cidade de São Paulo*) à *Coisas da Cidade* e sua observação do cotidiano paulistano. A partir disso entende-se que é de fundamental importância colocar alguns traços biográficos do autor no sentido de entender seu lugar social e como vai se constituindo como um *intelectual-mediador*.

O cronista nasceu na cidade de Campinas em 10 de junho de 1882 já com 14 anos ocupa o cargo de revisor no jornal *O Estado de S. Paulo*. A necessidade de trabalhar cedo coloca-o nem nas classes mais abastadas nem nas mais miseráveis: foi por meio do trabalho que pôde concluir seus estudos e prosperar. Desde o início de sua carreira no *Estado de S. Paulo* esteve ao lado de Júlio de Mesquita, redator-chefe e principal acionista do grupo. Foi a pedido deste que Barreto ficou responsável por organizar um grupo de intelectuais para colaborar com uma publicação mensal sobre cultura: a Revista do Brasil, lançada em 1916 e que tinha Plínio Barreto como redator-chefe, cargo que exerceu até 1918 quando passou para as mãos de Monteiro Lobato (CABRAL, 2009, p. III). Em *Coisas da Cidade* faz outra menção à *Revista do Brasil*, já não mais sob sua direção:

A 'Revista do Brasil'

Quem conhece, ou sequer imagina, o que é a direção de uma grande revista, não pode ter estranhado um engano que escapou à revisão do numero de Dezembro da 'Revista do Brasil', engano tanto mais notável quanto se referia precisamente a data da fundação da revista. A conhecida e apreciada publicação, que já conta alguns milhares de leitores, fazia-se mais nova do que realmente é, encurtando de um anno a sua existência que já data de Janeiro de 1916. O facto não tinha, a falar verdade, grande importância, mas sugeria-me a oportunidade de aludir mais uma vez à Revista do Brasil, e, desfazendo publicamente o equívoco, contar como ella se fundou e quem foram os seus iniciadores.

Nesta modesta chronica da cidade não podia deixar de ser registrada a nova phase da 'Revista do Brasil' – tal como, em Pariz, nenhum chronista deixaria de commentar a sahida de René Doumic da 'Revue des Deux Mondes'. Pelo seu prestígio e pela sua obra já considerável, a 'Revista do Brasil' é aqui uma espécie de 'Revue des Deux Mondes'... – P. (OESP, 28 de jan. 1921 p.5).

Aqui demonstra novamente estar próximo à direção do mensário, corrigindo publicamente um erro de edição, preocupação que talvez não estivesse presente caso o cronista não tivesse um envolvimento direto com a publicação. Mais uma vez utiliza dos autoelogios para referir-se à Revista do Brasil e compará-la com a publicação francesa.

Sua ascensão no jornalismo também merece destaque. Publicava as Crônicas Forenses, ficou à frente de *Coisas da Cidade* entre as décadas de 1920 e 1930, e em 1927, com a morte de Júlio de Mesquita, assumiu o cargo de redator-chefe do *Estado de S. Paulo*. Antes disso, em 1926, mesmo continuando suas atividades no *Estadão*, assume a direção de outro periódico, o *Diário da Noite*. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1999, p.368)

Júlio de Mesquita faleceu em 1927. A 15 de março desse ano, organizou-se a sociedade anônima que presidiria a empresa do *Estado de S. Paulo*: Armando de Sales Oliveira era o diretor-presidente; Francisco de Mesquita, Júlio de Mesquita Filho, Carolino da Mota e Silva, Antonio Mendonça e Carlos Vieira de Carvalho, os diretores; Plínio Barreto figurava como redator-chefe; Ricardo de Figueiredo como gerente. As oficinas passaram à rua Barão de Duprat, 233 e em 1929, a redação instalou-se à rua Boa Vista, 186. Foi uma fase de grande prosperidade para o jornal.

Além de todas as atividades jornalísticas, exercia sua profissão de formação como advogado, conciliando as duas carreiras. Para além das duas funções atuou como crítico literário e exerceu cargos públicos, mostrando enquadrar-se na categoria de intelectual bem própria da primeira metade do século XX: aquele que domina diversos campos e atua de forma multifacetada, especialmente compondo o debate público. A partir da década de 1930 passa a galgar espaços na vida política sendo, inclusive, indicado a interventor do Estado de São Paulo. Seu nome era, de fato, importante, pois contava com diversos apoios, inclusive de um dos jornais de maior circulação no país à época. Em 1932 deu apoio ao movimento constitucionalista e chegou a ser preso por poucos dias, no Rio de Janeiro, após a derrubada da Revolução de 1932. Durante o período conhecido como *Estado Novo*, Barreto manteve em suas publicações – e à frente da redação do jornal – uma oposição bem marcada ao governo federal. A partir de 1945 passa a concorrer a cargos públicos pela União Democrática Nacional (UDN), sendo eleito deputado federal. Traços de sua biografia e vida pública podem ser consultados no Dicionário Histórico-Biográfico, produzido pelo CPDOC, no verbete Plínio Barreto.⁷³

⁷³ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barreto-plinio>> Acesso em: 05 nov. 2017.

Durante todo seu período de vida adulta esteve envolvido com a imprensa diária. Sempre à frente do *Estado de S. Paulo*, Plínio Barreto dedicou-se ao jornalismo até a data de sua morte. Em 1958 foi indicado à Academia Paulista de Letras, mas não pôde tomar posse de seu cargo.

As atividades exercidas em vida por Plínio Barreto demonstram sua ascensão social. Foi um homem de letras, e circulou entre as elites, classe que parece ter pertencido após galgar importantes espaços de prestígio e poder. Para Flávio Heinz (2006, p.7) podem ser considerados membros de elite os “dirigentes, pessoas influentes, abastados ou privilegiados”. O cronista exerceu cargos públicos, esteve à frente da direção de um dos maiores jornais do país, demonstrava ter influência (tanto por ser considerado um possível nome para interventoria do estado, ou mesmo, alguns anos antes, pelo debate de suas crônicas em plena sessão da Câmara de Vereadores) e mesmo vindo de família não tão abastada, conquistou espaços importantes e pode ser considerado um homem privilegiado em sua vida adulta. Some-se isso “aos nexos existentes entre posição social, origem e formação escolar” (HEINZ, 2006, p.11). Embora as origens de Barreto não sejam as mais abastadas, teve formação escolar e superior condizente com seu papel social: frequentar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco era, pois, uma demonstração de trânsito social, prestígio e certo poder. Apadrinhado de Júlio de Mesquita sua posição foi reafirmada pelos lugares que ocupou e por onde circulou: por como mediou a relação entre o jornal, os poderes públicos e o público em geral. Ele foi, portanto, ao longo de toda a sua vida adulta, o que definimos aqui como intelectual, como “produtor de bens simbólicos envolvido direta ou indiretamente na arena política” (GOMES, 1996, p. 38-39).

Assim, para finalizar esta breve incursão pela vida de Plínio Barreto, cabe destacar algumas palavras de Antônio Candido (“Prefácio” in BARRETO, Plínio. 1958) no prefácio do livro intitulado *Páginas Avulsas*, publicado pelo cronista em 1958. Candido faz uma bonita definição de Plínio Barreto que, mesmo que longa, vale a pena a leitura

Na literatura, passeia a sua cultura e a sua sensibilidade, oferecendo aos outros a messe da excursão. Não é um teórico nem um erudito, não é um esteta nem um novo retórico; é um crítico. Lê, sente, pensa, intui certos traços esclarecedores e organiza as impressões em torno de alguns princípios solidamente estabelecidos, mas apresentados com leveza. As vigílias de estudo, a riqueza de informação, a solidez do conhecimento – lendárias nesse asceta da inteligência – são apenas pressupostos na densidade elegante dos ensaios. Fiel às tradições humanísticas, fiel às concepções oitocentistas de jornalismo crítico, fiel sobretudo à linha francesa de equilíbrio, decoro e razão, parecer-lhe-iam por certo descabidas as glosas e exegeses, as notas e as alegações. A família de espíritos a que pertence tira da conversa polida e espirituosa a diretriz da prosa escrita. Nada mais longe do arquivo e do documento, pois a letra deve aparecer como molde da vida, dos interesses que formam o tecido da condição humana. Neste sentido, a crítica de jornal é

civilizadora, desbastando o tecnicismo das especialidades para ressaltar o traço que vincula o leitor à experiência da obra. Criticar, então, é mostrar o humano, "ondulante e diverso", sob os caprichos da forma.

Neste belo estudo, Plínio Barreto, como o verdadeiro crítico jornalista, nada *descobre* (tarefa de investigador), mas tudo *revela*. Dos dados fornecidos pela biografia e pela leitura pessoal, pelo conhecimento da época e fortuna da obra, extrai o seu Machado de Assis, deixando-nos apreciar o tato da análise e o princípio diretor da sua crítica, isto é, expor as características de uma personalidade literária por meio dos traços que a visão pessoal selecionou, ao considerá-los mais significativos. No caso do autor de *Brás Cubas*, a visão de Plínio Barreto poderia ser indicada por meio de um conceito: o de decoro. Se bem atentarmos, veremos que todas as suas reflexões giram em torno dele. Decoro que não é pudor nem senso de medida, respeito de si mesmo nem consciência artesanal, porque é tudo isso. O crítico tem noção da imensa complexidade dessa obra, e longe estaria de resumi-la numa fórmula; por isso, procura apresentá-la em toda a variedade. Mas, no fundo de tudo, sentimos a referência permanente ao homem Machado de Assis, e, nele, a essa qualidade misteriosa que não sei como qualificar, e só é decoro se for ao mesmo tempo força, drama, ironia, dilaceramento do ser e catástrofe do mundo – mas contidos na elegância sem par da forma, no equilíbrio que, pressupondo desequilíbrios terríveis, é vitória do espírito.

Plínio Barreto mostrou admiravelmente este decoro, no nosso maior escritor, destrinchando da obra o traço rico da personalidade. Noutros estudos, são outros elementos que ressalta, segundo o significado de cada caso. Mas na sua crítica, poderíamos também dizer que sobrepára um decoro permanente – na forma, contida e firme; nas ideias, equilibradas e lúcidas; nas preferências, completadas pela imparcialidade e a honestidade intelectual. Se a sua formação o aparelha para sentir melhor os clássicos e os que deles se aproximam, o fato é que poucos perceberam melhor o irregular Oswald de Andrade, ou o patético Otávio de Faria; e dificilmente encontraremos, sobre Mário de Andrade, caracterização mais justa e penetrante que a do estudo sobre *Belazarte*. É que, para os críticos, como este, cientes da sua tarefa, voltados para o sentido humano da literatura, pára sobre as preferências a acerada disponibilidade do gosto, captando beleza onde estiver, e oferecendo ao leitor o espetáculo de um espírito livre, nutrido no comércio sereno dos livros, sem tecnicismo nem dogma, liberal e jornalístico no melhor sentido de Thibaudet.

Ainda que em *Coisas da Cidade* não tenha se dedicado à crítica literária, atuou como crítico das ações dos homens na cidade, apontou qualidades e defeitos, buscou conduzir um caminho para o desejado progresso. Compreendo que o autor aqui citado se situa entre o homem comum e o intelectual-mediador, que *nada descobre mas tudo revela*, abrindo um caminho interessante para perceber a vida na cidade no início do século XX.

3.5 A CIDADE COM VIDA

O nosso centro é realmente muito pequeno para o grande movimento que nelle se faz durante o dia, e sobretudo do meio dia às 18 horas, e tudo quanto as

autoridades municipais fizeram por desafogal-o merece os nossos sinceros aplausos (OESP, 24 jan.1920 p.6).

A citação acima é uma dentre tantas outras em que Plínio Barreto trata do grande movimento que se via na cidade de São Paulo, tal qual uma grande metrópole. O movimento não é só de máquinas ou do tempo que corre acelerado, mas, acima de tudo, de pessoas. Assim, são vários os tipos urbanos a quem o autor se detém a traduzir em suas rubricas da crônica urbana. Alguns provocam desconforto, outros são bem vistos. De toda forma são os personagens principais que compõem a paisagem urbana de São Paulo na década de 1920, afinal nenhuma metrópole é vazia: ela é feita de pessoas. Tratar-se-á aqui de alguns desses tipos caracterizados nas *Coisas da Cidade*.

O primeiro exemplo a se citar aqui são os *almofadinhas* (OESP, 14 fev.1920, p.5). Circulando pelo centro da cidade sem muito o que fazer, passavam as tardes – horário preferido para o *footing* das senhoras e senhoritas pelas vitrines do comércio – a incomodar as moças, de acordo com Barreto. Causando desconforto às senhoras e, possivelmente a seus pais e maridos, o autor coloca-se como defensor dos bons costumes e boa educação e destaca a necessidade de ação policial para coibir tais ações:

A polícia, entretanto, tomou a si agora acabar com a péssima reputação de mal educados que tem a maioria dos nossos rapazes: os nossos votos são para que não affrouxe nem desanime nessa campanha porque a classe de gente a que o povo denomina ‘almofadinhas’ – é das que não merece consideração alguma...

Tratava-se, portanto, de uma ação em prol da boa educação. A seu ver a polícia – força pública – deveria intervir diretamente sobre os *almofadinhas*, tendo em vista o desconforto que causavam àquelas que passavam as tardes a flunar pelo comércio do Triângulo. Aqui vê-se bem a preocupação do autor: a moralização da sociedade e a formação para civilidade. Entende-se que as novas organizações estruturais da cidade promoviam também novas práticas sobre ela. Por isso Barreto entendia que era preciso educar a população, tomando medidas enérgicas se fossem necessárias, como a utilização da polícia para educar os jovens. A cidade tornou-se um espaço de convivência, lazer e divertimento diários: lojas, sorveterias, confeitarias e cafés promoviam o encontro e seduziam as pessoas para as ruas, pois era nelas que as novidades se encontravam.

Um outro tipo urbano que o cronista insiste em narrar em suas crônicas são os mendigos. Em crônica publicada em agosto de 1924 destaca

Os mendigos

Porque, enfim, dava um triste attestado da nossa cultura e da nossa prosperidade o grande número de pessoas, aparentemente miseráveis, que estacionavam por essas esquinas, mesmo no centro e em pontos muito frequentados.

É de notar que muitos desses mendigos, sobretudo os que escancaram ao publico as suas mazellas, são doentes curáveis, que, com uma breve estadia na Santa Casa ou em qualquer outro hospital, se restabeleceriam completamente (OESP, 26 ago.1924, p.4.).

Aqui já se percebe uma outra proposta de intervenção. Sinalizando que havia muitas pessoas miseráveis em São Paulo, especialmente localizadas no seu Triângulo Central e nos pontos mais frequentados, Barreto demonstra preocupação. Não necessariamente com as pessoas mas também por tudo que representavam em estar no local considerado mais *evoluído*, mais elegante da cidade. Como conviver com a pobreza numa cidade que se quer *chic*? Como conviver com a existência da pobreza se o que se almeja é a riqueza sem limites? Vê-se que o autor destaca que não estão situados em qualquer lugar da cidade, ou se estão, não incomodam: mas estacionar logo no centro e nos pontos mais movimentados dele gerava desconforto. Qual imagem a permanência dessas pessoas, à margem do processo civilizador, passaria da cidade que se desejava metrópole?

A solução sugerida também aponta para uma outra discussão. A relação quase que imediata da pobreza com a sujeira e com as doenças. É esse pensamento que fomenta o entendimento das *classes perigosas* enquanto grupos que representavam ameaças à saúde pública. No tom higienista muito próprio da época, estimulado inclusive por setores importantes da imprensa, o autor sugere que tais moradores de rua sejam encaminhados à Santa Casa, pois apresentam doenças facilmente curáveis e assim se reestabeleceriam. Aqui a preocupação maior parece ser com o afastamento das pessoas em situação de rua do centro que figurava como espaço próprio para as sociabilidades burguesas. Assim, seriam tratados pela saúde pública e não mais incomodariam com sua presença indesejada no Triângulo Central.

Além dos *almofadinhas* e mendigos um outro tipo urbano, mais caricaturado, aparece nos textos de Barreto. Trata-se dos *filósofos*. Não os de formação, mas aqueles que passam o dia e divulgar saberes populares e frases prontas para convencer os transeuntes a mais um tempo de conversa. Plínio Barreto demonstra a sua falta de paciência para com estes

Tive hontem a desdita de ser abordado por um philosopho Tiberio da rua. Ao leitor, com certeza, já deve ter succedido coisa semelhante: quando menos esperava e desejava cae-lhe ao lado, vindo não se sabe de onde, um cavalheiro grave e sentencioso, ou lhe vae desafiando uma philosophia barata cheia de ideias feitas e phrases gastas sobre o facto mais corriqueiro e menos

philosophal deste mundo. E não há meio de nos livrarmos do maosador! O sujeito toma tranquilamente do nosso braço e, na sua vozinha monótona sem fazer o mínimo caso do nosso aborrecimento vae dizendo a sua importantíssima maneira de pensar. Em geral o cacete dessa marca é pessimista. Está o povo alegre e divertido? – É porque é frívolo, não se lembra das responsabilidades que lhe pesam sobre os hombros... A luta pela vida...a crise tremenda em que se debate o paiz...a situação gravíssima do mundo...E a gente que supporta, rua afora, esse novo conselheiro Accacio!
E adeus, meu caro senhor, vou sahir desta rua que está intransitável...- P. (OESP, 17 fev.1920, p.4,)

Esta publicação tem tons cômicos que demonstram a inquietude do intelectual frente ao discurso popularesco. Zomba da filosofia *barata* e parece não lhe dar crédito por nada que tenha sido assunto desta conversa. Para Barreto, acostumado a lidar com os homens da imprensa, dos negócios e da literatura, há certamente uma distinção social pelo mundo social partilhado. É essa cidade que promove encontros: entre um homem como Barreto e o filósofo da rua. O incômodo existe também aí, ou seja, por mais que se expressasse uma vontade de viver na chamada modernidade, que se expressaria nas ruas das grandes cidades, os encontros que ela promovia geravam incômodos e desconforto. O que se entende aqui é que, ainda que muita coisa tenha sido efetivamente vivenciada, a modernidade era formulada muito mais nas ideias e sonhos que na prática, afinal, para Barreto viver em consonância com os tempos modernos significava não conviver com aqueles que estavam à margem do processo civilizador, como os tipos citados nestas páginas.

Entende-se que há uma diversidade de documentos que possibilitam o acesso a outros tempos da cidade. Para Sandra Pesavento (2002, p.16)

As imagens urbanas trazidas pela arquitetura – ou pelo traçado da cidade, ou pela publicidade, pela fotografia, pelo cartaz, pelo selo, pela pintura, pelo desenho e pela caricatura – têm, pois, o potencial de remeter também, tal como a literatura, a um outro tempo.

É por meio das crônicas de Plínio Barreto em *Coisas da Cidade* que se pretende atingir partes do cotidiano de São Paulo na década de 1920, notando as principais reformas, os discursos em destaque ou mesmo os tipos urbanos que compuseram a metrópole em ascensão.

Mas a vontade de crescimento e educação que Barreto deseja para cidade vem de modelos como o citado abaixo: os comerciantes intelectuais

Um velho estabelecimento
Os jornaes não noticiaram o anniversário de um dos mais antigos estabelecimentos da cidade – mas isso não é motivo para que o deixemos

esquecido. Trata-se de uma livraria e livraria fundada há 65 annos. O facto de viver tanto tempo, e prosperar, uma grande livraria no nosso meio social, que muita gente accusa de ignorante e indifferente aos livros – já é coisa de certa importância que merece uma referencia numa secção que pretenda acompanhar, mais ou menos, a vida da cidade...

Com effeito a Casa Garraux completou hontem o seu 65.o anno de existência, tendo sido fundada em 1860, por Antole Luiz Garraux. Há 65 annos São Paulo era pouco mais que uma villa atrasada apenas com uma Academia de Direito, e raros collegios secundários: não era propriamente um bom mercado de livros. Não obstante, o Garreux abriu a sua casa na rua da Imperatriz, alli onde se acha a ‘Boneca de Chocate’, transferindo-se depois para dois outros pontos da mesma rua, até se installar onde hoje se acha. Pertenceu, por muito tempo, a francezes – Garraux, Thiollier, Hildebrand, - mas afinal, deixando de permanecer entre mãos estrangeiras, embora amigas, é hoje de um brasileiro, o sr. Fausto Bressane, antigo empregado da casa.

Em S. Paulo há muitos estabelecimentos mais importantes, mas nenhum cuja chronia seja mais interessante do que a da Casa Garraux. (OESP, 17 mar. 1925, p.4)

A Casa Garraux não era só um exemplo de estabelecimento comercial, figurava como modelo de conduta, do espírito de um tempo. Atribuindo a seus fundadores estrangeiros o empreendedorismo por investir em uma livraria quando a cidade se apresentava ainda tão pacata, Barreto destaca a importância de um lugar destinado ao comércio de livros. A formação intelectual era, pois, um importante meio de acesso à civilização imaginada. Esse era, portanto, o modelo de conduta que deveria mover os espíritos paulistanos, em prol do conhecimento, da distinção intelectual e do crescimento da cidade. Os demais tipos urbanos aqui apresentados – os mendigos, os filósofos de rua e os almofadinhas – não eram representantes em potencial da cidade que se queria reformada física e moralmente.

Todas as crônicas aqui transcritas mostram a visão de Plínio Barreto sobre a cidade e seus habitantes. Para Antonio Candido

Como orador e jornalista foi que o intelectual definiu então em grande parte a sua posição: e sob tal aspecto appareceria doravante ao público médio, como a própria encarnação da literatura. Até os nossos dias persiste algo desta ligação funcional entre o reconhecimento coletivo e os gêneros públicos, sem dúvida os caminhos mais seguros que o homem de letras encontra para adquirir prestígio e recompensa (CANDIDO, 2000, p.230).

Plínio Barreto foi um transeunte da cidade. Teve escritório de advocacia na Rua Direita, trabalhou diariamente na redação do *Estadão* na Praça Antonio Prado, e observou o movimento, as transformações e tudo de mais corriqueiro ou mais estapafúrdio que pudesse acontecer entre as ruas do Triângulo Central. Mais do que isso, observava tudo isso não só sob o ponto de vista do homem comum, mas também do intelectual formado pela Faculdade de Direito do Largo de

São Francisco, do jornalista, do apreciador de obras de arte e conhecedor das obras urbanísticas. Porém, foi via imprensa que fez sua vida e foi nela que atuou até sua morte, afinal, foi através dela que adquiriu prestígio e destaque como homem de letras.

Nicolau Sevcenko (1992, p.29) em *Orfeu Extático na Metrópole* estuda atentamente algumas das crônicas publicadas por P. durante a década de 1920. E sobre o autor, detalhes que pôde observar a partir da narrativa de suas crônicas, Sevcenko aponta:

P. por sua vez também encontra excitação ao reduzir a multidão com seu olhar perscrutador ao mais completo grau de estranhamento: uma estranheza que tanto o atrai quanto o desafia e o comove, em doses iguais, mas sobretudo excita os seus sentimentos e os dos seus leitores, arrastando-os a um grau superior de percepção não verbalizada.

Esse pacto que o cronista faz com seu leitor é importante aspecto para analisarmos suas crônicas e a forma como elas poderiam afetar seus leitores. Nos exemplos de tipos urbanos caracterizados por Barreto em suas crônicas é possível perceber justamente esse movimento: ao mesmo tempo que estranha, também se comove, também se sente afetado.

Entendendo que este contexto é marcado por um *processo civilizador*, e defendendo que o cronista levantou bandeira por esse projeto, condenando práticas, cobrando o poder público, e enfim, usando do espaço na imprensa para fazer valer seu ponto de vista sobre como a sociedade deveria ser conduzida, ou como deveria agir, é preciso entender a problemática que Norbert Elias (1993, p.193) coloca para o historiador que se dedique ao estudo de um complexo processo como este:

O estudioso do processo civilizador enfrenta um enorme emaranhado de problemas. Para mencionar alguns dos mais importantes, temos, em primeiro lugar, a questão mais geral. Vimos que o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa ‘civilização’, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, ‘racionais’, deliberadas. Claro que ‘civilização’ não é, nem o é a racionalização, um produto da ‘ratio’ humana ou o resultado de um planejamento calculado a longo prazo. Como seria concebível que a ‘racionalização’ gradual pudesse fundamentar-se num comportamento e planejamento ‘racionais’ que a ela preexistissem desde vários séculos?

Ou seja, se o processo civilizador se caracteriza por uma transformação nas condutas, nos sentimentos, na forma de se portar e agir, é um processo que não pode ser protagonizado por um só homem. Não é, portanto, projeto de uma só pessoa isolada. Faz parte de um conjunto de práticas, com duração prolongada, e que envolve um grande número de atores sociais. Assim,

Plínio Barreto não era um homem isolado em busca da civilização para a cidade, enquanto tantos outros viviam sem esta preocupação. Barreto foi um homem de seu tempo, influenciado pela discussão da ciência, do higienismo, pelos estrangeirismos e condutas políticas que marcaram o início do século XX no Brasil. Não se pretende aqui defender que o cronista tenha sido um agente isolado de um processo civilizador, nem atribuir protagonismo a ele neste processo, mas sim, destacar a sua participação, via imprensa, em um projeto mais amplo.

Isso coloca um problema importante para a própria escrita da História. Se a mudanças das atitudes, das sensibilidades e do gosto se dá a longo prazo, como transformar isso em uma narrativa historiográfica? Para Hartog (2011, p.203) há um problema a ser enfrentado pelos historiadores: “de que modo narrar como se eu tivesse visto (para fazer ver ao leitor) o que não vi, nem podia ter visto? Velhas questões que não deixaram de acompanhar a História e sua evidência”. Entende-se que para narrar o não vivido, um dos principais recursos possíveis para a escrita da História é buscar nas fontes esse testemunho do passado e trazê-las à tona na narrativa historiográfica, problematizando-a. Mas esta é uma questão complexa. Como dar conta de um passado, construir credibilidade para o que se está falando, e cativar o leitor? O caminho são as provas da História, que entre notas de rodapé e sistema de referências acabam por auxiliar o historiador na comprovação daquilo sobre o que ele fala. Para Sandra Pesavento (2002, p.21), este caminho poder ser trilhado remetendo-se necessariamente ao contexto da produção do texto, que situa o autor – temporal e espacialmente – na sua individualidade, meio social e cultural, implicando, com isso, elementos referenciais com uso de linguagem, palavras de referência, tendências e público de destino.

É este movimento que se pretende fazer aqui: perceber, por meio das colunas publicadas por Plínio Barreto em *Coisas da Cidade*, os aspectos de um processo civilizador em voga, situando o autor, seu trânsito social, sua trajetória intelectual e qual o olhar com quem observa a cidade, e de que forma produz sentido a ela. Plínio Barreto foi, dentre todas as atividades que desenvolveu em vida – advogado, jornalista e crítico literário – um intelectual-mediador, ou seja, este é um estudo sobre “práticas de mediação cultural desenvolvidas por intelectuais” (GOMES; HANSEN, 2016, p.9). Entende-se que Plínio Barreto atuou como intelectual pois “os intelectuais têm um processo de formação e aprendizados, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações intelectuais ou não e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político” (GOMES; HANSEN, 2016, p.12).

Transitando entre a vida cotidiana da cidade, os espaços de sociabilidades e os aspectos culturais de São Paulo, mas também entre a vida pública, como é possível perceber pelas crônicas de *Coisas da Cidade*, pode-se definir Barreto como um intelectual, e, para além disso,

como um intelectual que faz a mediação do debate cultural e político com o seu público leitor. Assim, ao destacar os *tipos urbanos* em suas crônicas, está nos dando a ler formas de vida e expressão na cidade. Ao mesmo tempo, publica crônicas que são cobranças ativas ao poder público local sobre uma ou outra reforma, lei ou medida necessária para organização da cidade.

Plínio Barreto não fala apenas das estruturas, dos projetos de leis e das obras necessárias. Não aborda apenas os parques, as praças, os problemas com os bondes da light. Ele traz as pessoas para as ruas da cidade, coloca sujeitos em ação, e enfim, narra uma cidade com vida, para além da pedra: uma sociedade feita por indivíduos, de destaque ou não, mulheres, homens e crianças, que sentem o tempo correr mais rápido, a modernidade convulsionando a cidade, os arranha-céus ganhando espaço na paisagem urbana, os automóveis correndo mais velozmente: por trás de todas as ações narradas pelo cronista estão as pessoas. São elas que fazem a modernidade ser.

4. TRAJETOS URBANOS DO PALADAR

4.1 COMER NA CIDADE

Onze da noite. O Triângulo que durante o dia estourou de vida e movimento, aquieta-se agora numa somnolencia que em poucas horas será somno profundo. De quando em quando, o campainhar de um bonde, o rodar vagaroso através das ruas quasi desertas. Automoveis tambem mais raros. Às portas dos cafés, aqui na Praça Antonio Prado, dois ou três grupos prestes a dispersarem-se e nem dão uma idéa da multidão que formigou por aqui todo o dia. Uma voz rouca apregoa os jornaes do Rio (OESP, 19 fev. 1921, p.4).

A leitura das crônicas de Plínio Barreto possibilita perceber algumas características do movimento da cidade na década de 1920. O Triângulo Central cheio de gente durante o dia, apresenta-se calmo e pacato na vida noturna. Uma ou outra figura ainda a circular pelas ruas, saindo dos cafés. Sobre esse vai e vem das cidades modernas e que se percebem as inúmeras experiências possíveis no espaço urbano.

Comer, morar, caminhar, ler. Estas são operações da ordem do comum que permeiam a vida de homens e mulheres. Historicizar tais ações é tarefa difícil, mas instigante para o historiador. Estudar as formas como as mais banais operações do cotidiano se deram ao longo dos anos é importante para aqueles que se dedicam a pensar os homens e mulheres comuns na História.

Para notar tais ações cotidianas é preciso destacar que a vida nas metrópoles em formação não se dava apenas no espaço doméstico. Neste período em São Paulo inúmeros estabelecimentos foram inaugurados, e compuseram um cenário de movimento ativo no Triângulo Central. São restaurantes, lojas, confeitarias que passam a ocupar edificações de destaque na paisagem urbana e que, por suas vitrines, atraem, promovem desejos e formam o gosto do paulistano.

Mas, a partir dos anos 1880, esse empilhamento que ainda se prende ao bazar cede lugar às vitrines propriamente ditas, cuja multiplicidade de dimensões tornam definitivamente obsoletas as fachadas cegas do antigo comércio. Trata-se de provocar, mediante jogos de cores e de contrastes, de decorações e movimentos, a imaginação, de moldar uma paisagem de sonho e de atração passional. Inventa-se portanto uma nova arte, a do vitrinista, que dispõe os produtos de forma elaborada (LIPOVETSKI, 2015, p.140).

A cidade de comércio atrativo tinha público cativo que por suas ruas circulava diariamente, sendo as ruas Direita, XV de Novembro, São Bento e Libero Badaró as mais movimentadas à época:

A rua Direita, que é a mais frequentada de senhoras a compras nas lojas de modas – também é a que conserva a preferencia dos almofadinhas. Não tendo nada a fazer, ou não sabendo fazer nada, o sujeito que se entrega a esse esporte malsão encosta-se a um batente de loja, café ou confeitaria, horas a fio, e não deixa em paz uma só senhora ou senhorita que passe sozinha (OESP, 21 fev. 1921, p.4).

Os batentes das casas comerciais, por onde homens, mulheres, meninos e meninas circulavam diariamente são os *capilares urbanos*, segundo Walter Benjamin, ou os *coágulos* humanos de acordo com Sennett (2001, p.271):

No estudo que fez a respeito da cultura parisiense, no século XIX, Walter Benjamin descreveu as arcadas e telhados a que já nos referimos como ‘capilares urbanos’; tudo o que pulsava na cidade concentrava-se nessas pequenas passagens cobertas, em suas lojas, cafés e grupinhos de gente – coágulos humanos.

Lipovetsky e Serroy (2015 p,16) apontam: “Não há sociedade que não se empenhe, de uma maneira ou de outra, num trabalho de estilização ou de ‘artealização’ do mundo, trabalho esse que é o que ‘singulariza uma época ou uma sociedade’, efetuando a humanização e a socialização dos sentidos e dos gostos”. O *Mappin Stores* foi uma das principais casas comerciais de São Paulo. Inaugurada em 1913 trouxe à cidade novos padrões de consumo pois reuniu em um mesmo local espaço de compras e de sociabilidade. Servindo jantares e chás da tarde, vendia roupas, artigos para casa e estava localizada no centro do Triângulo. Iniciou suas atividades na Rua XV de Novembro:

O Mappin não poderia ter escolhido lugar melhor local para se instalar. A loja foi aberta no número 26 da rua XV de Novembro, no coração do Triângulo, o elegante centro comercial, social e político de São Paulo, assim chamado por se situar no espaço contido entre a própria XV de Novembro e as ruas Direita e São Bento. Ali, até a II Guerra Mundial, funcionaram as melhores lojas da cidade, os melhores cinemas e restaurantes, os hotéis mais finos, os bancos, os consultórios e os escritórios de maior prestígio (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.28).

O início da loja que marcou o processo de modernização de São Paulo esteve relacionado ao local que ocupou no Triângulo Central, local que passou por remodelação, embelezamento e aprofundamento das sociabilidades burguesas e teve no *Mappin* seu ponto de encontro.

Tratava-se de um mundo refinado e elegante, ainda que provinciano e totalmente voltado para matrizes no exterior, mais especificamente para as capitais europeias como Paris e Londres, de onde importavam seus gostos e seus hábitos. Tratava-se sobretudo, porém, de um mundo em rápido processo de enriquecimento, impulsionado por uma riqueza que se revelava inesgotável em sua capacidade de multiplicar benesses: o café (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.30).

O enriquecimento via produção de café no oeste paulista se fez perceber na capital do estado e assim, formas de ser, agir e estar no mundo foram pautadas nos modos europeus a fim de aproveitar tudo que o café e a nova cidade tinham a oferecer, ainda que se apresentasse bastante provinciana. É entre esse provincianismo e a experiência de metrópole que se situa São Paulo na década de 1920. A tentativa constante de se reformular os hábitos cotidianos e os gostos mostra a preocupação em sair da condição de terceiro mundo e apontar rumo à civilização, promessa de uma metrópole em desenvolvimento. Assim, a loja tratou “de pôr em cena os produtos, num cenário apropriado, transformando-os num espetáculo deslumbrante” (LIPOVETSKI, 2015, p.140).

O *Mappin* foi um dos principais anunciantes do jornal *O Estado de S. Paulo*. Em quase todas as edições pesquisadas há anúncios da loja em questão. Ao analisar a publicidade é notável o destaque desta casa comercial. Enquanto boa parte do comércio produzia anúncios sintéticos e objetivos como “servimos almoço”, o *Mappin* investiu na construção de um imaginário social e de consumo, fomentou desejos e construiu noções sobre o mundo moderno. Com textos mais longos e subjetivos, ilustrações e um bom tamanho – que ocupavam um espaço considerável da página do jornal - a publicidade da loja de departamentos seduziu e construiu imagens sobre o que consumir e como consumir. Frequentar as salas de chá ou almoçar no *Mappin* era motivo de distinção social e representava a elegância e adequação à vida moderna. Em 1919 a loja da Rua XV já parecia pequena para as necessidades da cidade que crescia ao seu redor e “O acanhado prédio da rua XV de Novembro não servia mais” (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.56). Mas

Além disso, era preciso encontrar um novo prédio ali mesmo, no burburinho do Triângulo, naquele centro onde São Paulo elegante se movimentava, se exibia e acontecia. Enfim, em 1919, surgiu a oportunidade – e melhor não poderia ter sido. O *Mappin* não só conseguiu um local à altura de suas

ambições – uma esquina do lugar onde mais tarde, em 1923, se situaria a Praça do Patriarca – como foi se abrigar numa das mais aristocráticas mansões da época: ‘a casa do Barão de Iguaçu’ (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.57).

São Paulo *acontecia* nas suas ruas centrais e um dos palcos principais desses acontecimentos certamente era o *Mappin Stores*. Com a nova sede a empresa foi uma das promotoras do refinamento do gosto e das novas sociabilidades burguesas, atraindo os habitantes da cidade não apenas para compra de produtos mas para experimentação da vida urbana em seu restaurante e salão de chás. Ainda assim, o comércio da cidade foi tido como insuficiente dado o número de pessoas que por ele transitavam:

- Nestes dias de festas, dizia-nos sabbado passado, um importante commerciante, - é que se vê como o nosso centro commercial é pequeno e insufficiente para o publico que circula por elle.

Era a tarde, na rua direita – uma tarde encantadora, de ceu limpo e sol claro, tão lindo cahir do dia que só mesmo os que tivessem muito que fazer haviam de se deixar ficar em casa ou nos escriptorios. A rua tinha agora um movimento extraordinário, quasi uma procissão a passar interminavelmente: famílias a entrar e sair das lojas de modas, grupos de senhoritas a espera dos bondes, grupos diante das montras, mais vistosas e attrahentes. E o rodar incessante de automóveis, com ‘chauffeurs’ neuropathas que não podiam se deter dois segundos sem logo buzinar desesperadamente. Dois, três, quatro bondes, abrindo caminho a força dos seus tympanus vibrantes...

- Com effeito, este triangulo é muitíssimo pequeno para a multidão que o procura.

- É que em S. Paulo ninguém sabe sair a passeio ou a compras, continuou nosso interlocutor – sem vir ao triangulo, vêr as casas principaes da cidade, as vitrines mais bonitas, tomar chá, comprar doces. Já reparou como há casas de doces e balas aqui no centro? (OESP, 27 de dez.1922, p.5).

Comer na cidade transitava entre o comum e o extraordinário. Necessidade básica do ser humano, os intervalos para refeições eram fundamentais. Assim, muitas eram as pensões que ofereciam refeições aos trabalhadores da região que, estando fora de casa para as atividades laborais diárias, necessitavam de alimentos e assim inúmeros são os anúncios de pensões e restaurantes voltados para o público alvo citado. Da mesma forma o tempo do lazer foi bastante incentivado neste período. Com uma cidade reformada, o papel dos médicos e engenheiros em destaque nas construções urbanas, parques, ruas, avenidas e diversos outros locais foram feitos para serem utilizados.

Usualmente os finais de semana são, a priori, momentos de descanso do tempo do trabalho. Entretanto, neste momento, houve um grande incentivo para que a população local usufruísse das benesses da modernidade, para que vivenciassem a cidade tal como ela foi planejada. Para Lilia Schwarcz (2012, p.39) “Por um lado, estavam os novos cenários urbanos,

com seus senhores e senhoras vestidos à última moda de Paris, automóveis e todo tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que pareciam ter pressa”.

Assim, várias são as práticas de lazer estimuladas, “sob o epíteto genérico de ‘diversões’ toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentrados nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana” (SEVCENKO, 1992, p. 33). São esportes, campeonatos, festas. Mas, comer fora de casa, para além de uma atividade rotineira e cotidiana, exigência da lógica do trabalho, passou a ser uma experiência moderna. Uma atividade extraordinária, do campo do lazer, da diversão. Embora já presentes na cidade desde o início do século, tais hábitos passam a compor, a partir da década de 1920 “uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como fonte de uma nova identidade e um novo estilo de vida” (SEVCENKO, 1992, p. 34). Assim, locais como o *Mappin Store* eram divulgados como espaços para se vivenciar o lazer. Tal como este, sorveterias, confeitarias e cafés passam a fazer parte da vida do paulistano atento aos hábitos burgueses paulatinamente construídos.

Ante-hontem, não fazia, precisamente, uma linda tarde, dessas que os moços de letras costumam descrever com céus de opala, ar frio e macio, e outras expressões bonitas. Mesmo assim, havia muita gente, sobretudo senhoritas e rapazes a flunar pelo triangulo, num vae-vem continuo e continuamente a entrar e sahir das lojas.

- Como os moços fazem compras em S. Paulo! Observou-nos um amigo estrangeiro.

- Não é para comprar, mas para tomar chá e ‘flitar’, que eles tanto procuram as lojas, a esta hora. Veja, alli vão três para o chá das moças do Mappin...

Para encurtar razões, também nós quisemos tomar chá com torradas e sem moças – mas na ‘Rotisserie’. O saguão estava repleto de estrangeiros, a bebericar o seu aperitivo ou simplesmente a olhar e conversar (OESP, 13 ago. 1921, p.6).

Pela crônica é possível perceber o vai e vem das pessoas na cidade e suas formas de encontro e sociabilidades, de lazer e diversão. Muito mais que fazer compras, as pessoas circulavam para flunar, caminhar pela cidade, encontrar-se com outros, ver a cidade acontecer. As lojas eram destinadas não só ao consumo de produtos, mas eram espaços de convívio social. No *Mappin Sotres* “um garçom ainda cumulava o cliente com o oferecimento de chá, café ou delicados *petit-fours*” (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.64).

Figura 19 Anúncio do Anglo Americano Restaurante. OESP, 06 mar. 1920, p.1.

DOMINGOS
?
**ALMOÇAR
OU JANTAR BEM**
Experimentem o *Anglo Americano* **Restaurante.**
TRAVESSA DO GRANDE HOTEL
N.º 10-B — TELEPHONE,
CENTRAL - 5526.

Figura 17 Anúncio da Casa Allema. OESP, 15 mai. 1926, p. 7.

DOCES FINOS

Secção de Confeitaria
Aceitamos encomendas de doces para festas familiares e qualquer pedido a domicilio ::
PEDIDOS NO SALÃO DO CHA'.
Schädlitz, Obert & Cia.

Figura 18 Anúncio Mappin Stores. OESP, 29 set. 1925, p.9.

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Brasileira
Restaurante "Mappin"
Aos clientes da capital
Para os nossos distintos «habitantes» da capital, o bem-estar que o nosso salão-restaurante lhes proporciona é já uma trancada e notória alternativa.
Com as reformas recentemente efectuadas na cozinha onde installamos grande e optimo logão, podemos garantir-lhes que o nosso serviço de almoço, todos os dias úteis das 11 às 13 1/2 horas, ficou sendo definitivamente, desde hoje, o melhor, o mais solícito e o mais esmerado da cidade.
Aos visitantes do interior
Aos «touristas» do interior e aos viajantes em geral, apreciadores de uma boa mesa a par de uma illimitada commodidade, recomendamos com insistencia, os nossos serviços de **restaurante**, na certeza absoluta de os deixarmos satisfeitos.
PREÇOS MODERADOS
Mappin Stores

Figura 20 Anúncio Mappin Stores. OESP, 22 dez. 1924, p.3.

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Brasileira
CHA' INFANTIL
Hoje e amanha terá lugar em nosso salão **restaurante** o tradicional
CHA' DE NATAL
que offerecemos às gentis crianças paulistas, havendo larga distribuição de brinquedos pelos conhecidos bonecos de JOÃO MINHOCA
Traga seus filhinhos a esta festa da alegria infantil!
MAPPIN STORES

Figura 21 Anúncio Casa Romano. OESP, 05 fev. 1925, p.2.

ABRE-SE HOJE A
CASA ROMANO
de ROMANO GUAGNI & CIA.
Co-proprietario: — ROBERTO DOMINGOS
Gerente: — OCTAVIO BERUTTI
Rua Libero Badaró, 53 — Telephone, Central, 389
BAR — Cerveja Antartica
Sorveteria e salsicharia
Queijos nacionaes e estrangeiros — Café "EXPRESS"
Frutas nacionaes e estrangeiras — Cigarros das melhores marcas — Charutos tipo "Toscano"
Esmerado serviço de "buffet"
Vinhos finos e de mesa das melhores marcas

Figura 22 Anúncio Confeitaria Selecta. OESP, 28 dez. 1924, p.9

CONFEITARIA SELECTA
Para o fim do anno
Grande exposição de tortas e "gateaux"
artisticamente decorados.

Os anúncios aqui expostos mostram como o comer fora de casa era uma forma, também, de sociabilidade e entretenimento. O *chá infantil* do *Mappin* é bastante emblemático pois já colocava o processo de aburguesamento também às crianças. O divertimento passou a ser associado com a promoção de novos hábitos citadinos. Estar na cidade é aproveitar aquilo que ela tinha a oferecer, ou aquilo para o que ela foi construída. Assim, é preciso destacar que as reformas urbanas foram efetivadas por meio de segregação e exclusão social. Os centros urbanos, tal como São Paulo e seu Triângulo Central reuniam diversas camadas da população, mas, ainda assim, foram reformados e construídos estabelecendo os diferentes lugares que as pessoas ocupavam na sociedade. Um exemplo emblemático foi a festa de inauguração do Theatro Municipal de São Paulo⁷⁴ em 1911. Para o evento foram feitas duas festas uma no interior do prédio, exclusiva às elites locais e outra, do lado de fora, para que a população comemorasse o novo espaço de lazer e cultural – ao qual certamente não teriam acesso. Para Heck (2004, p.138) a questão é que

[...]as pessoas sentem um grande prazer em consumir alimentos em locais públicos. Sair de casa para comer demonstra uma vontade de interagir socialmente antes de significar a necessidade de se alimentar. Trata-se de uma forma de o indivíduo se apresentar na sociedade e, por meio da refeição, intermediar suas relações sociais, pois o restaurante é visto como um lugar onde sua imagem é refletida.

Assim, os espaços da cidade são vivenciados de variadas formas e comer é uma delas. Do comum ao extraordinário onde comer, o que comer e como comer foi uma questão latente que esteve presente nas preocupações sobre as sociabilidades modernas. Plínio Barreto preocupou-se com tal questão e com frequência denunciava práticas que a seu ver – enquanto homem, jornalista e leitor de mundo – deveriam ser desestimuladas – e propagandeava festas, lugares e práticas a serem adotadas por aqueles que almejavam estar de acordo com os padrões estimulados.

Plínio Barreto foi um importante cronista do jornal *O Estado de S. Paulo*. Esteve à frente de *Coisas da Cidade* entre 1918 e 1938, como foi possível identificar através da pesquisa no acervo do periódico. Escrevendo uma coluna de presença constante no jornal, vários assuntos foram preocupação constante do cronista. Atento às mudanças de nomes de rua, às reformas que julgava necessárias na cidade, à construção de parque e praças e tantos outros temas o

⁷⁴ Cf: SILVA, Marcos da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

cronista foi um atento observador da cidade. Entretanto, mais que observar e registrar, o cronista atuava como um conselheiro para o bem viver na cidade. Indicava lugares a se frequentar, denunciava o que considerava maus projetos, controlava as obras públicas e a vida cotidiana.

Por meio de suas crônicas em *Coisas da Cidade*, é possível perceber uma preocupação constante com os locais de consumo de alimentos. Tais preocupações aparecem muitas vezes relacionadas às condições de higiene e a adequação aos novos hábitos modernos, requeridos numa sociedade que se pretendia *civilizada*. A noção de civilidade passa justamente pela vida urbana, ou às experiências e regras de convívio na cidade. Tais regras foram amplamente divulgadas e o cronista é um dos elementos que auxiliam na vigilância e na cobrança de tais normas do mundo moderno. O trecho da crônica a seguir é exemplar:

Queremos crer que os proprietários de cafés de quem partiu a ideia inoportuna, ainda voltem atrás, convencidos de sem razão do argumento. E, se nos permitem uma sugestão, nós, que tanto temos escripto contra os péssimos cafés da Capital do Café, lembráramos a necessidade de se melhorarem taes estabelecimentos tornando-os amplos, confortáveis, rigorosamente limpos e de aspecto atrahente, como os que se vêem em tantas capitaes estrangeiras – e é vergonha não existir aqui. – P. (OESP, 01 mai. 1929, p.3).

Assim, enquanto os anúncios de restaurantes, casas de chá e confeitarias estampam boa parte das páginas do *O Estado de São Paulo* as crônicas de Barreto cobram a adequação às condições higiênicas alegando, por exemplo, que *não há em São Paulo nenhum café ou restaurante de primeira ordem*. Suas denúncias são também conselhos. Ao atentar que os garçons nos restaurantes colocavam o troco em prato que logo em seguida serviria uma refeição a outro cliente está também auxiliando na promoção de hábitos higiênicos, que, além de serem observados pelo cronista, passavam então a serem observados – e os restaurantes cobrados – por parte dos clientes leitores do jornal.

É por meio das crônicas – escritas leves que parecem com uma conversa com o leitor, muito diferente das reportagens, por exemplo – que o autor se aproxima de seu público. Por essa característica de diálogo, as crônicas funcionavam como uma forma de difundir e fomentar valores, práticas e normas.

As normas burguesas, o estilo de vida elegante e determinadas práticas sociais passam a ser estimuladas por meio das crônicas de *Coisas da Cidade* que serão uma das ferramentas na construção de uma nova mentalidade, auxiliando na internalização de valores e regras de convívio social. “Os gestos são signos e podem organizar-se numa linguagem; expõem-se à interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social da pessoa. Não há intimidade que não revelem” (REVEL, 2009, p.173). É sobre os gestos e a forma de se portar

que Plínio Barreto vai expor conselhos, aqueles que – aliado aos manuais de civilidade, por exemplo – promovia a vida burguesa e a transformação do gosto, estimulando atitudes consideradas *modernas*. Mas, afinal, o que é ser moderno? Ou melhor, o que era ser moderno em 1920? Ser moderno era estar imerso nas transformações sociais. Ser moderno era viver sob o regime republicano, ter trabalhos livres. Mas, acima de tudo, ser moderno era poder vivenciar tudo aquilo que a modernidade oferecia. Era estar numa capital com vida e movimento:

Nos sabbados, é assim enorme o movimento na cidade, não só porque muitos escriptorios e estabelecimentos commerciaes dispensam mais cedo os empregados, como porque boa parte da nossa sociedade já se habituou a ir tomar chá e espairecer, na cidade, nessas tardes.

Nos outros dias da semana, porém, não é muito menor movimento nas ruas Direita, de S. Bento e 15 de novembro. Se nos sabbados é insuportável, nos dias restantes é muito incommodo, para os que tem affazeres, andar por essas ruas cheias de grupos nos passeios magotes de gente às portas das confeitarias e dos bancos, e tantos vehiculos (OESP, 07 jul. 1925, p.4).

Ser moderno era consumir. Ter acesso a bens e experiências por meio do consumo. Com o aumento do mercado consumidor interno promovido pelo trabalho livre e assalariado – ainda que viver nas cidades significasse estar submetido à carestia da vida urbana – a diversificação do comércio foi realidade experienciada pelos homens e mulheres citadinos.

O aumento do número de anúncios demonstra não só uma grande quantidade de mercadorias consumíveis como também o sucesso do jornal, que por conta do acesso a novas tecnologias aumentava consideravelmente o número de tiragens. É nesse momento que se vê um sem fim de produtos cosméticos, alimentícios, de casa e de vestimenta diariamente nos jornais, que ocupam um número considerável de páginas a cada edição, com produtos que prometiam soluções milagrosas para problemas de pele, doenças do estômago, artigos de maquiagem e guaraná espumante, entre tantos outros. Tais produtos seduziam o leitor para o consumo de novidades e assim, a modernidade atraía e acenava para novos tempos. Ser moderno era consumir; consumir a vida moderna. O acesso a esta vida se dava muito pela via do consumo e comer passava por essa operação. Assim, o que se experienciou no início do século XX foi uma transformação do gosto. Para Needel

Agora, só era possível sugerir o status social de alguém através do gosto. O indivíduo se designa no anônimo cenário urbano através da escolha ‘correta’, associado a um determinado modo de vida sutilmente diferente do outro meramente rico (NEEDEL, 1993, p.186).

Momento do estrangeirismo e da promoção de hábitos europeus e norte-americanos, era comum encontrar nos jornais anúncios do *almoço inglês* servido diariamente, ou mesmo do *Five o'clock tea* do *Mappin*. São esses hábitos estrangeiros que transformam o feijão com arroz em comida cotidiana e o serviço à francesa como extraordinário e consumível, comprável. A adequação à vida moderna passa pela mais básica das práticas: comer. Desta forma, comer está no campo das experiências modernas. Não é à toa que o exemplo usado por Baudelaire em *Os olhos dos Pobres* para marcar a distinção social é justamente a vitrine e o salão de um restaurante. O desejo pelo alimento, neste caso, não é só marcado pela fome, mas também pelo passaporte ao mundo civilizado que frequentar determinados espaços de sociabilidade permitia.

Com os olhos voltados ao velho mundo, considerado o modelo ideal a ser seguido, numa visão evolutiva e progressista, várias foram as políticas públicas voltadas à construção de uma nação adequada às normas modernas. Norbert Elias dedicou-se a estudar a transformação do entendimento do termo civilidade e suas apropriações. Para o autor

A partir da sociedade ocidental – como se ela fosse uma espécie de classe alta – padrões de conduta ocidentais ‘civilizados’ hoje estão se disseminando por vastas áreas fora do Ocidente, seja através do assentamento de ocidentais ou através da assimilação pelos estratos mais altos de outras nações, da mesma forma que modelos de conduta antes se espalharam no interior do próprio Ocidente a partir deste ou daquele estrato mais alto, de certos centros cortesãos ou comerciais (ELIAS, 1993, p.212).

O termo civilidade está relacionado às ações dos cidadãos, ou seja, daqueles que habitam as cidades. Portanto, a ideia de civilidade em seu significado primordial esteve relacionada à vida urbana. Para além do bom convívio social, a ideia de civilidade remete a “transformação das sensibilidades e das práticas” (REVEL, 1991) como bem aponta Jacques Revel. Desta forma, novas sensibilidades são construídas, e dentre elas a formação do gosto passa por profundas transformações. Os jornais foram meios eficazes na difusão de novos gostos. Assim, a introdução de hábitos, mas também de produtos e bens de consumo, foi promovida pela mídia impressa, ávida por ver concretizado o projeto de modernização esperado e sonhado com o início da República no Brasil.

No início, o domínio do fetichismo da mercadoria no burguês foi grande. Não se mandava mais os criados às compras, ou se esperava a visita de um vendedor – ia-se pessoalmente atrás do prazer do consumo fantasiado, comprava-se objetos cujo valor residia não no que eles eram em si, mas no que representavam socialmente. Ia-se às compras para adquirir o ingresso na aristocracia (NEEDEL, 1993, p.188).

São Paulo foi palco desta adequação às práticas já estabelecidas no continente europeu. Ao promover em suas crônicas um determinado modelo de vida Barreto atua como divulgador de normas e conduta. Através da leitura – atividade por vezes silenciosa e individual – aqueles que tinham acesso à imprensa periódica iam paulatinamente interiorizando as regras e condutas, e “é a interiorização individual da regra que lhe confere sua maior eficácia.” (REVEL, 1991). Ou seja, a forma de agir coletivamente, determinando a vida social, é interiorizada individualmente. E é nessa individualização que ocorre a construção do gosto, que passa a ser partilhado. Para Lipoverski “O ideal do comer bem e do saber beber é ilustrado igualmente na maneira como a culinária se tornou um vínculo coletivo, um marcador social, ao mesmo tempo que um domínio capaz de favorecer os gostos individuais e a afirmação de si” (LIPOVETSKI, 2015, p.345).

O que é possível perceber é que, embora mudanças comportamentais sejam lentas, a década de 1920 foi um momento especial e fundamental na construção de São Paulo enquanto metrópole. A mudança de hábitos foi sendo estimulada e aos poucos apropriada por aqueles que viviam a cidade. Mudar os hábitos significou transformar o cotidiano. Matos destaca que “o comportamento ou os valores que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico podem ser rejeitados em outras formas de organização social ou em outros períodos” (MATOS, 2002, p.25), e desta forma podemos entender tais hábitos como mutáveis, e, portanto, históricos.

Desta forma pode-se dizer que jornais como *O Estado de S. Paulo*, especialmente por meio das crônicas dedicadas a narrar a vida cotidiana como *Coisas da Cidade* apresentavam conselhos escritos que versavam sobre como vivenciar esta nova vida, proporcionada por um conjunto de transformações estruturais, mas que chegavam às práticas comuns. Ou seja, Plínio Barreto pode ser entendido como um agente na transformação do cotidiano da cidade de São Paulo nos anos 1920.

4.2 ACELERAÇÃO DO TEMPO: MODERNIZAÇÃO EM VOGA

Tempo das fábricas, tempo do trabalho. Bondes, carros e máquinas entram no dia-a-dia dos paulistanos de forma a transformar a forma como o tempo foi sentido pelos homens e mulheres comuns. Se num passado não muito longínquo o tempo foi medido pelo tempo da colheita, do sol ou da lua – o tempo natural, os novos *tempos modernos* trouxeram, com seu maquinário transformador, uma nova forma de sentir o tempo. O tempo passa então a ser

medido pelo trabalho, especialmente nas fábricas. Assim, o tempo cronometrado por uma máquina – o relógio – começa a se difundir.

Thompson⁷⁵ (1998) pontua esta relação estabelecendo as aproximações entre o tempo das fábricas e dos relógios. Ferramenta útil para contagem do tempo racional, o relógio transformou as relações, especialmente no meio urbano e fabril – tal como São Paulo, no período em questão. Os relógios já existiam e mediam o tempo individual, pessoal, por meio dos relógios de bolso.

A partir da transformação das relações de trabalho – livre e assalariado – a necessidade de contar o tempo passou a fazer parte da agenda de preocupações. Com isso, vários foram os relógios públicos instalados no perímetro urbano e nas fábricas. Além disso, os relógios individuais ganham espaço nas casas comerciais. Essa transformação na relação com o tempo é bastante significativa no processo de construção de novos hábitos e no contexto das primeiras décadas do século XX no Brasil, especialmente em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, irradiadoras de transformações para as demais cidades do país.

Cabe destacar que esse conjunto de mudanças – na estrutura urbana, nas relações de trabalho, na forma de governo e nos hábitos cotidianos – acarretou numa modificação evidente na conduta da vida cotidiana nas cidades, ainda que “as transformações dos comportamentos e das representações são lentas, difusas e muitas vezes contraditórias. (REVEL, 1991, p. 171). Homens e mulheres comuns passam a experienciar o tempo de forma diferente e sentir o tempo passando mais rápido.

Essa sensação de pressa e de aceleração foi vivenciada especialmente por aqueles que conviviam no perímetro urbano – seja na zona das fábricas ou no Triângulo Central – e observavam o ritmo de vida em transformação. As distancias sendo diminuídas pelos transportes urbanos cada vez mais ágeis, as informações chegando via imprensa diariamente, e a própria iluminação pública que permitiu a continuidade de muitas atividades citadinas no período noturno, evidenciam tais práticas.

Assim, viver a aceleração do tempo, uma constante do século XX, esteve relacionada ao mundo de novidades, transformações, desenvolvimento tecnológico e controle do tempo, processos próprios de um século que, em tão pouco tempo, apresentou tantas nuances. Urgência. Uma palavra usada com frequência por aqueles que demandavam mudanças e

⁷⁵ Cf: THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

novidades para a capital de São Paulo. Com o tom da emergência, daquilo que urge e não pode esperar, a imprensa periódica atuou de forma contundente neste período.

E a urbanização traria consigo suas próprias novidades e necessidades. Formas alternativas de habitação, lazer e trabalho, mas também problemas de transporte, moradia e educação fariam parte dessa nova agenda veloz. A imagem geral era que tudo mudava, e aceleradamente (SCHWARCZ, 2012, p.43).

A modernização das máquinas tipográficas acelerou o ritmo das impressões. O desenvolvimento tecnológico permitiu a existência dos telegramas que encurtaram distâncias e dinamizaram a atividade da imprensa periódica, especialmente a diária. Dessa forma, entende-se que os jornais foram agentes importantes neste momento, afinal, por meio das suas narrativas – crônicas, reportagens, notas sociais – construíam demandas e pontuavam emergências, sempre em diálogo com o poder público.

Coisas da Cidade era uma coluna de crônicas que aparecia com frequência no jornal. Assim, publicava em suas linhas reivindicações para melhoramentos urbanos, reformas necessárias e hábitos a serem internalizados pelos leitores. Tudo era urgente. Adequar-se às normas da vida moderna e aos padrões de civilidade eram questões latentes que cotidianamente apareciam nos escritos de Plínio Barreto. Desta forma, o tom acelerado de querer ver concluído um processo é visível e as demandas são várias. A preocupação com a organização das ruas, especialmente do Triângulo, é constante. A *arborização* deste perímetro urbano também. O horário do comércio, a qualidade dos hotéis, a mendicância e mesmo o nome das ruas passam a ser preocupação presente do cronista observador.

Mas, além de observador, Barreto também interveio nesta organização urbana em transformação. Por meio de suas crônicas mediava o seu ponto de vista com demandas de um grupo específico da sociedade – certamente homens com certo acesso ao consumo – e, com boa visibilidade por meio do *Estado de S. Paulo*, um dos principais jornais à época, conseguiu vigiar e controlar os projetos considerados por ele como importantes. Destacava aquilo que julgava ser fundamental para entrada de São Paulo na vida moderna e elegante, e, enfocando determinados projetos em detrimento de outros, conseguiu destaque e muitas vezes adesão do poder público aos seus anseios. Uma transformação dos hábitos banais, como comer – e comer corretamente, aos seus olhos, passou muitas vezes pela preocupação do cronista. Para Jacques Revel

A depreciação social que afeta um código amplamente aceito não basta, porém, para justificar a crise que abala os fundamentos da civilidade. Ela se exprime numa crítica que contesta os próprios valores sobre os quais repousava o trabalho de uma civilização dos costumes (REVEL, 2009, p.205).

Tais preocupações aparecem diariamente no jornal. Isso só foi possível pela modernização técnica do maquinário que envolve a impressão de um periódico. A Primeira Guerra Mundial foi um evento mundial decisivo para isso. Um acontecimento deste porte fez com que a necessidade de receber e enviar informações fosse prioridade no período. Assim, a imprensa, responsável pela mediação do conhecimento dos acontecimentos – mundiais, nacionais, regionais e locais – se desenvolveu de tal modo a ponto de os jornais passarem a ser *locus* do debate e formadores da opinião pública, conferindo um status de prestígio e poder aqueles que atuavam como agentes da mídia impressa, ou seja, jornalistas, diretores e empresários.

Ao estudar um jornal como *O Estado de S. Paulo* verifica-se como são notáveis as transformações. Se no início de suas atividades em 1875 como *Província de S. Paulo* o impresso contava com poucas páginas – de 4 a 6, aproximadamente – na década de 1920 as edições circulavam com aproximadamente 16, chegando a ter edições de mais de 30 páginas. Mas não só em números de páginas o jornal mudou. O conteúdo passou por significativas alterações. Inicialmente contendo textos corridos e pouca divisão interna, na década de 1920 é possível perceber uma tímida divisão – não tão evidente quanto os jornais aos quais estamos habituados a ler no presente.

Ser veiculada mais de uma vez por semana significava a necessidade do novo, de ter do que falar e de construir conteúdo. E dessa forma o cronista sempre tinha novidades a narrar. Tal constatação entra em diálogo com a noção de aceleração do tempo, tendo em vista que o novo colocava aquela sociedade num turbilhão de mudanças que aconteciam sistematicamente na forma de vida urbana. Assim, imprensa e cidade imbricavam-se num processo de modificação da percepção de tempo. Neste sentido, os periódicos foram fundamentais: trouxeram o novo diariamente às suas páginas, dando a ler o mundo de inovações que se abria neste recente e tumultuado século XX.

A vida na cidade colocava seus habitantes em contato com novas sensibilidades. Caminhar pelas ruas do Triângulo Central colocava a olho nu transformações físicas, estruturais e sensoriais. Um prédio demolido, calçamento e asfalto construídos. Os cheiros decorrentes dos velhos hábitos – de saneamento precário e da preocupação com os odores corporais – disputavam com as farmácias e casas comerciais que vendiam todo tipo de produtos cosméticos: desodorantes, sabonetes, perfumes e afins foram divulgados e paulatinamente construíram uma

nova sensibilidade dos cheiros. Ao passo que novos hábitos foram adquiridos, a rotina da cidade se transformava. O espaço urbano era disputado. Camadas populares e burgueses em ascensão conviviam, com seus ritmos, formas de vida e percepções do outro.

Andar pela Rua Libero Badaró, pela Rua São Bento era entrar em contato com tudo aquilo considerado novo, moderno. Deste processo cabe ressaltar a construção do Edifício Martinelli. Finalizada em 1929, a edificação coroou a década eufórica. Assim, além do contato horizontal, no chão – pelas ruas, praças e caminhos do Triângulo – o Martinelli significou o início do processo de verticalização. Ver a cidade de cima coloca o cidadão como observador dessa cidade de mudanças constantes.

É ao caminhar que o cidadão vê a vida acontecer ao seu redor. Ouve os sons dos bondes, das discussões nos cafés, dos trilhos, das máquinas. Uma profusão de sons, cheios, sensações impôs um novo ritmo a cidade que hoje não dorme. São Paulo, assim, foi um *locus* importante no processo de transformação de uma cidade província em cidade metrópole, que apareceu como exemplo e modelo a ser seguido, confundindo por muito tempo a História da primeira República com o protagonismo político, social e cultural paulistano nesse processo.

O Triângulo Central foi palco de diversas reformas. Construção do Theatro Municipal, Viaduto do Chá, Parque do Anhangabaú são exemplos de modificações consideráveis desde finais do século XIX. Homens e mulheres de diversas camadas da sociedade circulavam pelo perímetro urbano. Ao fundo se ouvia o jornaleiro vendendo a edição do dia, destacando as notícias e assuntos em pauta. Caminhando mais um pouco, na altura na Rua da Quitanda, um vendedor de vassouras anunciava seu produto, ainda que timidamente pois o código de posturas municipais desestimulava o seu fazer⁷⁶.

Descendo a Libero Badaró em direção ao viaduto Santa Efigênia uma construção atordoava os ouvidos de quem estivesse por perto. Era o primeiro arranha céus de São Paulo, a cidade que ao longo do século XX foi tomada por construções deste porte.

Assim como as obras do Martinelli, o calçamento nas ruas, alargamentos e construções colocavam o cidadão observador em contato com os sons da mudança: estacas, martelos, serras e toda sorte de ferramentas e materiais se faziam presentes numa profusão de sons atordoantes. Na Rua São Bento os engraxates lustravam os sapatos dos trabalhadores, símbolo de distinção

⁷⁶ Cf: SILVA, João Luiz Maximo. **Alimentação de rua na cidade de S. Paulo (1828 – 1900)**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. 2008.

social no mundo livre – ter sapatos significou, por muito tempo, ser livre.⁷⁷ Logo em frente pode-se ver o bonde passando, aumentando a velocidade dos trajetos e diminuindo distâncias.

Perto das onze da manhã o cheiro dos restaurantes confundia-se com os odores das ruas e dos corpos. Das pensões aos salões, diversas são as comidas oferecidas – a preços módicos e nem tanto – aos trabalhadores e voyeurs que conviviam com todo tipo de alimentação: os doces das quitandeiras, o arroz e feijão diários das pensões e os pratos à moda francesa, recentes na forma de servir. O *Café Girondino* foi – e ainda é – espaço de sociabilidade da moda à época, e ofertava aos fregueses, de acordo com seus anúncios, boa qualidade de comidas e bebidas, chamando atenção dos transeuntes, próximo ao mosteiro. Passada a hora do almoço, o aroma dos cafés – fervilhantes nos debates políticos e culturais de então – espalhava-se pelas ruas. O café, estimulante natural, teve seu consumo ampliado, num tempo que exigiu ritmos acelerados de trabalho e convívio social (SEVCENKO, 1992).

Pelas inscrições feitas na Planta da cidade de 1916⁷⁸ é possível perceber que o Triângulo tinha restaurantes, cafés, confeitarias por todos os lados, especialmente entre as ruas Direita, São Bento e Quinze.

⁷⁷ Cf: HERMANN, Jaqueline. Religião e política no alvorecer da República. Os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge. e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.) **O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003.

⁷⁸ A Planta da Cidade de 1916 pode ser conferida no anexo F. Para mostrar a quantidade de casas comerciais voltadas à alimentação em São Paulo no período, foi feito um recorte no mapa e colocadas através de símbolos e legendas os restaurantes, sorveterias e confeitarias que anunciavam no *O Estado de S. Paulo*. Uma tabela contendo os nomes das casas e seus endereços também pode ser encontrada no anexo D. Planta disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1916.jpg Acesso em: 07 de dezembro de 2017.

Figura 23 Planta da cidade de São Paulo em 1916

Fonte: Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php Acesso em: 10 dez. 2017

Hábitos estrangeiros passam a fazer parte do cotidiano dos paulistanos. Assim, palavras em idiomas estrangeiros compunham o vocabulário, artigos importados do continente europeu

chegam às lojas, livros de fora às livrarias e a *Mappin Stores* lança o *Five o'clock tea*, espaço ideal para as sociabilidades burguesas, especialmente entre mulheres.

- Perto da minha mesa – dizia-me hontem um amigo que lá esteve – perto de mim, no magnífico salão de jantar do Hotel, falavam inglês. Inglês ainda nas duas mesas seguintes. Ao lado, hespanhol: uma elegantíssima família argentina. E enquanto eu via apenas duas ou três mesas com brasileiros, contava inumeras de italianos, norte-americanos, e não sei de que outras nacionalidades. Havia mesmo uma família russa. Das famílias de S.Paulo, raríssimas se viam: com certeza porque preferiam os cinemas da capital, e se achavam bem neste calor escaldante...(OESP, 04 jan. 1924, p.6).

Além do chá das cinco, tudo o que fosse de fora chamava atenção dos habitantes da urbe. Uma profusão de idiomas se apresentava na cidade que seduzia estrangeiros e brasileiros, mas a forma dos estrangeiros de se portar foi tópico de destaque nas *Coisas da Cidade*

E o que é manifestado podemos dizer que é ‘um desejo de ser estrangeiros’. O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O mais importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo (SEVCENKO, 2003, p.41).

Compuseram a paisagem sonora da cidade os saltos das moças caminhando em direção à loja de departamentos, seu andar rápido e discreto que caminhavam em busca do chá, mas, principalmente, do progresso, da vida urbana considerada elegante. A busca do ser *chique* passou pelo comer e beber e, mais enfaticamente, por onde e o que comer e beber. Neste sentido é importante notar que “O alimento não é apenas ingerido. Antes de chegar à boca, ele é preparado e pensado detalhadamente. Adquire o que geralmente se chama de valor simbólico” (ROSSI, 2014, p. 32). O ato de comer, e portando os locais onde esta prática se dá, são carregados de códigos sociais. Por outro lado, para além do estímulo à vida elegante, conviviam na cidade homens e mulheres da classe trabalhadora, que deixavam a ver seus ritmos, formas e condições de vida, fazendo-se presentes na cidade.

Numa cidade que se pretende metrópole se desenvolver, o trabalho livre é fundamental. Além dos empregados, uma camada de comerciantes dos mais variados produtos apareceu no espaço da cidade sedutora. O êxodo rural atraiu trabalhadores, imigrantes, ex-escravizados que esperavam melhores condições de vida. Assim, a vida do trabalho livre e assalariado impôs novo ritmo à urbe. Do trajeto das moradias ao centro comercial, do ritmo dos fins de semana, dos espaços de lazer até as formas de comer no cotidiano foram alteradas com a transformação das relações de trabalho, numa das últimas nações a abolir a escravidão. O trabalho livre e

assalariado fez proliferar as mais variadas formas de comércio de comidas: quitandeiras e suas quentinhas, pensões com almoços caseiros, cafés que serviam refeições completas oferecendo ainda um espaço de sociabilidades, como o *Café Girondino*, ou mesmo os restaurantes mais refinados, como a *Brasserie Paulista* na Praça Antonio Prado, que se colocava como local preferido das elites paulistanas. Os dois últimos certamente não eram frequentados pela massa de trabalhadores que construíram a cidade-metrópole, mas envolveram um número significativo de trabalhadores em suas atividades, entre cozinheiras, *maitres* e garçons.

Comer fora de casa, portanto, passou a fazer parte da vida de muitos paulistanos. A relação de trabalho assalariada formou uma massa de trabalhadores com poder aquisitivo – ainda que muito baixo, por conta da má remuneração. De toda forma aumentou-se consideravelmente o número de consumidores, processo fundamental para consolidação do projeto capitalista e da conclusão de uma revolução industrial.

A cidade era atrativa. A Avenida Paulista com seus casarões chamava a atenção, assim como as novas construções no Triângulo Central. Lojas na Libero Badaró, cafés na Rua São Bento, o Viaduto do Chá, os Parques Dom Pedro e do Anhangabaú trouxeram ares de modernidade a – até então pacata – São Paulo. Não só os trabalhadores eram seduzidos pelo comércio cada vez mais dinâmico, pelas fábricas e, portanto, pelas possibilidades de emprego. Homens e mulheres das elites rurais passaram a investir no embelezamento da cidade, na construção de bairros como Campos Elyseos e Higienópolis. Pela planta da cidade em 1916⁷⁹ pode-se perceber quão próximos do Triângulo – e de suas benesses – esses bairros ficavam. Assim, este grupo pôde desfrutar de todo o conforto e de todas as novidades que a São Paulo chegavam.

Com o aumento do comércio, das indústrias e a diversificação das experiências urbanas tem-se grandes atrativos na cidade: de um lado as novidades que aparecem com frequência, de outro os empregos. Assim, viver no perímetro urbano tornava-se caro. Caríssimo. Especialmente para os trabalhadores que, em precárias condições, trabalharam na edificação dos novos prédios, no calçamento das ruas, no comércio, nos trabalhos informais e nas fábricas. Maria Izilda Santos de Matos afirma que

A crescente urbanização e a ascensão de São Paulo à posição de metrópole regional – consolidando-se como ponto de trânsito dos produtos de exportação e importação, grande mercado do complexo cafeeiro e dinâmico centro econômico e político – provocaram transformações sociais em curto espaço de tempo e em ritmo acelerado, num quadro em que interagiram a

⁷⁹ Cf no anexo F

desintegração da Abolição, a grande imigração e o êxodo rural. Em pouco tempo, a capital paulista consolidou-se como centro capitalista, integrador regional, mercado distribuidor e receptor de produtos e serviços, fatores nitidamente vinculados ao crescimento da produção cafeeira (MATOS, 2007, p.51).

Ao olhar para a planta da cidade de 1916 é possível perceber que os bairros fabris e operários circundavam o Triângulo, mas, mais próximos que eles, os bairros burgueses – Bela Vista, Higienópolis, Campos Elyseos, e posteriormente os Jardins – aproximavam-se no Triângulo e portanto, com muito mais facilidade, por ele circulavam diariamente. Por isso mesmo o *Mappin Store*, a *Brasseie Pauulista*, a *Casa Allemã* e tantas outras casas estiveram localizadas neste espaço. A última era a principal concorrente do Mappin

Do grupo alemão, enfim, saiu o principal concorrente do Mappin até 1950 – a Casa Alemã. [...] teve um primeiro endereço pouco nobre – a Rua 25 de março. [...] e depois para a rua Direita. Neste último endereço, a Casa Alemã não seria mais apenas uma casa de confecções, mas uma moderna loja de departamentos (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.35).

A diferença entre a vida fabril e a vida no Triângulo aponta para diferenças nos hábitos e modos de vida. Assim comer fora de casa para o operário significava a necessidade de permanecer no ambiente de trabalho – ainda que socializando. Mas, no ambiente reformado do Triângulo Central, comer fora de casa significava – além de uma necessidade por conta do mundo do trabalho – transformar o imprescindível – comer – em atividade social.

Comer passa a ser lazer, sociabilidade e distração, um dos principais atrativos da cidade. Até hoje São Paulo é reconhecidamente uma cidade cuja vida gastronômica é bastante rica. Mas é no início do século XX que confeitarias, cafés, bares, restaurantes, hotéis e sorveterias surgiram em maior número e evidência, desenvolvendo-se com êxito. Todo tipo de alimento passa a ser comercializado.

O comer tem uma intenção bastante evidente: suspender o tempo, ainda que por poucos minutos e, ainda que exercendo uma atividade necessária para a vida humana – natural – transforme o comer em atividade social, partilhada e experienciada coletivamente e, portanto, histórica.

4.3 ESCRITAS PARA EXPERIMENTAR A CIDADE

Uma cidade reformada, moderna, com mais opções de lazer e consumo colocou seus habitantes em fase de experimento. Conhecer a nova confeitaria da esquina, ver pequenos aviões partindo e pousando, jogos de futebol dos novos clubes de esporte, passear pela Avenida Paulista ou pelo Viaduto do Chá. Flanar pela cidade, entender-se como habitante de um novo espaço e, sobretudo, reconhecer, identificar-se com os novos espaços foi atividade cotidiana dos *frementes anos 1920* (SEVCENKO, 1992). Para Benjamin (1959, p.51) o *Flâneur* é um tipo comum das cidades modernas:

O flâneur [...] que encontrávamos nas calçadas e em frente das vitrines, esse tipo fútil, insignificante, extremamente curioso, sempre em busca de emoções baratas e que de nada entendia a não ser de pedras, fiacres e lampiões a gás... tornou-se agora agricultor, vinhateiro, fabricante de linho, refinador de açúcar, industrial do aço.

Um mundo de novidades – dos arranha-céus, dos automóveis aos produtos comercializados – foi apresentado aos homens e às mulheres de São Paulo no período. O tempo eufórico, ávido pelo novo, foi marcado pela publicidade. Anúncios, panfletos e boca a boca foram efetivas formas de divulgar novidades. Para além disso, a imprensa periódica também teve um importante papel nesse processo, pois narraram a vida moderna, promoveram novas formas de convívio social e divulgaram produtos, normas e condutas.

Crônicas como *Coisas da Cidade* traziam diariamente tópicos ao debate sobre o espaço urbano. Com uma preocupação evidente em construir um novo *ethos*, os periódicos foram fundamentais na promoção de um comportamento próprio para o espaço. A construção de um *habitus social* (ELIAS, 1993) envolve diversos atores, grupos sociais e engrenagens. Em São Paulo o início do século XX foi um tempo de transformações, desejadas por uma parcela significativa – em prestígio e poder – da sociedade, e fomentada pela opinião pública, que vigiava e conduzia, junto ao poder público, as condutas e práticas cotidianas.

Por serem escritas do comum, do habitual, as crônicas apresentaram-se como um meio efetivo de promover o debate e formar a opinião pública, com seus textos leves, de fácil e rápida leitura, mas com conteúdo não menos importante ou menor para a discussão pública. Assim, as crônicas de *Coisas da Cidade*, que permaneceram no jornal entre o final da década de 1910 e o final da década de 1920, escritas por Plínio Barreto, mediarão a relação dos leitores com a cidade e promoveram projetos, intenções e práticas. Ao tratar do *Restaurante da Ingleza*, o

autor demonstra suas insatisfações e se coloca como porta voz de reclamações, intendendo modificar práticas comuns:

Falemos somente disto: o restaurante. S. Paulo e Santos, que dão tantos viajantes à Ingleza, mereciam nessa estrada restaurantes bem servidos, pelo menos à altura dos da Mogyana e da Paulista. Entretanto, o serviço é péssimo: ‘menu’ ordinário, pouco asseio nos utensílios da mesa e nem mesmo há guardanapos para os viajantes!...(OESP, 03 jan. 1924, p.5)

Já alludimos ao lamentável esquecimento da Ingleza, dando carro restaurante a vários trens entre S. Paulo e Santos, e não o dando justamente ao comboio que mais precisa d'elle – o que parte da estação da Luz às 18 e 15, hora do jantar. E como a Ingleza já deve ter reparado o seu erro, ou está prestes a fazel-o, podemos agora tratar dos seus restaurantes.

Começa que, só por euphemismo, se pode chamar aquillo de carro-restaurante. Ainda em viagem recente, durante o chamado almoço, um dos passageiros pretendiam matar a fome, cansado de esperar pelo guardanapo, teve o desprazer de ouvir ao ‘garçon’ esta phrase:

- Não ‘tem’ mais guardanapo...

- Não tem guardanapo!...exclamou o homem. Isto não é restaurante, é ‘frége’! A figura, embora muito pitoresca, é um pouco forte, mas precisamos concordar em que alguma razão assistia ao passageiro para manifestar o seu aborrecimento.

- Isso não é restaurante, é ‘frége’!

Acha a Ingleza bonito que continuemos a ouvir nos seus carros-restaurantes expressões como essa?

De nossa parte, pudemos verificar, nessa e em viagens posteriores, que, effectivamente, o restaurante deixa muitíssimo a desejar.

[...] frios ordinarissimos, um peixe que a prudência manda dispensar, tudo por esse teor, a terminar na indefectível goiabada com queijo...

- Mas, por quatro mil réis não se pode dar mais...

Sim, estamos de acordo em que o preço é insuficiente, mormente na crise actual dos generos alimenticios. Mas que se eleve o preço do almoço e do jantar! O passageiro pagaria de boa vontade seis mil réis, por exemplo, desde que o seu almoço fosse melhor. Como está é que não pode continuar: a Ingleza não há de querer que o seu carro-restaurante passe a chamar-se “carro-frége”, como andam a dizer; e, depois, quatro mil réis não pagam, mesmo, uma boa refeição, como a fornece, por 10 francos, a Companhia Internacional dos Vagões-Leito, nas estradas de ferro francesas, italiana e outras (OESP, 10 mai.1924, p.5).

Percebe-se que o autor tem por intenção intervir na prestação de serviços oferecidas pela *Ingleza*, destacando tudo aquilo que significava atraso ou que não estivesse adequado à civilidade.

Tais textos podem ser lidos como uma reunião de conselhos sobre a vida urbana. Para além dos manuais de civilidade, que passam a se popularizar no período em questão, as crônicas parecem atuar num mesmo tom, ainda que com intenções evidentes de alertar o poder público sobre reformas necessárias. Mas, os cuidados com o convívio social são evidentes ao entrar em

contato com essas leituras. Na forma de conselhos, de conversas com o leitor (que podia ser fictício, apenas como um artefato de escrita), ou de notas sociais (uma coluna social embrionária), as crônicas de Barreto atuaram como importante elemento na intenção de conduzir à civilidade.

O cronista foi um observador atento às mudanças que ocorriam em São Paulo no início do século XX. Mas, além de voyeur, foi partícipe das mudanças ao alertar, com a força da imprensa, as mudanças necessárias, os projetos que mereciam atenção, a seu ver, ou mesmo as reuniões sociais que mereciam visibilidade. Atuava, portanto, como vigilante. Um soldado do projeto de modernização. Higienista, importava-se com as condições de saúde pública e privada, do cuidado de si e com os outros. As crônicas que se dedicam a questionar as gorjetas excessivas dadas aos garçons são interessantes:

As gorjetas

Das cartas que nos tem chegado nestes últimos dias, destacamos esta: “Sr. redactor das ‘Coisas da Cidade’. Venho recorrer a sua secção, pedindo-lhe agasalho para uma reclamação que não interessa somente a mim, mas a todos quantos frequentam certas confeitarias.

Há, entre nós, ultimamente, o habito de se dar gorjetas excessivas. Na Europa, todos sabem que a gorjeta habitual é de 10 por cento: se um francez consome três francos num café, dá apenas trinta cêntimos e o ‘garçon’ mostra-se bem pago. Aqui, porém, estamos longe desses 10 por cento, porque, em geral, quando se gastam três mil réis é raro que não se deixe na mesa quinhentos réis ou mais ainda. Não é para lhe pedir que aconselhe um pouco mais de parcimônia nessa liberalidade, que eu lhe escrevo hoje. É somente para lhe contar que, apesar dessa largueza, a gente é mal servida, frequentemente com desaforos e atrevimentos, e até mesmo, às vezes, enganos nas contas, por forma que, além de gorjeta, se tem um pequeno prejuízo.

Hontem, por exemplo, numa das confeitarias das vizinhanças do Theatro Municipal, eu vi esta scena: um casal pediu qualquer coisa, e na hora do pagamento o ‘garçon’ trouxe o troco incompleto. Reclamação do prejudicado. E vae o ‘garçon’, restituindo o dinheiro que tinha cobrado de mais, em vez de desculpas, sae-se com phrases atrevidas para os consumidores que ficaram vexadíssimos! É assim que elles fazem sempre, contando com o silencio dos prejudicado, os quaes nunca reclamam, de medo de um escândalo. Tudo isso é culpa nossa, porque lhe damos mais do que merecem e mais do que é costume nos paizes civilisados. Se fossemos um pouco mais parcimoniosos nas gorjetas, taes coisas não succederiam, porque os ‘garçons’ não nos tratariam como se fossemos todos milionários.

Aconselho, pois, as pessoas que frequentam taes casas e principalmente as famílias que, depois do theatro ou do cinema, tem o habito de procural-as, que deem gorjetas mais razoável, e examinem bem as contas e trocos. Esperando uma palavra sua aqui fica o seu leitor assíduo – F. X.’

Pareceu-nos que a carta podia ser publicada, dispensando por hoje quaesquer commentário. P. (OESP, 20 jan.1925, p.4).

A crônica acima transcrita é emblemática e há alguns pontos a se destacar. Para sustentar seus argumentos sobre o pagamento de gorjetas muito alto, o remetente da carta ao cronista usa o exemplo francês: em diversas ocasiões o exemplo do exterior, especialmente da França, aparece como modelo civilizatório: uma civilização que se acreditava não ter sido atingida ainda no Brasil, que fica evidente quando em outro momento da mesma carta destaca que o valor está acima do cobrado nos *países civilizados*. Se havia nações civilizadas, é porque o contrário também existia. Outro ponto de destaque aqui é o pedido do remetente, que solicita ao cronista que *aconselhe* as pessoas sobre o valor dado em gorjetas aos garçons. Aqui percebe-se que Plínio Barreto por meio de suas crônicas atuava como um mediador no diálogo com os habitantes da cidade: era um porta voz de demandas e anseios. O medo do escândalo na hora do troco também parece ser um traço interessante de se destacar. Com uma sociedade em processo de civilizar-se, o abrandamento dos gestos, a fala baixa e a discrição parecem ser características necessárias àqueles que desejam estar no tom de sua época. É um pouco do ser *blasé*, atributo dos habitantes das grandes cidades conforme George Simmel (SIMMEL, 1903). A discussão sobre as gorjetas é anterior e já em 1924 uma outra carta chama atenção sobre o assunto:

De um leitor recebemos a seguinte carta:

‘Sr. redactor. Um habito inconveniente e prejudicial que está se generalizando entre nós, é o das gorjetas excessivas. Note-se que é coisa trazida por estrangeiros e que só a estrangeiros aproveita. Basta olhar-se para o ‘garçon’ da confeitaria, para o nosso barbeiro, para o engraxate, para tantos outros que costumam arrancar-nos, com mais ou menos geito, as gorjetas: são todos estrangeiros. Isso, afinal, não teria nada de mais, se fosse um habito vantajoso para nós e que não nos viesse agravar a vida. Mas as gorjetas não são necessárias em nosso paiz, onde os salários são bons e a vida é relativamente barata. E depois, se já há lugar para essa novidade, que as gorjetas sejam proporcionaes aos serviços prestados, e não despropositadas e absurdas, como tantas vezes sucede.

Senta-se um freguez na cadeira de um engraxate, paga pelo serviço duzentos ou trezentos réis – e o engraxate resmunga se não lhe dá de gorjeta os duzentos réis do troco...Um tostão é que elle não aceita, e assim mesmo já seria mais do que os dez por cento com que na Europa se gratificam taes serviços.

O barbeiro quasi exige 20 ou 30 por cento de gorjeta, pelos serviços durante o anno – e pelo Natal quer ainda as suas festas, exhibindo uma bandeja cheia de notas de dez e vinte mil réis como quem diz que isso é que devemos dar! Ultimamente, inventaram a moda das rifas: há barbeiros que já substituem a sua bandeja do fim do anno por bilhetes de uma ‘acção entre amigos’, a 20 ou 25 mil réis...E ai do que tira o corpo a essas espoliações! – os commentarios irônicos do Figaro não perdoam...

Nas confeitarias, os ‘garçons’ já trazem o troco certinho de forma que o freguez não pode deixar gorjeta menor de 500 réis – mesmo que o gasto seja de meia garrafa de cerveja (OESP, 04 jan. 1927, p.4).

Nesta crônica o papel dos estrangeiros muda de posição. Se em boa parte das vezes em que são citados aparecem como modelo de civilização, aqui, no questionamento às gorjetas consideradas excessivas, são relatados como maus exemplos, aproveitadores dos consumidores. Mas, curiosamente, a nacionalidade destes estrangeiros aqui não aparece. Quando se trata de elogios e modelos civilizatórios, as nações aparecem em destaque, especialmente a França. Quando o caso é de crítica, usa-se o genérico *estrangeiros* para definir os que estavam a se aproveitar do público consumidor. Um destaque deste texto é o relato de o Brasil ser um país de bons salários e de vida barata. Entre as décadas de 1910 e 1920 diversos foram os movimentos contestatórios às relações de trabalho e mesmo ao custo de vida nas grandes cidades, como São Paulo. Viver em uma capital era bastante caro, e, portanto, o argumento do cidadão parece falho. A questão das gorjetas continua sendo um incômodo até 1929, como se pode verificar na crônica a seguir:

O preço do café

Fala-se que vae ser elevado a trezentos réis o preço do café em chcaras. Alguns proprietários de cafés levantaram essa ideia que uns adoptaram e outros repeliram. Os que não adheriram à lembrança do augmento, fazem ver que o preço actual já garante um lucro razoável e que, nessas condições, nada justifica a elevação pretendida.

Com effeito, se há lembrança infeliz e injustificável é essa dos proprietários de cafés, que não se contentam mais com os duzentos réis de cada chicara. Bem sabemos que são todos negociantes e, como bons negociantes procuraram em primeiro logar o seu lucro. Mas se com o preço actual são tão numerosos os cafés da cidade, e novos cafés se abrem, é porque o negócio não deixou de ser rendoso.

Por outro lado, se se elevasse a trezentos réis o preço das chcaras de café teríamos esta coisa inacreditável: justamente em S. Paulo, no centro da maior produção de café, o preço do café que se fornece ao público seria mais elevado do que em capitaes estrangeiras que importam o café mediante pesados impostos. Em Pariz, por exemplo, os estabelecimentos que vendem o melhor café em chcaras que dão quasi o dobro das que se usam em S. Paulo, cobram 75 centesimos, preço que não chega a 300 réis. E são cafés decentíssimos, ao passo que os de S. Paulo são sujos e sem hygiene.

Nos bars, confeitarias, leiterias, restaurantes, qualquer que seja a despesa, os 'garçons' arranjam maneira de forçar o consumidor a uma gorgeta de 20 ou 30 por cento sobre o preço. Há casas que têm em grande 'stock' as moedas de quinhentos réis especialmente para os trocos, com a intenção evidente de fazer com que o freguez deixe por um chopp, por um café com leite ou por uma coalhada, pelo menos uma daquellas moedas. Outras, usam de differentes meios mais ou menos engenhosos mas sempre revelando a preocupação de esfolar um pouco mais o consumidor, obrigando-o a uma propina excessiva (OESP, 18 jul. 1929, p.4).

Para além de apenas relatar o que vê, Plínio Barreto demandava e cobrava ações: do poder público, dos comerciantes, dos habitantes da cidade. Promovia, com a força das palavras escritas e divulgadas diariamente, regras para o convívio social – muitas vezes excludente. E é “a interiorização individual da regra que lhe confere sua maior eficácia. A disciplina coletiva torna-se, assim, objeto de uma gestão pessoal e privada. (REVEL, 1991, p.170)

Um dos principais elementos de uma vida moderna diz respeito a organização da vida urbana. Desde as estruturas (alargamento de ruas, construção de prédios públicos, saneamento, praças e avenidas) às ações individuais, ser moderno significou agir de forma condizente ao projeto em questão. Neste processo a vigilância esteve presente em diversos aspectos. Um dos mais significativos foi, efetivamente, o controle de si, o *abrandamento das pulsões* (ELIAS, 1994) ou seja, a forma como individualmente as pessoas passaram a se controlar, visando sempre a reação do outro.

Desta forma, uma máquina de controle internalizado foi inserida no imaginário. O que vestir, por exemplo, esteve condicionado não só as condições financeiras, mas também a forma como o outro interpreta o vestuário. São simbologias que se apresentam como forma de exercício de poder. O controle de si transforma-se também no controle do outro. É este mecanismo sutil e quase imperceptível que esteve presente no processo de transformação dos hábitos citadinos e que, num conjunto de práticas, desempenharam fundamental papel na construção de uma cidade que se queria metrópole.

Com os olhos voltados para o ocidente civilizado – numa visão progressista da História, do mundo e das relações humanas – o Brasil viu-se imerso na necessidade de mudar. Porém, transformar mentalidades não é tarefa simples. Exigiu um conjunto de medidas sociais, políticas e culturais para sua efetivação. Políticas públicas, reformas urbanas, discurso médico, norma familiar, cuidados com a saúde e com o corpo. Tudo isso foi fundamental para a construção de uma nova forma de viver a vida e possibilitou a emergência de uma cidade reformada, tanto em sua estrutura como em seus hábitos.

Assim, enquanto os *códigos de posturas municipais* legislavam sobre quais práticas podiam ou não ocorrer – e onde poderiam acontecer, os jornais promoviam este novo *ethos*, ou seja, divulgavam o ser moderno e, em suas crônicas, Plínio Barreto auxiliava neste processo, atuando como divulgador, fomentador e entusiasta da transformação dos corpos, das relações sociais e da vida comum.

Para viver de forma condizente com novo padrão moderno, o habitante da cidade precisou transformar seus cuidados para com a saúde. Para isso, um conjunto de normas passa a ser divulgado na forma de protocolos de civilidade. Segundo Norbert Elias (1994, p.64)

Dessa forma, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do *habitus social* (...). O conceito de *habitus social* permite-nos introduzir os fenômenos sociais do campo da investigação científica, que antes lhe era inacessível.

Viver no espaço urbano, conviver no Triângulo Central necessitou um conjunto de normas e condutas, divulgadas por meio de manuais ou mesmo pelas páginas dos jornais em circulação à época. A *vida elegante* foi retratada pelo cronista que em seus crônicas demonstrava seu trânsito nos círculos sociais das elites, publicando notas sobre reuniões e banquetes elegantes que frequentou:

Poucos banquetes terão sido tão agradáveis e terão deixado a grata impressão com que todos nós saímos hontem à tarde do Hotel Palace, aonde fomos para uma demonstração de amizade a Sampaio Doria (OESP, 03 ago. 1920, p.7).

Ainda que o que pretendia fazer em suas crônicas não fosse semelhante a uma coluna social, Plínio Barreto tinha como preocupação, por vezes e não muitas, relatar algumas reuniões que mostravam seu trânsito social e certa distinção social:

Uma reunião elegante

O jornalista, que pretenda fazer a crônica da cidade, não pode, por menos propenso que seja à vida elegante, deixar de assinalar certas reuniões que durante alguns dias, absorvem a atenção da nossa sociedade. Assim, por exemplo, o chá que um grupo de senhoras e senhoritas organizou na rua 15 de novembro, no prédio do 'London Bank'. Poucas vezes se terá visto uma sociedade tão distinta e tão selecta, como a que nestas ultimas tardes, se tem reunido naquelle ponto. Foi o que observamos hontem, quasi por acaso se alli se tomava chá e, de mais a mais, servido por senhoritas graciosas, seria tolice ir procurar uma leiteria qualquer...Porque, em S. Paulo, as casas de chá são ainda as leiterias.

Entramos, assim, apenas para um 'lunch' apressado. Mas, tão agradável nos pareceu a reunião com aquella concorrência encantadora, a orchestra, e o mais que nos retardamos insensivelmente e afinal nos felicitamos pela lembrança. Aliás, as senhoras e senhoritas que organizaram essa festa tiveram uma ideia magnifica, localizando-a bem na agitação, no tumulto, no corre-corre nervoso e apressado na rua 15 – o nosso grande mercado dos negócios. E é uma impressão bizarra, effectivamente, a de quem deixa na calçada os corretores, os negociantes de toda sorte e com uma simples passada, se transporta a um meio tão diverso e muito mais encantador...

Escusado a dizer que a concorrência tem sido das melhores tanto que, das 15 horas e meia às 19, não há famílias que venham ao centro que não passem alguns minutos no chá do 'London Bank'.

Mas, ia-nos esquecendo o principal, isto é, contar aos leitores que, além de todos esses atractivos o chá tem ainda um fim elevado: o de auxiliar o acabamento da igreja da Consolação.

Eis ahi mais um motivo para os que quiserem verificar por si mesmos se exaggeramos nessas linhas rápidas – o que devemos fazer com urgência, porque amanha a tarde se encerra a linda e agradabilíssima reunião. – P. (OESP, 17 abr. 1925, p.2).

Coisas da Cidade apresenta-se como uma forma de divulgação de protocolos de civilidade. Assim, tomado como um todo, as crônicas diárias parecem um grande manual de como se portar na cidade reformada e são, em verdade, representações do próprio funcionamento da sociedade (REVEL, 1991). Alertando o leitor para as novidades, o cronista aponta seus anseios, desejos e fomenta formas de viver na urbe em constante transformação.

Para além da profusão de novidades, para as regras de conduta social estabelecidas pelos espaços físicos – calçadas, ruas, prédios – os hábitos sociais passaram por uma constante internalização. De forma subjetiva, pessoal e individual, tais regras passam para o campo do coletivo. Ao cuidar de si, ao controlar-se, controlava-se também o outro, num mecanismo por vezes sutil, mas eficaz na conduta da vida social.

Comer, como costume comum e diário, entra no campo do lazer e entretenimento e aos poucos a comida passa a ser identificação da cidade, numa metrópole com identidades difusas e pouco unificada. Assim, durante a década de 1920 viveu-se a euforia de estar no epicentro das transformações sociais e culturais. Um período de ebulição, uma sensação de viver o novo agitou a capital paulista e reformou os hábitos muitas vezes provincianos.

Considerando comida como cultura, a partir da internalização dos hábitos burgueses tem-se a formulação de novos gostos, sensibilidades criadas e estimuladas para construção do ser moderno. Assim, seja por meio dos anúncios dos jornais ou mesmo das crônicas de Barreto, locais de sociabilidades burguesas foram divulgados e estimulados. Os jornais são importantes documentos que dão ao historiador acesso a vida na cidade, e que, num trabalho de investigação, pelo “faro, golpe de vista e intuição” (GUINZBURG), elementos fundamentais na pesquisa histórica, pode-se reconstruir pedaços das experiências de homens e mulheres num determinado tempo.

No contanto com *O Estado de S. Paulo* foi possível mapear diferentes locais para alimentação, anunciados como *locus* para se experimentar a vida moderna. Comer, portanto, esteve relacionado ao consumo e à distinção social, especialmente em locais como o Triângulo Central ou a Avenida Paulista, símbolos da metrópole em formação.

Locais como o *Mappin Stores*, a *Brasserie Paulista* e a *Confeitaria Pinoli*⁸⁰ dentre outros espaços significavam um refinamento do gosto e daqueles que podiam transitar pelos

⁸⁰ Cf mapa e tabela nos anexos C, D e F.

seus salões. Significavam a entrada na vida moderna, desejada, especulada e divulgada das mais variadas formas. Flandrin sugere um questionamento que nos cabe aqui:

Restaria saber se a noção de bom gosto – ou a de mau gosto, que é seu contrário – surgiu primeiro no campo da alimentação ou no domínio artístico e literário. O certo é que no começo do século XVII ela não existia nem em eu, nem em outro (FLANDRIN, 2009, p.296).

O ato de comer é cultural e, portanto, se modifica, transforma-se com o passar do tempo. Nos dias atuais São Paulo é reconhecidamente uma cidade que conglera um número variado de restaurantes e nacionalidades de cozinhas. Tailandesa, chinesa, árabe, italiana ou francesa é possível encontrar um pouco de cada nos caminhos da cidade, característica de uma metrópole já consolidada. Mas o comer fora de casa não se dava apenas nos restaurantes e confeitarias. As *bombonieres* merecem um destaque:

Os novos puritanos

Inquiríamos hontem qual teria sido o motivo que levou os conspícuos edis a prohibirem a venda de ‘bonbons’ e chocolates nos domingos à tarde – e com franqueza, até agora não atinamos com a razão da estranha medida. Não há, de facto, nada mais absurdo: fecham-se as casas de chocolate, e deixam-se abertos os botequins onde se vendem bebidas! Privam-se as famílias de um bom alimento – e dá-se plena liberdade aos bars e confeitarias de embebedarem os viciados!

Os patrióticos e abnegados vereadores que nos desculpem estas reservas que tomamos a liberdade de fazer a um simples artigo do projecto sobre o horário do commercio, reserva tanto mais justificáveis quanto as graciosas meninas dos chocolates, que podiam ter influído com as suas supplicas sobre o coração dos edis, são as primeiras a não querer o (ilegível) nas tardes domingueiraz, porque como lá dizem ellas – muito mais se divertem na cidade vendendo chocolates, do que jogando peteca com as vizinhas...

Nestas condições se não há explicação plausível para a restricção extravagante e inconveniente, todas as hypoteses são admissíveis. E como nos cahisse sob os olhos um artigo publicado pela ‘Revue de Franca’ sobre as conquistas e as pretensões dos neo-puritanos nos Estados Unidos, demos de pensar que os nossos vereadores talvez sejam a vanguarda dos puritanos paulistas que não tardam por ahi...

Já ahi existem na Edilidade, há vários anos, seraphins e archanjos: por menos celestiaes que sejam, sempre são da corte celeste, e devem ter dado ciúmes aos seus confrades, que não tem tão garantida como eles, a bemaventurança eterna.

Vae dahi, provavelmente estes tiveram gana de salvar outras almas, e logo pensaram nas meninas das ‘Bonbonieres’: se o dia do Senhor é consagrado à oração, deviam ellas ir rezar a tarde em vez de ficar na cidade distrahindo-se ou namorando...

E olhem que ainda somos muito felizes se esses novos puritanos ficam só nisso!

Os dos Estados Unidos – os novos, que há algum tempo iniciaram lá uma formidável campanha contra o peccado e a relaxação religiosa, tem feito coisas do arco da velha, como pitorescamente nos conta a ‘Revue de France’ no artigo alludido. Sobretudo neste capitulo do descanso aos domingos, os puritanos ‘yankees’ chegaram a proibições verdadeiramente espantosas. Houve tempo em que nem o marido podia beijar a esposa no domingo, sendo igualmente prohibidos passeios, dansas, musica. Só o tambor, a trombeta e a harpa, considerados instrumentos sagrados, eram autorisados. Nem sequer se podia cozinhar, varrer a casa, cortar os cabellos ou barbear-se: porque taes occupaões offendiam o Senhor. Havia também rigorosa proibição de viajar sem licença de um magistrado: e o presidente Jefferson, que teve a coragem de viajar num domingo, foi accusado de ser um inimigo declarado do christianismo e da pátria.’ O esporte, o automóvel e o cinema attenuaram e modificaram esses rigores. Mas os não-puritanos recommçaram a campanha: nos domingos andam pelas ruas aos magotes a afugentar as crianças que brincam, e penetram nas casas para verificar se não há jogo de cartas. E isso é apenas para principiar! Acrescenta o collaborador da ‘Revue de France’: não está longe o tempo em que nos domingos, só o rumor dos cânticos perturbará o silencio universal...

- Será isso o que os novos puritanos da Edilidade estão desejando também para S. Paulo?...P. (OESP, 06 dez. 1925, p.3).

O texto acima transcrito é ácido e tem tom dramático. A votação de uma lei que proibia a venda de chocolates e o funcionamento das *bombonieres* aos domingos sucitou debates sobre o puritanismo. A intenção parece ser atingir diretamente os vereadores, responsáveis pela lei, usando do recurso do exagero bem fundamentado pela revista francesa, para chamar atenção para o caso da venda de bombons. Aqui mais uma vez o cronista busca no exemplo estrangeiro – parisiense – a argumentação para sua contestação. O imbróglio sobre o assumto já havia começado no dia anterior:

Nessa futura lei figura uma curiosa disposição: a que proíbe a venda de chocolates e ‘bonbons’ pelas confeitarias conhecidas por ‘Bonbonnières’ nos domingos, depois das 12 horas.

- Por que?

- Porque as mocinhas precisam descansar!

Houve aqui há tempo a lembrança de se mandar um oculista para o parlamento – não nos lembramos mais com que fim. Isso dá a ideia de propor agora aos vereadores que, na sua já celebre comissão technica. Incluem mais um cargo> o de especialista do ouvido. Porque suas senhorias devem ter algum defeito nos tympanos para não ouvirem o que se esbofaram de gritar os proprietários de taes ‘Bonbonnières’: que são confeitarias como as outras, pagando os mesmos impostos, e que, além do mais, já dão descanso semanal às suas gentis auxiliares e até férias annuaes...

Entramos na ‘Bonbonniere’ mais à mão, dentre as que se acham na rua 15:

- Dez tostões de chocolates, se me faz favor?

E enquanto a moça pesava os ‘bombons’:

- Então as senhoras estão louquinhas para não trabalhares nos domingos, não é assim?...

- Qual o quê! Nenhuma de nós pensa nisso...

- Como? E a lei que a Camara vai fazer?...

- Não fomos nós que a pedimos. Nenhuma aqui a deseja, porque já temos descanso suficiente. E depois, que iríamos fazer nos domingos? Jogar peteca?...
- Aqui ao menos nos distraímos com a freguezia – atalhou outra, uma lourinha de olhos claros.
- Mas então, dissemos nós com espanto, por que fazem os vereadores tanta questão de lhes dar uma coisa que as senhoras não pedem?...
- Não sei, respondeu a mais falante. E piscando os olhos:
- E mesmo que soubesse não lhe poderia dizer nada...-P. (OESP, 05 dez. 1925, p.2).

Apesar de se colocar em favor do funcionamento das *bombonieres* aos domingos⁸¹, o mesmo não acontece ao falar dos vendedores ambulantes. Esse é um caso típico da modernidade: o consumo deveria acontecer em locais próprios para determinados fins. No caso da venda de alimentos, as casas destinadas a esta atividade eram as privilegiadas. A comida vendida na rua, por meio de ambulantes, apresentava riscos:

Ora, apesar disso, toleram-se ainda nesses passeios vários vendedores de chocolates e não sabemos mais o que, os quaes alli se plantam nas horas de maior movimento, com os seus taboleiros e caixas, sentados commodamente, enquanto em torno a multidão se aperta e se acotovela apressadamente (OESP, 26 jun. 1926, p.3).

Para fixar o projeto modernizador por todo o Brasil viu-se uma constante *abertura para o mundo* (SCHWARCZ), no sentido de adequar a nação às normas internacionais. As reformas urbanas vivenciadas em diversas cidades do país (com maior destaque para Rio de Janeiro e São Paulo) são exemplos expressivos desse processo. Mas, reformar a estrutura urbana significou reformar também os hábitos cotidianos, as ações de homens e mulheres, acostumados com a vida na província.

No sentido de transformar as relações, diversas foram as ações tomadas para tal consolidação. Junto às reformas estruturais e físicas da cidade, modificações significativas nas sensibilidades foram experienciadas. O hábito de ler, por exemplo, passa a ser difundido, ainda que timidamente. O amor romântico, aos moldes burgueses, um padrão normativo para as organizações familiares, divulgados em manuais médicos, nos romances ou mesmo nas colunas dos jornais. Da mesma forma a alimentação passa por modificações, na construção de uma nova sensibilidade do comer e beber. Comer fora de casa como atividade de lazer foi uma construção social fomentada por diversos setores – comerciantes, jornalistas, elites. Cidades como Paris –

⁸¹ Esta tomada de partido pode ter relação com a proibição também das atividades jornalísticas aos domingos, tendo em vista que *O Estado de S. Paulo* foi diretamente afetado pelas propostas legais dos vereadores.

a capital da vida moderna – ou mesmo Nova York – capital do novo mundo – foram modelos a serem seguidos e assim o foram, especialmente em São Paulo.

O que Plínio Barreto nos demonstra por sua narrativa persuasiva e contundente é que cuidados nos espaços sociais, que são frequentados por diversas pessoas, precisam ser tomados, para que se pudesse vivenciar – com segurança, conforto e saúde – as benesses da vida moderna. O cronista mostra-se sempre preocupado com a condução desta forma de vida e em suas colunas procura atentar para o que considera perigoso. O manuseio de cédulas de dinheiro pelo garçom que serve a comida, por exemplo, foi uma das inúmeras preocupações e vigilâncias efetuadas por ele em *Coisas da cidade* que desta forma atuava como uma cartilha para o bem viver na cidade, aos moldes burgueses e higiênicos, ao lado dos médicos e engenheiros que construíam uma cidade que se pretendia livre dos perigos.

É possível considerar que, além dos médicos e engenheiros, atores fundamentais na condução do país à civilidade, ao higienismo e à modernidade, os jornalistas atuaram de forma voraz neste processo. Embora muitos contestassem o papel do poder público, as obras e projetos vigentes, os jornalistas que atuaram em grandes jornais como *O Estado de S. Paulo*, atuaram como força motriz das transformações urbanas – consideradas aqui não apenas em sua estrutura, mas também no cotidiano das pessoas comuns, nos gestos e hábitos do dia-a-dia. É possível compreender que as tais crônicas têm “uma finalidade pedagógica: revelam a mesma vontade de expor e ensinar as maneiras legítimas” (REVEL, 1991, p. 170).

Sideney Chalhoub em *Trabalho, lar e botequim* (2001) aborda a vida dos homens e mulheres da classe trabalhadora no Rio de Janeiro, e põe em conexão a euforia que se fazia presente entre aqueles que ansiavam pela ideia de civilização, e a dificuldade para as camadas populares que das mais variadas formas sofreram com o controle e a vigilância sobre seus corpos, seus saberes e suas práticas cotidianas.

Tomando os jornais do período como fonte, o historiador narra a vida de personagens que vivenciaram o processo e que, por diferentes motivos, apareciam nos jornais e sinaliza para um importante processo nos impressos periódicos: o sensacionalismo. Com caráter moralizador, a forma de contar um fato aparecia nas páginas dos jornais em narrativas que, pela escolha de palavras, dos fatos a serem contados ou mesmo na descrição dos personagens, “se empenhavam em inventar detalhes, causando sensações ao público e vendendo jornais.” (CHALHOUB, 2001)).

Este parece ter sido um importante elemento na escrita de Plínio Barreto. Ao dramatizar, por exemplo, o fato de o garçom devolver o troco no mesmo prato que serviria a comida do próximo cliente, o cronista exagera nas reações para chamar atenção do público e alertar para

uma prática comum, desestimulando-a. O tom alarmante de sua coluna traz a vontade de causar reações à ação comum, fomentando a repulsa a tal prática, como a tantas outras. Da mesma forma, ao enaltecer alguma prática ou estabelecimento, utiliza cuidadosamente de palavras que possam causar sensações de proximidade ao leitor, aproximando-o do mundo civilizado.

A cidade, ao mesmo tempo que foi um local de segregação, foi também o lugar do encontro. O encontro de diferentes mundos que, reunidos na cidade-atração, homens e mulheres conviveram com a diferença. Projetada para o encontro público, a cidade moderna foi construída por atrações. Parques, passeios públicos, avenidas foram pensadas para que seus habitantes pudessem nela conviver. Por conta disso, os tempos do lazer e do trabalho foram bem delineados. Tal preocupação aparece em uma nota contundente contra a lei municipal de número 2.241, aprovada em 5 de novembro de 1919.

A lei regulamentava o funcionamento de sorveterias, restaurantes, confeitarias, leiterias e botequins. Dizia o seguinte:

Art. 1º Aos domingos, só poderão permanecer abertas até 12 horas as confeitarias, sorveterias, leiterias, e botequins existentes em qualquer ponto da cidade, sob pena de multa de 50\$000.

Parágrafo Único. Exceptuam-se dessa proibição os botequins que funcionem nas casas ou logares de diversões e os cafés, sem venda de bebidas alcoolicas (SÃO PAULO, 1919).

O que se pode perceber é que, primeiramente, houve uma preocupação em torno das casas que comercializavam alimentos, controlando seus horários de funcionamento bem como o que poderia ser consumido ou não. Mas, o mais chamativo no texto legal é a ideia da existência de *logares de diversões*. Entendia-se que, aos domingos, os habitantes da cidade deveriam aproveitá-la de modo a se divertir, ou seja, não trabalhar. E esta diversão não estava relacionada ao consumo de bebidas alcóolicas. Ou seja, até o tempo de lazer foi condicionado às normas legais, e por elas controlado. Plínio Barreto publica, em 7 de janeiro de 1920, uma crônica referente à lei:

E votou uma lei – a de 2241 – regulando o funcionamento ‘das confeitarias, sorveterias, leiterias e botequins existentes no município’, segundo a qual ‘aos domingos só poderão permanecer abertas até as 12 horas, as confeitarias, sorveterias, leiterias e botequins existentes em qualquer ponto da cidade’. ‘aos domingos só poderão permanecer abertos até as 12 horas as confeitarias, sorveterias, leiterias e botequins’, a conclusão a tirar-se é que não poderão mais se abrir aos domingos depois do meio dia, ‘as casas de generos alimentícios, as quitandas, as padarias...’

A segunda dúvida é sobre a fiscalização dos cafés, proibidos de vender bebidas alcoólicas aos domingos, depois das 12 horas.

A ultima duvida do sr. Prefeito interino é relativa aos resultados da luta anti-alcoolica nos Estados Unidos, dos quaes se faz depender a humilde lei n.2241 (OESP, 7 jan. de 1920, p.5).

Aqui nota-se que a preocupação do autor era, além de divulgar a nova legislação que regulava as atividades comerciais de gêneros alimentícios, especialmente aos domingos, com intenção de minimizar a venda de bebidas alcóolicas na cidade. Tal medida se apresenta aos moldes de iniciativas ocorridas nos Estados Unidos no mesmo período, onde a Lei Seca⁸² proibia toda e qualquer comercialização de produtos alcóolicos. Foi, portanto, preocupação evidente as formas de lazer dos paulistanos, que encontravam diversas formas de exercer seu tempo livre na cidade: seja nas corridas de carro, nos parques ou nos cafés, o momento destinado ao lazer foi uma importante construção para adequação do Brasil ao trabalho livre e assalariado.

Estes espaços possibilitavam o encontro e, por isso, foram alvos de regras e normas, públicas ou veladas, do bom convívio. Como a cidade se desejava moderna, diversos foram os atos e gestos controlados. Afinal, uma o contato com uma classe trabalhadora ou mesmo com o trabalho informal, fez com que a construção do medo do outro fosse uma constante entre homens e mulheres de elite, que viam no outro uma ameaça ao projeto em andamento:

Minha tese central é o de que a cultura e a sociedade de elite serviram para manter e promover os interesses e a visão da própria elite, e que paradigmas culturais derivados da aristocracia europeia foram adaptados ao meio carioca com esta finalidade (NEEDELL, 1993, p.11).

Traçar regras e normas para o bom convívio social foi uma prática constante e excludente, embora fundamental para o processo de consolidação do normativo burguês. Dessa forma os jornais atuaram como aliados nesse caminho, apropriando-se do discurso higienista que visava *melhorar* e transformar as relações humanas no espaço urbano.

As crônicas publicadas por Plínio Barreto em *Coisas da Cidade* foram um importante meio de divulgação de uma nova forma de vida e assim, divulgou e consolidou normas necessárias para o convívio dos paulistanos, imersos numa cidade que se transformava diariamente. Por meio da vigilância atenta do cronista percebe-se uma intenção de controlar as obras públicas, construir visões sobre a vida pública ou mesmo transformar sensibilidades, como o gosto aqui em questão.

⁸² A Lei Seca nos Estados Unidos configurou-se como uma medida de tentativa de diminuição da pobreza e do alcoolismo no país, e ficou em vigor de 1920 até a década de 1930. Neste período muitos contrabandistas enriquecendo, promovendo o comércio ilegal.

Ansiando por ver consolidado o mais rápido possível o projeto de modernização, Barreto cobrava das autoridades municipais condutas que levariam São Paulo ao progresso. Além disso, exigia postura condizente aos tempos modernos de todos aqueles que os liam. Os jornais foram importante meio para construção de determinados padrões estéticos, presentes desde a decoração do interior das casas à apresentação dos pratos servidos à francesa nos restaurantes. O acesso à leitura, portanto, dava acesso também a este mundo divulgado nas páginas dos jornais, e vivenciado nas ruas da cidade. Por isso imprensa, modernização e cidade são elementos inseparáveis neste processo. O acesso à leitura faz parte do projeto de modernização, assim como a atividade da mídia impressa na formação de uma opinião pública, transformada e modernizada a partir da condução dos jornais por famílias, como a família Mesquita, que desejavam mudanças. Dessa forma o mundo da leitura nos possibilita visualizar as transformações urbanas e permite o contato com aqueles que apoiaram e impulsionaram a civilidade, os costumes e as formas de vida burguesas, na transformação de São Paulo de província em metrópole.

4.4 MODERNIDADE E EXCLUSÃO

Escrita diária, leveza no ritmo, linguagem acessível. Estas são características próprias das crônicas que tomam conta dos impressos periódicos, notadamente os jornais, em finais do século XIX e início do século XX. Nota-se que permanecem até hoje entre as séries mais lidas dos periódicos que circulam no país. Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo e Millôr Fernandes são importantes nomes que se dedicaram a este gênero.

No momento da revolução dos impressos no Brasil, que coincide com o início da República, os jornais ganham as ruas das cidades e, por conta de desenvolvimentos tecnológicos, aumentam seu número de páginas, a qualidade das impressões e quantidade de tiragens, chegando a um número cada vez maior de pessoas, seja por meio da leitura individual e silenciosa (num processo cujo investimento em educação e aumento dos índices de alfabetização foi evidente), seja pela leitura pública em voz alta, prática bastante comum no período em praças públicas e espaços de sociabilidade.

Com a transformação dos jornais entram em cena novas formas de escrevê-los. Anúncios mais sedutores, fotografias, charges e novas colunas ganham espaço e houve necessidade incluir no conteúdo dos periódicos, séries de escritas leves e que traziam em suas linhas os debates do momento. Aqui se enquadram as crônicas. Na origem da denominação a

relação com o tempo (do grego *khronos*, ou do latim *chronus*) mostra-se bastante evidente. A crônica é um retrato do tempo. No período aqui abordado esta relação é útil para pensarmos a escrita de pequenas notas alertando sobre acontecimentos, eventos ou debates diários em uma sociedade que aponta para a relação com a novidade. Neste momento ter sempre uma novidade ou um assunto passa a ser preocupação primordial dos grandes grupos empresariais. Assim, as crônicas são um dos vetores de percepção de uma aceleração do tempo, sentida e notável neste início de século XX.

Neste período vários autores dedicaram-se à escrita das crônicas. Machado de Assis, Lima Barreto e João do Rio foram homens de letras percursores que estiveram diariamente nas páginas de jornais e revistas que circularam no Rio de Janeiro em finais do século XIX e início do século XX. Além deles, muitos outros autores desenvolveram atividades intelectuais exercidas na presença diária dos jornais. O que garantia, além de prestígio, uma forma de sustento paralelo às atividades literárias. Assim, a relação com a literatura, ainda que tensionada, foi amplamente debatida. Figurando entre o jornalismo e a literatura, as crônicas foram alvo de estudos nestes campos ao longo do século XX.

Machado de Assis definiu a crônica como uma escrita marcada pela *leveza*. Assim, é possível entender tais escritos como testemunhos de um presente, que se apresenta nas demandas do cotidiano de um periódico por publicações, matérias e escritos diversos que versassem sobre a vida nas cidades. Em crônica publicada em 1876 Machado de Assis afirmava categoricamente: “Há um meio certo de começar uma crônica por uma trivialidade.” (ASSIS, 1994). Com esta assertiva o escritor colocou como condicionante à escrita de crônicas ao ordinário, ao comum, ao trivial. A crônica pode ser, neste sentido, considerada um gênero literário, primordialmente porque escritas pelos homens de letras, intelectuais que compunham uma elite letrada no país e que tinham por principal atividade a escrita literária. Mas não é somente isso que define um estilo literário.

Antonio Candido em *A vida ao rés do chão* vai dedicar-se à definição das crônicas enquanto gênero literário. O autor as definiu como “um gênero menor”, mas salienta que aí mora a sua principal característica: o tom de proximidade, a escrita coloquial. Ou seja, é uma forma de escrever que aproxima o leitor, e assim, ela “se ajusta à sensibilidade de todo o dia.” (CANDIDO, 2003, p.89).

A partir dos estudos de Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2005, p.9) é possível compreender de que forma a História pode compreender e analisar as crônicas. Os autores definem que

Surgidas do acaso, da espontaneidade de uma conversa, as crônicas teriam como uma de suas características primeiras a leveza. Ao tratar de temas diversos, alinhados pela arte das transições, fariam dos pequenos acontecimentos sua matéria-prima privilegiada. Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, ligando-se de forma direta a seu tempo.

Assim, as crônicas apresentam, primordialmente, a relação com o cotidiano e fazem do cronista um observador atento às mudanças quase que imperceptíveis das sensibilidades, às novidades, ao movimento de homens e mulheres no espaço urbano.

Por sua vez, cada tempo ‘novo’ deu lugar a um discurso que considera ‘morto’ aquilo que o precedeu, recebendo um ‘passado’ já marcado pelas rupturas anteriores. Logo, o corte é o postulado da interpretação (que se constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas) (CERTEAU, 2008, p.15).

O cotidiano está imerso na escrita da História, especialmente ao entendermos que são as ações de homens e mulheres comuns que construíram as práticas sociais, políticas e culturais de tempos passados. Assim, estudar práticas cotidianas - como comer, morar, morrer, comemorar – é de suma importância para os estudos históricos, tendo em vista que são essas ações que nos dão acessos aos modos de vida do passado.

Em História, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto [...] Longe de aceitar os dados, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procura-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma ordem recebida e uma visão social. Instauradora de signos, expostos a tratamentos específicos, esta ruptura não é, pois, nem apenas nem primordialmente, o efeito de um ‘olhar’. É necessário aí uma operação técnica (CERTEAU, 2008, p.81).

Jornais apresentam características de uma sociedade: são formas de viver, de comer, de fazer política ou música num dado tempo e espaço. Eles nos dão a ler aspectos culturais e sociais e trazem em seus escritos maneiras de perenizar o cotidiano. Arquivar o cotidiano é tarefa das mais difíceis, pois este está situado no campo do efêmero, do passageiro.

Os jornais foram, durante todo o século XX, um dos principais meios de comunicação, nos quais é possível encontrar desde reportagens que constroem acontecimentos até elementos que auxiliam na reconstrução, por parte da História, do cotidiano das cidades e do país, pois, de acordo com Pierre Nora, “os *media* transformam em atos aquilo que não teria sido senão palavra

no ar”. (NORA, 1979, p.182), e desta forma, os periódicos apresentam-se como documento útil para análises que busquem verificar tais atos do passado. Neste sentido, as crônicas são importantes documentos que apresentam uma “particular relação com o tempo vivido faz com que dependa dos acontecimentos com os quais busca interagir, movendo-se e transformando-se de acordo com eles. ” CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005, p.15).

No início do século XX, os jornais foram utilizados para divulgar e discutir propostas de governo, propagandear novos produtos e locais de sociabilidade, bem como hábitos a serem adquiridos com as reformas sociais e urbanas ocorridas no Brasil no período. Trata-se de documentos que dão a ler elementos que auxiliaram na construção das ideias de alimentação no país. Antigos periódicos guardados em arquivos públicos ou bibliotecas são, portanto, janelas abertas para um passado, que nos apresentam o cotidiano a partir de diferentes óticas. Os jornais, são, portanto, documentos que nos permitem, enquanto historiadores, o acesso aos rastros do passado, uma atribuição de valor, de registro, em determinado suporte.

As crônicas são exemplos emblemáticos destas modificações. Neste processo de transformações urbanas, como as que aconteceram em São Paulo (mas também Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém) estes acontecimentos são construídos na tessitura dos textos jornalísticos e as crônicas recebem atenção especial desta pesquisa. Eleutério aponta que

A linguagem coloquial e a temática da crônica vinham ao encontro da agilidade exigida pela imprensa de periodização intensificada – diária, semanal, quinzenal, mensal. Segundo o clássico ensaio de Antonio Candido, aquele texto privilegiava acontecimentos de durabilidade efêmera, como aliás confirmara Olavo Bilac, lembrando que as crônicas ‘escrevem-se, leem-se, esquecem-se...’ (ELEUTÉRIO, 2013, p.97).

As crônicas são, portanto, o lugar da aceleração do tempo na escrita, mas que deixam marcas consideráveis para se pensar movimentações políticas, econômicas e culturais numa cidade – e sociedade – em transformação. Para além de entender seus protocolos de escrita, a salvaguarda dos jornais, as modificações na estrutura urbana, este trabalho buscou perceber as formas de vida e as experiências de homens e mulheres em meio ao cenário de São Paulo na década de 1920. As crônicas trazem o olhar apurado do escritor para isso. Assim, elas se apresentam “como campo de experimentação literária quanto como testemunho de um tempo vivido. ” (CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005, p.12), ou seja, são marcas por escrito, rubricas de um tempo passado, testemunhos que se apresentam no presente do historiador.

O início do século XX no Brasil é marcado por rupturas e permanência no que tange às formas de vida: a escravidão recém abolida em 1888 marcava novas relações de trabalho, de moradia e de consumo no país. Para Follis esta foi uma “Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade” (FOLLIS, 2004, p. 13). A nova República trouxe consigo ares modernizantes, e as reformas urbanas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo mostram um novo caminho em meio à aceleração do tempo, do trabalho, dos serviços e do consumo. Ocupar as ruas, criar espaços e tempos de lazer é ponto de destaque no entendimento deste novo século XX, especialmente na capital paulista.

Pensar, portanto, na construção das cidades – e no dinamismo que elas apresentam no início do século XX, é entender que atividades tão básicas ganham novos contornos com o desenvolvimento urbano, e com uma nova dinâmica política, social e cultural que se apresenta com o sistema republicano.

Embora muitas vezes as crônicas sejam vistas como uma mistura entre a prática jornalística e a literária, é preciso destacar que compõem um gênero “com importância central na produção literária brasileira a partir de meados do século XIX.” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p.11). Muitos dos hoje consagrados escritores brasileiros escreveram crônicas na imprensa periódica. Muitas dessas crônicas foram reunidas em coleções, publicações de livros e fazem parte de um gênero que, embora considerado *menor*, apresenta sim uma certa operação e elaboração narrativa que lhes são próprias.

As *Coisas da Cidade* é um exemplo de uma coluna de crônicas publicada por mais de uma década no jornal *O Estado de S. Paulo*. Figurando nas páginas finais do periódico, antes das páginas de anúncios, os textos ali publicados mostram um espectador atento à cidade. Assinada por P.⁸³ a série versava sobre os acontecimentos cotidianos da cidade: uma obra de pavimentação, um baile, conversas e debates do momento. Enfim, a preocupação constante se dava especialmente às transformações urbanas, à arborização das ruas, e às novas formas de sociabilidades burguesas.

Em crônica publicada em 12 de fevereiro de 1920 e intitulada *Scenas das Ruas* P. escreveu:

Rua 15 de novembro, esquina do Café Brandão. Uma verdadeira multidão, a mover-se constantemente, entrando no café, dirigindo-se para o Forum, indo e vindo sem cessar. Chove, chove interminavelmente desde o meio dia – e são três horas. Um grupo de senhoras, estrangeiras, sem dúvida, entra no café. Que

⁸³P. era a forma como Plínio Barreto assinava as crônicas publicadas no *Estado*.

dificuldade para encontrarem alguns logares! É um borborinho incessante e atordoador. ‘garçons’ a tecerem por entre as mesas, em gritos estridentes e furiosos...

- Carioca, primeira à esquerda!

- Media ao centro!

Afinal, as três senhoras se aboletam. E quem as observa, de longe, um pouco espantado de as vêr assim num café – nota que uma dellas se levanta, e vae para a porta dar uma esmola. Céos, que horror! Quem recebe a esmola é um rapazinho, dos seus 15 annos – mas tão magro, com as faces tão encovadas e de uma palidez tão lívida que mais parece um cadáver que se puzesse de pé ali a porta daquela casa, onde entra e de onde sae tanta gente...Nunca se viu, andando pelas ruas, semelhante criatura, que parece ter a vida por um fio, e cujo logar devia ser antes num hospital. Ouvem-se comentários ao facto:

- Corta o coração olhar para aquele (...), diz um

E outro:

- Não é a primeira vez que o vejo aqui. Deviam mandal-o para a Santa Casa...

E o mendigo ali continuava, encostado à vidraça da porta, com as mãos magríssimas estendidas à caridade pública.

Toda gente se detinha a olhal-o ou a dar-lhe uma esmola. Os mais atarefados paravam um instante. E em todas as almas ficava estampada aquella physionomia tristíssima de moribundo – que há de continuar alli, a impressionar o publico, enquanto uma autoridade qualquer não se lembrar de recolher o pobre mendigo a um hospital...- P. (OESP, 12 fev. 1920, p.6).

A característica primeira da narrativa acima, e que mais chama a atenção, é como o cronista se coloca como observador. O título da crônica *Scenas das Ruas* já demonstra como Plínio Barreto se porta como espectador de uma cena, que se desenrola em um dos cafés do Triângulo Central da cidade de São Paulo. O autor observa atentamente a relação do público do café com o menino em situação de rua, situação que desafiava os limites do projeto de modernização colocado em prática no período. Nesta crônica o autor não se coloca como partícipe da História, não interage com os personagens centrais, mas seu olhar atento ao pequeno acontecimento fez com que narrasse, de forma particular, apresentando seus valores em relação ao que via: insiste no tratamento que julgava adequado, cobra das autoridades o recolhimento do menino, e demonstra a forma como aquele público do café lidou com tal situação. Assim a crônica apresenta uma problemática que envolve tal formato de escrita:

Ao cronista cabia a responsabilidade de buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seu interesse (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p.11).

Mais do que um simples observador que transformava o que via em palavras escritas, impressas e divulgadas por meio do jornal, o cronista tinha por função “Interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e o que vivia.” e assim a

crônica apresenta um “caráter de intervenção na realidade”. (CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005, p.12). Ao relatar o desconforto causado pela presença do mendigo num ambiente frequentado por aqueles que esperavam e ansiavam viver a modernidade (no centro reformado de São Paulo, com obras para todos os lados), e ao cobrar das autoridades a responsabilidade pelo destino daquele transeunte, Plínio Barreto mostrou a vontade de transformar e interferir no seu mundo social. Os jornais são meios potentes por onde certas demandas sociais se expressavam, e as crônicas um exemplo de tais formas de cobrar e assim “A presença dos pobres lança uma sombra inexorável sobre a cidade iluminada” (BERMAN, 2007, p.184).

A sensibilidade do olhar do cronista não foi exclusividade dos autores brasileiros. No século XIX Charles Baudelaire dedicou-se a contar uma História com cenário também em um café, mas em Paris, intitulada *Os olhos dos pobres*. Baudelaire narra a cena de um apaixonado casal, num café recém-inaugurado. Do outro lado da vitrine, para fora da loja, uma família, *a família de olhos* insistia em admirar o novo espaço. Certos de que aquele não era um lugar que pudessem frequentar, observavam admirados o interior do café. O narrador sensibiliza-se com a família, enquanto que a amante reclama: "Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos como portas de cocheira! Não poderia pedir ao maître para os tirar daqui?" (BAUDELAIRE, 2009) Para Marshal Berman “Baudelaire nos mostra como a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma de seus cidadãos” (BERMAN, 2007, p. 177).

O mesmo incômodo representado por Baudelaire em Paris no século XIX aparece nas páginas do *Estado de S. Paulo* pelas mãos de P. É o incômodo e a contradição da modernidade que se apresentam em cenários tão distantes, mas que se aproximam pela via da literatura. Assim, a vida burguesa foi estimulada entre aqueles que compunham esta classe, mas também foi construída como desejo, como objetivo a ser alcançado. Marshal Berman ao analisar a obra de Baudelaire relata a experiência da *família de olhos*, que através da vitrine deseja, almeja e se entende excluída do processo de modernização. Plínio Barreto foi um observador atento da modernização em voga e em 12 de fevereiro de 1920 narra o contato entre diferentes realidades, partindo do café como *locus* de observação e experimentação da cidade, em crônica intitulada *Scenas das Ruas*:

O cronista atribui ao rapaz a mesma função de Baudelaire atribuiu à família de olhos. O rapaz à porta do café é a representação daqueles que não puderam adequar-se ao mundo moderno, embora, na nítida visão de Barreto, mais que a constatação de um contraste visível no tecido urbano, o rapaz significasse o convívio com a sujeira e mendicância, que deveria ser

alvo do poder público, que dele deveria cuidar, mantendo a cidade – e os frequentadores do café, especialmente – livres do problema da convivência.

Essa relação aparece com frequência na construção dos hábitos e dos gostos burgueses na cidade de São Paulo ao longo da década de 1920. É necessário questionar, portanto, para quem esta cidade foi reformada, quem pôde experienciar as novidades e quem ameaçava a consolidação do novo modelo burguês.

O que é possível notar é que Plínio Barreto se dedica a observar, narrar e divulgar suas visões de mundo a fim de transformar por meio da escrita o mundo a sua volta. É certamente um *homem de letras*, atividade própria do período, e que se dedicou em seus escritos a fazer a mediação entre a população local (especialmente homens e mulheres letrados que frequentavam o Triângulo Central de São Paulo) e o poder público, cobrando posturas que levassem ao progresso e à civilização. Barreto foi um exemplar soldado do processo civilizador no Brasil. Cobrou posturas, preocupou-se com o andamento de obras públicas, indicou espaços de sociabilidades. Para Maria de Lourdes Eleutério:

O crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícia, fosse aquele do bordão ‘O Brasil civiliza-se’ ou as diferentes práticas culturais de uma sociedade em busca do progresso. Naquelas páginas estampou-se nossa Belle Époque (ELEUTÉRIO, 2013, p.83).

Por essas razões pode-se definir o autor como cronista de sua época. Para Chalhoub, Neves e Pereira uma série de crônicas é definida quando o escritor passa a “definir um campo temático, elaborar um ponto de vista narrativo e delimitar formas próprias de escrita eram meios de o escritor esboçar um perfil para suas crônicas.” CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005, p.13).

O campo temático de Plínio Barreto é a cidade de São Paulo, especialmente as transformações urbanas, que no período em questão fizeram das cidades um canteiro de obras, possibilitando ao cronista uma fonte de novidades a serem relatadas nas páginas do jornal. Notícias sobre calçamento de ruas, inauguração de prédios – públicos ou não -, projetos de arborização ou construção de praças. Tudo passava pela escrita do cronista. Ao que se pode perceber, sua intenção principal e sua temática de interesses eram de fato o espaço urbano e suas infinitas modificações.

Assim, seu ponto de vista narrativo é de observador, em alguns casos como o aqui citado, mas muitas vezes de partícipe de acontecimentos. Ele se coloca no texto, e este sempre parte de algo que ele viu ou participou. Mais do que isso, além de observar ele busca interferir, manda recados a autoridades, às pessoas comuns: busca traçar com o leitor um pacto, que é a

crença no progresso e na modernização em voga. De acordo com Nicolau Sevcenko “seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real.” (SEVCENKO, 2003, p.29). Ou seja, o cronista preocupava-se com os resultados de um processo civilizador, ou com aquilo que deveria vir a ser o Brasil civilizado.

O historiador imerso na fonte literária tem por responsabilidade atentar-se não só ao conteúdo textual em si, mas também às condições de produção, a materialidade da fonte, ou mesmo o que os textos dizem para além do facilmente perceptível. O passado das crônicas não está disponível ao nosso presente e nem é possível recuperá-lo por inteiro, conforme destaca John Lewis Gaddis:

Porém o passado, por sua vez, é algo que nunca podemos possuir. Porque quando percebemos o que aconteceu, os fatos já estão inacessíveis para nós: não podemos revivê-los, recuperá-los, ou retornar no tempo em um experimento de laboratório ou simulação de computador. Só podemos representa-los (GADDIS, 2003, p.17).

O período em questão foi marcado pelas transformações – sociais, culturais, políticas, morais. Para Lilian Schwarcz “Estava em curso um processo inédito, que implicava acelerada transformação do espaço urbano e sua eleição como novo locus de representação.” (SCHWARCZ, 2014, p.22). E é sobre esse *locus* que Barreto se dedicou a escrever, durante quase duas décadas, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Para além de escrever sobre algo que vivia cotidianamente – a cidade – o cronista escrevia sobre uma cidade em constante mudança e que vivia em ritmo acelerado.

Palco de disputas e tensões, Plínio Barreto foi certeiro quando escolheu a temática de sua série de crônicas: *Coisas da Cidade* falava de um lugar e sobre um lugar vivenciado por boa parte do público leitor, e causava interesse e sedução. Ao passo que o espaço urbano se transformava, a imprensa periódica também se diversificou:

Nesse período de transformações, a imprensa conheceu múltiplos processos e inovação tecnológica que permitiam o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia-, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo de impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa (ELEUTÉRIO, 2013, p.83).

Assim não só o espaço urbano, mas as formas de se comunicar nele sofriam profundas alterações. O jornal ganha mais páginas, mais tiragens, mais leitores. Era preciso atrair para a

leitura e as crônicas, com temáticas que aproximavam o leitor e com uma forma de escrita também atrativas ajudavam a vender e popularizar os jornais, como o *Estado de S. Paulo*.

A postura do cronista foi então de análise e transformação da realidade social ao seu redor. Ele contava com certo prestígio por ser publicado nas páginas do jornal, e, através de sua forma de escrever e sua temática principal, fez um pacto com os leitores, interessados naquilo que ele produzia:

Longe de refletir ou espelhar alguma realidade, ela tentava analisa-la e transformá-la – valendo-se para isso, de um tom leve, que atraísse o leitor, e da penetração social nas folhas nas quais era publicada (CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005, p.13).

De acordo com Jean-Yves Mollier a literatura, tal como se pode entender as crônicas

pretende, efetivamente, falar dos acontecimentos, empregar-se das preocupações do povo para transmitir sua visão do mundo e impor sua ideologia ou suas preferências em matéria de governo (YVES-MOLIER, 2008, p.164-165).

E é assim que Barreto se coloca no texto: está imerso nas preocupações que uma parcela significativa da população de São Paulo apresentava – o desejo em alcançar a civilização, em adequar-se ao chamado *mundo elegante*, como as nações europeias. Assim é possível concordar com Antonio Celso Ferreira que afirma que

Toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem (FERREIRA, 2009, p.67).

A crônica é uma forma de linguagem leve, por vezes coloquial, mas que traz em suas linhas expressões de processos vivenciados por sociedades, homens e mulheres comuns. O cronista, como bem atesta Ferreira, deposita em seus escritos sonhos, expectativas, projeta e desenha um futuro, que pode vir a se concretizar ou não, mas que interfere e age no mundo social, construindo novas demandas e povoando o imaginário de *horizontes de expectativa*. (KOSELLECK, 2006). Ferreira ainda afirma que

Gêneros literários estão intimamente relacionados às condições sociais e históricas que determinam a formação do público leitor, com seus gostos e sensibilidades e que, por outro lado, eles também se alteram de acordo com a mudança do suporte material dos textos (FERREIRA, 2009, p. 73).

A década de 1920 foi um momento bastante particular na História de São Paulo. Após o término da Primeira Guerra Mundial, do controle da Gripe que abateu a cidade e da superação de diversas dificuldades (SEVCENKO, 1992) São Paulo viveu de expectativas ao longo dos anos 1920. O sonho com a metrópole estava em vias de concretizar-se e a verticalização da cidade passa a ser uma realidade a partir da finalização das obras de edifícios. Esta década foi um período de sonhos, explanados nos jornais, nas conversas nos cafés e em toda parte do Triângulo Central. São Paulo vivenciou nesta época um momento de euforia e a sensação de estar sempre no foco das mais variadas transformações. Por todos os lados ruas eram alargadas, avenidas construídas, prédios subiam aos céus. Para Nicolau Sevcenko “A metrópole moderna recebe uma representação ambivalente como o local de origem de um caos avassalador e a matriz de uma nova vitalidade emancipadora.” (SEVCENKO, 1992, p.18). Assim, além do sonho, desta nova vitalidade relacionada a uma ideia de liberdade, o caos da vida moderna se apresentava de forma dura. É o caso da cena descrita por Plínio Barreto. Sevcenko destaca ainda que a relação entre a dor e arte esteve sempre no campo de visão dos escritores e que é por conta disso que “a literatura se presta como um índice admirável, e em certos momentos mesmo privilegiado” (SEVCENKO, 2003, p.31) para as análises históricas.

Pensar, portanto, na construção das cidades – e no dinamismo que elas apresentam no início do século XX - especialmente por meio de um hábito comum, como comer, é o que se pretende aqui, entendendo que atividades tão básicas ganham novos contornos com o desenvolvimento urbano, e com uma nova dinâmica política, social e cultural que se apresenta com o sistema republicano.

Jeffrey Needell, brasilianista que se dedicou ao estudo da Belle Époque nos trópicos, destaca

Não tanto a análise literária per se, mas a análise dos valores e da História social nos quais a literatura e os homens de letras desempenharam um papel. Em primeiro lugar, é necessário situar a Belle Époque em seu contexto histórico e literário, a fim de mostrar de que modo o período foi, neste como em tantos outros aspectos, a culminância de tendências sociais e culturais (NEEDELL, 1993, p. 211).

Ou seja, não somente o que está textualmente escrito é o que mais nos interessa nas análises das crônicas, mas sim, em que contexto histórico e literário esta crônica está inserida.

Ainda que as crônicas sejam entendidas como um tipo leve e despretensioso de literatura, “feita às pressas e sem cuidado, para consumo diário dos jornais” (CHALHOUB, NEVES, PEREIRA, 2005, p.10) é possível toma-las como documentos privilegiados que dão a

ler representações de um período, intenções, vontades, estilos e formas de narrar o cotidiano. Considerando que os “gêneros literários não são puros, ao contrário, mesclam-se com outras linguagens da vida social, gerando novas configurações” (FERREIRA, 2009, p.), pode-se pensar a crônica de Plínio Barreto, *Scenas das Ruas*, aqui apresentada e analisada. Com tom melancólico e preocupado o cronista narra uma cena presenciada num espaço de convivência e sociabilidade propriamente burguês: um café. Usa do seu espaço diário nos jornais para cobrar o poder público e, além disso, sua escrita se apresenta como crônica com um toque de manual de etiqueta. Assim, as crônicas foram um efetivo meio de transmissão de normas e posturas sociais, além de controle das formas de viver e caminhar pela cidade. Para Nicolau Sevcenko “enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser.” (SEVCENKO, 2003, p.29) e é entre a História e a literatura que este trabalho está colocado. Buscando compreender o contexto e as estruturas sociais desta trama – atividade literária e jornalística, transformações urbanas e processo de modernização – a partir da literatura que neste momento expressava suas expectativas, desejos e sonhos para a cidade que se queria metrópole.

Dessa forma cabe destacar que mesmo considerada uma *literatura menor*, ou, nas palavras de Antonio Candido *ao rés do chão*, a pesquisa histórica deve dedicar-se a todas as formas de expressão literária

Devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais: literatura maior ou literatura menor, escritos clássicos ou não, eruditos ou populares, bem-sucedidos no mercado ou ignorados, incensados ou amaldiçoados (FERREIRA, 2009, p.71).

Literatura e jornalismo são formas de expressar a vida humana que podem servir de testemunho de um tempo, de um processo, de práticas sociais e culturais de homens e mulheres comuns, marcando, na escrita efêmera do jornal, as transformações urbanas, as expectativas de um tempo eufórico, os projetos em curso. Cabe ao historiador atento ao mundo da cultura escrita e das práticas de leitura notar na simplicidade da escrita das crônicas, os desejos e anseios de um observador atento ao seu redor.

3.5 COMÉRCIO, CIDADE E MODERNIZAÇÃO

O consumo entra na rotina dos paulistanos, especialmente os mais favorecidos, que formaram uma elite que ascendeu ao poder no período republicano. As disputas entre o tradicional (monárquico, colonial) e o moderno (as novas elites) trouxeram à vida das cidades um dinamismo comercial e o aprofundamento do capitalismo no país a partir do trabalho livre e assalariado. Com o “dinheiro mudando de mãos”, a formulação de um normativo burguês passou por todas as esferas da vida cotidiana, especialmente pela esfera do consumo. Os emergentes – aqueles que emergiram com os novos poderes, o dinheiro que trocava de mãos fez ascender uma camada urbana de comerciantes, que, atuando no consumo diário, investiu na cidade e enriqueceu.

Um novo padrão de consumo fez chegar ao Brasil diversos itens de importação que alimentaram a elegância, os bons modos e a civilidade ansiada aos trópicos, caracterizando o período em questão como a *Belle Époque Tropical* (NEEDELL, 1993). Por meio dos portos modernizados, como o de Santos, chegaram livros, artefatos, objetos de decoração e tecidos que promoviam a distinção social entre os habitantes da cidade. Notadamente este foi um período em que consumir significou poder e status social, aprofundando as tensões e embates. Se por um lado os trabalhadores reclamavam dos altos custos em viver na cidade, o que significava, basicamente, consumir, por outro uma pequena, porém significativa parcela da população desejava consumir cada vez mais. Foi assim que os desejos de consumo foram construídos e sonhados. Se os jornais divulgavam desejos, os comerciantes eram aqueles que, por meio da publicidade, construíam o querer.

Desta forma “a área central se transformava, com as atividades dos negócios e serviços, dinamizando um comércio amplo e variado[...]

 (MATOS, 2007, p.49). Ao lado dos médicos higienistas, dos engenheiros sanitaristas e do poder público, a diversificação do comércio atuou de forma importante no caminho para o *ser moderno*, objeto de desejo entre os paulistanos que pelo Triângulo Central circulavam. Maria Izilda Santos de Matos aponta que, “Conjuntamente à questão urbana constroem-se a questão social com o crescimento da pobreza e a identificação do outro – o pobre, o negro, o imigrante.” (MATOS, 2007, p.50). Foi na diferenciação do outro que o ser moderno passou a existir e as diversas formas de distinção social presentes na cidade-desejo intensificaram ao passo que a diversificação do comércio acontecia.

O aumento do consumo dos mais variados produtos só foi possível graças à diversificação do comércio e o contato cada vez mais íntimo do Brasil com o restante do mundo,

especialmente o mundo considerado civilizado, e pela modernização dos meios de transporte como as ferrovias e portos. Numa relação dinâmica, como pontua José Miguel Arias Neto (2003), ao passo que se modernizavam as ferrovias, facilitava-se o processo de industrialização e de urbanização. Da mesma forma, por conta de as cidades estarem mais bem estruturadas, com novos nichos de consumidores, o processo de industrialização foi necessário por conta do aumento do consumo, bem como a modernização e construção de ferrovias, para escoamento da produção em larga escala. Como se pode notar, este não foi um processo linear, mas sim, uma via de várias mãos.

Um número significativo de produtos que significavam a entrada na modernidade chegava ao Brasil e, em especial, à cidade de São Paulo. Faqueiros de prata, porcelanas, objetos de decoração, tecidos e tantos outros materiais passam a ser vendidos em lojas e casas comerciais do Triângulo. Bem como os objetos, os locais de sociabilidade foram significativos para a vida urbana, estabelecendo lugares sociais e promovendo a distinção. Elias aponta que “nessa sociedade hierarquicamente estruturada, todos os atos praticados na presença de numerosas pessoas adquiriam valor de prestígio” (ELIAS, 1994, p.44). O novo foi considerado desejo e a confusão entre ser e ter foi elemento importante no aprofundamento do capitalismo, das relações comerciais e nas formas de ser e estar na cidade.

São vários os exemplos que apontam para tal distinção. Entre as casas que comercializavam alimentos, tais como restaurantes, sorveterias e confeitarias, por meio de seus anúncios é possível notar uma preocupação constante em afirmar que se tratava de um estabelecimento de *primeira ordem*, frequentados pelas *boas famílias* ou mesmo pela *elite paulistana*. Os termos aqui destacados aparecem com frequência nos anúncios dos jornais, demonstrando a preocupação de distinção social por meio dos locais de sociabilidades e comércio.

Um anúncio do *Mappin Stores* veiculado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 31 de agosto de 1923 aponta esta preocupação:

Figura 24 Anúncio Mappin Stores. OESP 06 mar. 1924, p.7.

MAPPIN STORES
SOCIETATE ANONIMA INGLEZA

AOS VISITANTES A' CAPITAL

Convidamos, com o maior prazer, todas as Exmas. Famílias ora em visita a S. Paulo para honrar a nossa Casa com a sua presença antes do seu regresso.

Esta visita lhes proporcionará ocasião de conhecer o nosso «Department Stores» que, á semelhança dos grandes armazens londrinos, offerece em suas 42 secções as ultimas novidades para o traje distincto de damas, cavalheiros e jovens, bem como Moveis e Artigos Domesticos.

O nosso Salão **Restaurante**, sobre ter um serviço impecavel, é o ponto de reunião das melhores famílias paulistanas.

(Almoço das 11 ás 13 e chá musical das 15 1/2 em diante).

SUA VISITA SERÁ ISENTA DE COMPROMISSO

MAPPIN STORES

O anúncio aqui exposto é emblemático. Traz ao texto além das informações básicas, uma distinção possível. Ao alertar que convida as excelentíssimas famílias a conhecerem o *department stores*, assim, em inglês, aponta o estrangeirismo tão presente no período em questão que, simbolicamente significava a adequação do estabelecimento ao mundo moderno.

A existência de uma loja de departamentos por si já significava a adequação ao mundo do consumo chegando à cidade de São Paulo. Uma casa comercial que vendia de *trajes distinctos* a móveis e artigos domésticos e servia refeições certamente era um ponto de encontro das *melhores famílias paulistanas*, como destaca o anúncio.

Ao colocar-se como um lugar das *melhores* famílias, a *Mappin* atribuía valor positivo aos que frequentavam seus ambientes que eram, sobretudo, homens e mulheres que podiam consumir. E assim sendo, as *piores* famílias deveriam ser aquelas que não tinham poder de consumo e, conseqüentemente, na visão das elites do período, não se adequavam à vida moderna.

Além da *Mappin* outros estabelecimentos comerciais de alimentos importavam-se com quem frequentava seus ambientes. É o caso da *Brasserie Paulista*, localizada na Praça Antonio Prado. Reunindo num mesmo lugar confeitaria, restaurante e salão de chá.

Figura 25 Anúncio da Brasserie Paulista. OESP, 16 out. 1926, p.5

BRASSERIE PAULISTA
 CONFEITARIA — RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ
 Todos os dias, excepto aos domingos,
 das 11 às 14 horas, variado almoço.
 Das 14 às 18 horas "Five ó clock tea"
 O ponto preferido da elite paulistana
 Excellente orchestra composta de eximios professores, ás
 terças, quintas e sabbados.
 Grande variedade e especialidade de SORVETES
 Serviço especial para banquetes, baptisados e casamentos.
ENRICO FONTANA & CIA., LTD.
 Praça Dr. Antonio Prado, 3
 Telephone: Confeitaria e Bar, Central, 869
 Tel.: Salão de chá e **restaurante**, Cent. 1083 - S. Paulo

A *Brasserie* colocava-se como *o ponto preferido da elite paulistana*. Ao afirmar em anúncio que por seus salões circulavam a *elite da cidade*, a casa comercial estabelecia quem deveria ou não frequentar seu ambiente. Em um outro exemplar de distinção social é possível destacar o breve anúncio do Restaurante Central, localizado na Rua Libero Badaró.

Figura 26 Anúncio do Restaurante Central. OESP, 27 dez. 1923, p.8.

Afirmando tratar-se de um *restaurante de primeira ordem*, frase comum nos anúncios do período, o restaurante localizado no coração pulsante do Triângulo Central destaca que o restaurante está sob a responsabilidade de *um conjunto especialmente contratado da Europa*. Ou seja, entrar no restaurante central significou ser distinto e conectar-se com o mundo europeu, estar atento à civilidade. Ser moderno, acima de tudo.

Os anúncios aqui destacados são exemplos de publicidade que estiveram presentes nos jornais ao longo de toda a década de 1920, com sua linguagem que demarcava lugares sociais e seus destaques às camadas da população que frequentavam seu espaço, aos serviços prestados. Enfim, não só o *Mappin*, a *Brasserie* ou o *Central* foram agentes da divulgação da vida moderna. Vários foram os estabelecimentos que se dedicaram a destacar em seus anúncios a distinção social que promoviam aos que seus salões frequentassem.

Entretanto, não foram só os anúncios comerciais que atuaram na divulgação dos vários âmbitos da vida moderna. As crônicas como as de Plínio Barreto, foram peças de fundamental importância não só na divulgação dos hábitos burgueses, mas também dos locais de sociabilidade que promoviam e estavam adequados ao modelo seguido à época. Além de cronista foi divulgador, agitador. Promoveu novos hábitos e destacou em suas colunas essa nova camada — os novos ricos — em ascensão. Divulgou suas festas, seus jantares e, com sua linguagem leve e de fácil leitura, chegou aos leitores como porta-voz das *coisas da cidade*, notadamente, a cidade burguesa, daqueles que podiam ter e, portanto, podiam ser alguém na urbe-metrópole.

Um rápido levantamento dos anúncios de restaurantes, confeitarias, sorveterias e cafés nos aponta uma significativa questão. Boa parte – uma maioria bem representativa – dos comércios de alimentos estava localizado no Triângulo Central. Especialmente as que se divulgavam como locais próprios para vida elegante, para as boas famílias.

Utilizando-se muito da linguagem estrangeira, seja a língua inglesa ou a francesa, os restaurantes, cafés e confeitarias divulgavam seu espaço, produtos e algumas vezes os menus oferecidos aos fregueses. É o caso do Restaurante Sportsman.

Figura 27 Anúncio Rotisserie Sportsma. OESP, 10 ago. 1919, p.8

A língua francesa é destaque no anúncio. Trazendo o menu para as páginas dos jornais, povoava o imaginário do leitor que desejava o ser moderno.

Vários foram os estabelecimentos que diariamente apareciam nos jornais, nas últimas páginas, com seus anúncios. Dentre eles estão o *Restaurante Harisson* que oferecia *American & English Cooking*, o *Restaurante Rio Branco*, o *Club Commercial*, o *Hotel Carlton*, o *Anglo Americano Restaurante*, o *Rastaurante Avenida*, a *Casa Spainer*, o *Restaurante da Bolsa*, o *Paulista*, o *Central*, a *Minhota* e a *Brasserie*, entre tantos outros. Pelos seus anúncios é possível

destacar algumas semelhanças, próprias do período em questão e do público que os frequentava. Todos os restaurantes acima citados situavam-se no Triângulo Central. Com endereços na Rua Libero Badaró, na São Bento, na Formosa, na da Quitanda, na Xavier Toledo, na Dr. Falcão, na Boa Vista, na José Bonifácio ou na Avenida São João, todos os estabelecimentos citados localizavam-se entre o Parque do Anhangabaú e o Largo do Paysandu – uma região bem delimitada dentro do próprio Triângulo Central.

A concentração no centro urbano de casas comerciais foi se construindo pelo trânsito constante de pessoas. Mas, para além disso, a reformulação da cidade com a construção de parques, teatros, espaços de lazer e cultura, transformou o Triângulo Central num espaço voltado para as elites, muitas vezes às custas da demolição de habitações populares. Assim, com passeios públicos, praças e iluminação pública, os investimentos comerciais em locais próprios para as sociabilidades burguesas voltaram-se para o Triângulo Central, tendo em vista também que os bairros de moradias das elites eram relativamente próximos ao Triângulo (mais próximos que os bairros operários, por exemplos). Assim, o comércio no Triângulo esteve a serviço daqueles que moravam em bairros como Campos Elyseos e Higienópolis e, posteriormente, nos Jardins.

As ruas aqui citadas como a Rua da Quitanda ou a Libero Badaró até hoje são importantes logradouros da vida comercial de São Paulo. A proximidade do centro financeiro, cultural e dos prédios públicos trouxe para este espaço da cidade a circulação de pessoas e, portanto, de culturas e ideias. O espaço de circulação é também, espaço de consumo. E consumir esteve na pauta das elites paulistanas que desejavam – a altos custos – viver a vida das grandes cidades. Para além de consumir produtos, o que importava era o acesso a experiências, ou seja, ao novo mundo que se abria.

De fato, a escrita histórica – ou historiadora – permanece controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais do que isto, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, assim, uma lição; ela é didática e magisterial. Mas ao mesmo tempo funciona como imagem invertida; dá lugar à falta e a esconde; cria estes relatos do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos (CERTEAU, 2008, p.95).

O que se vivenciou em São Paulo nos anos 1920 foi uma euforia provocada pelo consumo de uma elite com desejos e anseios de prosperar e internacionalizar-se. A ascensão do capitalismo e do consumo entre esse grupo fez com que uma camada urbana significativa pudesse vivenciar as benesses da modernidade: os comerciantes, que espalhavam seus serviços

pelo Triângulo Central e destacavam sua adequação ao mundo moderno, elegante. Definiam o que era ser chique, e quem podia ou não frequentar seus espaços.

5. HIGIENE E ALIMENTAÇÃO

5.1 CONTRASTES

A publicidade exerceu um importante papel na construção de imaginários sobre a modernidade. Vendendo mais do que produtos, foi por meio da propaganda que novas formas de sociabilidade foram propagandeadas pelas páginas dos jornais. Para além do comércio, a publicidade aponta para a própria sobrevivência dos impressos periódicos, que dela dependiam para se manter ativos. Circulando nos jornais diários, os anúncios demonstravam modos de vida que estavam ao alcance dos leitores dos jornais, homens (em sua maioria) e mulheres letrados, pertencentes às elites ou a uma classe remediada que se formava no cenário urbano. A imprensa de notória circulação, como *O Estado de S. Paulo*, apresentava em suas páginas uma porcentagem significativa de anúncios, dos mais variados. As páginas finais de cada edição, com duas a quatro páginas, eram dedicadas à parte comercial. Além disso, ao longo de todas as páginas do jornal é possível encontrar publicidade: das meias aos chapéus, dos restaurantes aos medicamentos, todo tipo de produto era anunciado pela mídia impressa.

O que se pode inferir é que este tipo de anúncio publicitário marcou a transição para novas formas de consumo na cidade, e assim

A imprensa mais profissionalizada passou a figurar como segmento econômico polivalente, de influência na melhoria dos demais, visto que informações, propaganda e publicidade nela estampada influenciavam outros circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz – veículos da palavra impressa – potencializavam consumo de toda ordem (MARTINS; DE LUCA, 2006, p.38).

A imprensa e sua forma de divulgação de serviços e produtos potencializava os mais variados tipos de consumo, construindo assim um mercado cada vez mais dinâmico. Desta forma, compreende-se que as opções de compras se abriam, e a chegada de novos produtos e novas casas comerciais eram divulgadas via mídia impressa que auxiliava também na sobrevivência destas. Ainda para Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, o público consumidor – dos jornais e dos produtos – mostrava uma classe média em ascensão, experiência própria de um capitalismo que se aprofunda no espaço urbano (MARTINS; DE LUCA, 2006, p.39). Para Gilles Lipovetski este *capitalismo de consumo* “abre um novo espaço, essencial, para o imaginário estético do universo de mercado: a publicidade” (LIPOVETSKI, 2015, p.214).

Figura 29 Anúncio da Casa Spanier. OESP, 01 jan. 1922, p.11.

CASA SPANIER
RUA DR. FALCÃO, 2-A, 2-B e 2-C

Tendo sido concluídas as grandes reformas de seu estabelecimento de 1.ª ordem, o seu proprietário convida respeitosamente os seus bons amigos e a sua digníssima freqüência para o visitarem e verificarem se é ou não o primeiro, o maior e o mais bello estabelecimento no genero, não só desta adiantada capital, mas do Brasil inteiro.

Restaurante aberto dia e noite. — Cozinha de 1.ª ordem! — Bar Antaretica e Bar Brahma. — Concertos durante o dia e de noite, por professores escolhidos.

Figura 28 Anúncio do Hotel Victoria. OESP, 02 set. 1924, p.6.

Hotel Victoria
 O preferido pelas exmas. familias e cavalheiros.

RESTAURANTE DE PRIMEIRA ORDEM

PREÇOS MODICOS
 Largo de Paysandu' — S. PAULO

Figura 30 Anúncio do Imperial Hotel em 07 de outubro de 1922. OESP, 07 out. 1922, p. 1

IMPERIAL HOTEL
 Hoje, inauguração deste luxuoso hotel.
 Conforto e distincção. **Restaurante** de 1.ª ordem.
 Rua Visconde do Rio Branco, 25. Tel. Cid. 5346.

Figura 31 Anúncio do Mappin Stores, publicado em 10 de setembro de 1925

MAPPIN STORES
ALMOCE NA CIDADE . . .

No **restaurante "Mappin"**, cujo serviço é de um esmero irreprehensível, v. s. entra, permanece e retira-se plenamente satisfeito.

*Boa cozinha
 Ambiente agradável
 Preços moderados*

Mappin Stores

Figura 32 Anúncio do Mappin Stores, publicado em 29 de setembro de 1925

MAPPIN STORES
 Sociedade Anônima Brasileira

Restaurante "Mappin"

Aos clientes da capital

Para os nossos distintos «habitantes» da capital, o bem-estar que o nosso salão-restaurante lhes proporciona é já uma lranca e notória allimativa.

Com as reformas recentemente effectuadas na cozinha onde installámos grande e optimo fogão, podemos garantir-lhes que o nosso serviço de almoço, todos os dias entre das 11 ás 13 1/2 horas, ficou sendo definitivamente, desde hoje, o melhor, o mais solícito e o mais esmerado da cidade.

Aos visitantes do interior

Aos «touristes» do interior e aos viajantes em geral, apreciadores de uma boa mesa a par de uma illuminada commodidade, recommendamos com insistencia, os nossos serviços de **restaurantes**, na certeza absoluta de os deixarmos satisfeitos.

PREÇOS MODERADOS

Mappin Stores

Se tomarmos os anúncios aqui reproduzidos como modelos de texto publicitário, pode-se perceber que buscavam a construção de seus ambientes pautados na distinção social. Esta é

uma das formas de selecionar os frequentadores e apontar para a experiência de uma vida *chic* e elegante. Na figura 30 a *Casa Spainer*, localizada na Rua Dr. Falcão, colocava-se ao público como um “estabelecimento de primeira ordem” e destacava: “é ou não é o primeiro, o maior, o mais bello estabelecimento no gênero?” Com restaurante aberto dia e noite, por meio desse texto percebe-se a preocupação não só em *vender comida*, sua principal atividade, como também explorar um estilo de vida, e construir-se como espaço destinado àqueles que fossem dignos de lá estar. O uso de adjetivos como *digníssima freguesia* aponta para uma certa distinção social. As casas comerciais não só vendiam seus produtos, mas em seus anúncios buscaram delimitar o público a quem se destinavam.

O anúncio do Hotel Victoria, na figura 28, chama atenção por destacar-se como *o preferido entre as excelentíssimas famílias e cavalheiros*. Pela linguagem utilizada percebe-se uma preocupação evidente em colocar em destaque quem frequenta a casa comercial: não são quaisquer famílias, apenas as excelentíssimas. Também não são os homens comuns, mas sim os cavalheiros. Aqui, mais do que *o que* se vende, mas *onde* fica e *quem* frequenta que parecem atrair mais interesse, tendo em vista que a publicidade foca nisso e não em seu produto. O fato de situar-se no Largo do Paysandu já diz muito sobre o tipo de estabelecimento. Situava-se no Triângulo Central da cidade, ponto de encontro das elites paulistanas, onde se faziam ver, num código de sinais modernos que muito nos dizem sobre a ascensão social. Já o anúncio do Imperial Hotel aponta que em seu interior o cliente encontraria luxo, conforto e distinção e isso tudo a preços módicos. Um primeiro detalhe chama a atenção: este hotel estava situado na Rua Visconde do Rio Branco, situada entre os bairros de Campos Elíseos e Santa Ifigênia. Mesmo próximos, não são considerados parte do perímetro central, onde estava localizado o famoso Triângulo. Imagina-se que este estabelecimento buscava se definir como *moderno* a partir da adjetivação do seu interior, com o destaque para o luxo e a distinção, mas sem perder a freguesia, alertando-a com os *preços módicos*.

A publicidade do *Mappin Stores* merece destaque. Sendo um estabelecimento que vendia variados tipos de produtos, a loja acabou atraindo homens, mulheres, moças e moços para o seu interior. Fazer compras não carregava apenas o sentido prático, mas toda uma carga simbólica. Assim, os salões do *Mappin* foram frequentados pelas elites paulistanas e o espaço – junto a alguns outros como a *Brasserie Paulista* – figurara entre os mais elegantes locais para promover os encontros na cidade. Nos anúncios aqui destacados *Mappin* afirma oferecer um *serviço irrepreensível*, onde o cliente entra e sai satisfeito, apresentando boa cozinha e um ambiente agradável também a preços módicos. No outro anúncio ainda afirma que era *o melhor, o mais solícito e esmerado da cidade*, oferecendo ainda comodidade ilimitada.

Uma cidade com cada vez mais *atrativa* se traduziu num aumento significativo do custo de vida, por isso, mesmo destinando-se apenas à elite, o *Mappin* destacava os preços módicos de seu restaurante. As pesquisadoras que se dedicaram a escrever a História da empresa contam que esta tinha a proposta de servir à elite que se construiu pela exploração do café e apresentava um novo estilo de vida pautado nos modismos europeus e que “habitava imponentes casarões, circulava pelas confeitarias do Triângulo, votava no Partido Republicano Paulista e moldava seus gostos segundo os últimos ditames das capitais europeias” (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.38). Há, portanto, uma importação de hábitos e valores, que passam a ser compartilhados socialmente: “tratava-se de uma gente a quem o café havia criado hábitos e aspirações elevados” (ALVIM; PEIRÃO, 1985, p.38).

Entretanto, por mais que as casas comerciais anunciassem todo seu luxo e requinte, algumas observações não escaparam do olhar de Plínio Barreto. O intelectual-mediador utilizava suas crônicas como forma de denúncia sobre tudo aquilo que, em sua perspectiva, pudesse representar o atraso e prejudicar o andamento de São Paulo rumo ao progresso.

Assim, anotou constantemente os pontos frágeis da metrópole em construção, estabelecendo críticas e apontando propostas para a saída das situações que julgava inaceitáveis. Plínio Barreto foi um agente que buscava transformar seu cotidiano: entendia de leis e normas, por sua formação, circulava entre o meio intelectual, por ser redator o *Estado de S. Paulo* e amigo pessoal de Júlio de Mesquita e caminhava diariamente pelo Triângulo Central, onde funcionava a redação do jornal. Por todos esses fatores considerava-se um elemento fundamental a anotar, apontar, criticar e sugerir *coisas da cidade*.

A partir das crônicas por ele publicadas pode-se perceber que havia um descompasso entre o que era ofertado nos anúncios e o que Plínio Barreto notava sobre os bares, cafés e restaurantes em seu dia-a-dia. Em crônica publicada em 26 de abril de 1920 o autor faz uma denúncia:

Não existe em S. Paulo um só café decente...

Os sete ou oito que se encontram no Triângulo são de um desasseio e de uma falta de conforto verdadeiramente incríveis. Mesas sujas, soalho sujo, chicaras sujas e, para cumulo, em salas estreitíssimas onde os consumidores de apertam e acotovelam.

Mas os estabelecimentos continuam na mesma, e se a gente habituada ao tradicional costume brasileiro de se tomar café a toda hora apetece durante o dia uma chicara da excelente bebida, outro recurso lhe não resta senão sujeitar-se a tudo isso – e arriscar-se à consequências de toda essa imundície...

Como se explica que em S. Paulo, na terra do café, não exista um só estabelecimento desse gênero que seja, quando não luxuoso e atraente, pelo menos limpo, amplo, confortável e bem servido?

Mas o mais lamentável e o que mais depõe contra nós, e sobretudo contra os comerciantes que exploram a venda avulsa do café, é que, em taes pocilgas, o que se bebe não é mais que uma beberagem quase intragável, que só ingerimos por não haver outra melhor e porque já nos habituamos a tolerar tudo (OESP, 26 abr. 1920, p.9).

A prática de se ter lugares próprios para o consumo do café vem de uma cultura europeia, notadamente francesa, em que tais espaços seriam como lócus privilegiado para a observar a cidade e para socializar em meio ao dia de trabalho. Além disso, a bebida é um estimulante natural, que auxilia no rendimento para um dia de trabalho. É preciso destacar que, quando falamos aqui de elites, estamos nos referindo a uma burguesia que, mesmo exercendo os cargos de maior prestígio seja na carreira pública ou na privada, trabalham cotidianamente. Em São Paulo o trabalho concentrava-se na região central, pois abrigava o centro financeiro, os poderes públicos e as principais atividades comerciais. O que Plínio Barreto nota entra em choque com as imagens construídas pela publicidade: se nestas todos os ambientes indicam luxo e conforto, nas crônicas de Barreto parece que tais padrões não existiam em nenhum estabelecimento. Mesmo que o autor use recursos para exagerar o cenário e promover certa mobilização em torno da causa, o que se vê é que o cenário não se apresentava tão à parisiense como se anunciava.

Os padrões de higiene aparecem com bastante evidência na construção de argumentos contra estes estabelecimentos. De acordo com sua descrição são pouco asseados, desconfortáveis, sujos, imundos. O autor chega a chamá-los de *pocilgas*, tudo aquilo que não se esperava de um ambiente propício a se experimentar a modernidade. Outro ponto de destaque desta crônica são os ambientes pequenos, em que os fregueses ficavam se apertando. Isso também é um indício da preocupação higiênica, que prevê ambientes arejados e espaçosos.

Como a cidade passa a ser tomada pelas pessoas, o contato cada vez mais próximo com outros corpos, no transporte coletivo, nos bancos, nos restaurantes, implica numa preocupação com a saúde. Neste sentido, os ambientes pequenos e abafados significavam também um descuido com os padrões de higiene. Em suas crônicas Plínio Barreto continua a descrever o desconforto em ambientes como os cafés e restaurantes:

Primeiro, o desleixo de quasi todas as nossas casas de refeições: sujas, mal instaladas, pessimamente servidas...

- Onde se come bem na cidade? Perguntou-me há dias uma amigo

- Homem, para falar a verdade em parte alguma. Há por ahi uma dúzia de restaurantes mas os melhores não chegam a comparar-se aos de segunda ou terceira ordem de Pariz, de Buenos Aires ou mesmo do Rio. E, apesar disso,

todos cheios! Todos abarrotados para o almoço e o jantar! E não aparece um homem sufficientemente emprehendedor, que instale aqui um bom restaurante...(OESP, 26 jun. 1920, p.6).

Na crônica acima citada, datada de junho de 1920, Plínio Barreto destaca a dificuldade em encontrar bons restaurantes na cidade. Se olharmos para os anúncios, uma análise rápida nos faria entender que haviam casas luxuosas, preparadas e asseadas. Mas as crônicas nos dizem outra coisa, e nos dão mais detalhes. Para o autor não se come bem na cidade em parte alguma, ou seja, nenhum estabelecimento estava verdadeiramente preparado para receber os fregueses com gosto mais refinado. O autor faz ainda a comparação com outras capitais: a óbvia Paris, modelo principal de cidade desejado pelo autor; Buenos Aires, que constantemente aparece em suas crônicas como lugar mais avançado do que São Paulo; e o próprio Rio de Janeiro, capital federal. Isso tudo nos leva a compreender que se estabelece uma relação de comparação entre as capitais com a cidade de São Paulo, a fim de apontar exemplos do caminho a seguir. Suas crônicas são denúncias que apontam saídas possíveis.

O que se destaca aqui é, portanto, a inconstância entre a publicidade e as crônicas. Se aqueles que vendiam alimentos e bebidas mostravam-se como adequados às necessidades daqueles tempos, jornalistas como Plínio Barreto atuavam como fiscais da vida moderna e buscavam assegurá-la denunciando tudo aquilo que considerava fora do padrão. Para Norbert Elias os planos e ações empreendidos para provocar alguma mudança social são resultados de uma *interdependência* de pessoas, ou seja, algumas pessoas isoladas pensam, sentem e desejam. Mas não há um planejamento único, nem uma intencionalidade única em se atingir este ou aquele objetivo. Ao se falar em *processo civilizador*, como é o caso do que ocorre em São Paulo no início do século XX, é preciso compreender que a ideia de civilização não é nem do campo racional, nem do irracional. Para Elias ela “é posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se veem obrigadas a conviver” (ELIAS, 1993, p.195). É a transformação da forma como as pessoas se entendem na teia social e na forma como convivem com os outros que se está falando aqui, entendendo Plínio Barreto não como um mandatário de todas as transformações, mas como alguém que entrou na teia social, decodificou a linguagem da modernidade e tenta garantir a chegada de São Paulo lá. Assim, “à medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhe uma função social” (ELIAS, 1993, p.196). A necessidade de organizar essa teia de ações, o rigor e a precisão descritos por Elias, parecem ser o que buscava Plínio Barreto. Numa cidade em processo de

complexificação – das relações sociais, comerciais e culturais – era preciso pôr ordem, garantindo o acesso a uma experiência *verdadeiramente* moderna. Pelo menos é isso que Barreto parece desejar. Para Norbert Elias esse tecido básico é o resultado de um número de ações variados e pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. “Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem” (ELIAS, 1993, p.194).

Uma das questões que vem à mente ao discutir este processo civilizador é tentar compreender o porquê os restaurantes e cafés aparecem com tanto destaque ao tratar dos cuidados de higiene na cidade. O convívio social no espaço urbano foi uma das grandes marcas de um processo civilizador. Assim, os lugares destinados para alimentação e o comer fora de casa fizeram parte da transformação das condutas, das formas de se portar, indicando um novo *habitus* social. Tais locais foram alguns dos espaços destinados a essa transformação. Para Flandrin, autor de destaque na área da História da Alimentação, há uma relação entre a higiene e o individualismo. O processo em se comer com talheres individuais, por exemplo, pode auxiliar o processo de individualização. Para ele “Isso evidencia não só uma obsessão pela limpeza, como ainda um progresso do individualismo: o prato, o copo, a faca, a colher e o garfo individuais na verdade erguem paredes invisíveis entre os comensais” (FLANDRIN, 2009, p.264). Assim, o domínio dos talheres, as formas de se portar em determinados ambientes, indicam a coexistência das duas frentes: a preocupação higiênica e o indivíduo cada vez mais fechado nesta modernidade. Estes aspectos nos levam à dimensão da civilidade.

A civilidade diz respeito à capacidade de seguir normas e regras preestabelecidas e aceitas socialmente. É uma forma de organizar a sociedade através de regras elaboradas para o bom convívio social. Ela não diz respeito unicamente àquilo que esteja garantido por um aparato legal, mas também pela forma de condutas que já estejam internalizadas pelos indivíduos que compõem essa sociedade. Muitos foram os livros que se dedicaram a explicar as regras do conviver. Os chamados *manuals de etiqueta* tiveram grande circulação entre as pessoas que desejavam portar-se dentro das normas. Mas, há outras formas de divulgação e proteção de um código de posturas sociais.

Assim, é possível compreender que Plínio Barreto atuava não só como intelectual-mediador mas também como um promotor de um código de civilidade. A origem da palavra vem do latim *civile* e diz respeito ao habitante da cidade. Deste modo, a relação entre civilidade e cidade já é bastante óbvia desde suas origens. Para além disso, a aceleração do tempo e as mudanças sociais vividas no período aqui estudado apontam a necessidade da atuação de

pessoas que pudessem orientar e conduzir esse caminho. Portanto, fazem parte do processo outros atores para além dos jornalistas. As escolas foram também formas eficazes no combate ao que se entendia por atraso. São formas de controle social que se expressam de várias maneiras.

Por um lado, os procedimentos de controle social tornam-se mais severos; através das formas educativas, da gestão das almas e dos corpos, encerram o indivíduo numa rede de vigilância cada vez mais compacta. Por outro, constituem-se à margem da vida coletiva espaços protegidos que são objetos de uma revalorização, sendo o primeiro deles o foro familiar. Naturalmente, podemos compreender essas duas Histórias opostas como as duas faces inseparáveis de um mesmo processo que a longo prazo conduz a uma reorganização em profundidade das formas da experiência social (REVEL, 2009, p.170).

O autor afirma que é “sobre o corpo que as normas de civilidade se exercem com maior rigor” (REVEL, 2009, p.189). São, portanto, modelos comportamentais que se divulgam nas crônicas de Barreto: ele espera uma determinada postura, um padrão dos ambientes frequentados. E denuncia quando julga necessário, no sentido de atuar frente ao problema em questão.

Na experiência urbana moderna não bastava estar, era preciso ser visto. Porém, isso implicava ser visto em determinados lugares, e não ser em outros. Há uma hierarquia social com limites tênues, porém significativos quando pensamos na divisão social entre os habitantes das cidades. Se por um lado grupos grandes de homens e mulheres das classes mais pobres estavam sendo deslocados de suas moradias para dar lugar aos palacetes, à abertura de avenidas, dentre outros tantos projetos que fizeram migrar pessoas já estabelecidas em seus lugares, por outro lado grupos restritos viviam o que imaginavam ser a modernidade.

- Porque não havemos de ter em S. Paulo um bom café, bem limpo e bem servido, sem a sujeira e os defeitos dos actuais?

É esta a pergunta que de quando em quando nos fazem alguns leitores. Mas, também nós a temos feito muitas vezes, impressionados com o estado lamentável de quase todos os cafés da cidade.

Com effeito, de todas as cidades grandes onde existem cafés, S. Paulo é a que os apresenta menos limpos e mais desapparelhados. O facto de ser a terra do café e terra grande e rica, de mais de meio milhão de habitantes, torna ainda mais estranhável: que aqui não existam casas decentes para a venda em chcaras da apreciada bebida. Entretanto, no estrangeiro, não são poucos os cafés luxuosos, onde o freguez é admiravelmente servido muitíssimo melhor do que aqui. Como se explica, realmente, que, sendo S. Paulo a terra do café, não conte até hoje, já não dizemos com um café já esplendidamente montado, com luxo e conforto, mas ao menos um estabelecimento decente?

Ora, certo dia, um argentino [...] manifestou curiosidade por ver os cafés de S. Paulo:

- Devem ser os mais bellos do mundo...Não tivemos coragem de o desiludir, contando a realidade nu'a e cr'ua (OESP, 09 jan. 1922, p.3).

Nesta crônica publicada em janeiro de 1922 Plínio Barreto volta a trazer à tona o que chama de *realidade nua e crua*. Busca em sua narrativa trazer um apelo sentimental ao colocar-se a si mesmo e a cidade em situação constrangedora frente ao visitante estrangeiro. Não compreende como que a cidade capital de um Estado cujo principal produto de exportação era o café, não tinha ainda um bom espaço para apreciação da bebida, já tão presente na vida urbana. Buscando sempre explorar os problemas da cidade, o autor usa de dados (como o número de habitantes), questionamentos, dúvidas e até de certo sentimentalismo para sensibilizar os leitores e quiçá os empreendedores. É a ânsia por viver numa cidade condizente com seus desejos – possivelmente uma Paris nos trópicos – que Plínio Barreto nos deixa ler nas entrelinhas de suas publicações. Utilizando de seu prestígio e poder (ainda que não declarados por assinatura nas crônicas), mostra diariamente os locais por onde circula, demonstra ter informações privilegiadas dos poderes públicos (em certas notas aponta que pôde ver em primeira mão projetos a serem desenvolvidos na cidade, por exemplo) e constrói-se como um intelectual (frequenta as melhores livrarias, entende de obras de arte), assim, seus argumentos não se apresentam como sendo de apenas mais um cidadão, mas sim de alguém com voz autorizada para questionar e intervir na vida pública.

5.2 EMERGÊNCIAS

O debate sobre o asseio e higiene nos cafés mereceu bastante destaque nos escritos de Barreto. Inconformado com a situação em que se encontravam aqueles estabelecimentos, certamente por ser um frequentador assíduo desses locais, denunciava cotidianamente o que entendia como errado e atrasado – da organização e limpeza por parte do comércio às formas de se portar de seus fregueses.

Na crônica apresentada a seguir, é possível notar novos elementos, para além dos já discutidos nas expostas anteriormente. A partir daqui entra em jogo um outro elemento: a preocupação com a higiene com justificativa do contágio de doenças. Começa a apresentar, portanto, um tom bastante próximo ao discurso médico. O medo do contágio de doenças provocadas pelo convívio com pessoas de todos os tipos, encontrando-se na rua ou nos espaços públicos gerava debates acalorados.

Figura 33 – Crônica Cafés sem Hygiene. OESP, 15 jun. 1922, p.6.

COISAS DA CIDADE

CAFÉS SEM HYGIENE

É este um assumpto que daria ampla materia para muitas columnas. A hygiene nos cafés, affectivamente, deixa muito a desejar, em S. Paulo. Desde o desaceito do pavimento, sobre o qual os freguezes cospem á vontade, até a pouca limpeza da louça, tudo está a mostrar que em nossa cidade — na capital da terra do café. — os cafés são estabelecimentos, já não dizemos pouco convidativos pelo seu aspecto, mas perigosos mesmo, pelas muitas molestias que se podem transmittir aos clientes. Não faz muito tempo, referimo-nos aqui ao que escrevera um publicista francez, o dr. Henri Bouquet, sobre os riscos a que se expõe um frequentador dos cafés e estabelecimentos similares, bebendo em copos e chicaras que no mesmo dia já serviram, com certeza, a dezenas de pessoas — e pessoas que a gente não gostaria, sequer, de ter ao seu lado...

Ora, em S. Paulo, raros serão os cafés que lavam a sua louça e os seus copos com agua a ferver. Raros? Talvez mesmo nenhum se abalance a esse sacrificio pela saude da sua freguezia. E nessa louça mal lavada tocam todos os labios, indistinctamente, mesmo os daquellas pessoas que não gostaríamos de ver perto de nós...

É contra isso que devem voltar as vistas da Directoria do Serviço Sanitario — contra a liberdade do cuspir e escarrar no assoalho, contra a lavagem deficiente da louça e vidros, e, sobretudo, contra os gabinetes nauseantes que tresandam horriavelmente no fundo de certos cafés.

Essas e outras falhas de hygiene nos cafés, estão a pedir providencias do nosso Serviço Sanitario, principalmente depois que esses estabelecimentos passaram a ganhar mais, com a elevação do preço da chicara. — P.

Por conta disso, a preocupação com o asseio não só do local como das pessoas que o frequentam entram na teia argumentativa de Barreto. São Paulo viveu, entre o fim do século XIX e o início do século XX, um inchaço populacional, ocasionado não só pela atratividade do café enquanto produto de exportação, mas também pela cidade que se transformava a olhos vistos. Conviver com ex-escravizados que chegavam à cidade para tentar a vida em todo tipo de trabalho informal, com imigrantes italianos que trabalhavam nas fábricas, com pessoas vindo de tudo quanto é lugar do Brasil e do mundo colocava um clima de tensão pela nova convivência imposta: a cidade era o lugar do encontro.

A hygiene nos cafés, effectivamente, deixa muito a desejar, em S. Paulo. Desde o desaceio do pavimento sobre o qual os freguezes cospem à vontade, até a pouca limpeza da louça, tudo está a mostrar que em nossa cidade – a capital da terra do café – os cafés são estabelecimentos, já não dizemos pouco convidativos pelo seu aspecto, mas perigosos mesmo, pelas muitas moléstias que se podem transmitir aos clientes. Não faz muito tempo, referimo-nos aqui ao que escrevera um publicista francês, o dr. Henri Bouquet, sobre os riscos a que se expõe um frequentador dos cafés e estabelecimentos similares, bebendo em copos e chcaras que no mesmo dia já serviram, com certeza, a dezenas de pessoas – que a gente não gostaria, sequer, de ter ao seu lado...

Ora, em S. Paulo, raros serão os cafés que lavam a sua louça e os seus copos com agua a ferver. Raros? Talvez mesmo nenhum se abalance a esse sacrifício pela saúde da sua freguesia. E nessa louça mal lavada tocam todos os lábios, indistinctamente, mesmo os daquellas pessoas que não gostaríamos de vêr perto de nós...

É contra isso que devem voltar as visitas da Directoria do Serviço Sanitário – contra a liberdade do cuspir e escarrar no assoalho, contra a lavagem deficiente de louças e vidros e, sobretudo, contra o gabinetes nauseantes que tresandam horivelmente no fundo de certos cafés.

Essas e outras falhas de hygiene nos cafés, estão a pedir providencias do nosso Serviço Sanitário, principalmente depois que esses estabelecimentos passaram a ganhar mais, com a elevação do preço da chicara (OESP, 15 jun. 1922, p.6).

Esta crônica apresenta aspectos interessantes de se destacar. O primeiro deles é a contínua preocupação com a limpeza, mas que nesta publicação ganha novos contornos. A responsabilidade sobre o estado dos cafés não era mais apenas de seus donos, mas também dos fregueses, que insistiam em cuspir no assoalho. Denunciar este tipo de atitude é atuar junto a um aparelho civilizador, formado pelos códigos de posturas municipais, pela vigilância da imprensa, a educação nas escolas e até mesmo pelo autocontrole, uma arma poderosa em momentos em que se buscava a transformação das condutas e da forma de conviver socialmente.

Assim, Plínio Barreto era um dentre tantos outros responsáveis por controlar e denunciar atitudes, agindo como um educador dos protocolos de civilidade. Maria Teresa Santos Cunha

ao estudar uma publicação de uma escola católica e de elite, na década de 1940, aponta para a função pedagógica da publicação em prol da internalização de formas de comportamento que:

respondiam às expectativas criadas pelos membros das elites para maior distinção social que, aos poucos, difundia-se para segmentos cada vez mais amplos da sociedade. Reafirmar maneiras de se portar no ambiente escolar e familiar, de ser portador de hábitos pessoais de higiene, de lidar com as funções corporais, com os cheiros, com o escarro, com a sujeira; de se comportar em relação aos outros, tanto os superiores como os inferiores na hierarquia social, estava inserido no processo civilizador de controlar a agressividade, as emoções no chamado *abrandamento das pulsões* e pela harmonização do espaço social[...] (CUNHA, 2011, p.246).

Assim, essa forma de cobrar condutas e formas de agir socialmente diziam respeito aos desejos de uma elite, que tinha sonhos próprios e ansiava por progresso. Esse *abrandamento das pulsões* é uma das características que conduz o processo civilizador, abordado por Norbert Elias.

Sidney Chalhoub em *Trabalho, lar e botequim* acredita que ao estudar processos criminais de eventos envolvendo trabalhadores no Rio de Janeiro é possível perceber um processo social amplo, permeado de lutas e resistência. As fontes estudadas pelo autor apontam, portanto, para configuração de relações do tipo burguês, além disso, apontam também para uma vigilância destas por parte tanto da polícia como judiciário (CHALHOUB, 2001). Na pesquisa aqui apresentada entende-se que outros meios foram também responsáveis por vigiar e controlar essas relações burguesas. Plínio Barreto atuou, à frente de *Coisas da Cidade*, nessa vigilância do comportamento.

Para Chalhoub há “uma transformação da rua em espaço de guerra”, com aparato de controle e vigilância espiritual e policial, sempre na tentativa de colocar os sujeitos à margem sob a tutela e avaliação de uma sociedade em ordem, enquadrando a todos os cidadãos na ordem capitalista. O que o autor defende é que há, portanto, um controle social que é possível ser apreendido a partir de experiências cotidianas, como é o caso de Zé Galego, Júlia e Paschoal, por ele estudados. (CHALHOUB, 2001). Ao estudar as crônicas de Plínio Barreto entende-se que há a possibilidade de perceber uma tentativa de controle social também pela imprensa periódica, que atuava na denúncia com vistas a atingir resultados esperados.

Outra linha argumentativa que o autor das crônicas segue é apontar a emergência de fiscalização pelo perigo causado pela falta de higiene nesses ambientes. Assim, além de apontar o pouco cuidado com a limpeza das louças, afirmando que possivelmente nenhum dos estabelecimentos destinados ao consumo do café fazia a higiene das xícaras com água fervente, traz o debate de um publicista francês, chamado Henri Bouquet, que versava sobre os riscos que os frequentadores dos cafés enfrentam. Sendo os cafés os locais destinados ao convívio

social – em Paris, no Rio de Janeiro ou em São Paulo – Barreto aponta os perigos de contágio de doenças. Assim, além de *pouco convidativos*, tais ambientes eram descritos com um grau de periculosidade, afinal, colocavam em contato pessoas que *não gostaria sequer de ter ao lado*, quanto mais beber da sua xícara, haja vista que a limpeza não era bem-feita. Aqui a questão está para além do medo da doença, mas também o medo do outro e do que este outro representava.

O que se pode inferir é que há diferentes *graus* de civilidade: há os que já internalizaram as condutas a serem seguidas e teriam, supostamente, finalizado seu processo civilizador, decodificando as regras e cumprindo um papel exemplar na sociedade, como parece ser o caso de Plínio Barreto; há os que estão no caminho do processo, mas que ainda necessitam internalizar as regras para o bom convívio social, como parece ser o caso dos que frequentam os cafés mas que ainda cospem no chão; e há aqueles que ainda vivem presos ao que se considerava atrasado, com práticas ainda provincianas. Assim, há uma hierarquia social bem definida, marcada não só pelos ganhos salariais, mas também pelo acesso ao mundo moderno e suas normas e regras de conduta.

Essa convivência na cidade dos mais variados tipos de pessoas gerava insegurança. Destaca-se na crônica o medo das doenças que poderiam ser transmitidas no ambiente dos cafés. A higiene foi uma preocupação central nessa reforma dos costumes. O medo é tanto que Plínio Barreto chega a finalizar a crônica em forma de manifesto: *contra a liberdade de cuspir e escarrar no assoalho, contra a lavagem deficiente de louças e vidros e sobretudo, contra os gabinetes nauseantes que tresandam horivelmente no fundo de certos cafés!* Esse recurso narrativo apelativo nos mostra a urgência com que o autor tratava destas questões. Para ele tal assunto deveria ser tratado com a emergência que lhe cabia. Por isso, recorre a sua influência para pedir providências ao Serviço Sanitário e a volta das visitas da sua Diretoria para vigiar, multar e punir os estabelecimentos que não estivessem de acordo com as normas de higiene. Faz ainda um apelo aos donos de cafés: que façam um *sacrifício pela saúde da freguesia*.

O que esteve em discussão era justamente o que se entendia por um caminho único que levaria à tão desejada civilização. Para Sidney Chalhoub este caminho esteve marcado por um único modelo, cabível em qualquer experiência de cidade, estado ou nação, e competia ao poder público garantir o trajeto acelerado da sociedade neste rumo. Tais ideias estavam atreladas à “afirmação de que um dos requisitos para que uma nação atinja a ‘grandeza’ e a ‘prosperidade’ dos ‘países mais cultos’ seria a solução de problemas de higiene pública” (CHALHOUB, 1996, p.35). Sendo a higiene um dos requisitos, e dos mais importantes, para a chegada do progresso, o controle sobre ela era bastante evidente e garantido não só pelo poder público, mas também

pela vigilância constante dos jornais. Assim se configura o que o autor chama de *pressupostos da Higiene como ideologia*

ou seja, como um conjunto de princípios que, estando destinados a conduzir o país ao ‘verdadeiro’, à ‘civilização’, implicam a despolitização da realidade histórica, a legitimação apriorística das decisões quanto às políticas públicas a serem aplicadas no meio urbano. Esses princípios gerais se traduzem em técnicas específicas e somente a submissão da política à técnica poderia colocar o Brasil no ‘caminho da civilização’. Em suma, tornava-se possível imaginar que haveria uma forma ‘científica’ – isto é, ‘neutra’, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais em geral – de gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes (CHALHOUB, 1996, p.35).

Há um ideal de neutralidade, garantido pela ciência, para condução à modernidade e à civilização. Ao trazer uma voz autorizada para a crônica, o francês Henri Bouquet, Barreto estava garantindo a chegada de um discurso de um exemplo de civilização ao público leitor da cidade de São Paulo. Somente com a construção do aval científico – atestados especialmente pelos médicos e engenheiros – é que os governantes poderiam garantir a chegada ao progresso. Eles que conduziriam o país ao que se considerava correto, ou seja, aos sonhos de uma elite. Este *conjunto de princípios* foi marcado não só pelo medo do outro, pela gestão dos problemas sociais ou pelo cuidado com as doenças que ameaçavam a população. Os cuidados com o corpo e o consumo de produtos cosméticos foram preocupação constante. A tentativa de minimizar os odores corporais pelo uso de produtos específicos também era um sintoma dos incômodos causados pelo convívio social. Foi durante a Primeira República que a ciência ganhava contornos oficiais, legitimando a ação do estado (NEVES, s/p, 2010).

Essa cidade que surge reformada, em sua estrutura e nas práticas de seus habitantes, foi marcada por diversas tensões, e fazia conviver tanto a crença no futuro progressista quanto o pessimismo daqueles que acreditavam que o progresso demorava a chegar. Plínio Barreto ora aparece tomado por empolgação com algumas das novidades que chegavam a São Paulo, ora mostra sua indignação por exemplares do atraso e do provincianismo, como é possível ler nas crônicas analisadas. Lilia Schwarcz aponta que

o ambiente estava tomado por visões pessimistas, as quais, paradoxalmente, conviviam com representações das mais otimistas. Havia o entusiasmo pelo futuro e o progresso, que efetivamente já estavam em curso com a transformação das cidades. [...] Essa época também ficou conhecida pelo nome de ‘regeneração’, quando se alterou o perfil das grandes urbes brasileiras, privilegiando uma nova conformação arquitetônica e urbanística à moda francesa do barão de Haussmann, e se tratou de expulsar a pobreza dos centros urbanos (SCHWARCZ, 2012, p.36).

A capital paulista passou pelo processo descrito acima. Afastou as moradias populares e em seu lugar construiu um espaço de sociabilidades de elites. Mas isso não significava que o convívio entre diferentes classes não ocorresse pelas ruas da urbe. Quitandeiras, engraxates, vendedores de vassouras, todo tipo de gente fazia do Triângulo Central seu espaço de ganha pão, ao lado de funcionários públicos, médicos, engenheiros e jornalistas. Se eles não estavam no interior dos restaurantes, confeitarias e cafés, estavam à sua porta, esperando a oportunidade de sobreviver frente às demandas da vida urbana.

Sobre essas práticas Plínio Barreto também discorre um pouco. Os ambulantes eram (e ainda são!) figuras comuns nos centros de grandes capitais.

Uma coisa que não mereceu em S. Paulo fiscalização rigorosa das autoridades higienicas é a venda ambulante de doces.

Quem passar pelas proximidades das escolas e collegios, verificará que ahi se tolera a venda de doces às crianças, sem o mínimo cuidado pela saúde das mesmas, pois as caixas e taboleiros ficam inteiramente abertos, franqueados às moscas e as sujeiras da rua. Uma vez ou outra, o doceiro traz um espanador, ou coisa que o valha, por meio do qual espanta as moscas que assentam sobre os doces e bolos. Mas a verdade é que isso de nada vale, porque a maior parte do tempo os doces vivem cheios de moscas e recebendo toda a poeira da vizinhança.

Se isso se vê nas proximidades das escolas e grupos escolares, tambem em outros pontos, e até no centro se encontram doceiros que não tem a mínima precaução com as suas caixas, deixando-as abertas o dia todo.

Ora, nós não precisamos demonstrar longamente os prejuízos que resultam para a população dessa falta de cuidado. As crianças, principalmente, é que devem ser victimas dessa falta de hygiene. Ainda há poucos dias, na secção ‘Revista das Revistas’, desta folha, citava-se um artigo da ‘Revue des Deux Mondes’, no qual se dizia que, em uma gramma de poeira, há nada menos de 8.887.500 microbios. Imaginem, agora, o numero de micróbios que se levantam do solo para os taboleiros e caixas dos doceiros ambulantes, e que se acamam nos doces e bolos que dahi a instantes são comprados pela meninada das escolas!

É de crer que o sr. director do Serviço Sanitário, especialista em hygiene, se digne tomar providencias a respeito desse abuso (OESP, 17 jan. 1925, p.4).

A partir desta crônica, publicada em janeiro de 1925, nota-se que a preocupação do autor não estava voltada apenas para os locais de sociabilidades burguesas, mas a todo tipo de ameaças que supostamente colocavam em risco a saúde da população. Mais uma vez o cronista utiliza-se de uma publicação estrangeira para dar o aval a seu argumento. O cientificismo como discurso neutro entra em jogo mais uma vez, com a utilização de dados e números que tem a intenção de gerar espanto e, conseqüentemente, a tomada de medidas mais enérgicas pelo Serviço Sanitário. Pela forma como constrói sua narrativa demonstra que já deveria ser sabido por todos os prejuízos e malefícios da falta de cuidado higiênico, ou seja, pressupõe que seja de

conhecimento geral os cuidados que deveriam ser tomados para garantir uma vida saudável na cidade. Em outra crônica, publicada quase um ano após a acima exposta, o autor ainda afirma

Ora, apesar disso, toleram-se ainda nesses passeios vários vendedores de chocolates e não sabemos mais o que, os quaes alli se plantam nas horas de maior movimento, com os seus taboleiros e caixas, sentados commodamente, enquanto em torno a multidão se aperta e se acotovela apressadamente (OESP, 26 jun. 1926, p.3).

O que Plínio Barreto parece colocar é que estes ambulantes não eram um incômodo apenas para a saúde, mas para o trânsito e o convívio social no centro da cidade.

Além disso, ao solicitar fiscalização por parte do poder público, põe em risco a sobrevivência dos ambulantes. Se viver na cidade já era dificultoso e caro, com agentes condenando as práticas informais de ganhar a vida tudo parecia piorar. Homens e mulheres comuns, à margem do processo civilizador, foram retratados como reais ameaça à saúde pública e, conseqüentemente, à civilização. Nicolau Sevckenko, ao estudar o processo de remodelamento urbano do Rio de Janeiro, afirma que tais atitudes demonstravam a vontade de tornar o espaço central das cidades um espaço aburguesado, próprio para o convívio das elites. Assim “as barracas e quiosques que exasperam público e cronista são os que se localizam ‘no perímetro central da cidade’” (SEVCENKO, 2003, p.48).

Há, por trás da reforma das estruturas e das sensibilidades, um *objetivo higienizador*, como bem aponta Follis

Ao eliminar um grande número de miseráveis habitações populares – tidas como insalubres e vistas como focos de epidemias – e permitir que a circulação de ar e a penetração de luz solar fossem substancialmente melhoradas, a construção dessa nova malha urbana de amplas vias, juntamente com a nova rede de esgotos e várias obrigações relativas à higiene impostas ao setor privado, revelava também o objetivo higienizador da reforma (FOLLIS, 2004, p.26).

Plínio Barreto atua, portanto, como um intelectual-mediador na garantia de fiscalização das mais variadas práticas que se dão na cidade. Assim, o refinamento do gosto passa também pelos padrões de higiene. Para Massimo Montanari há uma carga simbólicas nas práticas culturais e estas “mudam de uma época para outra, paralelamente à mudança dos comportamentos concretos da sociedade e dos indivíduos” (MONTANARI, 2008, p.130). Se o cronista soubesse que quase cem anos depois de seus escritos, um dos modismos alimentares do século XX é a comida vendida em caminhões, os chamados *foodtrucks*, dispostos no meio das ruas ou em parques sobre areia e poeira, talvez ficasse decepcionado com o caminho do progresso. O

higienismo significava tanto uma ideologia como uma prática cultural, presente nas diversas esferas da sociedade. Assim, os padrões de modificam, de acordo com o contexto nos quais estão situados. Os parâmetros de higiene marcaram a Primeira República no Brasil de diversas formas: seja no cuidado com os locais públicos, com as doenças ou com o convívio social, seja na promoção de teorias raciais baseadas no cientificismo. O crescimento de uma cidade como São Paulo, que viu sua população crescer vertiginosamente entre finais do século XIX e início do século XX, provocou essas formas de vida baseadas no trabalho informal. Essa convivência de diferentes tipos urbanos (de um lado os trabalhadores populares, e de outro uma burguesia em ascensão) marcaram a experiência urbana:

O crescimento acelerado gerava moradias irregulares e figuras populares inusitadas transitavam pela cidade: a preta-mina cozinheira, os engraxates mestiços, os carregadores, as doceiras, os capoeiras, os vendedores de leite em domicílio, o baleiro ou o cura a oferecer proteção. Todos conviviam com uma nova burguesia que aos poucos se separava do campo e tinha agora nas cidades o seu quartel-general (SCHWARCZ, 2012, p.39).

Se por um lado a imprensa exercia um papel de destaque ao estabelecer os limites desse convívio social e apontar as demandas numa cidade em constante transformação, por outro lado os médicos produziam o discurso oficial, técnico e amparados pela ciência, para promover o progresso. Muito do discurso médico higienista é possível notar nas crônicas: desde a preocupação com os alimentos que deveriam ser consumidos para uma vida saudável até a condenação de práticas populares, como a venda de doces em tabuleiros na porta das escolas, para proteger as crianças.

Das pequenas notas que se tem trabalhado nesta tese, dos indícios de uma tentativa de normatização da vida nas cidades, pretende-se lançar novas luzes sobre um olhar apressado para com as crônicas e olhá-las mais detidamente. Para Michel de Certeau o movimento que faz o historiador é o de *artificializar a natureza*, ou seja, promover estranheza para o que muitas vezes já está naturalizado. O discurso médico e científico entra neste campo: uma sociedade de capitalismo aprofundado como a nossa, que tem o discurso médico ainda muito presente, por vezes naturaliza o cuidado com a saúde como atitude natural. É esse estranhamento que se quer provocar aqui, mostrando que é preciso *modificar a natureza do homem*, sendo assim necessário perceber “a conexão entre uma socialização da natureza e uma ‘naturalização’ (ou materialização) das relações sociais” (CERTEAU, 2008, p.79). A tentativa de internalizar um processo de *naturalização* das relações sociais se pretende capturar aqui nestas análises.

5.3 MEDICINA

Os médicos, especialmente os higienistas e sanitaristas, tiveram papel de destaque durante a Primeira República no Brasil. Por diversas cidades pipocaram projetos de remodelação, reformas e construção de novas estruturas, como as obras sanitárias. Da mesma forma as doenças, bastante comuns em diversas cidades à época, passaram a ser vistas como um problema social. Se as enfermidades já atingiam a população com bastante frequência, por que então é somente entre finais do século XIX e inícios do século XX que elas geram desconforto, desconfiança e preocupação?

A resposta está justamente numa ressignificação das doenças, que passaram a ser vistas como uma questão a ser resolvida com urgência por todo o país, começando pela capital federal. O emblemático caso da *Revolta da Vacina* mostra o quanto de violência a tentativa de acabar com a varíola carregava. Assim, para Hermetes Araújo Reis há uma *modernização das doenças*, afinal, os médicos eram dotados de prestígio e poder e tinham consigo um elevado peso político, sendo abalizados tanto pela mídia impressa como pelos poderes municipais, estaduais ou mesmo nacionais. Eles protagonizaram a modernização do país, e promoveram oposições dos mais variados tipos: sujo e limpo, riqueza e pobreza, e assim, contribuíram para a segregação social e hierarquização dos grupos humanos presentes nas cidades:

Uma crescente diferenciação social que identificou uma ‘insuficiência de civilização’ nos costumes locais e reclassificou os espaços e os indivíduos passíveis de abrigar aquelas doenças como um novo tipo de ameaça, uma ameaça iminente para a cidade e seus habitantes (ARAÚJO, 1999, p.104).

Deduz-se que o que esteve por trás não só das ações médicas, como da divulgação de seus princípios nas páginas dos jornais era, sobretudo, a separação da sociedade entre aqueles que representavam ou não ameaça para a vida urbana. Para Sidney Chalhoub, autor que promoveu aprofundados estudos sobre a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro em 1904, há a construção de uma noção de *classes perigosas*, atribuindo estereótipos às classes populares, numa construção do medo e da segregação social e espacial. A partir disso, as formas de viver, e especialmente de morar das populações mais pobres passam a ser vistas como espaços de proliferação de doenças que necessitavam atenção e cuidado. Isso se traduziu na expulsão sistemática da população pobre dos centros urbanos alvos de reformas e do aburguesamento. Tais locais viraram centros do comércio elegante, da vida *chic* e civilizada que esperavam em

nada lembrar o passado julgado *atrasado* daqueles que ali viveram. Sobre isso o discurso médico foi bastante eficaz e contundente

Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempo de inflação: analisavam a ‘realidade’, faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos mais pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos (CHALHOUB, 1996, p.29).

O problema das habitações coletivas, por exemplo, choca com o normativo burguês divulgado e defendido à época. O que se percebe é que, para além do cuidado com a saúde física, houve também a divulgação de um normativo moral, de formas de conduta social aceitas nesses novos tempos modernos. Assim sendo, os *vícios de todo tipo* estavam relacionados às formas de vida popular, e o julgamento moral ganha contornos de doença. É entre o final do século XIX e o início do século XX que a preocupação com a saúde física e moral passa a ganhar destaque no debate público.

A historiadora Maria Bernardete Ramos Flores aponta que se na década de 1880 a preocupação com a higiene pública se fazia perceber nas ações relativas às doenças contagiosas, a partir de 1890 a medicina entra em mais um debate: o jurídico, através da medicina legal, que trazia

a nova figura do perito, que ao lado da polícia explica a criminalidade e determina a loucura, ou, no caso da sexualidade, as taras, as psicoses, os defeitos que impedem a geração de uma boa prole. Esta política médica tem seus anos dourados nas décadas de 1920 e de 1930, expressa na figura do "eugenista", que passa a separar a população enferma da sã, com os programas "eugênicos de depuração". Tratava-se de curar um país enfermo (FLORES, 2001, p.66).

Desta forma os médicos atuaram não só na vida pública, preocupados com as questões relativas às doenças contagiosas, como também na vida privada, garantindo o caminho à civilização não só pelo controle de epidemias como também pela formação de famílias *modernas*, ou seja, dentro do chamado normativo burguês. Assim, os códigos de conduta passam a internalizar formas esperadas de convívio social. O médico-legal, ao lado do Estado, por exemplo, deveria garantir, como bem aponta Flores, o *controle da sexualidade*, o tratamento dos considerados *degenerados* e o controle dos casamentos. É nesse momento que há as maiores expressões de amor romântico, ou seja, aquele que junta casais de idades e classes sociais próximas. Isso tudo fez parte de um aparato de condução da sociedade à desejada civilização. Por isso, os manuais

médicos, por exemplo, eram bastante comuns e conhecidos, e divulgavam um conhecimento do corpo humano e sua psique. O conhecimento médico (já dividido em algumas especialidades) ganha destaque na organização de uma República que se queria moderna

Este é o caso da particular configuração assumida pela relação entre ciência, República e o lugar social dos cientistas no caso dos engenheiros e dos higienistas que atuam na Primeira República, e que se veem e são vistos como agentes modernizadores por excelência no país, porque artífices da modernização de sua cidade-capital (NEVES, s/p, 2010).

Separando a população entre sã e doente, entre limpa e suja, entre ameaça e amedrontados, os médicos parecem ter ganhado destaque na atribuição de seu protagonismo na condução do país a uma sociedade moderna. Inicialmente bastante presentes na capital federal, espalham-se por diversas experiências urbanas e conduzem a uma hierarquização da sociedade marcada por aqueles que já tinham atingido a civilização, aqueles que poderiam vir a atingi-la e os que jamais conseguiram galgar estes espaços e que deveriam ser *isolados* da sociedade, seja pelo afastamento de suas moradias do perímetro central ou pela internação em locais de isolamento como prisões e manicômios. Não é de se estranhar que este é o momento em que entram em voga as teorias raciais, que promoveram a diferenciação social com base na coloração da pele, assentada em teorias científicas bastante difundidas.

Marcadores sociais de diferença dos mais vigorosos, porque condicionados por realidades e hierarquias sociais, mas moldados por critérios considerados racionais e objetivos – porque biológicos – faziam agora grande sucesso. Um novo racismo científico, que acionava uma pletera de sinais físicos para definir a inferioridade e a falta de civilização, assim como estabelecer uma ligação obrigatória entre aspectos ‘externos’ e ‘internos’ dos homens (SCHWARCZ, 2012, p.21).

A República se queria moderna e, portanto, branca. Este era entendido como um fator fundamental para a ascensão social e acesso à civilização. Assim, os imigrantes europeus significaram também a esperança do branqueamento da população. Mesmo os imigrantes viviam também em condições questionáveis à época de higiene, morando em casas conhecidas como cortiços, que representavam o medo da proliferação de doenças. Ainda assim a associação entre perigoso e seguro, limpo e sujo, certamente passava pelos padrões raciais.

Mas para dar conta de um projeto de modernização que se sonhava para todo o país foi preciso a utilização de outro profissional, além dos médicos, mas também responsável por esse processo modernizante. Os engenheiros figuravam como uma outra ponta do processo de transformação social. Assim

Os efeitos perversos das más condições de moradia na saúde e na formação moral da população operária se tornam o cerne das preocupações sanitárias nos anos iniciais do governo republicano, momento em que, justificada pela epidemia de febre amarela em várias cidades próximas e na capital do estado, uma comissão de higiene, composta por médicos e engenheiros, inspeciona os cortiços do bairro de Santa Ifigênia, região central da cidade e um dos redutos da população imigrante (BRESCIANI, s/p, 2010).

A região citada pela autora, periférica ao Triângulo Central, era um local de moradia de trabalhadores, que viviam nas habitações populares conhecidas por cortiços. Estes representavam tudo aquilo que não se queria na moderna República do Brasil: ajuntamento desordenado de pessoas, local de difusão de epidemias, práticas sexuais populares. Ou seja, os cortiços representavam o exato inverso do que as elites projetaram para a sociedade. Para Chalhoub “os cortiços são vistos tanto como um problema para o controle social dos pobres quanto como uma ameaça para as condições higiênicas da cidade” (CHALHOUB, 1996, p.31). Desta forma, o afastamento destas construções do perímetro central para abertura de espaços para novas obras públicas marca o período e colocam aos médicos e engenheiros certas responsabilidades para condução da vida urbana.

Há, portanto, uma racionalização bastante evidente no período, e uma divulgação dos saberes científicos. O higienismo e a racionalização, somadas aos projetos de embelezamento estão na base do processo civilizador. Para conduzir estes caminhos os poderes públicos contaram com suas próprias ações mas também com os engenheiros e médicos, para dar conta do que a vida moderna demanda.

Entre as crônicas de Plínio Barreto há duas delas que demonstram bem as formas de divulgação de saberes científicos pela via da imprensa. A primeira delas diz respeito à qualidade da água, problema latente e em debate à época:

Essa fiscalização é, de facto, muito necessária. Nem se compreende que numa cidade como S.Paulo, onde a água é péssima, os proprietários de restaurantes tenham a deshumanidade de a fornecer a seus fregueses sem previamente a filtrarem de suas maiores impurezas.

Ora, a câmara poderia ter ido um pouco mais longe, reclamando do Serviço Sanitário uma fiscalização severa desses estabelecimentos, não só quanto a falta de filtros, como em relação a outras falhas na hygiene de taes casas, principalmente o uso dos pratos de mesa para os trocos.

Ainda há dias fomos a um restaurante em procura de um amigo e tivemos a oportunidade de vêr um ‘garçon’ depositar numa das mesas um prato com três cédulas de mil réis muito sujas e vários nickels, e, logo que o freguês embolsou o troco, recolocar o mesmo prato na pilha comum, de onde os seus companheiros retiravam a louça e os talheres para o serviço...

Há poucas excepções a regra geral, uma das quaes é o ‘Gambrinus’, onde não só se lavam com frequência e à água frevente, os pratos, como não se empregam estes nos trocos (OESP, 23 ago. 1921, p.6).

A necessidade de filtrar a água é um debate do campo médico, que parte do conhecimento do corpo humano, e das doenças que a ele atingem, bem como sua proliferação. Assim, considerar desumano a água servida nos restaurantes apresenta-se mais como uma questão de saúde que com formação de gostos subjetivos ou coisa que o valha. Da mesma forma que a preocupação com a cédulas e moedas e a forma como os garçons traziam os trocos: a utilização dos mesmos pratos que serviam comidas para entrega do troco deixa Barreto chocado. Esta também se apresenta como uma questão de saúde. Se o dinheiro circula, ela o faz por diversos espaços e entre várias pessoas. Assim sendo, era um potencial transmissor de doenças, pois não sabia por onde ele tinha andado. Representava, portanto, um perigo evidente. Ao final o cronista parece fazer uma espécie de *publicidade* de um certo estabelecimento comercial, o restaurante *Gambrinus*. Como Plínio Barreto criticava constantemente as casas comerciais voltadas da alimentação, utilizava de certo exagero para apontar que não existiam casas decentes ou mesmo limpas, possivelmente tinha alguma relação pessoal com o dono do estabelecimento ou mesmo recebeu alguma recompensa para fazer este tipo de anúncio em seus escritos.

Outra preocupação médica é presente em crônica de Plínio Barreto é a divulgação de conhecimentos médicos relativos à alimentação saudável:

O melhor dos alimentos

Sob esta epigraphe, ‘Comcedia’, o excellent journal pariziense, publicou num dos seus números mais recentes, um artigo do professor A. Desgres da Academia de Medicina daquela capital, - sobre o papel primordial do peixe na alimentação. Os leitores, que se tem interessado pelas medidas tomados agora pela Prefeitura para fornecimento do peixe fresco à população, acharão decerto interessante o assumpto desse artigo.

Do ponto de vista da hygiene alimentar, escreve o dr. A. Desgrez, os peixes formam um grupo passavelmente heterogêneo. Só o peixe, pelos proteicos que contém, se aproxima da carne, a menor proporção de compostos xanthicos, isto é, formadores de acido úrico, é toda em sua vantagem. Rosenfeld concluiu, de grande número de observações, que o peixe dá a mesma saciedade que a carne e permite a mesma utilização das forças no homem de esporte e no sedentário. É sabido que certo numero de povos à frente dos quaes estão os japonezes, vivem de peixe e se abstêm quasi completamente, de carne. Nada justifica, pois, o descrédito do regimen designado pelo nome de ‘magro’. O nosso systema nervoso, o nosso coração e os nossos vasos tem verdadeiro repouso com esse alimento.

A carne de peixe magro é tenra e delicada, permanece pouco no estomago. No intestino, a absorção dos productos de sua digestão é quasi completa. Se o peixe é fresco, dá logar a fermentações menos abundantes do que a carne comum. É tambem menos irritante para os rins. Frito, assado ou cosido, com ou sem molho, o peixe magro convem aos dispépticos. Nas perturbações

intestinaes o peixe fresco é mais bem digerido do que a carne. Os médicos o aconselham aos convalescentes. Se lhes é útil pelos proteicos de fácil digestão, presta-lhes serviço por sua riqueza em substancias orgânicas phsphoraes e em princípios mineraes. Entre estes se acha o flúor, cuja acção, combinada com a do phosphoro, favorece, como mostrou Armand Gautier, os phenomenos de crescimento e de reparação do organismo.

Nos retardados da nutrição, nos obesos, nos gotosos, nos rheumaticos, nos doentes atacados de cólicas hepaticas ou nephreticas, há todo o interesse em empregar o peixe para variar o regimen e sobretudo para reagir contra os abusos cárneos. O peixe é, além disso, um alimento bem indicado nas moléstias do grupo do arthritismo.

Na albuminuria, tem-se considerado o peixe como nocivo. Mas a nocividade do peixe na albuminuria é devida a que elle não é nunca fresco. Daremberg sustenta que o peixe absolutamente fresco pode provocar verdadeiras curas de albuminuricos.

Os peixes gordos são, naturalmente, mais nutritivos que os magros. A gordura é o alimento mais rico em carbono, e por conseguinte o mais apto a produzir calor.

É por isso que o peixe pode fazer papel de um alimento completo entre os esquimós.

No diabetes, doença deliberante por excellencia, o peixe gordo presta notáveis serviços. Mas o doente que tirará o melhor partido do peixe gordo é o tuberculoso que deve sempre superalimentar-se delle, se o seu estomago lh'e permite.

Os obesos, os doentes de dispepsia de origem gástrica ou intestinal, de eczemas, de moléstias do fígado, do coração e dos rins devem se abster de peixes gordos. – P. (OESP, 12 abr. 1928, p.5).

Esta publicação é bastante emblemática. Ainda que não se dedique a discutir os espaços públicos e comerciais dedicados às práticas alimentares, pode falar muito sobre a relação com a medicina, área do saber com tanto destaque à época.

O primeiro ponto que chama a atenção é a mudança do estilo narrativo da crônica. Ao utilizar o jargão médico, bem como os termos técnicos, o cronista procura demonstrar domínio intelectual do assunto bem como o crédito da ciência estipulado pela citação ao autor original, novamente francês. Tratava-se de um médico. Plínio Barreto fez aqui novamente o papel de intelectual-mediador, trazendo para o público leitor o acesso a discussões não tão facilmente encontradas, como a publicação francesa por ele citada. Além disso, parecer estar em acordo com a prefeitura, que no mesmo período estava à frente de uma ação para distribuir peixe fresco aos habitantes da cidade. Como nesta lógica moderna cabia ao poder público *cuidar* da saúde da população, uma das medidas parece ter sido o estímulo ao consumo de peixe fresco, assegurado como saudável pelos médicos franceses.

Se o tom da época era copiar o modelo parisiense, na alimentação isso não se dá de forma diferente, apesar de não ser possível afirmar categoricamente que todas as práticas alimentares paulistanas foram importadas dos franceses, afinal, a cidade foi formada também

por negros, indígenas, além dos italianos, alemães, japoneses e pessoas vindas de toda parte do globo em busca de oportunidades. Há aqui o entendimento de que

Mas o gosto também é saber, é avaliação sensorial do que é bom ou ruim, do que agrada ou desagradar: e essa avaliação, como dissemos, vem do cérebro antes que da língua. Sob esse ponto de vista, o gosto não é de fato uma realidade subjetiva e incomunicável, mas coletiva e comunicada (MONTANARI, 2008, p.96).

Assim, entende-se que as experiências alimentares se apresentam coletivamente e são possíveis de serem capturadas pelo historiador. O gosto aqui é compreendido como experiência social partilhada, seja pelo entendimento do que é *chic* como pelo do que é considerado saudável.

A utilização de linguagem técnica, com termos como xânticos, ácido úrico, flúor e fósforo parecem trazer credibilidade à escrita do cronista. É uma narrativa que destaca os caminhos do alimento no corpo e um aparente domínio sobre o conhecimento científico que o autor nos dá a ler em suas crônicas. Apontando todos os benefícios do consumo de peixe fresco, especialmente para os doentes e todos os tipos de enfermidades, Plínio Barreto demonstra dar credibilidade à medicina e portanto, acreditava nela como um agente que conduziria a uma vida saudável, entendimento primordial da modernidade no Brasil

A medicina moderna é uma imagem decisiva deste processo, a partir do momento em que o corpo se torna um quadro legível e, portanto, traduzível naquilo que se pode escrever num espaço de linguagem. Graças ao desdobramento do corpo, diante do olhar, o que dele é visto e o que dele é sabido pode se superpor ou se intercambiar (se traduzir). O corpo é um código à espera de ser decifrado (CERTEAU, 2008, p.15).

Transformar o corpo e seu funcionamento em linguagem acessível ao público é uma atitude que se pode chamar de moderna. Esta preocupação do autor não aparece apenas nas crônicas em que se discute alimentação. Plínio Barreto mostra em seus escritos uma preocupação latente com a cidade: projetos de arborização, construção de praças e parques, alargamento e calçamento de ruas: em todas as colunas sobre esses assuntos diversos ele utiliza a medicina para justificar uma tomada de providências.

Dessa forma o cronista vai se constituindo como mediador. Explica minuciosamente, transforma o conhecimento técnico em linguagem mais acessível, cobra dos poderes públicos: Plínio Barreto foi um homem de ação, que tentou atuar na condução à modernidade, gerenciada pelos poderes públicos, mas que contavam com os médicos e engenheiros, e também da imprensa periódica, como é o caso aqui estudado.

A cidade atrativa, onde muita gente circula, exige atenção, pois onde circulava muita gente, entendia-se que circulava também muita doença. Eram locais propícios para disseminação de pestes. Assim, o controle das doenças exigiu a atuação não só dos poderes públicos como também de outros atores sociais.

Desta forma, por mais desejada que fosse a metrópole, ela gerava também medo e desconfiança. Era uma experiência nunca antes vivenciada, portanto, como lidar com essa transformação tão contundente? O próprio cronista é um bom exemplo desta confusão: ao mesmo tempo que publicava cotidianamente o reconhecimento de São Paulo como metrópole, ao lado dos grandes exemplos modernos, especialmente os vindos da Europa e dos Estados Unidos, não se conformava com os barulhos da cidade, com as buzinas, com a velocidade dos automóveis, com o ajuntamento de gente nas esquinas e comércios locais. Era crítico feroz da construção dos arranha-céus, que começam a aparecer em São Paulo já na década de 1920. Seu modelo de metrópole era o europeu, mas viu, aos poucos, a cidade sucumbir ao modelo norte-americano, voltado para construção de rodovias e prédios gigantes, que marcam até hoje a paisagem urbana da cidade.

Num entretempo entre experiência e expectativa, lançar-se ao novo exigia a segurança técnica garantida pela medicina e pela engenharia. Eles foram os responsáveis pela transformação assustadora e vertiginosa por qual passou a cidade de São Paulo no período aqui estudado.

5.4 SER MODERNO

Ainda que figure também como uma ação prática, a modernidade operava também no campo da imaginação. Promoveu sonhos e expectativas de liberdade, consumo e elegância. Tais expectativas podem ser percebidas tanto pelas crônicas que Plínio Barreto como pelos anúncios publicitários aqui já citados. Mas, para garantir a chegada da modernidade, foi necessário montar um aparato de controle social para garantir sua execução.

A relação entre o corpo e a cidade é bastante curiosa e tem sua historicidade. Richard Sennet em seu livro *Carne e Pedra* busca promover uma reflexão sobre diferentes experiências urbanas e seus habitantes, desde a antiguidade até o século XX. A construção de cidades modernas, experiencia localizada notadamente do continente europeu e que se espalha por outros tantos lugares do mundo, esteve pautada no conhecimento do funcionamento do corpo humano. Para o autor esse entendimento do corpo – o conhecimento da circulação sanguínea,

por exemplo -, “coincidiu com o advento do capitalismo moderno, contribuindo para o nascimento de uma grande transformação social: o individualismo. O homem moderno é, acima de tudo, um ser móvel” (SENNETT, 2001, p.213). Relacionando as noções de mobilidade vindas da biologia (do sangue e do ar, por exemplo), e o entendimento que o homem moderno é também um ser móvel, os planos urbanísticos se alteram consideravelmente. Assim, a chamada *Revolução de Harvey* modificou planejamento urbano, e a partir de então

Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável (SENNETT, 2001, p.214).

Compreender a cidade como um corpo vivo foi uma das ideias que pautaram as reformas urbanas que se iniciam na Europa e se espalham por partes do mundo, como o Brasil.

As cidades foram então reformadas com intuito de promover a circulação. O uso dessa linguagem corporal – artérias e veias, por exemplo – estão até hoje presentes quando falamos da organização da cidade. Assim, entende-se que a compreensão do corpo humano, além de estar presente no discurso médico que visava a saúde pública e privada, estava também presente no planejamento urbano, no alargamento das ruas, na construção de avenidas, de parques e praças.

Portanto, para construir essa cidade moderna foi preciso um significativo aparato para formar a civilidade, ou seja, as formas de conduta a se seguir para chegar à civilização, uma ideia imaginada mas que povoou o imaginário daqueles que buscaram conduzir São Paulo neste caminho.

São deste período inúmeros projetos e obras por toda a cidade que davam a ler a ideologia higienista. O ponto máximo da modernidade paulista, a Avenida Paulista, é um exemplo deste contexto. Nesta época parte do Brasil conviviam cotidianamente com doenças das mais variadas – tuberculose, tifo, febre amarela -, e o cenário não era diferente em São Paulo. Por isso o discurso higienista ganhou corpo e se espalhou, deixando de se interessar apenas pela cura de doenças e promovendo ideias que chegavam à estrutura urbana e à formação moral do cidadão comum. Assim, obras como a Avenida Paulista são marcos da modernização da cidade que se apresentam como uma maneira de *limpar* ou higienizar, pautadas num padrão europeu de estética urbana.

Alguns poucos casarões estão presentes na fotografia exposta, entretanto outros elementos nos permitem perceber um discurso higienista em prática e a influência do modelo

de cidade europeu. Uma larga avenida com arborização contínua e simétrica marca a Avenida. A presença de plantas e projetos paisagísticos está relacionada à circulação do ar, a um processo de embelezamento e à construção de um ambiente de moradia e sociabilidade saudáveis.

Figura 34 Marco da modernização, a Avenida Paulista foi inaugurada em finais do século XIX e figurou como área de moradia da elite cafeeira que construiu seus casarões na região. Foto de Guilherme Gaensly, 1902. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=7260> Acesso

Esta é uma das alterações mais visíveis dos planos higienistas. Entretanto, eles se expressavam de variadas formas e estavam presentes em vários setores da sociedade. Assim, para construir essa metrópole moderna era preciso incutir novos hábitos para regular o convívio social. Explícitos em leis e códigos de posturas, ou implícitos na forma de normas sociais e autocontrole, os mecanismos de controle da população eram variados.

Se por um lado os engenheiros foram responsáveis por boa parte das reformas urbanas, projetando parques, avenidas e prédios, por outro os médicos higienistas e sanitaristas atuavam em conjunto, estabelecendo pareceres sobre os perigos, as obras necessárias e conduzindo as cidades para um futuro *sem doenças*. Assim, boulevares, parques ajardinados que promoviam convívio em ambiente saudável, repleto de natureza *organizada* foram grandes obras do

período, tal qual o Parque do Anhangabaú, que teve seu ajardinamento concluído na década de 1910 e situa-se ao lado do Theatro Municipal, também inaugurado no período. Todos estes exemplos marcam a cidade de São Paulo e seu processo de modernização ao estilo europeu. Os cientistas tiveram, portando, lugar de destaque, como no caso dos engenheiros e dos higienistas que atuam na Primeira República, e que se veem e são vistos como agentes modernizadores por excelência no país, porque artífices da modernização de sua cidade-capital. (NEVES, s/p, 2010).

Ao lado dos engenheiros e dos médicos atuava parte da imprensa, que se colocava favorável a diversos projetos de reformas e que deseja viver em uma grande metrópole nos trópicos. O discurso higienista ganhou reverberação por alguns impressos periódicos, que em várias sessões estimulavam obras, reformas e condutas. Assim atuou Plínio Barreto: em prol da modernização, do desenvolvimento urbano e da transformação de condutas. Ele era favorável ao processo civilizador aos moldes europeus. Por conta disso, usava de seu espaço nas *Coisas da Cidade* para propagar formas de comportamento adequadas, obras que julgava necessárias e ainda controlava o poder público municipal cobrando reformas e o andamento de projetos. Um *intelectual-mediador* no sentido de que, mais do que reproduzir conteúdo, produzia sentido, colocava-se do texto e buscava intervir no cotidiano da cidade.

Criar demandas e necessidades é uma das tarefas mais comuns a diversos setores no modelo capitalista de sociedade. Assim, a partir de um padrão higienista, que se apresentava das obras urbanas aos cuidados com higiene pessoal, uma área que passa a ter bastante destaque é a dos medicamentos e cosméticos, que foram divulgadas através de publicidade publicada diariamente nos jornais. Além destes, bebidas e alimentos também aparecem com frequência nos anúncios, e em alguns exemplos encontramos o aval médico para o consumo de alimentos que eram divulgados via publicidade. O que garantia o sucesso de um produto era a indicação médica, mostrando mais uma vez a presença dessa ideologia higienista que se expressava de variadas formas. Aqui o que está em questão, portanto, é a presença do discurso médico em diferentes esferas: eles atuaram não só no tratamento e controle de doenças mas também na organização das cidades, nos projetos urbanísticos e na vida cotidiana através da voz autorizada que garantiam a *qualidade* dos produtos, como é o caso que se segue abaixo:

Figura 35 Anúncio do Guaraná Espumante, publicada em 10 de dezembro de 1922

**Mais alguns valiosos attestados
sobre o valor e a superioridade do
"GUARANA' ESPUMANTE"**

Os srs. Zanotta, Lorenzi & Cia, receberam mais os seguintes attestados sobre a deliciosa bebida nacional:

DR. JOAQUIM DOMINGOS LOPES: — "Attesto que como bebida aperitiva o *Guaraná Espumante* preenche seus fins. Isento de álcool, tão nocivo á saúde, elle está fadado pela natureza da seus componentes a prestar relevantes serviços á humanidade, no combate ás bebidas alcohólicas."

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA: — "Bebo com prazer e aconselho de boa vontade o uso do *Guaraná Espumante*; agradável para quem se sente fatigado e deseja ingerir uma bebida de gosto saboroso, desalterante e tonificante embora não contenha álcool; notando-se que essa ausencia de álcool é uma das suas mais recommendaveis qualidades."

DR. ALBERTO SEABRA: — "A propaganda das bebidas hygienicas está na linha dos melhores recursos a empregar contra as devastações do alcoolismo. O *Guaraná Espumante* é deste numero: — bebida refrigerante, salutar, adequada ao nosso clima e á nossa gente. Que elle se incorpore aos usos e costumes populares, substituindo-se aos falsos aperitivos, mais ou menos typicos, aos vermouths, quinquinas ou não, aos licores em geral, e aos mil artificios da industria alcohólica, são os meus votos."

O anúncio acima citado traz elementos que auxiliam a comprovação de que a ideologia higienista se mostrava de diversas formas. O anúncio do *Guaraná Espumante* é bastante sintomático, trazendo para a peçapublicitária o aval de três médicos. A questão não era afirmar o quão saboroso era o produto, mas sim o quanto ele poderia ser consumido sem causar riscos à saúde. Entram e jogo neste momento a preocupação excessiva com o corpo, com o cuidado de si e com a saúde física e mental. *Bebidas higiênicas e isentas de álcool* são as características que fazem do *Guaraná Espumante* uma bebida saudável a seu tempo.

Muito mais que um ato biológico, a alimentação humana é um ato social e cultural. Mais que um elemento da chamada 'cultura material', a alimentação implica representações e imaginários, envolve escolhas, classificações, símbolos que organizam as diversas visões do mundo no tempo e no espaço. Vendo a alimentação humana como um ato cultural, é possível pensa-la como um 'sistema simbólico' no qual estão presentes códigos sociais que operam

no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (MACIEL, 2004, p.25).

Entende-se que aqui está se falando de consumo. A escolha por determinados alimentos em detrimento de outros diz respeito não só a um *gosto* pessoal, mas também, e principalmente, como uma decodificação de códigos sociais e a internalização de gostos que são difundidos e construídos em uma dada coletividade. Assim, os gostos também mudam de acordo com o contexto, o espaço, o tempo. Neste sentido, o *Guaraná Espumante* aqui apresentado é apenas um dos exemplos entre tantos outros do período, que demonstram a preocupação com a higiene e a saúde, que pautavam os padrões de conduta e consumo, ou seja, faziam parte de um código social. Trazendo para a publicidade o aval dos médicos, verdadeiras vozes autorizadas para garantir o consumo de um produto saudável, percebe-se que havia a intenção de construir demandas e necessidades de consumo, operando assim um sistema simbólico e modificando a relação *natural* do comer – como forma de acabar com a fome -, para um ato *cultural* que envolve a escolha do alimento pautada na atribuição de sentido ao alimento.

A tentativa era de afastar do Triângulo Central e das áreas destinadas às elites locais (como a Avenida Paulista e os bairros de Campos Elíseos e Higienópolis) toda e qualquer manifestação humana que não fosse condizente com os tempos modernos. Assim, ações em torno das moradias populares, das doenças e dos hábitos mais cotidianos passam a sofrer intervenções. As habitações coletivas conhecidas por cortiços foram um dos principais focos de intervenção. Com a justificativa de afastar as doenças, as políticas sanitaristas acabavam por provocar uma espacialização social, através de políticas públicas que intervieram diretamente nas moradias populares, mais conhecidas como cortiços. No centro de São Paulo uma das zonas mais conhecidas por este tipo de habitação era a rua Santa Ephigênia, onde entre seus moradores figuravam imigrantes trabalhadores da indústria e os trabalhadores informais. Tais políticas públicas tiveram à frente médicos e engenheiros que repensavam o contorno urbano:

Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempo de inflação: analisavam a ‘realidade’, faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos mais pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos (CHALHOUB, 1996, p.29).

Era um tempo de *verdades absolutas* na visão dos médicos e engenheiros: diagnosticavam hábitos que consideravam perigosos e intervinham com o argumento do combate às doenças. É

importante destacar que os cortiços eram “vistos tanto como um problema para o controle social dos pobres quanto como uma ameaça para as condições higiênicas da cidade” (CHALHOUB, 1996, p.31). Nesse sentido, entendia-se que era necessária uma transformação de mentalidades: acabar com os hábitos mais provincianos, da moradia à alimentação.

A cidade sempre foi um espaço polifônico. Então, por mais tentativas de se homogeneizar e organizar a forma de vida a partir de normas e condutas padrão, práticas consideradas *atrasadas ou desajustadas* continuavam a acontecer no espaço urbano. As quitandeiras a vender doces de frutas, os engraxates circulando pelas ruas, os doceiros ambulantes, os vendedores de vassouras apontavam para uma cidade com vida, mas não a vida moderna que se esperava. Se de um lado médicos, engenheiros, jornalistas e o poder público já haviam projetado uma cidade do futuro, por outro a cidade daquele presente mostrava seus mais variados nuances. A cidade moderna é a cidade do encontro. É este convívio de corpos, classes sociais, traçados étnicos que formam uma metrópole. Entretanto, a São Paulo que se desejava assim, a das elites intelectuais, desejava também um processo civilizador forçados a todos aqueles que estivessem fora das normas estabelecidas para o bom convívio social. É o incômodo do conviver com o outro que se apresenta na urbe moderna.

Figura 36 Vendedor de Vassouras em famosa fotografia de Vincenzo Pastore, no centro da cidade em 1910 (Acervo do Instituto Moreira Sales). Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/2101> Acesso em: 10 dez. 2017.

O homem retratado na fotografia acima é um bom exemplo deste tipo urbano que convivia na cidade em transformação: negro e vendedor ambulante, ele representava o indesejado nessa sociedade que se imagina metrópole. Vender vassouras no meio da rua – ou qualquer outro

produto -, não era um hábito estimulado, mas era atividade necessária para viver. A cidade era, portanto, plural. Dos vendedores de vassouras aos barões do café, todos circulavam pelo Triângulo Central. Ainda assim, muitas práticas comuns até então passam a ser desestimuladas e condenadas. É deste momento a noção de que havia *classes perigosas*:

Baseados nesses três ideais modernizadores – higienização, embelezamento e racionalização – e, em alguns casos, na necessidade de evitar ou reprimir possíveis revoltas das classes pobres, identificadas como classes perigosas, os administradores europeus passaram a intervir de maneira mais efetiva no espaço urbano com o objetivo de transformar a velha urbe antiquada, herdada do período medieval, em uma cidade civilizada, dotada de novos atributos que a modernidade passara a exigir (FOLLIS, 2004, p.24).

Trazendo à tona o exemplo europeu, Follis aponta que o contexto brasileiro de reformas não foi diferente: as classes perigosas aqui foram identificadas como todas aquelas que apresentavam resistências à modernidade, e não se enquadravam nos novos padrões. Assim, a associação entre pobre e sujo passa a fazer parte do imaginário social.

Entende-se que somente os médicos e os engenheiros, juntos ao poder público, não teriam difundido de forma tão eficaz os preceitos higienistas se não fossem as intervenções da imprensa periódica. As políticas higienistas, portanto, não foram promovidas por homens sós, isolados da sociedade. Encontraram reverberação nos impressos, seja em notícias, em crônicas ou nos anúncios publicitários. Os jornais auxiliaram tanto na promoção de políticas públicas como na construção de novos hábitos.

Enquanto a publicidade criava demandas e construía desejos e padrões de consumo, o cronista do *Estado de S. Paulo* buscava refletir e controlar as práticas urbanas. Assim, *Coisas da Cidade* procura garantir uma chegada segura à civilização e ao progresso imaginados, a partir do olhar perspicaz sobre as transformações da cidade de Plínio Barreto. O cronista foi, provavelmente, um dos atores neste processo de modificação do traçado urbano, das normas de convívio social, enfim, do processo civilizador paulistano. Versando sobre as mais variadas temáticas incluiu na pauta do dia debates sobre as plantas adequadas para os parques da cidade, discussões sobre a Light e seus serviços, sobre a higiene nos restaurantes e cafés. Um observador que ocupava lugar privilegiado que buscava interferir no cotidiano da cidade.

5.5 A CRÔNICA-DENÚNCIA

Em suas *Coisas da Cidade* Plínio Barreto dedicou-se exaustivamente a controlar, discutir e denunciar a vida urbana de forma geral. Assim, em relação aos locais próprios para comer e beber, o cronista foi bastante rígido. Avaliava restaurantes e cafés – frequentados diariamente por aqueles que tinham o Triângulo Central como local de trabalho e convivência diária – e suas condições de funcionamento. Reclamava repetidamente sobre a falta de locais apropriados para se experienciar a modernidade e era categórico ao alertar, por exemplo, que não existia em São Paulo nenhum café de primeira qualidade, ou que a falta de higiene nos estabelecimentos era bastante comum. Em 01 de fevereiro de 1920 escreveu:

Há dias, por exemplo, chegou-me às mãos uma carta em que certo cavalheiro denunciava a falta de hygiene nos restaurantes da cidade. ‘Já não são muito bons, diz o meu correspondente, os nossos principaes restaurantes e hotéis, estando, uns e outros, muito longe dos estabelecimentos congêneres, de segunda ou de terceira ordem, da Europa ou dos Estados Unidos, ou mesmo de Buenos Aires (OESP, 01 fev. de 1920, p.7).

Desta forma o cronista vigiava e denunciava as práticas até então comuns. A preocupação com a higiene foi uma modificação de sensibilidades que passou por diversos aspectos da vida cotidiana. Da preocupação com epidemias como a varíola⁸⁴, ainda no início do século, aos cuidados com o corpo e às reformas urbanas (canalizações, saneamento, arborização) as políticas higienista estiveram em pauta e em foco ao longo do século XX. Ser moderno é viver de forma condizente aos hábitos higiênicos – daí a preocupação constante do autor com o serviço dos cafés e restaurantes.

De preocupação natural de sobrevivência o ato de comer foi se transformando e, no século XX em São Paulo esteve imerso no processo de transformações urbanas, nos hábitos que se modificaram e nas distinções sociais, consideradas necessárias. Tendo em vista que estabeleciam quem eram aqueles que tinham acesso ao novo mundo, e aqueles que não tinham ainda alcançado este estágio, numa compreensão progressista do mundo. Reinhart Koselleck (2006, p.317) é pontual:

O que a modernidade traz de novo é a noção de progresso, termo cunhado por Kant. Progresso, para o autor, é a descoberta de um novo horizonte de expectativa: “desde então toda a História pôde ser concebida como um processo de contínuo e crescente aperfeiçoamento (...) Em suma: a partir de então o horizonte de expectativa passa a incluir um coeficiente de mudança que se desenvolve com o tempo.

⁸⁴ Cf: CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril.

É notável que as transformações ocorridas em todos os âmbitos desde o início da República em 1889 geraram expectativas diversas entre a população. A mudança de um sistema de governo traz consigo esperanças ou medos, deposita expectativas de transformações. Com o fim do trabalho compulsório, o trabalho livre passa a ser o esperado no país.

Imigrantes europeus chegam com promessa de terras e de boas condições de vida. Por outro lado, libertos e ex-excravizados ficaram à margem desse processo. O êxodo rural foi evidente, provocando o inchaço de cidades como São Paulo. Ao mesmo tempo, os barões do café – protagonistas do processo que chamamos de Primeira República – mesmo atuando em fazendas no interior do Estado, ocuparam também cargos públicos ou mesmo migravam para a cidade para fomentar e aproveitar as benesses das novidades. Bairros como Higienópolis e Campos Elíseos são exemplos de locais transformados para atender as demandas de uma nova forma de vida.

As relações de trabalho em crise e os altos custos de vida nas cidades são emblemáticos do período em questão. Mas, além disso, as novidades que dia-a-dia tomavam o Triângulo Central provocavam euforia e expectativas. Sevcenko aponta que a virada de década (de 1919 para 1920) trouxe esperança à capital paulista. Após episódios de doenças, pragas nas lavouras, greves e mesmo os horrores da Primeira Guerra Mundial, São Paulo entrava com euforia no novo decênio. A década de 1920 foi um período de inúmeras transformações. É quando a capital do estado se transforma em metrópole, quando chegam os carros, quando o plano de avenidas é projetado e quando boa parte do Triângulo Central passa por melhorias em sua estrutura.

Mesmo após difíceis experiências sobre viver na cidade – morar, trabalhar, cozinhas – as expectativas se delineiam. De forma animada mas cuidadosa com os novos tempos Plínio Barreto parece estar sempre imerso nas questões cidadinas. Aponta as necessidades de reformas, os estabelecimentos adequados à vida moderna e conduz, por meio de suas crônicas, os leitores à chamada modernidade.

Por meio das páginas do *Estado de S. Paulo* desenhou-se parte das expectativas sociais sobre o que deveria vir a ser a cidade de São Paulo num futuro próximo. Esperar que a entrada no mundo civilizado se concretizasse amplamente exigiu ação, e foi por meio das palavras que o cronista foi um dos personagens que fomentou, difundiu e auxiliou a construção de novos hábitos citadinos – hábitos burgueses que se consolidaram ao longo do breve século XX. Os tempos modernos são então marcados pelas categorias em diálogo, mobilizadas por Koselleck (2006, p.308):

experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam o passado e o futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.

O tempo histórico em questão diz respeito, portanto, às expectativas sociais criadas em relação ao futuro – o ser moderno – e o tempo passado, tempo das experiências que se esperava superado.

É necessário atentar que tais transformações aconteceram e a ascensão ao mundo civilizado e a adequação de São Paulo aos moldes europeus e norte-americanos se deu às custas de exclusão social. Aqueles que não se alinhavam aos padrões colocados compunham o que Sidney Chalhoub chamou de *classes perigosas*, e representavam ameaças importantes ao modelo burguês.

Assim, diversas foram as práticas populares desestimuladas e condenadas no espaço urbano. O trabalho informal, realidade necessária tendo em vista a marginalização a que foram conduzidos milhares de trabalhadores do país, passou por duras críticas. *Quitandeiras*, por exemplo, tinham local delimitado para exercer suas atividades no Triângulo Central – apenas na Rua da Quitanda. Se fossem encontradas em outros locais representavam perigo à ordem vigente. Desta forma o cuidado com o comer passou a ser preocupação constante. Com estabelecimentos próprios – e vigiados – para o consumo de alimentos, as atividades informais de venda de refeições passou a ser cuidada e condenada, ação própria das políticas higienistas.

Para que o estudo histórico sobre o cotidiano seja possível é necessário o contato com documentos que possibilitem o acesso ao passado do comum, do ordinário. Para compreender estas ações do dia-a-dia cabe recorrer a testemunhos da vida cotidiana. Maria Izilda Santos de Matos afirma que “outrora rejeitada como trivial, a História do cotidiano passou a ser encarada como uma possibilidade de recuperação de outras experiências (MATOS, 2002, p.25). Ao entrar em contato com o passado da cidade de São Paulo por meio das crônicas publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* nos anos 1920 - tempo de um incontável número de transformações urbanas – é possível perceber a construção de uma nova sensibilidade do conviver no espaço urbano.

Neste sentido entende-se que as crônicas, tais como as publicadas na coluna *Coisas da Cidade*, apontam pela escrita do cronista, questões latentes no cotidiano do período. Obras, higiene, projetos, recepções são alguns dos temas que Plínio Barreto se dedicou a narrar em sua coluna. Ou seja, o cronista pareceu preocupado com todas as modificações – estruturais e subjetivas – de um novo modo de vida: o ser moderno.

Entre tantas preocupações no seio de uma sociedade em transformação, o ato de comer, e especialmente de comer fora de casa, foi tópico importante nas discussões de *Coisas da Cidade*. Para além da abertura de ruas, construção de avenidas e praças, a vida dos homens e mulheres que caminhavam e viviam essa cidade estiveram em pauta nas páginas diárias do jornal.

É necessário atentar para uma evidente transformação nos hábitos cotidianos. Com a consolidação do trabalho livre e do sistema capitalista a forma de viver nas cidades se modifica. As casas comerciais – próprias de uma burguesia em ascensão – alastram-se, num momento em que o consumo se intensifica. Assim, variados setores se expandem. Casas de chá, lojas de departamento, restaurantes, sorveterias, casas lotéricas, lojas de chapéus, confeitarias, drograrias e os mais variados tipos de comércio passam a fazer parte das cidades e com isso, modificam as relações de consumo, da construção do gosto e das distinções sociais. De acordo com Maria Izilda Santos de Matos “A crescente urbanização de São Paulo e o aumento considerável de sua população geraram novas oportunidades para as atividades comerciais e de abastecimento” (MATOS, 2007, p.56).

Coisas da Cidade carrega suas particularidades. Trazendo para as páginas do jornal a observação do cotidiano mutante da cidade, as crônicas destacam projetos políticos, intelectuais e artísticos de toda ordem. Além de narrar o dia-a-dia, traz à tona os principais problemas e debates de uma cidade em constante modificação, sob o olhar de um cronista nada comum: alguém com trânsito social entre as elites políticas e intelectuais, que domina os códigos legais e decodifica os sociais.

A coluna não é, portanto, uma coluna social. Não se dedica a destacar personalidades e os principais eventos sociais de São Paulo, embora o faça muitas vezes. Mesmo destacando os espetáculos no Theatro Municipal, os principais artistas da cidade e as festas beneficentes, esta não é a atividade primordial do cronista. Ele busca, acima de tudo, mediar a relação dos leitores com a cidade e com o poder público.

Desta forma muitas são as vezes em que se dirige diretamente à *edilidade*. Cobra ações, fiscalização e atitudes dos poderes públicos para aquilo que julga importante. Preocupa-se com o andamento de obras e com o trânsito, especialmente na região central. Seus incômodos maiores parecem ser a poeira nas ruas, e os serviços da *Light*, empresa que além de fornecer a energia elétrica também era responsável pelos bondes, principal forma de transporte coletivo à época.

Todo e qualquer serviço que julgasse mal prestado o autor questionava em sua coluna. A preocupação com o trânsito é bem evidente, seja o amontoado de carros e bondes em algumas

esquinas ou o agrupamento de pessoas em frente as casas comerciais. Plínio Barreto, ao questionar – ou mesmo elogiar – a postura do poder público causou desconforto e teve suas crônicas citadas na Câmara Municipal por diversas vezes, como foi possível relatar aqui. Da mesma forma, recebia respostas diretas em forma de correspondência sobre algum assunto debatido em suas notas do responsável pela alçada.

Desta forma, muitas foram as temáticas discutidas por Barreto em suas crônicas. Na questão da higiene a vigilância aos cafés e restaurantes se destacam. Os cafés, espaço de sociabilidade da cidade moderna, foram alvos frequentes de suas crônicas. Em texto publicado em 27 de setembro de 1924 escreveu

- Na terra do café, vocês não tem um café decente!

Estavamos num dos pontos principais da cidade, ontem de manhã, e como a conversa se prologasse, lembramo-nos de entrar num café. Mas, logo à entrada, que horror! O chão encardido de gafeira velha, velha de muitos dias; sob as mesas e cadeiras lixo, pontas de cigarros...E eram ainda 10 horas da manhã!

Foi então que o nosso amigo, de passagem por São Paulo, teve aquela exclamação:

- Na terra do café vocês não tem um café decente!

E continuou:

- É incrível a falta de higiene que se nota nos cafés de São Paulo. No Rio, já a gente frequenta alguns estabelecimentos apresentáveis, de pavimento limpo, mobiliário confortável, tudo com certo ar de asseio e distinção, que aqui na terra do café não se encontra. É uma exquisite de São Paulo – para não dizer pior – a falta de um café onde a gente possa entrar confiadamente, sem receio da falta de higiene...

É, com efeito, exquisito. É mesmo pior do que isso – é vergonhoso que, nesta grande capital, não exista um estabelecimento desses, à altura do nosso progresso. Se um estrangeiro quer tomar o nosso principal producto num dos cafés do centro, a decepção é fatal: o estabelecimento é, geralmente, pouco decente, com o pavimento pouco limpo ou mesmo sujo, a louça trincada e desbeijada, as mesas encardidas e molhadas. O empregado traz a bandeja das chicaras e joga-a com brutalidade diante de nós. O que traz a cafeteira, despeja desageitadamente, espirrando café nos freguezes. E, se há movimento, gritam-se uns aos outros, reclamam nos berros assucar para esta mesa, ‘carioca’ para outra, aos encontros, às vezes mesmo aos insultos...

É talvez por isso que a frequência dos cafés deixa muito a desejar no tocante à qualidade dos freguezes. Hoje em dia, as pessoas que praticam e amam a higiene, raramente se aventuram a tomar café na cidade, não só por causa do desasseio de tais estabelecimentos, que, entretanto, vivem sempre cheios, como porque, conhecendo o systema de lavagens dos utensílios, têm receios de moléstias.

-Mas, afinal, quando teremos um bom café, limpo, confortável, bem frequentado, onde se obedeça rigorosamente as prescrições de higiene?... – P. (OESP, 27 set. 1924, p.6).

A crônica aqui transcrita levanta diversos pontos de observação sobre o cotidiano da cidade no início do século XX. A exclamação inicial afirmando que *na terra do café não tem um café*

decente é emblemática. Ela não se refere apenas ao produto de consumo, mas também aos espaços específicos para a apreciação da bebida, incompatíveis com a metrópole em formação. Assim, a crônica é escrita em forma de denúncia, uma denúncia sobre as más condições dos estabelecimentos comerciais considerados tão inadequados a uma cidade em processo de modernização vertiginosa. Os aspectos apresentados no texto representam o atraso e o perigo pelos quais os fregueses passavam, apontando que, embora se compreenda que as transformações de São Paulo em grande metrópole tenham se iniciado no período, o processo civilizador a ser enfrentado parecia precisar percorrer ainda um longo caminho. É sobre essa ânsia em estar em uma cidade completamente reformada – física, moral e mentalmente –, e as experiências que atestam a presença de hábitos *passados* naquele presente que tanto se projetava para o futuro.

Nas crônicas aqui estudadas percebemos que as denúncias são variadas: lixo e pontas de cigarro no chão, preenchido de *gafeiras* são formas de tentar trazer imagens para a construção do texto. Utilizando da narração e caracterização detalhada do ambiente, procurou sensibilizar o leitor para o problema da higiene nos cafés – não só dos estabelecimentos, mas dos próprios fregueses. A comparação com a capital da República, o Rio de Janeiro, era inevitável. Se o Rio já tinha *cafés apresentáveis, com pavimento limpo, mobiliário confortável e ar de asseio e distinção*, por que não os tinha São Paulo? Se esta apresentava o crescimento urbano mais *prodigioso*, conforme narra o próprio autor em algumas crônicas aqui já estudadas, o mais aceitável, em sua visão, era que deveria ter à disposição os melhores espaços de convívio social, por isso destacou que era *vergonhoso que não exista um café à altura do progresso de São Paulo*.

A crônica citada é exemplar do processo de aburguesamento pelo qual uma parcela da população passava, fazendo valer suas vontades e desejos para São Paulo. Assim, não só a qualidade e higiene dos espaços é colocada em questão como também o tipo de pessoas que esses espaços frequentava bem como todo aparato de louças e mobiliário disponíveis, que proporcionavam uma experiência nada *confortável* aos olhos do escritor. Os cafés eram espaços de sociabilidade também para se fazer ver na cidade que via crescer o número de habitantes e na qual os mecanismos de distinção social ficavam mais *camuflados*. Estabelecer a diferença foi uma das grandes preocupações desta nova República e os locais de encontro eram propícios para isso. Portanto relacionar a qualidade do lugar à *qualidade* das pessoas que ele frequentavam faz parte desse processo de distinção, afinal o argumento utilizado pelo autor é que nestes cafés frequentam fregueses que não tinham ainda internalizado os padrões de higiene e civilidade, apontando que a estrutura do local definia o tipo de freguês que ele teria. Para o

autor *pessoas que praticam e amam a higiene raramente frequentam cafés*. Sendo assim, coloca a higiene não só como uma prática, mas também como um *valor* a ser internalizado. Nas entrelinhas dessa frase parece estar a conclusão de que *algumas pessoas* já haviam internalizado as normas de conduta social e outras não, demonstrando assim que este *processo civilizador* não atingia a todos, mostrando o quão polifônica era a cidade de São Paulo na década de 1920.

Para Plínio Barreto as pessoas que *amavam a higiene* não frequentavam tais espaços por conhecerem o *sistema de lavagem dos utensílios*. Essa falta de cuidado com a limpeza colocava os fregueses frente ao discurso médico, que alertava para o perigo do contágio de doenças em ambientes pouco asseados. Além de apresentarem risco à saúde – na interpretação do autor –, as louças e mobiliário eram malcuidadas, trincadas e não demonstravam cuidado, com aparência sempre suja e as mesas molhadas. A higiene é apenas um dos requisitos que afastava estes clientes dos cafés. A qualidade dos serviços à mesa, a escolha das louças, das toalhas e do mobiliário demonstram refinamento do gosto e quando estas se apresentam de forma desleixada – sujas, trincadas – provocam um afastamento daqueles que querem se construir enquanto *civilizados*.

Por último, um outro ponto da crônica se destaca: é a forma como são caracterizados os garçons dos cafés. Afirmando que há uma forma de tratamento baseada na *brutalidade* e que os produtos eram trazidos à mesa com grosseria, deixando espirrar café nos fregueses e gritando uns com os outros para efetuar o serviço, o autor traz à tona a questão do *abrandamento das pulsões*, movimento próprio do processo civilizador, pautado no autocontrole. Assim, os garçons representavam tudo aquilo que não se desejava: eram o oposto da conduta esperada em uma cidade civilizada. A brutalidade, a fala incontrolavelmente alta, os gestos largos, tudo isso era o extremo oposto do que se entendia como *chic* e elegante, ou seja, o controle do corpo, a fala controlada, os gestos sutis. É interessante pensar que mesmo propondo o ser contido, que supostamente não chamaria a atenção, promove uma distinção social bastante profunda, ou seja, mesmo os gestos mais sutis gritam aos olhos e escracham maneiras de conduta e comportamento que se expressam de forma bastante nítida. A pergunta ao final é emblemática: *quando teremos um bom café, limpo, confortável, bem frequentado, onde se obedeça rigorosamente as prescrições de higiene*. O problema parece não ter se resolvido facilmente, pelo menos até fevereiro de 1925, quando o autor volta a falar da questão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Plínio Barreto fez das suas rubricas do cotidiano urbano um espaço de denúncia, controle e vigia do processo civilizador pelo qual passava a cidade de São Paulo. Mediou a relação dos leitores com a cidade e com os poderes públicos, e usou de seu lugar de prestígio e trânsito social para colocar em pauta no debate público seus anseios e desejos para a cidade em transformação.

Um bom exemplo deste trânsito e das preocupações do cronista de dá no texto intitulado *Cafés sem Hygiene*. O autor retoma o debate sobre a higiene nos cafés, salientando ser esse um assunto ao qual já tinha se referido outras vezes e que, por não ter acompanhado nenhuma providência sendo tomada por parte das autoridades de fiscalização, resolve trazer à tona novamente:

Cafés sem Hygiene

É este um assumpto a que já nos temos referido muitas vezes. Como até agora nenhuma providencia surgiu por parte das autoridades, não hesitamos em tornar ao caso, a ver se finalmente conseguiremos um dia abalar alguém que nos liberte da escandalosa falta de hygiene dos cafés em São Paulo.

Estes estabelecimentos vivem cheios de manhan à noite. Clientes innúmeros cuja saúde é, entretanto, ameaçada pelo desasseio e até mesmo pela immundicie. Sem falar do chão sempre coberto de uma grossa camada de sujeira, as mesas encardidas e molhadas, o vasilhame trincado e imprestável – é de se calcular o risco a que se empõem os frequentadores de taes estabelecimentos servidos em chicaras e copos que são lavados na mesma água commum. Esse facto sobremaneira grave, denunciado há muito tempo, continua entretanto a ser observado em muitos cafés, sem que até hoje alguma autoridade se lembrasse de uma pesada multa que puzesse cobro a tão clamoroso abuso.

Como quer que seja, é preciso que sejam tomadas providencias a respeito da deficiência de asseio nos nossos cafés. O facto provoca escândalo para que não seja notado tambem pelas autoridades. (OESP, 05 fev. 1925, p.3)

O texto aqui foi dedicado especialmente às autoridades municipais. O autor passa a entender que para além da internalização de hábitos de higiene por parte da população, eram necessárias ações mais efetivas, corrigindo os problemas mais *escandalosos* por meio de multas e punições. O processo civilizatório deveria ser estimulado *à força*, com medidas repreensivas para adequação dos estabelecimentos em um padrão novo: limpo, confortável e, enfim, moderno.

A limpeza foi pelo autor relacionada à liberdade. Estar em um ambiente sujo e malcuidado representava, portanto, seu oposto: aprisionava os clientes em condições indesejadas. A busca pela *libertação* significava a chegada na modernidade, sendo a *promessa de liberdade* uma das principais características dos tempos modernos.

Como o debate sobre as condições higiênicas dos estabelecimentos comerciais, principalmente nos estabelecimentos que seriam alimentos, dava-se diariamente nas páginas dos jornais (e certamente Plínio Barreto não era o único a levantar estas questões), os restaurantes, cafés, salões de chá, confeitarias e sorveterias que anunciavam no jornal buscavam divulgar que, diferente do desasseio que aparecia com frequência nas crônicas, estavam de acordo com as normas de higiene vigentes e destacavam as características de seu espaço, como possuir um ambiente fresco, arejado e confortável, como faz o *Mappin Stores* no anúncio publicado em 20 de fevereiro de 1926.

Figura 37 Anúncio Mappin Stores. OESP, 20 fev. 1926, p. 11.

85

Comer é uma das ações mais necessárias à vida humana. Estar nutrido, alimentar-se, faz parte de uma operação inicialmente natural – de sobrevivência – e que vai passando pela

⁸⁵ Quando, nestas tardes quentes do E. v. exa. Vier à cidade fazer o seu 'footing' costumado sentirá, naturalmente, um forte desejo de reparar o exhaustivo cansaço resultante desse passeio, num ambiente fresco, arejado e extremamente confortável.

Taes requisitos, commodidade de tal natureza, pode offerecer-lh'os em absoluto o nosso esplendido 'terrasse', ao lado do salão de chá, donde se desfruta também uma linda vista panorâmica.

Neste recanto ameno e aprazível e em nosso amplo e ventilado salão-restaurant onde mantemos um esmerado e irreprehenível serviço de chá, sorvetes e refrescos, e no qual se reúne, todos os dias uteis, o que S. Paulo conta de mais elegante e mais representativo, desejamos, como recompensa de nossos esforços, proporcionar a v. exa. tranquilos e deliciosos momentos de ineffavel bem-estar. Mappin Stores.

construção do gosto até a distinção social. O domínio do fogo durante o período pré-histórico marca o acesso à alimentação e, portanto, as condições de sobrevivência da humanidade. Entretanto comer não é uma simples operação. É preciso atentar para as diferentes formas – e os diferentes motivos – do ato.

Já durante o período em questão, na cidade de São Paulo, houve um grande incentivo à convivência urbana. E os locais voltados para o consumo de alimentos e bebidas, são também locais de sociabilidade. Desta forma, além dos já conhecidos anúncios que estampavam as páginas do jornal, a preocupação com o comer passou pelo crivo da distinção social e da adequação às normas e regras da nova vida moderna incentivada e desejada.

Homens e mulheres que transitavam no espaço do Triângulo Central da capital paulista viam vitrines que estimulavam o desejo e o consumo. Um elemento importante entra em cena: a distinção social. Ora, não eram todos os habitantes da cidade que tinham acesso às casas de chá ou mesmo às lojas de departamento como a *Mappin Stores*.

Por meio das crônicas publicadas em *Coisas da Cidade* é possível perceber uma preocupação constante com os locais de consumo de alimentos. Tais preocupações aparecem muitas vezes relacionadas às condições de higiene e a adequação aos novos hábitos modernos, requeridos numa sociedade que se pretendia *civilizada*. A noção de civilidade passa justamente pela vida urbana, ou às experiências e regras de convívio na cidade. Tais regras foram amplamente divulgadas e o cronista foi um dos elementos que auxiliou na vigilância e cobrança de tais normas do mundo moderno.

Assim, enquanto os anúncios de restaurantes, casas de chá e confeitarias estampam boa parte das páginas do *Estado de São Paulo* – possibilitando a existência do jornal – as crônicas de Barreto cobram a adequação às condições higiênicas. Suas denúncias são também conselhos. Ao atentar que os garçons nos restaurantes colocavam o troco em prato que logo em seguida serviria uma refeição a outro cliente está também auxiliando na promoção de hábitos higiênicos, que, além de serem observados pelo cronista, passavam então a serem observados – e os restaurantes cobrados – por parte dos clientes leitores do jornal.

É por meio das crônicas – escritas leves que parecem com uma conversa com o leitor, muito diferente das reportagens, por exemplo – que o autor se aproxima de seu público. Por essa característica de diálogo, as crônicas funcionavam como uma forma de difundir e fomentar valores, práticas e normas. As normas burguesas, o estilo de vida elegante e determinadas práticas sociais passam a ser estimuladas por meio das crônicas que serão uma das ferramentas na construção de uma nova mentalidade, auxiliando na internalização de valores e regras de

convívio social. Plínio Barreto era, portanto, um conselheiro, aquele que – aliado aos manuais de civilidade, por exemplo – promovia a vida burguesa e a transformação do gosto.

A cidade foi o palco dos encontros: do desconforto à fruição. Da convivência de diferentes classes sociais à experimentação das novidades. Viver nessa urbe que se transformava a olhos vistos gerou euforia, incômodo, controle e autocontrole. Várias foram as estratégias de internalização de códigos de condutas para a vida que se abria, e que jamais voltaria a ser pacata como nos tempos passados.

O jornal, elemento máximo da modernidade, foi um importante vetor de estímulo a um novo comportamento. Lugar das novidades impressas, as colunas jornalísticas dedicadas ao cotidiano abriram espaço para o questionamento, sem perder de vista o progresso e uma ideia de civilização.

O que se pode mostrar, a partir da documentação aqui estudada, é que colunas como *Coisas da Cidade* fomentaram um modo de vida burguês e moderno, mediando a relação dos frequentadores dos espaços públicos com o poder público, indicando necessidade de obras, reformas, investimentos. Mais ainda, fomentou modelos de conduta para a cidade renovada. Nesse sentido, estudar as práticas de alimentação fora de casa indicam a importância da vida comercial, do trânsito das pessoas pelos espaços de sociabilidades, e de um suposto refinamento do gosto, construído coletivamente.

Esses homens de letras, imersos no mundo da imprensa, articularam projetos de modernização e estiveram presentes no debate público, seja referente às coisas ordinárias, da ordem do comum – como comer – às questões políticas mais latentes, levando a cabo sua visão de mundo.

Mas, afinal, o que é ser moderno? Ou melhor, o que era ser moderno em 1920? Ser moderno era estar imerso nas transformações sociais. Ser moderno era viver sob o regime republicano, de livre trabalho e livre comércio. Ser moderno era experimentar a cidade. Ser moderno era estar imerso em códigos de distinção social. Ser moderno era poder consumir. Mas, acima de tudo, ser moderno era poder vivenciar tudo aquilo que a modernidade oferecia.

REFERÊNCIAS

FONTES

CRÔNICAS

P. **Mais um depoimento.** *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mai. 1922, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220520-15825-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

P. **Barulho Inútil.** *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jun. 1921, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210618-15497-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

P. **As reformas da Rua Libero.** *O Estado de S. Paulo*, 25 set. 1920, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200925-15236-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **A Solução de um problema.** *O Estado de S. Paulo*, 14 out. 1920, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19201014-15255-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **A ladeira de S. João.** *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 1920, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19201012-15253-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Um problema.** *O Estado de S. Paulo*, 30 jun. 1921, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210630-15509-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **O calçamento do centro.** *O Estado de S. Paulo*, 23 set. 1921, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210923-15593-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **O asfalto da Avenida.** *O Estado de S. Paulo*, 22 fev. 1922, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220222-15744-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Palavras Sensatas.** *O Estado de S. Paulo*, 02 out. 1926, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19261002-17384-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Hygiene nos Restaurantes.** *O Estado de S. Paulo*, 01 fev. 1920, p.7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200201-15003-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Uma iniciativa infeliz.** *O Estado de S. Paulo*, 30 jan. 1926, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260130-17141-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **O futuro largo da Sé.** *O Estado de S. Paulo*, 04 fev. 1922, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220204-15726-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **S. Paulo Antigo.** *O Estado de S. Paulo*, 30 nov. 1920, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19201130-15302-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Resposta a um vereador.** *O Estado de S. Paulo*, 18 nov. 1920, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19201118-15290-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Resposta a um vereador.** *O Estado de S. Paulo*, 23 jan. 1924, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240123-16431-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Descanso Dominical.** *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 1924, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19241021-16679-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Um commercio a explorar.** *O Estado de S. Paulo*, 23 fev. 1927, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19270223-17527-nac-0002-999-2-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Nós e o Portento.** *O Estado de S. Paulo*, 19 set. 1925, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250919-17009-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Um aniversário.** *O Estado de S. Paulo*, 23 jan. 1920, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200123-14994-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Mezes depois.** *O Estado de S. Paulo*, 02 mar. 1929, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19290302-18174-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **O Imposto Territorial.** *O Estado de S. Paulo*, 07 mar. 1931, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19310307-18800-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **A Revista do Brasil.** *O Estado de S. Paulo*, 28 jan. 1921, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210128-15360-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Trânsito no Centro.** *O Estado de S. Paulo*, 24 jan. 1920, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200124-14995-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Boas Medidas.** *O Estado de S. Paulo*, 14 fev. 1920, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200214-15016-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

- P. **Os mendigos.** *O Estado de S. Paulo*, 26 ago. 1924, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240826-16623-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Carnaval.** *O Estado de S. Paulo*, 17 fev. 1920, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200217-15019-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Um velho estabelecimento.** *O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1925, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250317-16824-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Scenas das Ruas.** *O Estado de S. Paulo*, 19 fev. 1921, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210219-15381-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Uma campanha necessária.** *O Estado de S. Paulo*, 21 fev. 1921, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210221-15383-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **O movimento no centro.** *O Estado de S. Paulo*, 27 dez. 1922, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19221227-15644-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Uma palestra com Rosa Raisa.** *O Estado de S. Paulo*, 13 ago. 1921, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210813-15553-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **O preço do café.** *O Estado de S. Paulo*, 01 mai. 1929, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19290501-18224-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Kiosques Inúteis.** *O Estado de S. Paulo*, 07 jul. 1925, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250707-16935-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **A nossa praia.** *O Estado de S. Paulo*, 04 jan. 1924, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240104-16412-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **O serviço da Ingleza.** *O Estado de S. Paulo*, 03 jan. 1924, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240103-16411-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **O Restaurante da Ingleza.** *O Estado de S. Paulo*, 10 mai. 1924, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240510-16536-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **A festa dos paulistanos.** *O Estado de S. Paulo*, 31 dez. 1920, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19201231-15332-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

- P. **As Gorgetas.** *O Estado de S. Paulo*, 20 jan. 1925, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250120-16769-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Gorgetas.** *O Estado de S. Paulo*, 04 jan. 1927, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19270104-17477-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Gorgetas.** *O Estado de S. Paulo*, 18 jul. 1929, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19290718-18291-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Uma bela festa.** *O Estado de S. Paulo*, 03 ago. 1920, p.7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200803-15183-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Uma reunião elegante.** *O Estado de S. Paulo*, 17 abr. 1925, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250417-16854-nac-0002-999-2-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Os novos puritanos.** *O Estado de S. Paulo*, 06 dez. 1925, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19251206-17087-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Os vereadores e as meninas dos chocolates.** *O Estado de S. Paulo*, 05 dez. 1925, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19251205-17086-nac-0002-999-2-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Atravancamento no Centro.** *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1926, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260626-17286-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Em torno de uma lei.** *O Estado de S. Paulo*, 07 jan. 1920, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200107-14978-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Scenas das Ruas.** *O Estado de S. Paulo*, 12 fev. 1920, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200212-15014-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Os Cafés.** *O Estado de S. Paulo*, 26 abr. 1920, p.9. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200426-15085-nac-0009-999-9-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Um abuso perigoso.** *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1920, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200626-15145-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017
- P. **Os Cafés.** *O Estado de S. Paulo*, 09 jan. 1922, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220109-15700-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Cafés sem Higiene.** *O Estado de S. Paulo*, 15 jun. 1922, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220615-15851-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Doceiros Ambulantes.** *O Estado de S. Paulo*, 17 jan. 1925, p.4. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250117-16766-nac-0004-999-4-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **A Higiene nos Restaurantes.** *O Estado de S. Paulo*, 23 ago. 1921, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19210823-15563-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **O melhor dos alimentos.** *O Estado de S. Paulo*, 12 abr. 1928, p.5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19280412-17898-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Higiene nos Restaurantes.** *O Estado de S. Paulo*, 01 fev. 1920, p.7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200201-15003-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **O Asseio nos Cafés.** *O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1924, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240927-16655-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

P. **Cafés sem Higiene.** *O Estado de S. Paulo*, 05 fev. 1925, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250205-16785-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017

REPORTAGENS

O CENTENÁRIO DE PLÍNIO BARRETO. *O Estado de S. Paulo*, 05 dez. 1982, p.160. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19821205-33050-nac-0160-999-160-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

ANÚNCIOS

BRASSERIE PAULISTA. *O Estado de S. Paulo*, 16 out. 1926, p. 5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19261016-17398-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

CASA ROMANO. *O Estado de S. Paulo*, 15 mai. 1926, p.7. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260515-17244-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

CASA SPAINER. *O Estado de S. Paulo*, 01 jan. 1922, p.11. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220101-15692-nac-0011-999-11-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

CENTRAL HOTEL. *O Estado de S. Paulo*, 18 mar. 1926, p.12. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260318-17187-nac-0012-999-12-not> Acesso em: 10 dez. 2017

COMPANHIA CITY. **Jardim América.** *O Estado de S. Paulo*, 04 ago. 1929, p. 5. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19290804-18306-nac-0005-999-5-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

COMPANHIA CITY. **Jardim América.** *O Estado de S. Paulo*, 08 out. 1922, p.12. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19221008-15966-nac-0012-999-12-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

CONFEITARIA SELECTA. *O Estado de S. Paulo*, 28 dez. 1924, p. 9. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19241228-16746-nac-0009-999-9-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

CONFEITARIA SUISSA. **Carnaval.** *O Estado de S. Paulo*, 22 fev. 1925, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250222-16802-nac-0002-999-2-not> Acesso em: 10 dez. 2017

GUARANÁ ESPUMANTE. *O Estado de S. Paulo*, 10 dez. 1922, p.11. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19221210-15629-nac-0011-999-11-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

HOTEL VICTÓRIA. *O Estado de S. Paulo*, 02 set. 1924, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240902-16630-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

IMPERIAL HOTEL. *O Estado de S. Paulo*, 07 out. 1922, p.1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19221007-15965-nac-0001-999-1-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Almoce na Cidade.** *O Estado de S. Paulo*, 10 set. 1925, p. 8. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250910-17000-nac-0008-999-8-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Almoço Inglês.** *O Estado de S. Paulo*, 14 out. 1919, p.6. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19191024-14904-nac-0006-999-6-not> Acesso em: 10 dez. 2017

MAPPIN STORES. **Aos visitantes da capital.** *O Estado de S. Paulo*, 06 mar. 1924, p. 7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240306-16472-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Chá Infantil.** *O Estado de S. Paulo*, 22 dez. 1924, p.3. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19241222-16741-nac-0003-999-3-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Five o'clock tea.** *O Estado de S. Paulo*, 20 fev. 1926, p. 11. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260220-17161-nac-0011-999-11-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Grande Exposição.** *O Estado de S. Paulo*, 04 nov. 1919, p.7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19191104-14915-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017

MAPPIN STORES. **Próximas festas.** *O Estado de S. Paulo*, 08 dez, p.11. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19251208-17089-nac-0011-999-11-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Restaurante Mappin.** *O Estado de S. Paulo*, 29 set. 1925, p.9. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250929-17019-nac-0009-999-9-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

MAPPIN STORES. **Restaurante.** *O Estado de S. Paulo*, 29 set. 1925, p.9. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19250929-17019-nac-0009-999-9-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

PLÍNIO BARRETO. **Questões Criminais.** *O Estado de S. Paulo*, 20 mai. 1922, p. 10. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19220520-15825-nac-0010-999-10-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

RESTAURANTE ANGLO-AMERICANO. *O Estado de S. Paulo*, 06 mar. 1920, p.1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200306-15036-nac-0001-999-1-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

RESTAURANTE ANGLO-AMERICANO. *O Estado de S. Paulo*, 16 abr. 1926, p.7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260416-17215-nac-0007-999-7-not> Acesso em: 10 dez. 2017

RESTAURANTE CENTRAL. *O Estado de S. Paulo*, 27 dez. 1923, p. 8. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19231227-16404-nac-0008-999-8-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

RESTAURANTE HARRISON&MORRIS. *O Estado de S. Paulo*, 12 jan. 1920, p.1. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200112-14983-nac-0001-999-1-not> Acesso em: 10 dez. 2017

ROTISSERIE SPORTSMA. *O Estado de S. Paulo*, 10 ago. 1919, p.8. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19190810-14829-nac-0008-999-8-not> Acesso em: 10 dez. 2017.

AUDIOVISUAL

ENTRE RIOS. Caio Silva Ferraz; Joana Scarpelini. São Paulo, 2009.

LEGISLAÇÃO

SÃO PAULO. Lei nº 2.241, de 5 de novembro de 1919. Regulamenta o funcionamento de confeitarias, sorveterias, leiterias. São Paulo, SP, 1919. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1919/224/2241/lei-ordinaria-n-2241-1919-regulamenta-o-funcionamento-das-confeitarias-sorveterias-leiterias-e-botequins-existentis-no-municipio-1919-11-22.html> Acesso em: 10 dez. 2017.

FOTOGRAFIAS

EDIFÍCIO MARTINELLI. **Projeto**, 1923. Disponível em: <http://www.prediomartinelli.com.br/fotos/20/b.gif>. Acesso 13 nov. 2017.

EDIFÍCIO MARTINELLI. **Anúncio Manteiga Aviação**, 1929. Disponível em: <http://www.prediomartinelli.com.br/fotos/20/q.gif>. Acesso 13 nov. 2017.

SEDE DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO NA PRAÇA ANTONIO PRADO. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/por-dentro-do-estado/> Acesso em: 10 dez. 2017.

PRAÇA ANTÔNIO PRADO, 1916. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/b5/6c/82/b56c82a993720a7486fb402455c92eab.jpg> Acesso em: 10 dez. 2017.

VIADUTO DO CHÁ, entre século XIX e XX. Disponível em: <https://theurbanearth.wordpress.com/2013/08/26/o-viaduto-do-cha-de-jules-martin/> Acesso em: 10 dez. 2017.

GAENSLY, Guilherme. **Avenida Paulista**, 1902. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=7260> Acesso em: 10 dez. 2017.

PASTORE, Vincenzo. **Vendedor de Vassouras**, 1910. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/2101> Acesso em: 10 dez. 2017.

SÃO PAULO. **Planta da Cidade**, 1916. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php Acesso em: 10 dez. 2017.

CORRESPONDÊNCIAS

BARRETO, Plínio. **Carta enviada a José Maria Whitaker**. Arquivo IEB - USP, Coleção Plínio Barreto, código de referência: PB-C-CA-70

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange. **Mappin 70 anos**. São Paulo: Editora Ex Libris Ltda, 1985.

ARAÚJO, Hermetes dos Reis de. Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 1999.

AREND, Silvia Maria Fávero. **Histórias de abandono: infância e justiça no Brasil (década de 1930)**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (orgs). **O Brasil Republicano, 1: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ASSIS, Machado de. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: História da imprensa brasileira**. Volume I. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

_____. **História da Imprensa Brasileira**, volume 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e História da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRESCIANI, Stella. Planos e projetos para intervenções na cidade de São Paulo: 1890 – 1930: a polêmica entre arte e ciência. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, civilização e República nos trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma História social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CABRAL, Andre da Costa. **Escritores Brasileiros na correspondência passiva do crítico literário Plínio Barreto**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

CARNEIRO, Henrique. Comida e Sociedade: Significações Sociais na História da Alimentação. In: **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 42, n.1 2005 p.71-80.

CARONE, Edgard. Oligarquias: definição e bibliografia. **Rev. adm. emp.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 81 – 92, Mar. 1972.

CARVALHO, Maria Cristina Wolf de. Bem-morar em São Paulo, 1880 – 1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.4, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHALHOUB, NEVES, PEREIRA. **História em Causas Miúdas: capítulos de História social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHEREM, Rosângela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero (Orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza, DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tania Regina. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Mensageiro de Sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946 – 1952). In: MORGA, Antonio Emilio (org.). **História, Cidade e Sociabilidade**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2011.

DE ANDRADE, Carlos Drummond. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. 21ª edição.

DE LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DE LUCA, Tania Regina. MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Imprensa e Cidade**. São Paulo, editora UNESP, 2006.

_____. Quem lê tanta notícia? Imprensa, mídia e sociedade no Brasil. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org). **Leituras do Passado**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

DEAECTO, Marisa Midori. **Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Ed. SENAC, 2002.

DECCA, Edgar de. **1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DIAS, Maria Odila da Silva. **Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOSSE, François. **O Império do Sentido: a humanização das Ciências Humanas**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza, DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1994.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLANDRIN, Jean-Louis. A distinção pelo gosto. In: CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREITAG, Barbara. **Teorias da Cidade**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos do Nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GOMES, Angela Maria de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Angela Maria; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GUINZBURG, Carlo. **Conversar com Órion**. Revista Esboços, volume 12, número 14. Florianópolis, SC – 2005.

_____. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HARTOG, François. **Evidência da História: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HECK, Marina de Camargo. Comer como atividade de lazer. In: **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.33, janeiro-junho de 2004.

HEINZ, Flávio Madureira (org). **Por uma outra História das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HERMANN, Jaqueline. Religião e política no alvorecer da República. Os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge. e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.) **O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. FREITAS, Marcos Cezar de (org.) **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001, p 119- 143.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 1920: moderno, modernista e modernização. In: COSTA, Wilma Peres; DE LORENZO, Helena Carvalho (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979

_____. **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

_____. **História: novas abordagens.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova História urbana.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LESSA, Renato. **A Invenção Republicana.** Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira. Rio Janeiro : Topbooks, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. In: **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.33, janeiro-junho de 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa.** Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MELO, José Marques de. **História do jornalismo.** São Paulo: Paulus, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento).** *An. mus. paul.* [online]. 1993.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de; CARNEIRO, Henrique. **A História da Alimentação: balizas historiográficas.** In: Anais do Museu Paulista: São Paulo, 1997.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História cultural.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura.** São Paulo: Editora SENAC, 2008.

MORAIS, Luciana Patrícia. Comida, Identidades e Patrimônio: articulações possíveis. In: **História: questões e debates.** Curitiba, n.54, 2011. Editora UFPR.

NEEDEL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. Ciência, civilização e República. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, civilização e República nos trópicos.** Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993.

_____. O Retorno do Fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

OLIVEIRA, Debora Santos de Souza. **A transmissão do conhecimento culinário no Brasil urbano do século XX**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53

PILAGALLO, Oscar. **História da Imprensa Paulista**. Jornalismo e Poder de D. Pedro I a Dilma. São Paulo: Três estrelas, 2012.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da alimentação. Os comedores e o espaço social alimentar**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

PROST, Anonie. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ARIÉS, Philippe e CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada, 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RICOEUR, Paul, **A memória, a História, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP 2007.

_____. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROSSI, Paolo. **Comer: necessidade, desejo, obsessão**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso. A representação humorística na História brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação: Abertura para o Mundo (1889 – 1930)**. Rio de Janeiro: Mapfre e Editora Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia; STERLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (Coordenador geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (organizador do volume) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, João Luiz Maximo. **Alimentação de rua na cidade de S. Paulo (1828 – 1900)**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Marcos da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, Oct. 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da vertigem**: uma História de São Paulo de 1900 a 1954. Rio de Janeiro, Rj: Objetiva, 2015.

TOSCANO, Frederico de Oliveira. **À Francesa**: a Belle Époque do comer e do beber no Recife. Recife: Cepe, 2014.

VELHO, Gilberto. Metrópole, cosmopolitismo e mediação. In: **Horizontes antropológicos**. V.16, n.33: Porto Alegre, UFRGS, junho de 2010.

WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: NOVAIS, Fernando (Coordenador geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (organizador do volume) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANEXOS

ANEXO A - Tabulação Coisas da Cidade 1920

1	DATA - PÁGINA - TÍTULO	RESUMO - PALAVRAS-CHAVE	USAR/O QUE	TEMA
2	CoisasdaCidade 01 jan 1920 p5 geral - Um Balanço	Câmara municipal; Cuidado com bairros; Saúde e limpeza; embelezamento da cidade	Não	Embelezamento/Jardins
3	CoisasdaCidade 04 jan 1920 p6 geral - Uma praça sem luz	Iluminação da praça da República; mais bela praça.	Não	Embelezamento/Jardins
4	CoisasdaCidade 06 jan 1920 p5 geral - Uma grande cançonetista	Músico no trianon; Músicas francesas;	Sim, contexto	Arte/Entretenimento
5	CoisasdaCidade 07 jan 1920 p5 geral - Em torno de uma lei	Lei 2241; Proibição da venda de bebidas aos domingos;	Sim	Alimentação
6	CoisasdaCidade 08 jan 1920 p5 geral - De S. Paulo a Campinas	Falta de ligação São Paulo-Campinas por estrada;	Não	Reformas
7	CoisasdaCidade 10 jan 1920 p5 geral - Pedido à Light	Light não é megera; Bondes proteção para condutores; Mais conforto; Elogia para pedir	Não	Transporte/Trânsito
8	CoisasdaCidade 11 jan 1920 p6 geral - Engraxates	Salões de engraxates; Comércio lucrativo	Sim	Serviços/Comércio
9	CoisasdaCidade 13 jan 1920 p5 geral - Festival	Festa beneficente no Theatro M; Orpheu; Acontecimento artístico e social	Não	Arte/Entretenimento
10	CoisasdaCidade 14 jan 1920 p6 geral - Trem Cantareira	Estrada de ferro da Cantareira	Não	Reformas
11	CoisasdaCidade 15 jan 1920 p5 geral - Nossa arborisação	Necessidade de arborização; Buenos Aires; Bom gosto;	Sim	Embelezamento/Jardins
12	CoisasdaCidade 17 jan 1920 p5 geral - Independência	Monumento da Independência; Projetos, maquetes; Escolha de juri	Não	Arte/Entretenimento
13	CoisasdaCidade 20 jan 1920 p6 geral - Os telefones	Pós guerra e aumento do número de tel; Comércio; Jogo;	Sim	Serviços/Comércio
14	CoisasdaCidade 21 jan 1920 p6 geral - Uma estreia infeliz	Projeto sobre automóveis; Serviços de carros; Câmara municipal	Sim, contexto	Automóveis
15	CoisasdaCidade 23 jan 1920 p5 geral - Um aniversário	Aniversário da Revista do Brasil; Plínio Barreto; Julio Mesquita	Sim, autoria	Intelectuais/Literatura
16	CoisasdaCidade 24 jan 1920 p6 geral - Transito no Centro	Proibição bondes na S. Bento; Movimento no centro; Andar na cidade	Sim	Transporte/Trânsito
17	CoisasdaCidade 25 jan 1920 p6 geral - Alarma - Dança	Dança e moral; Danças modernas;	Sim, autoria	Arte/Entretenimento
18	CoisasdaCidade 29 jan 1920 p3 geral - Um noviço na camara	Luiz Anhaia Mello; política; PRP; Inimizades políticas	Sim, autoria	Política
19	CoisasdaCidade 30 jan 1920 p3 geral - Uma explicação	Projeto automóveis; manobras; Câmara de vereadores	Não	Automóveis
20	CoisasdaCidade 31 jan 1920 p6 geral - Regulamento Automóveis	Regulamento de automóveis	Não	Automóveis
21	CoisasdaCidade 01 fev 1920 p7 geral - Hygiene dos Restaurantes	Higiene em SP; Restaurantes; Falta de higiene nos restaurantes	Sim	Alimentação
22	CoisasdaCidade 03 fev 1920 p2 geral - Serviço Telefonico	Qualidade do serviço; grandes capitais do mundo; Serviço público; Telefone	Não	Serviços/Comércio
23	CoisasdaCidade 04 fev 1920 p4 geral - Ainda o Telefone	Telefone; Tempo de espera; Comparação EUA e Europa	Sim	Serviços/Comércio
24	CoisasdaCidade 06 fev 1920 p8 geral - Um abuso	Combustores na paisagem do Theatro; Light; Estética urbana	Sim	Embelezamento/Jardins
25	CoisasdaCidade 10 fev 1920 p4 geral - A lei sobre veiculos	Lei sobre serviço de veículos aprovada na câmara;	Não	Serviços/Comércio
26	CoisasdaCidade 11 fev 1920 p6 geral - Velharia	Casa mais velha do triângulo; Passado; Patrimônio; Café; História	Sim	Alimentação
27	CoisasdaCidade 12 fev 1920 p6 geral - Scenas da Rua	Café Brandão; Mendicância	Sim	Alimentação
28	CoisasdaCidade 14 fev 1920 p5 geral - Boas Medidas	Polícia; prender grupos de pessoas paradas e maiores que dirigem graças às sras;	Sim, autoria	Transporte/Trânsito
29	CoisasdaCidade 15 fev 1920 p5 geral - O perigo dos theatros	Segurança dos teatros em caso de incêndio;	Não	Arte/Entretenimento
30	CoisasdaCidade 17 fev 1920 p4 geral - Carnaval	Figuras da cidade; filosofia barata; Crítica ao carnaval; Carnaval europeu	Sim, autoria	Arte/Entretenimento
31	CoisasdaCidade 20 fev 1920 p5 geral - Problema Sério (hotel)	Falta de hotéis de primeira ordem; Visitantes; Compração EUA, Europa, Rio	Sim, contexto	Serviços/Comércio
32	CoisasdaCidade 21 fev 1920 p4 geral - A falta de hotéis	Progresso; Hotéis; Viajantes; Atrativos da cidade; Comércio	Sim, contexto	Serviços/Comércio
33	CoisasdaCidade 22 fev 1920 p4 geral- Aviso	Moças em favor das secas do Ceará	Não	Filantropia
34	CoisasdaCidade 24 fev 1920 p5 geral - Um pouco de História	História; Viaduto; Campos Salles;	Não	Arte/Entretenimento
35	CoisasdaCidade 25 fev 1920 p4 geral - Scenas da Rua	Anúncio e oferta de produtos; camelots, dentifícios	Sim	Transporte/Trânsito
36	CoisasdaCidade 26 fev 1920 p5 geral - Uma descoberta inesperada	Casarão/prédio velho; SP antiga provinciana; Missão Rockefeller; Higiene escolar	Sim, contexto	Higiene/Saúde
37	CoisasdaCidade 28 fev 1920 p5 geral - Uma atitude digna	Cargos desnecessários na câmara; Prefeito nega;	Não	Política
38	CoisasdaCidade 29 fev 1920 p6 geral - Secca na Avenida	Avenida Paulista; falta de água; parque em frente ao Belvedere	Sim, contexto	Serviços/Comércio
39	CoisasdaCidade 03 mar 1920 p5 geral - Um abuso da light	Light; Estação de bondes; Construções irregulares da light	Não	Serviços/Comércio
40	CoisasdaCidade 04 mar 1920 p6 geral - Hygiene Escolar	Curso de higiene escolar; missão Rockefeller	Sim, contexto	Serviços/Comércio
41	CoisasdaCidade 05 mar 1920 p5 geral - Uma medida urgente	Parque da Av Paulista; Embelezamento; Belvedere; Europa; Estética	Sim, contexto	Embelezamento/Jardins
42	CoisasdaCidade 06 mar 1920 p4 geral - Um enigma	Hasteamento da bandeira; Símbolo nacional;	Não	Nacionalismo/História
43	CoisasdaCidade 07 mar 1920 p5 geral - A Câmara e o Centenário	Câmara; Centenário da Independência; Reformas na cidade;	Sim, contexto	Reformas
44	CoisasdaCidade 09 mar 1920 p5 geral - O paço municipal	Projetos; Obras; Centenário; Metrôpole; Município	Sim, contexto	Reformas
45	CoisasdaCidade 10 mar 1920 p5 geral - Uma carta	Carta; Pribição de pessoas nas ruas do triângulo;	Sim, autoria	Transporte/Trânsito
46	CoisasdaCidade 11 mar 1920 p5 geral - A falta de esgotos	Falta de esgotos; alameda França; providências	Sim, contexto	Reformas
47	CoisasdaCidade 13 mar 1920 p6 geral - Leite	pessima qualidade do leite consumido; Higiene; Denúncia	Sim	Alimentação
48	CoisasdaCidade 14 mar 1920 p5 geral - Uma curva perigosa	Trajeto bondes Vila Mariana;	Não	Transporte/Trânsito
49	CoisasdaCidade 16 mar 1920 p5 geral - Uma entrevista inesperada	Leituras femininas; Livrarias e mulheres; Artista; Cantora	Não	Arte/Entretenimento
50	CoisasdaCidade 17 mar 1920 p5 geral - Arborisação	Arborisação; Crítica ao projeto nas ruas e praças; Embelezamento; Higiene	Não	Higiene/Saúde
51	CoisasdaCidade 18 mar 1920 p6 geral - Um grande mal	Maior número de escolas na República; problema da moradia; perigo	Não	Serviços/Comércio
52	CoisasdaCidade 20 mar 1920 p5 geral - No Camarim do froes	Peça de teatro; Artista; Europa	Não	Arte/Entretenimento
53	CoisasdaCidade 21 mar 1920 p7 geral - A Rua Carlos Gomes	Carlos Gomens; Guarany; Abandono da rua Carlos Gomes	Não	Higiene/Saúde
54	CoisasdaCidade 24 mar 1920 p5 geral - O regulamento dos criados	Serviço doméstico; Criados; Reivindicações sociais;	Sim	Alimentação
55	CoisasdaCidade 25 mar 1920 p5 geral - Maternidade Santa Maria	Maternidade; Caridade	Não	Filantropia
56	CoisasdaCidade 27 mar 1920 p5 geral - Leis inuteis	Cuspe; Civilização; Lei que proíbe o cuspe	Sim	Hábitos
57	CoisasdaCidade 28 mar 1920 p6 geral - Ruas Curiosas	Ruas com problemas; Ruas dignas	Sim	Reformas
58	CoisasdaCidade 30 mar 1920 p5 geral - Uma boa iniciativa	Arte nos parques; estética urbana;	Não	Arte/Entretenimento
59	CoisasdaCidade 31 mar 1920 p5 geral - As Maquetes	Maquetes Monumento da Independência	Não	Nacionalismo
60	CoisasdaCidade 02 abr 1920 p4 geral - Um artista de valor	Arte; Maquetes; Sensibilidade para as artes; Paulo Valle Jr	Não	Arte/Entretenimento
61	CoisasdaCidade 03 abr 1920 p5 geral - Serviços da Light	Reclamações sobre a Light; desenvolvimento; bondes	Não	Serviços/Comércio
62	CoisasdaCidade 06 abr 1920 p5 geral - A estrada do vergueiro	Livro sobre estrada vergueiro	Não	Transporte/Trânsito
63	CoisasdaCidade 07 abr 1920 p6 geral - Impressoes de um Baile	Bailes; Dança; Ordem; Danças reprováveis; Classe; Moral	Sim, contexto	Sociabilidades
64	CoisasdaCidade 08 abr 1920 p5 geral - O predio do correio	Prédio do correio; Higiene; Novo prédio;	Não	Reformas
65	CoisasdaCidade 09 abr 1920 p4 geral - Scenas das Ruas	Cena; bêbado; Violência; Riso; Polícia; Controle	Não	Transporte/Trânsito
66	CoisasdaCidade 11 abr 1920 p6 geral - Um Bom Livro	Livraria do Jacintho; Livro entre os mais vendidos; Entre o romance e a autoviografia	Não	Serviços/Comércio
67	CoisasdaCidade 15 abr 1920 p5 geral - Os ossos da Vereança	Artibuições de vereador; controle da cidade; Câmara municipal	Não	Política
68	CoisasdaCidade 16 abr 1920 p5 geral - O Calçamento	Calçamento; Ruas;	Não	Reformas
69	CoisasdaCidade 17 abr 1920 p8 geral - Scena da Rua	Bondes da Light; Falta de lugares; Funcionários ocupam os bancos	Não	Transporte/Trânsito
70	CoisasdaCidade 22 abr 1920 p5 geral - Os hervanarios e as suas drogas	Hervanários; Medicina; Saúde; Feliteiros;	Sim, contexto	Higiene/Saúde
71	CoisasdaCidade 23 abr 1920 p8 geral - O serviço de bondes	Light; Reclamações do público; Bondes	Não	Transporte/Trânsito
72	CoisasdaCidade 25 abr 1920 p5 geral - Nossas Estatuas	Estátuas; História; Pouco a mostrar para estrangeiros; Europa	Não	Arte/Entretenimento
73	CoisasdaCidade 26 abr 1920 p9 geral - Cafés	Café; Não existe café decente; asseio; higiene; qualidade ruim da bebida	Sim	Alimentação
74	CoisasdaCidade 30 abr 1920 p5 geral - Denominação de Ruas	Índices dos nomes de ruas; Nomes	Não	Política
75	CoisasdaCidade 07 mai 1920 p4 geral - Cinco minutos com uma grande artista	Theatro Municipal; pianista russa; Viajante; EUA e Europa	Não	Arte/Entretenimento
76	CoisasdaCidade 14 mai 1920 p4 geral - Monumento a Carlos Gomes	Monumento a Carlos Gomes; Anhangabaú; Embelezamento	Não	Arte/Entretenimento
77	CoisasdaCidade 15 mai 1920 p4 geral - Uma praça sem luz	Falta iluminação da Pç da República;	Não	Serviços/Comércio
78	CoisasdaCidade 18 mai 1920 p5 geral - Caso dos Automóveis	Regulamento de automóveis; lei; gasolina; preço em Paris	Não	Automóveis
79	CoisasdaCidade 19 mai 1920 p4 geral - Uma sugestão à câmara	Venda de jornais; Local fixo; Kioskes aos moldes europeus;	Sim, contexto	Serviços/Comércio
80	CoisasdaCidade 21 mai 1920 p4 geral - Scenas da Light	Vocabulário; Bondes; Velocidade; Falta de educação	Não	Transporte/Trânsito
81	CoisasdaCidade 04 jun 1920 p4 geral - Na faculdade de direito	Serviço de Julio Maia na Faculdade de Direito há 35 anos; Costumes; Tradição;	Não	Educação
82	CoisasdaCidade 05 jun 1920 p6 geral - A Câmara e os Chauffeurs	Lei de veículos; Câmara municipal; Chauffers	Não	Transporte/Trânsito
83	CoisasdaCidade 10 jun 1920 p4 geral - Sport e Educação	Práticas de esporte; Cavalo, futebol e ténis; polidez; civilidade; progresso	Sim, contexto	Sociabilidades
84	CoisasdaCidade 11 jun 1920 p6 geral - O Asylo Analia Franco	Larrouse; Jornalismo; Frutas; Filantropia; Caridade	Sim	Alimentação
85	CoisasdaCidade 12 jun 1920 p5 geral - Uma instituição benemérita	Asilo; Instrução; Instrução feminina; Menores abandonados; Leite	Sim, contexto	Filantropia

86	CoisasdaCidade 13 jun 1920 p7 geral - Uma ideia feliz	Ruy Barbosa paraninfo fac. Direito; Bacharéis;	Não	Educação
87	CoisasdaCidade 16 jun 1920 p5 geral - Hospital de Crianças	Festa para Hospital das crianças; metrópole; mortalidade;	Sim, contexto	Filantropia
88	CoisasdaCidade 18 jun 1920 p6 geral - Palácio da Justiça	Palácio da Justiça; Necessidade de novo prédio;	Não	Reformas
89	CoisasdaCidade 19 jun 1920 p5 geral - O pittoresco das ruas	Progresso; Transformação radical da cidade; tédio; reclames;	Sim, contexto	Serviços/Comércio
90	CoisasdaCidade 20 jun 1920 p9 geral - O jury	Jurados; juri; direitos;	Não	Política
91	CoisasdaCidade 23 jun 1920 p6 geral - Uma boa lembrança	Lei de veículos; Câmara municipal; Chauffers	Não	Automóveis
92	CoisasdaCidade 24 jun 1920 p5 - Uma medida necessária	Comparações com o estrangeiro; patriotismo; hábitos	Sim, contexto	Hábitos
93	CoisasdaCidade 26 jun 1920 p6 geral - Um abuso perigoso	Junho mês de férias; Viagens; Fuga da agitação; Restaurantes; Péssimo serviço	Sim	Alimentação
94	CoisasdaCidade 27 jun 1920 p6 geral - Uma fita nacional	Avenida da Independência; Utilidade;	Não	Reformas
95	CoisasdaCidade 30 jun 1920 p5 geral - Um veto do prefeito	Veto; Anúnciis nos bondes da Light;	Não	Serviços/Comércio
96	CoisasdaCidade 03 jul 1920 p5 geral - No Largo de São Bento	Largo S. Bento; Horas; Movimento; Bondes; Criados; Emprego; Polícia	Sim, contexto	Transporte/Trânsito
97	CoisasdaCidade 10 jul 1920 p7 geral - Um ghrito de desespero	Carestia; Aluguéis; época de socialismo; Intervenção da municipalidade	Sim, contexto	Serviços/Comércio
98	CoisasdaCidade 11 jul 1920 p8 geral - Cena da Rua	Mercado; Indiferença dos transeuntes ao comércio; Dificuldade de venda	Sim, contexto	Serviços/Comércio
99	CoisasdaCidade 18 jul 1920 p8 geral - O Gaz	Carestia; Preço do gas; dollar; cotação instável;	Não	Serviços/Comércio
100	CoisasdaCidade 20 jul 1920 p6 geral - Os escoteiros e o recenseamento	Recenseamento escolar; escoteiros;	Não	Educação
101	CoisasdaCidade 24 jul 1920 p5 geral - Jardim Zoológico	Cinema Central; Zoo de NY; Pq não um zoo em SP?;	Não	Arte/Entretenimento
102	CoisasdaCidade 27 jul 1920 p6 geral - O Jabaquara	Passeio público; automóveis; poeira; velocidade; ar puro; picnic; parques	Sim, contexto	Alimentação
103	CoisasdaCidade 29 jul 1920 p10 geral - Visita a um Hospital	Visita a hospital; caridade	Não	Filantropia
104	CoisasdaCidade 30 jul 1910 p5 geral - Theatro	Theatro Municipal; Jardim; Bondes para servir; cuidado estético	Não	Transporte/Trânsito
105	CoisasdaCidade 31 jul 1920 p7 geral - Conversas de Theatro	Theatro Municipal; Trajes e jóias; crise; pulgas nos camarotes; frio	Sim, contexto	Higiene/Saúde
106	CoisasdaCidade 01 ago 1920 p7 geral - A burocracia federal	Ineficiencia da delegacia fiscal;	Não	Serviços/Comércio
107	CoisasdaCidade 03 ago 1920 p7 geral - Uma bella festa	Banquete; Festa; Hotel Palace; Diretor da instrução pública;	Sim	Alimentação
108	CoisasdaCidade 04 ago 1920 p7 geral - Um mau costume	Péssimo costume de pedir Bis; prejudica o desenvolvimento da peça;	Não	Arte/Entretenimento
109	CoisasdaCidade 08 ago 1920 p5 geral - A propósito de um espetáculo	Jornalismo; Bajorna; Crítico teatral;	Não	Arte/Entretenimento
110	CoisasdaCidade 14 ago 1920 p6 geral- Gaz	Aumento do preço do gas;	Não	Serviços/Comércio
111	CoisasdaCidade 19 ago 1920 p8 geral - O concerto da esplanada	Concerto da força policial;	Não	Arte/Entretenimento
112	CoisasdaCidade 24 ago 1920 p5 geral - A câmara e o centenário	Câmara; Centenário da Independência; Reformas na cidade;	Sim, contexto	Reformas
113	CoisasdaCidade 29 ago 1920 p9 geral - A Câmara e os Chauffeurs	Lei de veículos; Câmara municipal; automóveis;	Não	Transporte/Trânsito
114	CoisasdaCidade 03 set 1920 p5 geral - Bom Signal	Inconvenientes das alterações na lei de automóveis; valores	Não	Transporte/Trânsito
115	CoisasdaCidade 07 set 1920 p4 geral - Aplausos à Câmara	Automóveis; Cidade dos automóveis; Preço dos chauffers;	Não	Transporte/Trânsito
116	CoisasdaCidade 08 set 1920 p6 geral - A exposição de Graner	Metrópole; Falta de museu de arte; Educação do gosto; Club Comercial	Sim, contexto	Arte/Entretenimento
117	CoisasdaCidade 09 set 1920 p5 geral - As fontes públicas	Fontes públicas; Saúde; Água; Saneamento;	Sim, contexto	Higiene/Saúde
118	CoisasdaCidade 12 set 1920 p8 geral - Uma medida urgente	Necessidade de reformas; Estrutura dos prédios públicos;	Não	Reformas
119	CoisasdaCidade 13 set 1920 p5 geral - Cena do Bonde	Light; Falta de educação do condutor do bonde.	Não	Transporte/Trânsito
120	CoisasdaCidade 17 set 1920 p5 geral - Ainda o Largo da Sé	Limpeza; Limpeza pública; calçamento do largo da Sé;	Não	Reformas
121	CoisasdaCidade 18 set 1920 p5 geral- Uma ideia aproveitavel	Se publicada pelo Estado qum sabe será adaptada pelo gov; arte	Sim, autoria	Arte/Entretenimento
122	CoisasdaCidade 21 set 1920 p6 geral - Desastres por automóvies	Acidentes de automóveis; desastre; chauffers protegidos;	Não	Transporte/Trânsito
123	CoisasdaCidade 25 set 1920 p4 geral - As reformas da rua Libero	Transformação da Libero em ampla avenida; edifícios;	Sim, cenário	Reformas
124	CoisasdaCidade 28 set 1920 p5 geral - Os abrigos	Falta de abrigos nos pontos de bondes;	Não	Transporte/Trânsito
125	CoisasdaCidade 29 set 1920 p5 geral - Uma Boa Lembrança	Visita do Rei Alberto; Batalha de flores na Av. Paulista; jardins;	Não	Embelezamento/Jardins
126	CoisasdaCidade 30 set 1920 p5 geral - Um projeto interessante	Centro comercial estreito; trânsito no triângulo; comércio	Sim, contexto	Transporte/Trânsito
127	CoisasdaCidade 02 out 1920 p5 geral - O Calçamento da Rua 15	Reforma; Calçamento; Triângulo Central; Crescimento; Fase brilhante	Sim, contexto	Reformas
128	CoisasdaCidade 09 out 1920 p5 geral - A proposito da festa da flor	Festa da Flor; Acontecimento social; Bom gosto; Vestimentas; Grosserias	Sim, contexto	Sociabilidades
129	CoisasdaCidade 11 out 1920 p5 geral - Um grande aquarelista	Exposição de arte; Pç Antonio Prado; Cafés; "A merenda" de Roque Gameiro;	Sim	Alimentação
130	CoisasdaCidade 12 out 1920 p5 geral - A ladeira de São João	Construção ed. Correios e telégrafos; Mov no centro; S. João, Corção da cidade	Sim, cenário	Reformas
131	CoisasdaCidade 14 out 1920 p6 geral - A solução de um problema	Proj prolongamento pq AP até LB; sobre a ladeira SJ terraço de cimento armado;	Sim, cenário	Reformas
132	CoisasdaCidade 15 out 1920 p5 geral - os horrores de S. Paulo	Sem cobranças na presença do rei; festas; progresso e civilização; fome	Sim	Alimentação
133	CoisasdaCidade 17 out 1920 p6 geral - O recolhimento das perdizes	Recolhimento dos loucos; Abandono; Alcoolismo; Loucura	Sim, contexto	Hábitos
134	CoisasdaCidade 23 out 1920 p6 geral - A greve dos chauffers	Greve dos chauffers; Ganham regalias na câmara; preços	Não	Automóveis
135	CoisasdaCidade 24 out 1920 p5 geral - Ainda o recolhimento das perdizes	Abandono e falta de assistencia no recolhimento de perdizes; Saúde	Não	Higiene/Saúde
136	CoisasdaCidade 27 out 1920 p6 geral - Os pontos dos bondes	Abrigos nos pontos de bonde; Descreve os itinerários; Bairros;	Sim, cenário	Transporte/Trânsito
137	CoisasdaCidade 29 out 1920 p6 geral - um pedido justissimo	Grupo escolar prox ao Recolhimento; Vergonha; Retirada do local; Leitor;	Não	Higiene/Saúde
138	CoisasdaCidade 30 out 1920 p6 geral - Os preços do Gaz	Preço do gas; carestia;	Não	Serviços/Comércio
139	CoisasdaCidade 04 nov 1920 p5 geral - Uma bella iniciativa	Literatura; Novela Nacional; Baixo preço;	Não	Intelectuais/Literatura
140	CoisasdaCidade 05 nov 1920 p6 geral - O serviço do correio	Sem melhora nos serviços dos correios;	Não	Serviços/Comércio
141	CoisasdaCidade 07 nov 1920 p6 geral - Um paisagista brasileiro	Exposição de arte paisagista no Club Comercial;	Não	Arte/Entretenimento
142	CoisasdaCidade 09 nov 1920 p5 geral - Os esbanjamentos da câmara	Reformas; Avenidas sem saída;	Não	Reformas
143	CoisasdaCidade 11 nov 1920 p5 geral - Ainda a avenida wilson	Comércio; Calçamento; Fábrica da Antártica;	Não	Serviços/Comércio
144	CoisasdaCidade 13 nov 1920 p6 geral - Os desastres de automovel	Desastre de automóvel na Consolação; Irresponsabilidade; Medidas; Velocidade;	Sim, contexto	Automóveis
145	CoisasdaCidade 15 nov 1920 p5 geral - Impressões do Forum	Fórum cheio; Curiosos; Falências; Crise; Comércio;	Sim, contexto	Serviços/Comércio
146	CoisasdaCidade 17 nov 1920 p6 geral - Uma exposição de bonecas	Órfã; Criança; Olhar; Exposição no salão da Rotisserie Sportsman;	Sim	Filantropia
147	CoisasdaCidade 18 nov 1920 p6 geral - Resposta a um vereador	Desafetos na câmara; Inimizades pela coluna; defesa da coluna;	Sim, autoria	Política
148	CoisasdaCidade 19 nov 1920 p6 geral - O recolhimento de Santa Tereza	São Paulo 30 anos antes; metrópole hoje; Historiar;	Não	Nacionalismo/História
149	CoisasdaCidade 20 nov 1920 p5 geral - A curia metropolitana	Curia metropolitana; mobiliário; peças antigas;	Não	Nacionalismo/História
150	CoisasdaCidade 22 nov 1920 p5 geral - O archivo da curia	Arquivo da Cúria; livros de nascimento, batismo, casamento; péssimo estado; restauro	Não	Nacionalismo/História
151	CoisasdaCidade 23 nov 1920 p5 geral - Um camelot incomodo	Camelô incômodo no centro; escandaloso; pomada	Não	Serviços/Comércio
152	CoisasdaCidade 24 nov 1920 p5 geral - O concerto de Guiomar Novaes	Guiomar Novaes; Casamento; Vida artística	Não	Arte/Entretenimento
153	CoisasdaCidade 30 nov 1920 p6 geral - S. Paulo Antigo	Livraria Garreaux; Quadros SP cem anos antes; B. Calixto; Café Girondino;	Sim, cenário	Serviços/Comércio
154	CoisasdaCidade 03 dez 1920 p5 geral - Uma grande pianista	Pianista; Maria Carreras; Europa	Não	Arte/Entretenimento
155	CoisasdaCidade 08 dez 1920 p6 geral - Dois Concertos Juntos	Concerto de Maria Carreras; Falta de sensibilidade;	Não	Arte/Entretenimento
156	CoisasdaCidade 12 dez 1920 p6 geral - Duas extravagancia	Anhangabaú; Pq Av Paulista; Jardins; Embelezamento; Bom gosto	Sim, contexto	Embelezamento/Jardins
157	CoisasdaCidade 14 dez 1920 p6 geral - Rua D Pedro II	restos de D. Pedro II e Thereza Christina; nomear rua com nome de D. Pedro	Não	Nacionalismo/História
158	CoisasdaCidade 15 dez 1920 p5 geral - Uma festa beneficente	Instituições filantrópicas; Caridade	Não	Filantropia
159	CoisasdaCidade 21 dez 1920 p6 geral - Os melindres da câmara	Acusações à coluna; Rude; Insatisfação de vereadores	Não	Política
160	CoisasdaCidade 22 dez 1920 p6 geral - Um passeio ao Braz	Estado das ruas no Braz; Bairro populoso; Resposta aos vereadores	Sim, contexto	Reformas
161	CoisasdaCidade 23 dez 1920 p6 geral - A Rua Maria Marcolina	Visita ao Brás; Necessidade de obras; Doenças; Poças de água	Não	Reformas
162	CoisasdaCidade 27 dez 1920 p6 geral - Os bailes de hontem e de hoje	Baile de Natal do Automóvel Club; Elegância; Jóias; Namoros +; Casamentos -;	Sim, contexto	Hábitos
163	CoisasdaCidade 30 dez 1920 p6 geral - A Victória de Edu	Aviação; Edu Chaves; Clamor	Não	Arte/Entretenimento
164	CoisasdaCidade 31 dez 1920 p6 geral - A festa dos paulistanos	Rubrica de crônica urbana; Festa no Club Athletico Paulistano;	Sim, título	Arte/Entretenimento

ANEXO B - Tabulação das Coisas da Cidade 1921

1	DATA - PÁGINA - TÍTULO	RESUMO - PALAVRAS-CHAVE	USAR/O QUE	TEMA
2	CoisasdaCidade 03 jan 1921 p4 geral - Um monumento necessário	Aviação; Necessidade de monumento; Santos Dumond;	Não	Nacionalismo/História
3	CoisasdaCidade 4 jan 1921 p5 geral - Um Livro para Crianças	Revista do Brasil; Literatura infantil; Monteiro Lobato; Narizinho	Não	Intelectuais/Literatura
4	CoisasdaCidade 5 jan 1921 p5 geral - A Vila dos Pobres	Kermesse; Vila dos Pobres;	Não	Filantropia
5	CoisasdaCidade 7 jan 1921 p5 geral - A Nossa Alfandega	Alfândega; Poucos funcionários;	Não	Serviços/Comércio
6	CoisasdaCidade 10 jan 1921 p4 geral - Um Livro Curioso	Diderot; Livro curioso; D. Pedro; obra completa de Lamartine	Não	Intelectuais/Literatura
7	CoisasdaCidade 12 jan 1921 p5 geral - Melhoramentos da Cidade	Obelisco da memória; Imagem;	Não	Nacionalismo/História
8	CoisasdaCidade 17 jan 1921 p5 geral - Carnaval no Braz	Carnaval; moral do triângulo; Braz verdadeiro carnaval; Diversão;	Não	Arte/Entretenimento
9	CoisasdaCidade 18 jan 1921 p5 geral - Os Carteiros	Carteiros; Condição de trabalho; Cozinheiras folgam aos domingos	Sim	Alimentação
10	CoisasdaCidade 22 jan 1921 p5 geral - Os conductores da Light	Relcamações à Light; Condutores de bonde;	Não	Transporte/Trânsito
11	CoisasdaCidade 24 jan 1921 p4 geral - O Horário dos Bancos	Horário dos bancos; 11h vir almoçado; Horário único;	Sim	Alimentação
12	CoisasdaCidade 25 jan 1921 p4 geral - A Boa Arborização	Arborização; Sanear o ambiente;	Não	Higiene/Saúde
13	CoisasdaCidade 26 jan 1921 p4 geral - Feriado Necessário	Fundação da cidade; Ponto facultativo;	Não	Hábitos
14	CoisasdaCidade 28 jan 1921 p5 geral - A Revista do Brasil	Resposta à falha na ed. Da Revista do Brasil	Sim, autoria	Intelectuais/Literatura
15	CoisasdaCidade 29 jan 1921 p4 geral - Ruas Encaiporadas	Ruas da cidade; Vida na cidade;	Sim, contexto	Transporte/Trânsito
16	CoisadaCidade 10 fev 1921 p4 geral - Uma rua esquecida	700 vias públicas; rua João Julião esquecida;	Não	Reformas
17	CoisasdaCidade 2 fev 1921 p5 geral - A mendicidade nas ruas	Mendicância; Doenças; polícia; enriquecimetio;	Sim, contexto	Transporte/Trânsito
18	CoisasdaCidade 3 fev 1921 - Bonde	Reclamações à light; Desconforto nos bondes;	Não	Transporte/Trânsito
19	CoisasdaCidade 5 fev 1921 p5 geral - Uma rua de cortiços	Gripe; Mortes; Rua Caetano Pinto no Braz; Cortiços; Descrição	Não	Higiene/Saúde
20	CoisasdaCidade 12 fev 1921 p5 geral - O Telefone	Serviços telefônicos; falhas;	Não	Serviços/Comércio
21	CoisasdaCidade 14 fev 1921 p4 geral - Arvores Incomodas	Arvores em ruas estreitas; atrapalhar o passeio; Pç Antonio Prado	Não	Higiene/Saúde
22	CoisasdaCidade 15 fev 1921 p4 geral - Um Jardim Abandonado	Pç República; Jardins Rep, Anhangabaú, Paulista; Jd Escola Normal;	Não	Embelezamento/Jardins
23	CoisasdaCidade 18 fev 1921 p4 geral - Uma instituição benemérita	Polyclínica; Instituição benemérita;	Não	Filantropia
24	CoisasdaCidade 19 fev 1921 p4 geral - Scenas da Rua	Cafés às 23h; Triângulo; pobreza;	Sim	Alimentação
25	CoisasdaCidade 21 fev 1921 p4 geral - Uma campanha necessária	Polícia; Almofadinhas gracinhas às senhoras; café; confeitaria; mulheres	Sim	Alimentação
26	CoisasdaCidade 23 fev 1921 - Um grande estabelecimento	Lyceu de Artes e Ofícios; Operários alunos;	Não	Educação
27	CoisasdaCidade 25 fev 1921 p4 geral - O Velho S. Paulo	Construções; Remodações; Reforma; São Paulo antiga	Não	Reformas
28	CoisasdaCidade 26 fev 1921 p5 geral - Uma sugestão à Light	Crítica ao serviço da light; Bondes; Horários;	Não	Serviços/Comércio
29	CoisasdaCidade 01 mar 1921 p5 geral - Os trens dos subúrbios	Indústria; Comércio; Trens subúrbios;	Não	Transporte/Trânsito
30	CoisasdaCidade 04 mar 1921 p5 geral - Um serventuario exemplar	Foro; Funcionário	Não	Serviços/Comércio
31	CoisasdaCidade 05 mar 1921 p5 geral - Pelas crianças doentes	Mortalidade infantil; Saúde; Higiene	Não	Higiene/Saúde
32	CoisasdaCidade 09 mar 1921 p5 geral - Uma Indústria Nova	Falências de indústria; Levantamento; Comércio;	Não	Serviços/Comércio
33	CoisasdaCidade 14 mar 1921 p4 geral - Na rua de S. Bento	Trilhos dos bondes retirados da R. S. Bento; Light	Não	Transporte/Trânsito
34	CoisasdaCidade 15 mar 1921 p5 geral - As cobranças de água	Água; Cobrança; Corte; Doenças	Não	Higiene/Saúde
35	CoisasdaCidade 17 mar 1921 p4 geral - O Theatro S. José	Theatro; Artes	Não	Arte/Entretenimento
36	CoisasdaCidade 22 mar 1921 p4 geral - A proposito do Largo da Sé	Largo da Sé; Obras; Jardim; Igreja;	Não	Embelezamento/Jardins
37	CoisasdaCidade 23 mar 1921 p4 geral - Ainda o Largo da Sé	Jardim; Largo da Sé; Obras; Pretas-minas vendendo comida;	Sim	Alimentação
38	CoisasdaCidade 25 mar 1921 p5 geral - Uma reforma urgente	Obras no Fórum; Reformas;	Não	Reformas
39	CoisasdaCidade 27 mar 1921 p5 geral - Maus Costumes	Letreiros nos muros; Rabiscos; Polícia de Costumes;	Sim, contexto	Hábitos
40	CoisasdaCidade 30 mar 1921 p6 geral - Os caminhões do lixo	Necessidade de reforma na Limpeza; Caminhões;	Não	Higiene/Saúde
41	CoisasdaCidade 31 mar 1921 p5 geral - A denominação das ruas	Campanha para nova atribuição de nomes de ruas; Câmara	Não	Reformas
42	CoisasdaCidade 02 abr 1921 p6 geral - A indelicadeza nos bondes	Bondes; Falta de educação;	Não	Hábitos
43	CoisasdaCidade 04 abr 1921 p6 geral - Um Theatro para Crianças	Theatro infantil; Marionetes	Não	Arte/Entretenimento
44	CoisasdaCidade 06 abr 1921 p5 geral - A proposito de um concerto	Maria Carreras; Concerto;	Não	Arte/Entretenimento
45	CoisasdaCidade 09 abr 1921 p6 geral - O largo da Sé	Largo da Sé; Obras; Espaço para circulação; Trânsito de pessoas	Não	Transporte/Trânsito
46	CoisasdaCidade 13 abr 1921 p5 geral - Um abuso perigoso	Restaurantes; Troco em pratos; Higiene	Sim	Alimentação
47	CoisasdaCidade 19 abr 1921 p5 geral - Na estação da Luz	Venda de bilhetes na estação da Luz;	Não	Serviços/Comércio
48	CoisasdaCidade 22 abr 1921 p5 geral - Na rua da Liberdade	Ilegível	Não	Ilegível
49	CoisasdaCidade 23 abr 1921 p4 geral - Uma boa surpresa	Espectáculo no Teatro Municipal;	Não	Arte/Entretenimento
50	CoisasdaCidade 25 abr 1921 p5 geral - A camara e os monopolios	Serviço funerário; Monopólio; Câmara;	Não	Serviços/Comércio
51	CoisasdaCidade 29 abr 1921 p5 geral - Pintura de Igrejas	Pinturas em Igrejas;	Não	Arte/Entretenimento
52	CoisasdaCidade 06 mai 1921 p5 geral - O Homem do assobio	propaganda; assobio; irritação; camelot; polícia	Não	Serviços/Comércio
53	CoisasdaCidade 09 mai 1921 p4 geral - Cobrança de água	abuso nas cobranças das contas de água;	Não	Serviços/Comércio
54	CoisasdaCidade 11 mai 1921 p5 geral - Signaes do Tempo	Ilegível	Não	Ilegível
55	CoisasdaCidade 12 mai 1921 p5 geral - Uma festa attraente	Maria Carreras; Concerto; Olavo Bilac	Não	Arte/Entretenimento
56	CoisasdaCidade 20 mai 1921 p5 geral - Uma palestra com	Ilegível	Não	Ilegível
57	CoisasdaCidade 21 mai 1921 p5 geral - Os preços da Light	Light; Preços; Liberdade da empresa;	Não	Serviços/Comércio
58	CoisasdaCidade 26 mai 1921 p5 geral - O serviço de bondes	Serviço dos bondes; Reclamações;	Não	Serviços/Comércio
59	CoisasdaCidade 27 mai 1921 p4 geral - Arvores Incomodas	Ilegível	Não	Ilegível
60	CoisasdaCidade 31 mai 1921 p4 geral - A Rua do Areal	Rua próxima ao centro; estrutura	Não	Reformas
61	CoisasdaCidade 01 jun 1921 p4 geral - Ilegível	Ilegível	Não	Ilegível
62	CoisasdaCidade 4 jun 1921 p5 geral - Scenas do Forc	Ilegível	Não	Ilegível
63	CoisasdaCidade 07 jun 1921 p4 geral - A estrada para Santos	Automóveis; Estrada;	Não	Automóveis
64	CoisasdaCidade 11 jun 1921 p5 geral - Inacreditavel	Ilegível	Não	Ilegível
65	CoisasdaCidade 18 jun 1921 p4 geral - Barulho inutil	Barulho motocicletas e buzinas;	Sim, cenário	Transporte/Trânsito
66	CoisasdaCidade 24 jun 1921 p5 geral - Fim de Temporada	Teatro; Recitais; Peças; Europa	Não	Arte/Entretenimento
67	CoisasdaCidade 25 jun 1921 p4 geral - A entrada da cantareira	Serviço de trens; Reclamações	Não	Serviços/Comércio
68	CoisasdaCidade 28 jun 1921 p5 geral - Os gambrinus	Restaurantes; Serviço; CONFERIR NO PAPEL	Sim	Alimentação
69	CoisasdaCidade 30 jun 1921 p4 geral - Um problema ...	Calçamento; Asfalto; Rua 15 de nov; Poeira; Calçar todo triângulo	Sim, cenário	Reformas
70	CoisasdaCidade 03 jul 1921 p5 geral - Os empregados postaes	Prédio correios e telégrafos; dificuldade no serviço; Carteiro	Não	Serviços/Comércio
71	CoisasdaCidade 05 jul 1921 p4 geral - A falta dagua	Falta de água Braz e Belenzinho; Serviço caro	Não	Serviços/Comércio
72	CoisasdaCidade 13 jul 1921 p5 geral - Homens-Annuncio	Movimento; Barulho; Camelo; Homem-anuncio;	Sim, cenário	Serviços/Comércio
73	CoisasdaCidade 15 jul 1921 p4 geral - Falta de dinheiro	Funcionários municipais;	Não	Política
74	CoisasdaCidade 21 jul 1921 p5 geral - Os quadros de Almeida Junior	Liceu de Artes e Ofícios; Crítica à Pinacoteca; Almeida Junior;	Não	Arte/Entretenimento
75	CoisasdaCidade 27 jul 1921 p5 geral - Ainda os perigos do platano	Livros; Literatura; Botânica;	Não	Intelectuais/Literatura
76	CoisasdaCidade 30 jul 1921 p5 geral - Uma rua sem nome	Uma rua do triângulo desconhecida; Município; Anhangabaú; Payssandu	Sim, cenário	Reformas
77	CoisasdaCidade 01 ago 1921 p6 geral - Ainda os platanos	Plantas na cidade; Perigos; Bronquites	Não	Higiene/Saúde
78	CoisasdaCidade 02 ago 1921 p5 geral - Atribulações de um vereador	Bronquite; Vereador; Câmara; Plantas; Butantan;	Não	Higiene/Saúde
79	CoisasdaCidade 05 ago 1921 p5 geral - Um melhoramento urgente	Ilegível	Não	Ilegível
80	CoisasdaCidade 06 ago 1921 p4 geral - Os luxos do correio	correios; cédulas danificadas	Não	Serviços/Comércio
81	CoisasdaCidade 11 ago 1921 p6 geral - Arvores nocivas	Plantas na Pç Antonio Prado; Adm pública; Saúde;	Não	Higiene/Saúde
82	CoisasdaCidade 12 ago 1921 p6 geral - A Rua Maestro Cardim	Necessidade de obras na R. Maestro Cardim;	Não	Reformas
83	CoisasdaCidade 13 ago 1921 p6 geral - Uma palestra com rosa raisa	Flanar; Lojas; Compras; chá da Mappin; Chá; Rotisserie;	Sim	Alimentação
84	CoisasdaCidade 16 ago 1921 p5 geral - A prefeitura e a arborização	Mudança na arborização por conta de reclamações da imprensa;	Não	Higiene/Saúde
85	CoisasdaCidade 19 ago 1921 p6 geral - Barulho inutil	Bondes; Barulho; Match; Light	Não	Transporte/Trânsito

86	CoisasdaCidade 21 ago 1921 p7 geral - Temporada Lyrica	Espectáculo no Teatro Municipal; Acontecimento artístico; presidente	Não	Arte/Entretenimento
87	CoisasdaCidade 22 ago 1921 p7 geral - Programas de Theatro	Espectáculos líricos do Municipal; refinamento do gosto;	Não	Arte/Entretenimento
88	CoisasdaCidade 23 ago 1921 p6 geral - A Hygiene nos restaurantes	falta de filtro nos restaurantes; ficalização; prefietura; higiene; saúde;	Sim	Alimentação
89	CoisasdaCidade 28 ago 1921 p5 geral - Uma festa sympathica	Liga Nacionalista; Educação; Filantropia	Não	Filantropia
90	CoisasdaCidade 28 ago 1921 p6 geral - Melhores hotéis e restaurantes de S. Paul	anúncio; Higiene; Matarazzo	Sim	Alimentação
91	CoisasdaCidade 03 set 1921 p5 geral - Pavilhoes para Jornaes	Pavilhões para venda de jornais; estético; prefeitura; pontos para bonde	Sim, contexto	Serviços/Comércio
92	CoisasdaCidade 06 set 1921 p5 geral - Uma exposição de pintura	Galeria de arte;	Não	Arte/Entretenimento
93	CoisasdaCidade 07 set 1921 p6 geral - A Hygiene nos Barbeiros	Código Sanitário; Lei para inglês ver; inspeção; barbearia;	Não	Serviços/Comércio
94	CoisasdaCidade 08 set 1921 p6 geral - A fiscalização nos veiculos	Fiscalização de veículos; velocidade; limites	Não	Automóveis
95	CoisasdaCidade 10 set 1921 p6 geral - A representação do chauffer	Chauffers; fiscalização;	Não	Automóveis
96	CoisasdaCidade 13 set 1921 p6 geral - a Hygiene nos Cafés	Higiene nos cafés;	Sim	Alimentação
97	CoisasdaCidade 16 set 1921 p6 geral - Nome das ruas	Mudança de nome das ruas do centro; passado; Paris	Não	Nacionalismo/História
98	CoisasdaCidade 17 set 1921 p6 geral - Arborisação	Arborização da Av. Rangel Pestana; Prefeitura	Não	Higiene/Saúde
99	CoisasdaCidade 19 set 1921 p4 geral - A varzea do Carmo	Jardim da Várzea do Carmo;	Não	Reformas
100	CoisasdaCidade 22 set 1921 p6 geral - Os novos bondes	Estrutura dos novos bondes;	Não	Serviços/Comércio
101	CoisasdaCidade 23 set 1921 p6 geral - O calçamento do centro	Calçamento no centro; Asfalto R. S. Bento; trajeto dos bondes	Sim, cenário	Reformas
102	CoisasdaCidade 25 set 1921 p7 geral - O relato do prefeito	Dados oficiais da cidade; relatório;	Sim, contexto	Política
103	CoisasdaCidade 28 set 1921 p5 geral - O paredão da rua vergueiro	Ilegível	Não	Ilegível
104	CoisasdaCidade 29 set 1921 p5 geral - Excursão de Vereadores	Ilegível	Não	Ilegível
105	CoisasdaCidade 03 out 1921 p5 geral - a arborisacao dos parques	Arborizar Várzea do Carmo; Pq Pedro II; vento; Vergueiro; Brigadeiro	Não	Reformas
106	CoisasdaCidade 07 out 1921 p7 geral - Os nossos jardins	Festa das flores; Jardins; Jardins Av Paulista; Angélica; Hygienópolis;	Não	Embelezamento/Jardins
107	CoisasdaCidade 08 out 1921 p6 geral - Os vicios elegantes	Morfina; Cocaína; Polícia; Vícios elegantes; Jogo;	Não	Hábitos
108	CoisasdaCidade 11 out 1921 p6 geral - Os bairros novos	Nomes dos bairros novos; Brooklyn; Nacionalismo;	Sim, contexto	Nacionalismo/História
109	CoisasdaCidade 14 out 1921 p5 geral - Bandeiras Falsas	Bandeiras; Datas pátrias; Nacionalismo; Símbolos;	Não	Nacionalismo/História
110	CoisasdaCidade 16 out 1921 p6 geral - As arvores do Obelisco	Árvores; Jd Obelisco; Prefeitura;	Não	Embelezamento/Jardins
111	CoisasdaCidade 17 out 1921 p5 geral - Uma rua em ruínas	Obras municipais; rua Maestro Cadim; Necessidades;	Não	Reformas
112	CoisasdaCidade 18 out 1921 p6 geral - Boa Viagem	Vereadores em Buenos Aires; Progresso e civilização; Modelo; Cafés;	Sim, contexto	Hábitos
113	CoisasdaCidade 22 out 1921 p7 geral - Mais um depoimento	Plátanos; Árvores maléficas; Higiene; Saúde Pública	Não	Higiene/Saúde
114	CoisasdaCidade 24 out 1921 p5 geral - A lista dos telephones	Listas telefônicas desatualizadas; estrutura da lista;	Não	Serviços/Comércio
115	CoisasdaCidade 25 out 1921 p5 geral - O roseiral do Jardim da Luz	Rosas; Jd da Luz; Bichos; Necessidade de Zoo;	Não	Arte/Entretenimento
116	CoisasdaCidade 28 out 1921 p6 geral - O policiamento nos theatros	Segurança no teatro; falta pessoal; Fumar;	Não	Higiene/Saúde
117	CoisasdaCidade 01 nov 1921 p6 geral - Thatro para crianças	Crianças; Não há cinema; Fundar teatro; educação	Não	Arte/Entretenimento
118	CoisasdaCidade 04 nov 1921 p6 geral - Uma associação benemérita	Caridade; Filantropi; Ações beneficentes	Não	Filantropia
119	CoisasdaCidade 07 nov 1921 p4 geral - Uma lei a modificar-se	Lei do fechamento dos jornais aos domingos; Tipografias;	Sim, contexto	Hábitos
120	CoisasdaCidade 09 nov 1921 p6 geral - Um pedido justo	Coisas do interior; iluminação; Pinhal; Washington Luis;	Não	Política
121	CoisasdaCidade 16 nov 1921 p6 geral - De Itapira	Trens para o interior; horários ferroviários;	Não	Serviços/Comércio
122	CoisasdaCidade 19 nov 1921 p6 geral - Os funcionarios estaduais	aumento salário funcionários públicos; arrecadação estadual; favorável;	Não	Política
123	CoisasdaCidade 22 nov 1921 p6 geral - O forum civil	Boato; Mudança do Fórum Cível para antigo hospício; Sugestões;	Não	Reformas
124	CoisasdaCidade 23 nov 1921 p6 geral - No parque Pedro II	Construção do Pq Pedro II; estética; iluminação;	Sim, cenário	Embelezamento/Jardins
125	CoisasdaCidade 24 nov 1921 p6 geral - A proposito do forum	Ainda sobre a mudança do fórum para o hospício;	Não	Política
126	CoisasdaCidade 26 nov 1921 p5 geral - Uma iniciativa louvável	Bazar de caridade; Theatro Municipal; Creche; Filantropia;	Não	Filantropia
127	CoisasdaCidade 28 nov 1921 p5 geral - Os bondes da rua 15	Bondes; Light; Rua 15; Transito nas ruas;	Não	Transporte/Trânsito
128	CoisasdaCidade 30 nov 1921 p7 geral - Os barbeiros	Falta de higiene nos barbeiros; Código sanitário;	Não	Higiene/Saúde
129	CoisasdaCidade 05 dez 1921 p5 geral - As pharmacies aos domingos	Horário das farmácia; serviço aos domingos; reclamações	Não	Serviços/Comércio
130	CoisasdaCidade 06 dez 1921 p5 geral - Ladroes de Gallinhas	Estrada de ferro central; furto de galinhas; comércio;	Sim	Alimentação
131	CoisasdaCidade 07 dez 1921 p5 geral - Pontos de automoveis	Ilegível	Não	Ilegível
132	CoisasdaCidade 09 dez 1921 p6 geral - As árvores da Ladeira	Arborizar Ladeira S. João; jardineiro; Paris; Embelezamento	Não	Embelezamento/Jardins
133	CoisasdaCidade 10 dez 1921 p6 geral - O Horário dos Bancos	Associação Comercial; vários horários; horário almoço	Sim	Alimentação
134	CoisasdaCidade 14 dez 1921 p6 geral - Uma obra urgente	Obras necessárias; Verba; Decisões da prefeitura; desapropriações;	Não	Reformas
135	CoisasdaCidade 15 dez 1921 p5 geral - Árvore Doente	Árvore doente; retirada; prefeitura;	Não	Higiene/Saúde
136	CoisasdaCidade 16 dez 1921 p6 geral - Concertos Populares	Theatro Municipal; banda de música municipal;	Não	Arte/Entretenimento
137	CoisasdaCidade 18 dez 1921 p7 geral - A capital do jogo	Cidade dos jogos; Casas de jogos; sem casas de chá; Sem controle	Não	Arte/Entretenimento
138	CoisasdaCidade 19 dez 1921 p5 geral - O serviço da ingleza	Serviços estação da Luz; Resposta da Companhia Railway;	Não	Serviços/Comércio
139	CoisasdaCidade 21 dez 1921 p6 geral - Um novo bairro	Jd Europa; Av Paulista; fim da r. augusta;	Não	Reformas
140	CoisasdaCidade 22 dez 1921 p6 geral - O jardim europa	Jd América; Jd Europa; Respeitar a mata; Loja do Japão;	Não	Reformas
141	CoisasdaCidade 25 dez 1921 p14 geral - A exposição do Lyceo	Mobiliário; Exposição Lyceu;	Sim, cenário	Serviços/Comércio
142	CoisasdaCidade 28 dez 1921 p6 geral - As telephonistas	Presentes fim de ano; Lembrar telefonistas;	Não	Serviços/Comércio
143	CoisasdaCidade 30 dez 1921 p5 geral - O fim de uma lenda	Propaganda Guarujá; Verão;	Não	Hábitos

ANEXO C – Planta do Triângulo com Estabelecimentos comerciais

ANEXO D – Tabela com os estabelecimentos comerciais e seus endereços

Nome	Segmento	Endereço
Casa Spainer	Restaurante	R. Dr Falcão, 2
Restaurante Rio Branco	Restaurante	R. Boa Vista, 15
Restaurante A Minhota	Restaurante	R. da Quitanda, 13
Hotel Victoria	Restaurante	Largo do Paysandu
Angol Americano	Restaurante	Travessa Grande Hotel, 10
Restaurante Moderno	Restaurante	R. Boa Vista, 40
Restaurante para Senhoras	Restaurante	Baixos Viaducto do Chá
Mappin Stores	Salão-Restaurante	R. Direita com R. São Bento
Imperial Hotel	Restaurante	R. Visconde do Rio Branco, 25
Restaurante da Bolsa	Restaurante	R. Boa Vista, 15
Sorveteria Meia Noite	Sorveteria	R. Formosa, 10
Club Comercial	Restaurante	R. São Bento, 59
Harrison&Morris	Restaurante	R. José Bonifácio, 20
Carlton	Restaurante	R. Libero Badaró, 72
Rest Anglo-Americano	Restaurante	Av. São João, 96
Restaurante Pierrot	Restaurante	R. Cons. Chrispiniano
Brasserie Paulista	Conf, Rest, Chá	Pç Dr Antonio Prado, 3
Central Hotel	Restaurante	R. Libero Badaró, 8
Restaurante Sul-americano	Restaurante	Av. São João, 179
Restaurante Paulista	Restaurante	Av. São João, 137
Restaurante Picarelli	Restaurante	R. da Quitanda
A Paulicéa	Conf, Bar e Sorveteria	R. Libero Badaró, 193
Alhambra	Bar, Sorvete e Chá	R. José Bonifácio, 18
Café Nacional	Café	R. Direita, 27
Confeitaria Suissa	Confeitaria	R. Visconde do Rio Branco, 8
Casa Allemã	Chá e Confeitaria	R. Direita
Casa Romano	Sorveteria	R. Libero Badaró, 58
Confeitaria Pinoni	Confeitaria	R. 15 de novembro, 41
Confeitaria Excelsior	Confeitaria	R. D. José de Barros, 4
Confeitaria Fasoli	Confeitaria	R. Direita, 5
Confeitaria Ipiranga	Confeitaria	R. Santo Antonio, 2
Confeitaria Primavera	Confeitaria	R. Consolação, 403
Confeitaria Selecta	Confeitaria	R. Barão de Itapetininga, 37
Confeitaria Viennense	Confeitaria	R. Barão de Itapetininga, 61
Leiteria Pereira	Leiteria	R. João Brícola, 8
Leiteria Portuguesa	Leiteria	R. Riachuelo, 7

ANEXO E – Reportagem sobre Plínio Barreto no ano de seu centenário

SEMANAL ... 12 DE SETEMBRO DE 1992

O ESTADO DE S. PAULO

O centenário de Plínio Barreto

Para uma vida dedicada ao jornalismo, o advogado e o chefe da imprensa, com o nome de Plínio Barreto, de uma inteligência e cultura, com o corpo esguinho, de um (1)

Acima de tudo jornalista

Plínio Barreto, advogado e jornalista, nasceu em 12 de setembro de 1892, em São Paulo. Foi fundador do jornal "O Estado de São Paulo" e atuou como chefe da imprensa por mais de 40 anos. Foi também um dos principais líderes da imprensa brasileira e um dos mais importantes juristas do país.

Uma figura de relevo excepcional

Plínio Barreto, advogado e jornalista, nasceu em 12 de setembro de 1892, em São Paulo. Foi fundador do jornal "O Estado de São Paulo" e atuou como chefe da imprensa por mais de 40 anos. Foi também um dos principais líderes da imprensa brasileira e um dos mais importantes juristas do país.

Político, mas não partidário

Plínio Barreto, advogado e jornalista, nasceu em 12 de setembro de 1892, em São Paulo. Foi fundador do jornal "O Estado de São Paulo" e atuou como chefe da imprensa por mais de 40 anos. Foi também um dos principais líderes da imprensa brasileira e um dos mais importantes juristas do país.

Advogado notável, jurista de renome

Plínio Barreto, advogado e jornalista, nasceu em 12 de setembro de 1892, em São Paulo. Foi fundador do jornal "O Estado de São Paulo" e atuou como chefe da imprensa por mais de 40 anos. Foi também um dos principais líderes da imprensa brasileira e um dos mais importantes juristas do país.

ANEXO F – Planta original de 1916